


PerfilLocal

Ano 8 - Nº 8 - IPS-ESE - Comunicação Social - Edição Especial 2026



**SETÚBAL
ABSOLUTO.**

100 ANOS DO DISTRITO

A CRIAÇÃO DO DISTRITO FOI FORMALIZADA NAS
PÁGINAS DO DIÁRIO DO GOVERNO, A 22 DE
DEZEMBRO DE 1926, ATRAVÉS DO DECRETO
NÚMERO 12.870

Sumário



06 Editorial

08 Setúbal: Distrito de Raízes Profundas e Horizontes Abertos

10 Alcácer do Sal

- 12 Lourenço Serra
- 14 Maria Rosa Colaço
- 16 Luísa Amaral
- 18 Ruy Coelho



20 Alcochete

- 22 Brigadeiro Henrique Calado
- 24 Salineiros
- 26 Edmundo Pedro



28 Almada

- 30 Ana Morgado
- 32 Ednilson Dias
- 34 Anabela Pires
- 36 Elvira Fortunato
- 38 Iryna
- 40 Jilsara Pontes
- 42 Joaquim Benite
- 44 Luís Quinta
- 46 Margarida Levezinho
- 48 Maria João Morias
- 50 Maria João
- 52 Mário Soares
- 54 Romeu Correia
- 56 Patrícia Rodrigues
- 58 Salomé Augusto



60 Barreiro

- 62 Alfredo da Silva
- 64 Elias Santos
- 66 António Cordeiro
- 68 Fernando Chalana
- 70 Augusto Cabrita
- 72 Kelly Gonçalves
- 74 Isabel do Carmo
- 76 Manuela Felix
- 78 Joaquim Pessoa
- 80 Sidney Coronel



82 Grândola

- 84 Deolinda Jorge
- 86 Zeca Afonso



88 Moita

- 90 André Leão e Bianca Coutinho
- 92 Armando Castro
- 94 Joaquim Ribeiro Cuqui
- 96 DiuDiu Sin
- 98 Jaime Costa
- 100 Margarida
- 102 Olinda Enguiça



104 Montijo

- 106 António Mourão
- 108 Fialho Gouveia
- 110 Doutor Paulino Gomes
- 112 Jorge Peixinho
- 114 Ricardo Pereira
- 116 Luiz Pacheco



118 Palmela

- 120 Ana Lubélia
- 122 António Matos Fortuna
- 124 Fernando Martins
- 126 João Brites
- 128 Manuel Rodrigues
- 130 Leonor Freitas
- 132 Carlos Santos
- 134 Maurício Abreu

Santiago do Cacém 136

José Braz 138
António Chainho 140
Arsénio Godinho 142
Manuel da Fonseca 144

Seixal 146

Amilton Lima 148
Carla Sacramento 150
Ana Cardoso 152
Inês Marcelino 154
Maísa Viana 156
Júlio Santos 158
Manuel Barros 160
Ti João 162
Manuel Cargaleiro 164

Sesimbra 166

Alfredo Santos 168
Estela Titose 170
Bota de Sesimbra 172
Helena Laureano 174
João Almeida 176
Luís 178

Setúbal 180

Noémia Nunes 182
Adérito Santos 184
Alessio Omrani 186
Américo Ribeiro 188
Alfredo e Nuno Santos 190
António Eustáquio 192
Ana Cancela 194
António Carlos Fuzeta da Ponte 196
António Severino 198
Ana de Castro Osório 200

Bispo D. Manuel Martins 202
Carla Araújo 204
Carlos César 206
Dimas Pereira 208
Diogo Ferreira 210
Fátima Brinca 212
Fran Paxeco 214
Henrique Mateus 216
Francisco Finura 218
Hélder e Rita Lopes 220
Isidro Alves 222
Jacinto João 224
Joaquim Gouveia 226
Lima de Freitas 228
Jorge Cardoso 230
Leandro Pimenta 232
Luciano dos Santos 234
Manuela Bola 236
Manuel Maria Portela 238
Maria de Caetano 240
Eugénia Maria 242
Mário Ventura Henriques 244
Maria Helena Sousa de Freitas 246
Maura Cunha 248
Maria Olga da Silveira 250
Rogério Peres Claro 252
Michel Giacometti 254
Odete Santos 256
Rómulo de Carvalho 258
Oceana Zarco 260
Sebastião da Gama 262
Sertório Herrera 264
Susan Jones 266
Sílvio Dedeiras 268
Zé dos Gatos 270
Urbano Tavares 272
Toy 274
Tito Lívio 276
Vitor Baptista 278

Sines 280

Al berto 282
Ricardo Miguel da Silva Pereira 284
Joaquim Guerrinha 286

Entre as margens de rios e mar 288

Ficha Técnica 290

Vozes De Um Século

Foi a 22 de dezembro de 1926 que o distrito de Setúbal foi oficialmente criado. Cem anos depois, esse marco transformou-se numa oportunidade para olhar para trás e compreender o percurso que deu forma ao território tal como hoje o conhecemos. Mais do que uma sucessão de acontecimentos, este centenário constrói-se a partir de histórias, vivências e memórias que atravessam gerações. Ao longo do tempo, Setúbal foi sendo moldado por diferentes pessoas, percursos e realidades, que, em conjunto, definem a sua identidade.

Ao fim de cem anos, o que permanece absoluto são as pessoas. São elas que dão significado aos lugares, que preservam o passado e que continuam a construir o presente.

Esta edição nasce com o objetivo de dar espaço a algumas dessas vozes. Não como um retrato total — porque tal tarefa seria impossível — mas como uma aproximação a essa diversidade. Cada testemunho reunido representa uma parte de um todo maior, feito de histórias que nem sempre são conhecidas, mas que fazem parte deste percurso coletivo.

Desde o início, a construção desta revista revelou-se exigente. Nem sempre foi possível chegar a todos, nem todas as histórias puderam ser incluídas, e há memórias que já não podem ser contadas na primeira pessoa. Sabemos que ficam histórias por contar e percursos por explorar. No entanto, essa ausência não representa esquecimento; lembra-nos apenas a dimensão de um território feito de muito mais do que aquilo que cabe nestas páginas.

Ao longo do processo, surgiram vários desafios, nomeadamente na recolha de testemunhos, na gestão do tempo e na necessidade de respeitar os limites e as escolhas de cada entrevistado. Ainda assim, procurámos manter, em cada momento, o compromisso de representar estas vozes com rigor e respeito.

A 8.^a edição da PerfilLocal resulta do trabalho de uma redação ao longo de um semestre. Um processo marcado por entrevistas, escrita, revisão e decisões constantes, onde o trabalho em equipa e a responsabilidade jornalística foram essenciais. Mais do que um exercício académico, foi uma experiência de aprendizagem e de contacto direto com realidades diversas.

A todos os que aceitaram partilhar as suas histórias, o nosso agradecimento. Sem esses contributos, este projeto não seria possível.

A si, que agora começa esta leitura, fica o convite: que descubra novas histórias, reconheça alguns rostos e se aproxime das pessoas que ajudaram a construir o distrito de Setúbal ao longo destes cem anos.

Bárbara Antunes e Maria Santos
A Chefia de Redação

Setúbal: Distrito de Raízes Profundas e Horizontes Abertos

Há um território onde o rio se alarga como quem respira fundo antes de encontrar o mar. Onde a terra guarda memórias antigas, feitas de sal, de pedra e de passos humanos que nunca cessaram. Falamos do distrito de Setúbal — não apenas um lugar no mapa, mas um mosaico de concelhos, cada um com a sua cadência, a sua história, o seu modo de resistir ao tempo

Antes de serem nomes — Alcácer do Sal, Alcochete, Almada, Barreiro, Grândola, Moita, Montijo, Palmela, Santiago do Cacém, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sines — foram caminhos. Caminhos romanos, trilhos de pescadores, rotas de comércio e espaços de fuga. Cada concelho ergueu-se sobre vestígios de outros tempos, como se o passado insistisse em permanecer, mesmo quando o presente tem pressa de se mostrar.

Alcácer do Sal, antiga Salacia romana, levanta-se junto ao Sado como quem observa séculos a passar. Foi porto, foi fortaleza, foi palco de encontros e confrontos. Terra onde o arroz cresce em locais onde outrora passaram exércitos, e o tempo parece mais lento, mais denso, quase palpável e sereno.

Alcochete vive entre marés que avançam e recuam, numa relação íntima com a água — na extração do sal, na pesca, nas travessias que ligam margens e destinos. Onde o tempo parece dilatar-se, deixando espaço para que as ruas tranquilas e os sapais revelem uma paisagem de luz ampla e silêncio sereno.

Em Almada, a proximidade de Lisboa nunca apagou a sua identidade. Pelo contrário — moldou-a. Terra de vigia e travessia, de cais e de margens, onde o Tejo se abre e as histórias se cruzam. Onde o olhar se divide entre o que fica e o que parte. E talvez seja nesse intervalo, entre presença e ausência, que Almada verdadeiramente se revela.

O Barreiro e o Seixal trazem consigo o eco da indústria. Fábricas, estaleiros, apitos que marcavam o ritmo das vidas. Durante décadas, foram coração operário, espaços de luta e de transformação social. Hoje, reinventam-se, mas carregam em si memórias de mãos calejadas e sonhos coletivos.

A Moita e o Montijo contam histórias de rio. O Tejo moldou-lhes o destino — na pesca, no transporte, nas festas que celebram tradições antigas. Há ali uma persistência silenciosa, uma ligação íntima com a água que não se rompe.

Palmela ergue-se em altura, com o castelo a vigiar vinhas e planícies. Terra de fronteira, de defesa e de produção, onde o vinho guarda em si a geografia e o clima, mas também a história de quem o cultiva.

Mais a sul, Grândola. “Terra da fraternidade”, cantada e lembrada como símbolo de liberdade. Mas Grândola é também sobreiros, planícies vastas, silêncio e resistência. É um espaço onde a paisagem parece infinita, e onde a história recente ainda ecoa com força.

Santiago do Cacém revela camadas mais profundas. Dos romanos aos mouros, dos castelos às igrejas... Cada pedra guarda uma narrativa, cada rua uma memória por decifrar.

Sesimbra vive entre a serra e o mar. É porto de abrigo, é comunidade de pescadores, é lugar onde o turismo encontra beleza e tradição. As suas águas contam histórias de sustento, mas também de risco e coragem.

Setúbal, cidade que dá nome ao distrito, é um ponto de encontro. Entre o rio e a serra da Arrábida, entre o urbano e o natural. O Sado traz golfinhos, mas trouxe também comércio, indústria conserveira, crescimento e mudança. Setúbal é múltipla — como o território que representa.

E Sines, aberta ao Atlântico, guarda uma identidade própria. Porto estratégico, mas também terra de Vasco da Gama, símbolo de partidas e descobertas. Hoje, continua voltada para o mundo, sem perder o vínculo com o mar que a define.

Cada concelho é um fragmento, mas juntos formam um todo. Um território onde a diversidade não quebra — constrói. Onde litoral e interior dialogam, onde a indústria convive com a tradição, onde o passado não é apenas memória, mas presença.

Há, neste distrito, uma constante tensão entre permanência e mudança. Fábricas fecham, outras surgem. Os campos transformam-se. O turismo cresce. Mas resiste uma identidade que se contruiu sobre o trabalho, a comunidade, e a ligação à terra e à água.

E talvez seja isso que une estes concelhos: a capacidade de se reinventarem sem esquecer. De avançar sem apagar. De existir no presente com consciência do que foram.

Porque a história de Setúbal não está apenas nos livros. Está nas ruas, nas vozes, nos gestos do dia a dia. Está no sal que se acumula nas margens, no vinho que se partilha, no peixe que chega à mesa.

Está nos que ficam e nos que partem.

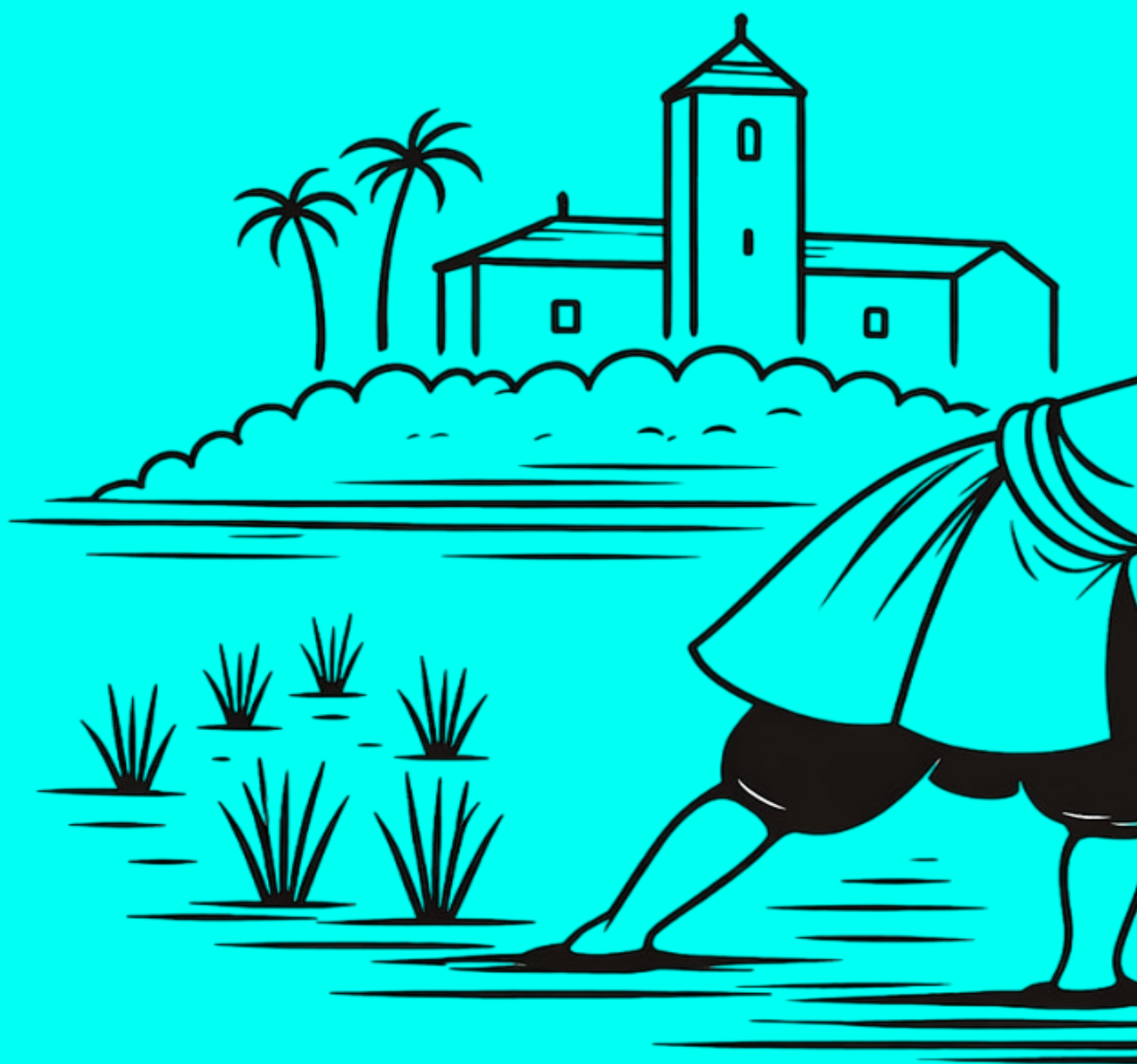
Nos que lembram e nos que descobrem.

E assim, entre o rigor dos factos e a poesia das vivências, o distrito de Setúbal continua a escrever-se.

Não como uma história concluída — mas como um movimento contínuo.

Um território vivo. Um tempo em construção. Uma memória que respira.

Alcácer do Sal





**A terra que ensina a
ser livre**



**Onde a infância tem
cheiro a pinho**

Quando o nevoeiro levanta sobre os arrozais da Comporta, o céu duplica-se no chão e as nuvens passam a existir também debaixo dos pés. É esta imagem que surge primeiro quando Lourenço Serra, 24 anos, fala da terra onde cresceu. Há 12 anos que vive em Setúbal, mas diz que há coisas que não se mudam com uma morada “O cheiro do pinho só existe ali. O nevoeiro traz mesmo o verdadeiro cheiro do pinhal até à porta de casa”. Crescer ali, explica, era aprender o que é a liberdade antes de saber o nome dela. Recorda o vento na cara enquanto andava de scooter com a mãe, os campos cobertos de flores amarelas e o pólen que o fazia espirrar. “Essas voltas eram espetaculares”. Os dias começavam cedo, muitas vezes com frio, torradas e galão e acabavam só quando a noite já tinha tomado conta da rua.

a rua e do bolo seco, que tem o nome de “cagalhões d’água a baixo”. Depois da morte da avó, o pai reescreveu todas as receitas num caderno, Lourenço Serra vê nisso mais do que culinária, é um momento de união familiar. Sair dali aos doze anos foi um choque “Foi como meter um pardalinho numa gaiola”. O barulho dos carros e as luzes da cidade mexeram com o sistema nervoso e a adaptação não foi fácil, sobretudo para a mãe, que também crescera na aldeia. Só mais tarde, já no secundário, é que começou a sentir-se dividido entre dois mundos. “Hoje sou um bocadinho híbrido. Adaptei-me aqui... mas aquilo tem qualquer cena. Não dá para explicar”. A Comporta mudou, tornou-se mais turística, mais cara, mais procurada, mas acredita que a essência resiste “A gente gosta de que

“É um sítio que te ensina a fazer omeletes sem ovos”

Andava de bicicleta até às dez da noite, mergulhava no rio e fazia guerras de lama com os amigos. Para explicar o que a infância no campo lhe deu, resume “É um sítio que te ensina a fazer omeletes sem ovos”. Na Comporta, toda a gente se conhece e isso nunca lhe pareceu invasivo, pelo contrário: “É um ambiente muito mais íntimo. Toda a gente fala com toda a gente”. Confessa que a aldeia moldou a sua personalidade “Se eu tivesse crescido noutra sítio, era outra pessoa”. Para Lourenço Serra, quem vem da cidade não imagina o que isso significa. Ri-se e provoca: “Vocês são umas libelinhas. Largam-vos num pinhal três dias e estão mortos”. A identidade da terra está ligada ao arroz, cultura que durante décadas sustentou famílias inteiras. O avô trabalhou nos campos, a mãe na secagem e ensacagem e Serra descreve com admiração as mondinas, mulheres que colhiam manualmente o arroz sob o sol, de chapéu largo e roupa folclórica. Fala também da antiga fábrica onde o arroz circulava por tubagens movidas a ar, sistema que ainda hoje o impressiona “Tu lá dentro sentes-te pequenino. Aquilo é brutal”. Apesar de tudo, quando fala da Comporta, a memória mistura-se inevitavelmente com a família. A avó ocupa um lugar central, lembra-se das batatas cozidas com manteiga e alecrim, do peixe assado cujo cheiro invadia

quem vá lá respeite. Porque nós respeitamos.” No fim, deixa um conselho às crianças que crescem hoje na terra onde ele foi feliz: “Sejam gaiatos. Larguem o telemóvel. Vão andar de bicicleta, sujem-se, comprem motas e andem sem carta, mas com juízo. Divirtam-se a sério, não se armem em bandidos”. Entre arrozais que refletem o céu e as ruas que agora percorre em Setúbal, Lourenço Serra continua certo de uma coisa: há lugares que não se deixam para trás, ficam a viver dentro de nós.




Voz da infância

e da educação em Setúbal

Em Setúbal, há nomes que são intemporais. Maria Rosa Colaço é um deles e continua presente nos dias de hoje. A mulher que fez das palavras um ato de liberdade e de educação. Maria Rosa Colaço nasceu a 19 de setembro de 1935, no Torrão, concelho de Alcácer do Sal. Desde cedo mostrou uma paixão pelas letras e pela educação, como recordou no programa apresentado por Carlos Correia: “Comecei a ler quando tinha 4 anos, e comecei a tentar escrever quando tinha 8 anos”, o que a levaria a tornar-se numa das personalidades mais relevantes da literatura infantojuvenil portuguesa. Formou-se em enfermagem no Instituto Rockefeller, em Lisboa, mas foi no ensino que encontrou a sua verdadeira vocação, lecionando em Moçambique, na cidade de Nampula, Beira e Lourenço Marques, e, mais tarde, em Almada. Ao longo da sua carreira, Maria Rosa Colaço defendeu um ensino assente no uso da poesia e da imaginação das crianças. Acreditava que as crianças não deviam ser tratadas como meros recetores de saber, mas como pensadores em formação. A sua obra “A Criança e a Vida”, publicada nos anos 1960, nasceu de textos escritos por alunos moçambicanos e tornou-se um símbolo do poder da palavra infantil. Como recorda Clara Castilho em “A Viagem dos Argonautas”, “nele se falava de miséria, fome, morte, maus tratos, barracas. Mas também de poesia, de esperança, de alegria”. Com uma linguagem simples e marcada pela empatia, em entrevista à RTP, confessou: “Eu nunca tive tanta esperança no ensino como agora. Acho que o professor é o passaporte para aquilo que há de bom no mundo”. Através da sua escrita, procurou dar voz às crianças muitas vezes menos ouvidas, e procurou formar cidadãos conscientes, dotados de imaginação e de sentido crítico.

“Comecei a ler quando tinha 4 anos, e comecei a tentar escrever quando tinha 8 anos”

Uma homenagem à mulher que transformou o ensino em poesia



O impacto da obra de Maria Rosa Colaço estendeu-se muito para além das salas de aula. No distrito de Setúbal e arredores, o seu nome vive em instituições que continuam a promover a leitura e o pensamento crítico. A Escola Básica Maria Rosa Colaço, situada no Feijó, em Almada, homenageia a professora e escritora através de um espaço educativo que reflete os valores que sempre defendeu. Na recente requalificação foram valorizados «a biblioteca, o espaço exterior, os equipamentos lúdicos, a nova sala de professores e a sala para o pessoal auxiliar», reforçando o compromisso com uma escola mais inclusiva e inspiradora. Já no Torrão, terra natal da autora, a Biblioteca Municipal Maria Rosa Colaço acolhe iniciativas de promoção da leitura, como a sessão “1, 2, 3... conta lá outra vez...”, evidenciando o compromisso contínuo com a literacia e a participação cultural. Também as Ruas Maria Rosa Colaço, em Corroios e no Torrão, mantêm viva a sua memória e revelam a importância e o contributo que deixou à educação e à cultura do distrito. Maria Rosa foi também cronista, poeta e colaboradora em jornais e programas de rádio e televisão, onde abordava temas como a escola, a infância e o papel da mulher na sociedade. A editora Nova Vega descreve-a como “uma das escritoras mais queridas do público jovem português, cuja obra continua a inspirar leitores e professores”. A escritora faleceu em 2004, mas a sua memória permanece viva nas gerações que ajudou a formar. A sua escrita foi, afinal, uma forma de resistência contra o esquecimento, contra o silêncio e contra a indiferença. Celebrar Maria Rosa Colaço nos 100 anos do distrito de Setúbal é reconhecer que a história desta terra se escreve também com livros e com a coragem de ensinar.

Jorge Ferraz

Agora em Lisboa, Luísa Amaral recorda a sua infância e os anos que viveu em Alcácer do Sal, junto ao rio Sado, falando das brincadeiras, das amizades e da simplicidade de uma época em que “todos olhavam uns pelos outros”. Ao longo da entrevista, regressa várias vezes a essas mesmas memórias, desde as corridas à beira-rio aos dias passados ao ar livre, descrevendo o concelho como um lugar que ainda hoje associa à nostalgia e a um sentimento de pertença que se mantém mesmo com o passar do tempo. Maria Luísa Coelho Amaral nasceu no dia 22 de março de 1959, em Alcácer do Sal, onde viveu até aos 10 anos, altura em que o pai foi trabalhar para Lisboa e a família se mudou para a grande cidade. “Tive muita pena, mas teve de ser, porque a vida assim obrigou. É muito diferente viver-se em cidades grandes”, refere. Assim, acabou por passar por vários locais ao longo da juventude. Além do seu concelho natal, começou por viver em Marvila, onde estudou no bairro Madre Deus durante o ciclo preparatório e onde o pai trabalhou na Fábrica Militar de Braço de Prata. Mais tarde, mudou-se para Santa Iria da Azóia e acabou por regressar a Lisboa para frequentar o Liceu Camões. “A partir daí, devo dizer que sou quase uma ‘multinacional’, entre aspas”. Por volta dos 14 ou 15 anos, voltou a mudar-se, desta vez para Massamá, “uma terra que para mim era totalmente desconhecida”, passando a estudar no Liceu Nacional de Queluz, numa fase que descreve como “uma mudança muito crítica”, principalmente porque se deu em 1973, um ano antes da Revolução do 25 de Abril, à qual se refere como um momento que alterou a estrutura da vida que até então conhecia, de onde “veio, como todos sabem, a liberdade”. Posteriormente, frequentou também o Instituto de Novas Profissões, onde concluiu

o bacharelato em Secretariado de Direção, “e por aí fiquei porque, entretanto, casei, muito nova, aos 18 anos, tendo tirado o curso já casada e já tendo o meu filho mais velho, e terminando o curso já com os meus dois filhos”. Apesar das várias mudanças que viveu, Luísa Amaral refere que tentou sempre manter os valores que traz da infância em Alcácer do Sal, que nomeia como sendo sobretudo a simplicidade das pessoas, a proximidade entre vizinhos e a forma como a vida era vivida com menos pressa; “o ser, as brincadeiras, o sol, o rio, é algo que não se esquece”. Atualmente, quando regressa ou passa por Alcácer do Sal, diz que continua a sentir o mesmo apego ao lugar onde nasceu. Refere que “está muito mais evoluído a nível de estradas, de turismo”, e sorri, “quem vai para o sul não deixa de ir a Alcácer fazer uma visita, o que é, inclusive, o meu caso, sempre que vou”. “Hoje, mais adulta, com mais idade, traz-me muito boas recordações sempre que visito”. Acerca dos 100 anos realizados pelo distrito de Setúbal, fala de um sentimento de orgulho e destaca a forma como as pessoas da região se distinguem pela abertura e pela facilidade de comunicação, comparando com os outros locais onde viveu. “Não estou a dizer mal, não estou a criticar no mau sentido as pessoas de Lisboa, mas, ao passar a Ponte 25 de Abril, nota-se logo a diferença”, diz, “as pessoas, talvez porque vivem junto do mar, são muito mais expansivas, muito mais abertas ao diálogo”. Afirmo também que, sim, há aspetos a serem melhorados, “mas, se formos entrar por aí, todo o país precisa”. Mas, no fundo, não importa por que cidades passa. Alcácer do Sal irá sempre ser “a minha casa, o meu berço”, do qual nunca se esquecerá. Termina, com um sorriso radiante, “são as minhas raízes, e nós nunca nos devemos esquecer de onde vimos”.

Beatriz Figueiredo

“**Nunca nos devemos esquecer de onde vimos**”

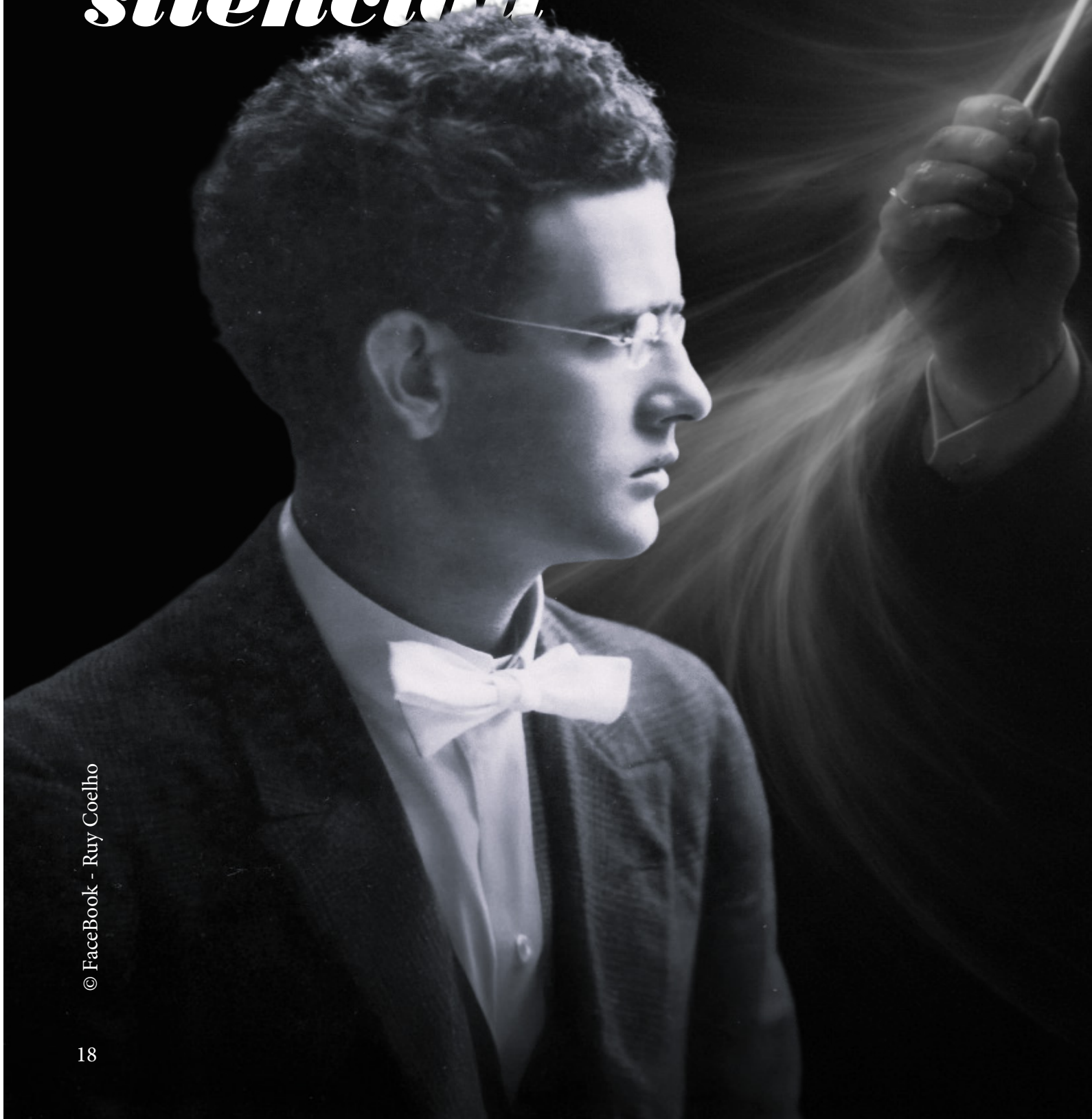
A Alcácer, lar lento

Da margem do rio às grandes cidades



A vasta obra de um compositor que recusou desaparecer.

O homem que a história quase silenciou.



“A maior ajuda é a vontade, e não se pense que as dificuldades se vencem de uma só vez. Vencem-se uma a uma”. A frase que revela não apenas o pensamento de Ruy Coelho, mas a construção pessoal de uma vida que atravessou diversos percursos, desde glórias, polémicas e lutas internas por um lugar na história da música portuguesa. Nascido em 1889, na cidade de Alcochete, exerceu diversos cargos: foi pianista, maestro, dramaturgo, professor e autor de mais de 40 óperas e mais de mil obras musicais, um número tão grandioso que ainda hoje é enaltecido e lembrado. Era um criador compulsivo, movido pela constante necessidade de aprender sempre mais: “Com estudo és tudo” (Glosas 1, 2010). Começou os seus estudos em Alcácer, na banda da Sociedade Filarmónica Progresso Matos Galamba, mas foi em Lisboa que a sua carreira deu o primeiro passo. Ingressou no Conservatório Nacional, que mais tarde o levaria a Berlim e a Paris, onde concluiu a sua formação. O talento cantava por onde passava, e tal não poderia ficar restrito. De país em país a

sua música foi sendo reconhecida e enaltecida, ecoando pela Europa e chegando até mesmo ao Brasil. Dirigiu orquestras, compôs música para cinema e assumiu papéis de produção para diversos trabalhos. Apesar de toda a grandiosidade, também se viu no meio de imensas críticas. Mais tarde, ficou marcado como “compositor oficial” durante o Estado Novo, um rótulo que o perseguiria. Caiu deliberadamente no esquecimento e raiva, especialmente após o 25 de Abril. A revista Glosas 1 (2010), critica: “Haverá porventura quem seja, ao mesmo tempo, o compositor mais esquecido, ridicularizado,

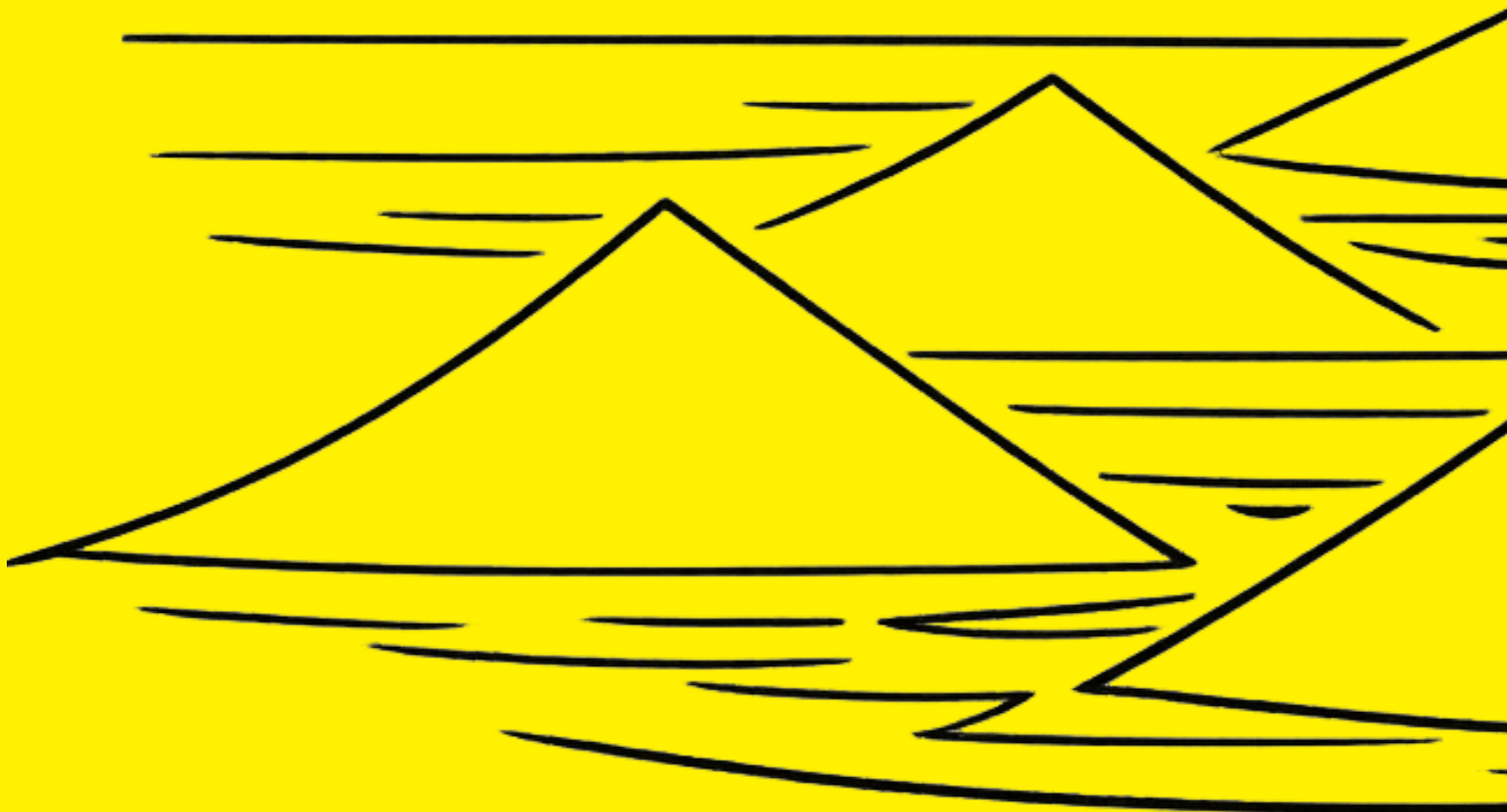
marginalizado, e o mais desconhecido da nossa História recente?”, uma pergunta impactante especialmente quando comparada com a dimensão da obra que deixou, tantas vezes renegada. Apesar de tudo, nunca se deixou abalar. Após os seus estudos, em 1913, regressou a Portugal, onde criou óperas monumentais como D. João IV, O Rei Galaor ou Belkiss, esta última que obteve o primeiro prémio do Concurso Nacional de Madrid. A sua música transmitia teatralidade e emoção, mas acima de tudo, defendia a música como manifestação da identidade cultural do povo, procurava sempre ser portuguesa. Apesar das suas vastas obras, o reconhecimento muitas vezes ficava aquém. Durante anos Ruy Coelho viveu entre o visível e o invisível, entre obras enaltecidas e injustiçadas. Mas até mesmo quando se viu à beira do precipício, o maestro

enfrentou tudo com a mesma teimosia criativa, e desistir não lhe cantava em bom som. Já idoso, continuava com a mesma ambição e vontade de escrever que o acompanhou desde novo. A música era o seu território de liberdade, mesmo nos

“A maior ajuda é a vontade, e não se pense que as dificuldades se vencem de uma só vez. Vencem-se uma a uma.”

anos em que a saúde fraquejava e a memória falhava. Faleceu em 1986, em Lisboa, com 97 anos. Morreu dedicado a uma criação que acreditava ser imparcial. Hoje, quando se revisita a sua obra, percebe-se que Ruy Coelho foi tudo menos uma figura inferior, foi um visionário que lutou pelo seu trabalho até ao último suspiro. Um homem que acreditava que não se nasce com o dom da arte, mas estudava-se arduamente para o conquistar. Talvez por isso continue a renascer sempre que alguém decide ouvi-lo ou estudá-lo. Porque a arte, por vezes, adormece, mas não se apaga nunca.

Lara Rodrigues



Alcochete



“Tinha sempre um sorriso nos lábios, quer ganhasse, quer não ganhasse”

As memórias revelam-se, por vezes, nos lugares mais improváveis. Foi assim que me encontrei com Pedro Gomes da Silva, neto de Brigadeiro Henrique Callado, na esplanada de um café. Entre os goles que ia dando no seu expresso, foi contando histórias sobre o seu avô, recordando não só o atleta, mas também quem era além de tudo isso. Henrique Alves Callado nasceu em Rio Frio, a 12 de junho de 1920. A paixão pelos cavalos vinha já do pai, que trabalhava, na altura, numa coudelaria. Coursou Cavalaria na Escola do Exército e, posteriormente, ingressou no curso de Instrutor e Mestre de Equitação na Escola Militar de Equitação de Mafra. Realizou a sua primeira prova de hipismo aos 13 anos, como júnior e, mais tarde, como sénior. Frequentou também, em Mafra, um curso de equitação, no qual adquiriu a classificação de “Mestre de Equitação”. Foi um cavaleiro prodígio desde jovem, tendo obtido as suas duas primeiras grandes vitórias em provas internacionais com apenas 24 anos: o Grande Prémio de Madrid e o Grande Prémio de Lisboa. Alves Callado participou, inclusive, em cinco Jogos Olímpicos: Londres, Helsínquia, Estocolmo, Roma e Tóquio. É descrito pelo neto como uma “Grande referência de homem, militar e cavaleiro”, com “um particular gosto em ajudar o próximo”. Era uma pessoa muito “afável”, mas que “não tolerava faltas de respeito”. Pedro Gomes da Silva recorda que, quando o avô ia diariamente para Lisboa de comboio, passava por “uns velhotes quase todos os dias a jogar às cartas”, e dava-lhes sempre “umas moedinhas”; “Era uma forma de ele, digamos assim, entendia que estaria a fazer o bem ao ajudar as pessoas”. Henrique Callado tinha um enorme espírito desportista: competia por participar,

e não apenas para ganhar. “Nunca vi o meu avô ficar chateado, maldisposto ou aborrecido por não ganhar uma prova equestre. Tinha sempre um sorriso nos lábios, quer ganhasse, quer não ganhasse. Não ganha hoje, ganha amanhã ou ganha noutra altura”. O que realmente lhe importava não era ser o melhor classificado, mas sim conseguir praticar o desporto pelo qual era tão apaixonado. E assim o fez. Mesmo mesmo em idade avançada continuou a competir em diversas provas; “Ou seja, uma pessoa que foi 7º nos Jogos Olímpicos, foi 5º no campeonato da Europa, que está aí, aos seus 60 e muitos, 70 anos, continua a participar em provas”. Era, sem dúvida, o que gostava de fazer, não como profissão, mas como paixão. Foi, também, um grande exemplo de camaradagem e desportivismo. Ficou amigo de vários outros cavaleiros; “apesar de serem rivais na competição, fora da competição, eram amigos”. Recusava tirar partido da sua notoriedade: “nunca quis lecionar a prática equestre em troca de dinheiro”, nem criar uma escola de equitação com o seu nome. “Porque achava que isso já não se inseria bem no espírito desportista do desporto que ele achava que devia praticar”. Estando dado o último gole no seu pequeno expresso, fica a certeza de que a memória de Henrique Alves Callado continua viva para além das competições e taças. Permanece, até hoje, como um exemplo de camaradagem, desportivismo, paixão e boa vontade em ajudar o próximo. E, como refere o seu neto, “na vida vale a pena praticar os valores que enobrecem quem os pratica, e vale sempre a pena ajudar o próximo sem esperar nada em troca”; é esta “a imagem que me fica daquele legado que eu julgo que ele deixou, principalmente àqueles que com ele mais perto privaram”.



O homem por detrás das medalhas

Memórias que vão além das competições



SALT FLATS NEAR FERROS

Dava gosto à comida, mas desgosto aos trabalhadores

“Tinha buracos que cabiam dedos nas pernas”

Numa manhã de sexta-feira, Marco da Cunha Alves, chefe da divisão da Cultura da Câmara Municipal de Alcochete recebe-nos no seu gabinete, instalado numa das áreas da Biblioteca do município. A conversa depressa se transforma numa viagem pela memória coletiva: através do seu testemunho, é recordada a vida dos salineiros e as transformações da região, pela chegada de novas comunidades e pela extinção de uma atividade que moldou gerações, a salicultura, “aquilo que é a maior área de trabalho que as pessoas de Alcochete tiveram durante muito tempo”. O entrevistado começa por aprofundar a antiga rotina dos trabalhadores do sal, que era marcada pelo calor exorbitante, os pés descalços e feridos, fruto de um trabalho pesado, mal pago e cuja carga horária era exigente, “Cada indivíduo destes transportava, por dia, perto de duas toneladas de sal à cabeça”, recorda. Recolheu testemunhos de dezenas de salineiros, muitos já falecidos ou no anonimato, “Eu entrevistei vários salineiros que hoje já morreram. Tenho quase uma centena de horas de entrevistas gravadas”. Entre os inúmeros relatos recolhidos ao longo dos anos, revela alguns dos casos que o marcaram profundamente, sendo o primeiro destes casos o de um rapaz alcochetano que, entre os 14 e os 15 anos, pediu autorização ao pai para trabalhar na tirada do sal, com o intuito de ganhar mais algum dinheiro. Assim o fez, mas não suportou um terço do que era requerido por cada um dos trabalhadores, fazendo apenas a recolha de dois “moios”, sendo que o objetivo diário era de sete. Como se a frustração do garoto não bastasse, ainda recebeu o golpe que tinha tudo para o derrubar: “Como era pequeno, foi para casa e sentiu-se mal, sentiu-se triste, aborrecido. E quando chegou a casa, como ele dizia: «Em vez da minha mãe ou do meu pai me

acarinharem, ainda me maltrataram porque fui envergonhar a família. E eu disse assim: A partir de amanhã, nem que eu morra com a canastra na cabeça, eu não vou arriar»”. E, segundo Alves, o rapaz quando já graúdo, assumiu que nunca mais voltou, de facto, a vacilar. Outra memória que o persegue vem de dentro da própria família: o avô da mulher de Marco Alves, que outrora foi um dos salineiros do Samouco, é lembrado por um detalhe de arrepiar, “Tinha buracos que cabiam dedos nas pernas, cabia este dedo assim [faz o movimento com as mãos], feitos pelo sal”. A nossa fonte relata mais um episódio marcante da região, a Greve do Sal de 1957, em plena ditadura, “Vinte e um salineiros foram presos. Pediam apenas um aumento! O preço do sal subia, mas o salário deles não”. Houve detenções, intimidação e fome; foi um dos momentos mais marcantes da resistência local e, surpreendentemente, continua a ser pouco conhecido. Hoje em dia, falar da salicultura continua a ser, em muitas famílias de Alcochete, um tabu, “Há pessoas que queriam esquecer”. Muitos abandonaram a profissão e já não se vê quem trabalhe nas salinas, ou marinhas, como se diz na região, “As salinas foram sendo abandonadas. Existiam algumas que foram requalificadas e garantidas em termos de funcionamento por uma fundação, que ainda existe, que é a Fundação João Gonçalo Júnior”, conta-nos. Apesar deste passado duro, hoje, ao observarmos a vila de pouco mais de 19 mil habitantes, é impossível não pensar nos homens que, durante décadas, carregavam toneladas de sal à cabeça, nos pés feridos, no calor insuportável refletido nos tanques. Recordamos assim as histórias que Marco da Cunha Alves guardou, das vozes que já não podem contar o que viveram, nem aquilo que permaneceu desse esforço, que permitia dar gosto à comida, mas desgosto aos próprios trabalhadores.

Gonçalo Dias e Maura Quaresma



Entre
o
sofrimento
do
corpo
e
a
força
da
convicção

O espírito nunca foi preso

© Accosta/ Wikimedia Commons

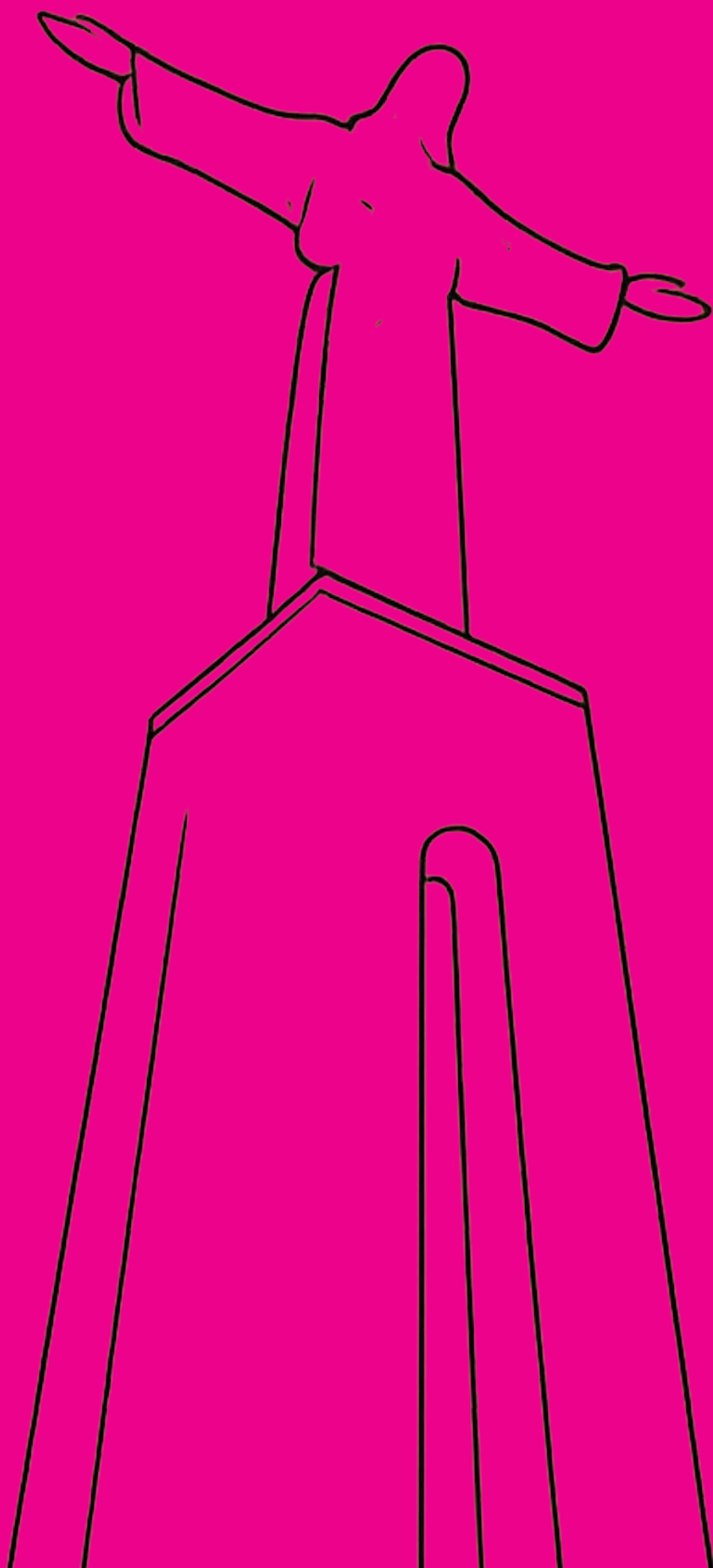
“Olho para a minha vida e penso que tive uma vida fantástica”, recorda Edmundo Pedro. Estas palavras soam tranquilas, quase felizes, mas trazem dentro delas o eco das celas do Tarrafal, o calor sufocante da “frigideira”, o peso da dor e a persistência da esperança para uma sociedade melhor. Edmundo Pedro foi um dos rostos mais marcantes da resistência antifascista portuguesa e o preso mais jovem, com apenas 17 anos, do Tarrafal. Nascido a 8 de novembro de 1918, em Alcochete, começa a trabalhar com treze anos no Arsenal da Marinha e adere à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas “Adquiri uma consciência política muito cedo. Há pessoas que me perguntam: ‘Você com 13 anos tinha consciência política?’ Tinha. O meu pai estava preso na Guiné porque queria, como eu, uma sociedade melhor”, dizia entre risos. Com apenas quinze anos, Edmundo Pedro conheceu pela primeira vez a prisão, acusado de estar envolvido na preparação da greve geral de 18 de janeiro de 1934, onde cumpriu um ano atrás das grades. A liberdade, porém, soube a pouco. Dois anos mais tarde, voltou a ser apanhado pelo regime por envolver-se, novamente, com o Partido Comunista, chegando a ser eleito para a Direção do mesmo. Em 1936, aos 17 anos, foi deportado, sem julgamento, para o recém-criado Campo de Concentração do Tarrafal com o seu pai, Gabriel Pedro, e a boa-disposição até lá chegarem, sem saber para onde iriam, era algo que os caracterizava “Nós caminhamos dentro da camionete até ao barco a cantar a Internacional, a Marselhesa, etc. Isto para dar a ideia do nosso estado espírito”, relembra a sua viagem até Cabo Verde. Partilhou a cela com o pai e sobreviveram condições desumanas, até que planearam uma fuga, mas sem sucesso. “Eu bati o recorde da frigideira porque tentei fugir. O castigo era 70 dias. Eu e o meu pai estivemos 70 dias. A temperatura lá dentro chegava a atingir quase 50 graus. À noite havia uma condensação e a humidade escorria pelas paredes e nós lambíamos aquilo. Tiraram-nos água. Não se faz ideia do que era aquele sofrimento”, conta com um brilho nos olhos como se ainda se lembrasse de tudo vividamente. Mesmo nas horas mais escuras em que Edmundo acreditava não sair de lá com vida, manteve a lucidez. Admite ter havido momentos em que se foi abaixo, mas encarava ser preso tão jovem com naturalidade,

“Como uma consequência da minha luta. Estava preparado e nunca falei na PIDE”. Durante estes dez anos em Cabo Verde, estudou matemática, física e línguas como os seus colegas de cela, numa espécie de “universidade da prisão” improvisada. Anos mais tarde, ao refletir um pouco sobre o seu percurso, confessa que o Tarrafal o moldou: “Deixei lá a juventude, mas ganhei consciência”. Ao fim de uma década, foi libertado, mas Edmundo Pedro já não era o mesmo. As sombras do Tarrafal e as notícias vindas do Leste Europeu deixaram-no inquieto, por isso decide romper a ligação com o Partido Comunista, mas continua na luta contra a ditadura. Aderiu ao Partido Socialista antes da Revolução dos Cravos, em 1973. Dedicou a sua vida à luta antifascista, mas não teve oportunidade de participar naquela que deu o fim ao regime, “lutei a vida a inteira desde os 13 anos, participei em várias tentativas e, afinal não participei naquele que teve sucesso”, recorda com alguma tristeza. Foi eleito deputado em várias legislaturas, organizou manifestações, dirigiu a RTP entre 1977 e 1978 e tornou-se uma voz de autoridade moral na democracia. “Era o homem da mobilização do Partido Socialista”, conta com orgulho, “fui eu que organizei as grandes manifestações, nomeadamente o 19 de julho. Foi a maior manifestação de sempre em Portugal e contribui para a viragem”. Mesmo já em democracia, voltou a enfrentar a prisão e em 1978 foi detido durante seis meses “foi o momento mais baixo da minha vida, mais terrível da minha vida, nunca sofri nada igual”, refletindo sobre a ironia de ter sido preso novamente depois de tanto lutar pela liberdade. Edmundo Pedro narrou as suas décadas de luta e recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade em 2005. Faleceu a 27 de Janeiro de 2018, aos 99 anos. Até ao fim manteve o humor e a serenidade de quem sobreviveu ao impensável. “Gostaria de viver até aos 150 anos”, dizia entre risos. E num dos seus últimos testemunhos, deixou a frase que melhor define a sua vida: “Quando olho para trás, julgo que fiz um percurso que valeu a pena viver”.

Bárbara Antunes

“Olho para a minha vida e penso que tive uma vida fantástica”





ALMADA

**“Porque o crioulo não engana.
O crioulo está lá sempre”**



Entre a ilha e o continente

Onde o sol fica na memória

Cinco décadas após deixar Cabo Verde para estudar em Portugal, Ana Morgado construiu uma vida, uma carreira e uma família a milhares de quilómetros da ilha onde cresceu. Nascida “como portuguesa”, no que era na altura ainda uma colónia de Portugal, veio para o continente em 1970, com 18 anos, para prosseguir os estudos, pois, ao terminar o ensino liceal até ao sétimo ano, não poderia continuar a estudar sem vir para cá; e assim foi. Após concluir os seus estudos, exerceu, no distrito de Setúbal, local onde mais tarde acabou por fixar residência, a profissão de assistente social em Azeitão, tendo trabalhado posteriormente em Almada na Segurança Social e também no Hospital Garcia de Orta. Entre risos, revela que a proximidade do marido não fora o único motivo para escolher Almada, já que “também as casas eram mais baratas que em Lisboa”. Decidiu ficar por cá, pois também já não tinha motivo para sair. Já casada, “não ia deixar o meu marido para ir e ele não ia deixar, uma vez que era da Marinha, não podia deixar a Marinha para ir para Cabo Verde”. E após o 25 de Abril, os seus pais acabaram por se mudar para cá também, “portanto, passou a família a residir toda em Portugal”. Ao chegar, admite ter-se sentido um pouco perdida, “não foi fácil, a princípio”. Refere também que foi o seu primeiro confronto direto com a autonomia: “estava habituada a ter todo o apoio dos meus pais, vim sozinha, tinha 18 anos e foi quando me senti pela primeira vez que tinha que me bastar a mim própria”. Mas relembra, com nitidez, que, ao chegar de malas na mão ao lar onde iria ficar, no Campo Grande, sem as conseguir transportar sozinha e receosa de as deixar no passeio, foi ajudada por um jardineiro; “posso dizer que foi uma coisa que me marcou muito e ainda me lembro”, conta. Fora esses breves episódios, nunca se sentiu

muito deslocada, adaptou-se rápido. Ao falar de pertença, a resposta é sincera. Afirma nunca ter sentido discriminação direta e pondera sobre as razões: “É que eu não sou negra, e o facto de eu não ser negra, eventualmente poderei ter sido melhor acolhida, não sei, não sei se foi por isso. Mas vim há tanto tempo que integrei-me tão bem a nível profissional, a nível do curso, a nível de tudo, que, pronto, no fundo, eu também tinha uma educação mais europeia, eventualmente, não é? Também é verdade. Não sei se isso teve alguma influência, mas eu nunca senti nada, mas também não senti por estas duas razões”. Reflete que estes fatores podem ter facilitado a sua integração num país que ainda carregava profundas marcas coloniais. Quando questionada sobre que aspeto deste país a surpreendeu mais, revela que foi a ausência da familiaridade entre os portugueses, pois, em Cabo Verde, todos se conheciam e falavam uns aos outros. “No fundo é uma terra maior, grande, a minha cidade era pequenina, todos nos conhecíamos e conversávamos e cumprimentávamos”, “e foi até me adaptar, pois claro, depois percebi que isto era diferente”. Da sua ilha, guarda ótimas memórias, “tive uma infância e juventude maravilhosas”, e sente muita saudade do sol e do calor. Recorda que “tínhamos muito convívio, muita praia, muito sol”, e que foi uma época feliz da sua vida. E mesmo estando longe de Cabo Verde, há algo que nunca deixará: a gastronomia e a língua. “Continuo a falar crioulo. Porque o crioulo é a nossa primeira língua, no fundo”. Até aos dias de hoje, reconhece pessoas cabo-verdianas pelo seu sotaque, “porque o crioulo não engana. O crioulo está lá sempre”. Finalizando, Ana Morgado refere ser “uma emigrante muito diferente das outras”. Vive hoje há mais anos em Portugal do que viveu em Cabo Verde, mas sente que, de certa forma, pertence a ambos os lugares.

Beatriz Figueiredo

Nascido a 8 de maio de 1976, em Minas Gerais, no Brasil, Ednilson Dias cresceu numa família numerosa e com boas condições económicas. Era um de oito irmãos e, ainda jovem, concluiu o ensino superior na área de Próteses Dentárias - uma formação que viria a marcar o seu futuro profissional. Mas antes de construir o seu percurso, enfrentou uma perda que o acompanharia para sempre: a morte da mãe. A doença debilitou-a durante anos e, para garantir o cuidado da casa e das crianças, o pai contratou uma empregada, a Dona Dora, que rapidamente se tornou uma figura essencial na vida familiar. Após a morte da mãe, foi a doméstica quem, na prática, assumiu a responsabilidade de criá-lo e aos irmãos. “Era como uma segunda mãe”, recorda. Com o tempo, o pai refez a vida e voltou a casar. Mas a madrasta trouxe consigo um clima de tensão que marcou profundamente a família. A relação era difícil, por vezes cruel, e acabou por culminar no despedimento da Dona Dora - um momento que, segundo Ednilson Dias, desfez o último elo de estabilidade emocional daquela casa. Conflitos constantes e um ambiente cada vez mais pesado tornaram a convivência insustentável. Em 1998, desgastado e a precisar de distância, Ednilson Dias viajou para Portugal em férias. O que era para ser uma pausa, tornou-se numa espécie de refúgio temporário. Quando chegou a Portugal, instalou-se em Almada, onde encontrou um ambiente mais tranquilo do que estava habituado no Brasil. A rotina simples, marcada

pelo trabalho e pelo sossego, deu-lhe uma sensação de liberdade emocional que nunca tinha experimentado na sua vida familiar. Foi também em Almada que começou a criar as primeiras amizades em Portugal, laços que o ajudaram a sentir que não estava sozinho num país novo. Apesar de estar longe da família, sentia que ali conseguia finalmente respirar sem medo de conflitos ou tensões constantes. A cada dia que passava, reforçava-se a ideia de que aquele lugar simples podia ser o ponto de partida para uma nova vida. Acabou por ficar um ano, durante o qual trabalhou na construção civil, descobrindo uma nova realidade e um ritmo de vida diferente. Em 1999, regressou ao Brasil, mas a sensação de pertença já tinha começado a mudar. No ano seguinte, voltou a Portugal, novamente com a ideia de passar apenas férias. Mas o destino alteraria todos os planos: conheceu aquela que viria a ser a sua mulher. A estadia temporária transformou-se em permanência definitiva. Casaram em 2004 e, em 2006, nasceu o seu único filho. Com determinação, Ednilson Dias reconstruiu a vida num país que inicialmente não era o seu. Retomou a área de formação, abriu uma clínica de próteses dentárias e criou o seu próprio negócio. A estabilidade que sempre procurara - e que faltou na infância e juventude - encontrou deste lado do Atlântico. Hoje, sem hesitação, afirma que não voltaria a viver no Brasil. “A minha vida é aqui”, diz, certo de que Portugal lhe deu mais do que um lugar para trabalhar: deu-lhe família, futuro e, sobretudo, paz.

Joana Moreira

“A minha vida é aqui”

De Minas Gerais a uma nova vida em Portugal



Entre a fuga da
instabilidade e o recomeço

Com quatro décadas de carreira, Anabela continua a ver na música uma forma de cuidar e transformar vidas. “O projeto Cante pela Sua Saúde é um dos que mais me orgulham; leva alegria e bem-estar às pessoas através da música”, confessa. Assim, a artista conseguiu conciliar as suas duas paixões: a arte e a psicologia, “Eu queria muito estudar psicologia e consegui, embora nunca a tenha exercido enquanto psicóloga.” Há mais de quatro anos que leva o bem-estar aos idosos através do canto em grupo, “As pessoas mais velhas merecem continuar a viver, a sentir-se úteis e acompanhadas até ao fim”, afirma com emoção. Desde que se lembra, a música sempre esteve presente na sua vida, canta desde os sete anos de idade, tornou-se uma das vozes mais queridas do país. Foi em Setúbal, com nove anos, que ganhou o seu segundo prémio com a canção “O Rock do Amor”

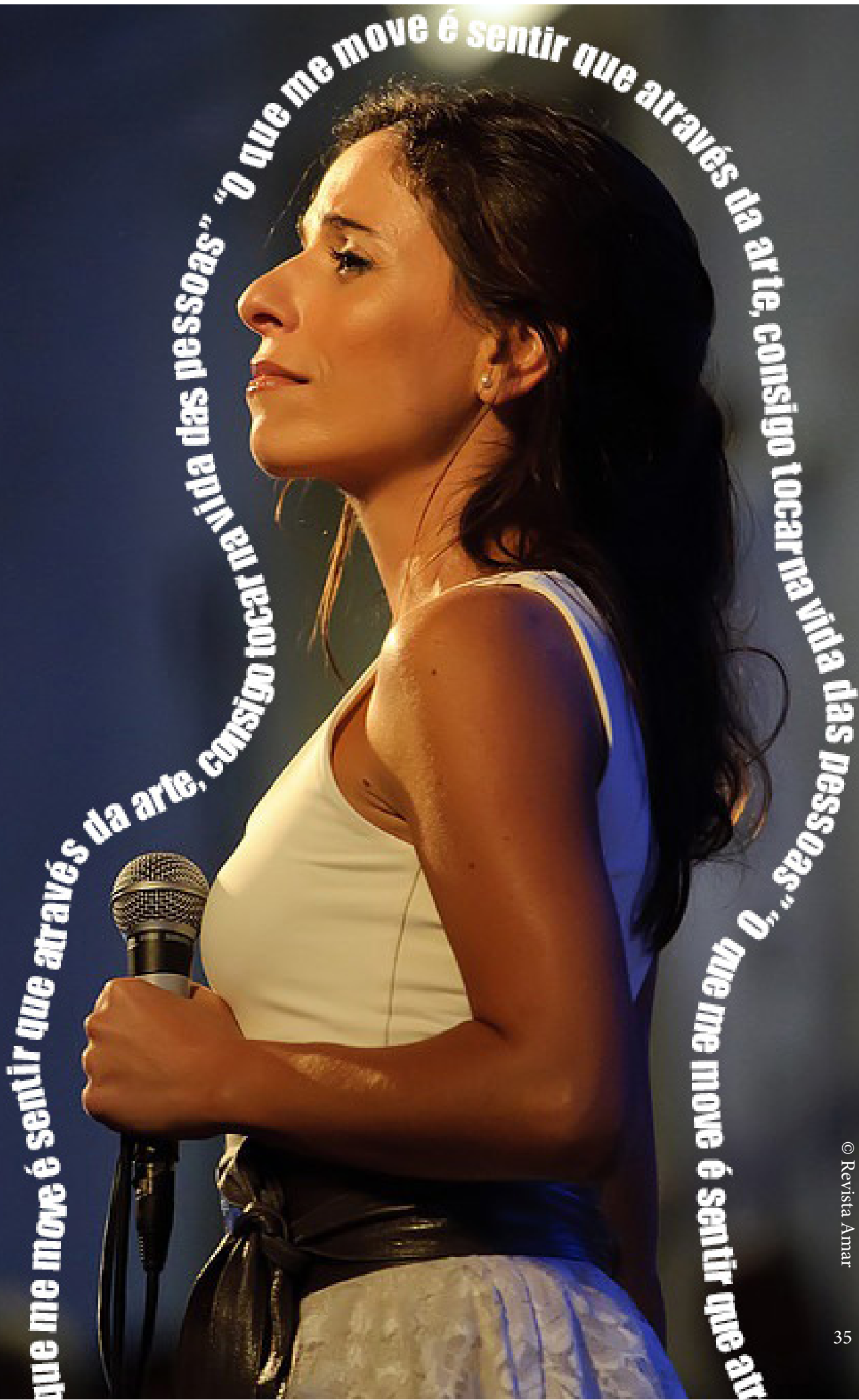
e, a partir desse momento, atirou-se de cabeça ao mundo das artes. Cresceu em Almada, na Cova da Piedade, desde cedo percebeu que o palco seria o seu lugar “Nasci e cresci neste concelho, no distrito de Setúbal, onde ainda vivo”. Recorda com um sorriso no rosto as memórias muito boas de Tróia, “quando era adolescente, fui lá e fiquei fascinada com aquela praia”. Entre palcos e musicais, construiu uma carreira sólida com papéis de destaque em peças como “My Fair Lady, A Música no Coração, A Canção de Lisboa e Amália”, “Aprendi que é essencial ter os pés assentes na terra hoje podemos ter sucesso, amanhã talvez não.” Apesar de o palco ser o seu local de trabalho, é também um espaço para histórias inesperadas e momentos improvisados, “Já me aconteceu partir um salto em pleno espetáculo e ter de continuar como se nada tivesse acontecido”, [ri-se]. Foi com esta humildade que afirmou que o segredo para a vida está no

respeito que temos uns pelos outros, “Sempre foi muito importante respeitarmos a diferença, somos todos diferentes, mas, no fundo, todos queremos o mesmo, ser respeitados e amados.” Apesar de o dom artístico ter nascido com Anabela, as suas inspirações vinham de casa, o avô materno, Matias, era apaixonado pelo fado e gostava de cantar e escrever quadras. A mãe e a tia trabalhavam no teatro como mestres de guarda-roupa, “Já vesti roupa feita pela minha mãe e pela minha tia em espe-

táculos e programas de televisão, é bom sentir que levo um bocadinho delas comigo em palco”, diz, com muito amor. A artista acredita que a cultura vai muito para além do entretenimento, “a cultura deve servir para educar, levar bem-estar e fazer as pessoas pensar.” Sente-se orgulhosa de ver o seu distrito a investir cada vez mais em projetos culturais e defende que esse é o caminho para um futuro melhor. Inspirada pelo carinho que sente

pelo filho Vicente, criou um projeto que combina música e história, com a colaboração de João Frizza e de diversos compositores, deu origem ao livro “O Meu Mundo Bom”, esta obra celebra a infância, a imaginação e, principalmente, a importância de sonhar, “Depois percebi que não queria apenas um disco, mas sim contar uma história com um fio condutor”. Este ano celebra 40 anos de carreira e prepara um novo álbum e um concerto especial de comemoração. Entre recordações, projetos e sonhos, mantém o brilho no olhar, deixando um desejo para o futuro do seu distrito: “daqui a 100 anos, gostava que Setúbal fosse lembrado como um distrito sem pobreza, com pessoas felizes e iguais em oportunidades”. O seu percurso conta uma história de amor pela música, pelo teatro e por aqueles à sua volta. Cada projeto, espetáculo e canção não contam só o seu trajeto, mas também a alegria que toca a todos que cruzam o seu caminho.

A arte de cuidar através da música

A woman with long dark hair, wearing a white tank top and a blue skirt, is shown in profile from the waist up. She is holding a silver microphone in her right hand and looking upwards and to the left. The background is dark with a blue light source on the right. A quote is written in white, curved text around her.

que me move é sentir que através da arte, consigo tocar na vida das pessoas” “O que me move é sentir que através da arte, consigo tocar na vida das pessoas” “O que me move é sentir que através da arte, consigo tocar na vida das pessoas”

A cientista que colocou a inovação portuguesa no mapa



Plantaram uma árvore com o meu nome numa floresta (Chile) em homenagem ao navegador Fernão de Magalhães. É um prémio diferente, que me emocionou muito". A voz de Elvira Fortunato ganha brilho quando conta esta história. Não é apenas uma homenagem, é o símbolo de uma vida de descoberta. Tal como o navegador português abriu caminho entre oceanos, também ela traçou novas rotas no território da ciência. Hoje, é uma das figuras que mais tem contribuído para projetar o nome do distrito, em Portugal e no mundo. O seu caminho não começou com fórmulas nem com microscópios: "eu nunca quis ser cientista... queria ser engenheira, fazer coisas, arranjar soluções, pôr o meu trabalho ao serviço da humanidade." Foi no contexto laboratorial, ainda durante o curso na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que descobriu a paixão pela investigação. A curiosidade e o trabalho com os jovens tornaram-se o seu motor permanente. "Quanto mais sabemos, mais sabemos que não sabemos": esta frase, que repete com um sorriso de orelha a orelha, parece resumir-lhe o espírito. O interesse é tanto o ponto de partida como o destino; é isso que a faz continuar a aprender, a criar, a inspirar. A cientista de Almada é conhecida por ser a pioneira na criação do transístor de papel, uma invenção com que cruzou sustentabilidade, tecnologia e projetou o país no panorama internacional. Este feito


“Quanto mais sabemos, mais sabemos que não sabemos”

valeu-lhe distinções como o Prémio Pessoa, que descreve como “um reconhecimento que ultrapassa o individual e valoriza a ciência feita em Portugal”. em Portugal”. Ainda assim, a grandeza de Elvira Fortunato não se expressa apenas através dos prémios que ganhou, mas também em projetos que impulsionou para o seu distrito, como o Nanomat, associação que une universidades e municípios da Margem sul, de modo a criar pontes entre a investigação e a indústria. A cientista acredita que o futuro do distrito depende dessa cooperação: -"Não podemos estar separados. As regiões precisam das universidades, as universidades precisam das regiões". A maneira como se refere acerca de Setúbal transmite esperança, pois sente que existe um ecossistema com enorme potencial que apenas precisa de ser alimentado: -"Só aqui neste campus nós temos mais de 8000 alunos, 1000 professores e investigadores... Isto é uma forma de atrair talento e desenvolvimento para a região." No laboratório é exigente, no discurso, inspiradora. "Os meus alunos só passam por esta porta com soluções," diz, entre risos. A exigência e a criatividade convivem lado a lado, como duas faces do mesmo gesto: transformar conhecimento em impacto. Quando fala de Setúbal, agora a celebrar 100 anos, o tom altera-se, é de pertença e de expectativa. "É o meu distrito, tenho muito orgulho. E acredito que com o novo programa europeu, esta região vai ser reconhecida pela alta tecnologia e pelas empresas de ponta que aqui se vão instalar". No final, volta à curiosidade; o ponto de partida de tudo. "Eu estou sempre a descobrir que não sei aquilo que quero saber". E talvez seja por isso que continua. Para Elvira Fortunato, a ciência é um caminho que nunca termina, feito de perguntas, descobertas e futuro.

Francisco Cavaco e Jorge Ferraz

Integrar-se aqui, sem apagar o que ficou lá

“A partir do momento em que tu emigras, tu já não estás em casa em lado nenhum”



A frase de Iryna Nesterovych causa mais impacto quando me recebe à porta da sua casa, na Costa de Caparica, com uma chávena de café quente e bolachas caseiras. O espaço é acolhedor, simples e luminoso, um reflexo da mulher que ali vive há mais de duas décadas. E embora já tenha passado mais anos em Portugal do que na Ucrânia, a mesma admite que nunca sentiu verdadeiramente que este lugar fosse o seu lar. Curiosamente, durante a nossa conversa, faz-me sentir exatamente isso em casa, à vontade, num ambiente tranquilo e genuíno. Entre memórias da terra onde nasceu, as dificuldades dos primeiros anos em Portugal e o peso da guerra que continua a acompanhar à distância, re-

A diferença entre lar e casa

vela o que significa viver entre dois países, duas línguas e duas identidades que nem sempre se encaixam. Apesar de nunca sentir que pertence totalmente a nenhuma das duas nações, é da Ucrânia que lhe vêm as memórias mais profundas. “Tudo é marcante. A família, a natureza, a comida, os amigos”. Fala da simplicidade do quotidiano como quem olha para algo que está longe, mas nunca deixou de existir dentro dela. “O que eu sinto mais falta é de sentir em casa, ainda não encontrei esse sítio”. A vinda para Portugal não foi muito planeada, veio quando conheceu o seu marido e acabou por se instalar na Caparica. Tinha 25 anos, marcada com um misto de entusiasmo e desorientação, porém, os primeiros tempos foram solitários e aborrecidos. Frequentou um curso de português e passava horas a caminhar na própria Costa. “Aprendi português com Morangos com Açúcar”, que a ajudaram a decifrar expressões básicas. Mas o maior choque deu-se quando começou a procurar emprego. “Havia muito preconceito com pessoas de Leste. Esperavam que fôssemos para trabalhos de limpeza. Começas sempre no menos um”. Com o tempo, encontrou no mercado de trabalho não apenas um lugar de ofício, mas também um ponto de estabilidade, onde acabou por concretizar um percurso de duas décadas. Há momentos em que se sente parte deste país, especialmente quando ouve estrangeiros criticarem Portugal, “Passo-me como se fosse portuguesa”. Noutras vezes, sente o peso do sotaque, “Quando acham que sou inglesa tratam-me de uma maneira; quando falo português com sotaque de Leste muda tudo”. A cultura portuguesa surpreendeu-a em muitos aspetos: O papel central da família, o afeto

pelos mais velhos, a comida, as tradições e o humor peculiar. Riu-se quando descobriu o “bacalhau com todos” e os nomes poéticos dos cemitérios. No distrito de Setúbal, viu mudanças significativas: mais infraestruturas, mais organização, mas também um potencial ainda por explorar, sobretudo na Costa de Caparica. Da Ucrânia, mantém tradições que resistem ao tempo: celebra o Natal e a Páscoa segundo o calendário ortodoxo. É nas filhas e na vida que aqui construíram, que encontra parte da razão para ficar. “A guerra tira-te tudo: direitos, liberdade, o direito a ter medo”. Ao contrário dos emigrantes, diz que os refugiados não escolhem partir, “São forçados a fugir com uma mala. Vê vantagens para as filhas por estarem na União Europeia, mas reconhece que, para si, teria tido melhores oportunidades na Ucrânia.

Sofia Marques



“DEVEMOS SEMPRE GUARDAR AS NOSSAS ORIGENS”



De São Tomé para a Margem Sul

Portugal tem sido, para milhares de imigrantes, um novo começo. Alguns chegam em busca de estabilidade, outros para reencontrar a família. Há também quem cresça entre dois mundos, aprendendo a pertencer a ambos. Este é o caso da jovem Jilssara do Espírito Santo Sousa Pontes, de 18 anos, natural de São Tomé e Príncipe, que vive em Almada desde os nove. “Almada é a minha segunda casa”, afirma. Traz guardadas na memória as imagens da casa da avó, o caminho para a escola e o sorriso constante da mãe à porta, sempre com um mimo na mão, “lembro-me de ir para a escola e, na volta, a minha mãe comprava pipocas ou gelados”. Cresceu entre amigos, família e o ambiente tropical. “Tenho muitas memórias boas da minha infância”, recorda com nostalgia. Quando chegou a Portugal, tudo era novo: a escola, a língua, os costumes. Ainda vive na mesma casa que os pais compraram há anos, mas o processo de adaptação

não foi simples, “no início gozavam comigo por causa do meu sotaque”, confessa. Hoje, reconhece que o apoio escolar foi essencial para a integração. “As aulas de PLNM [Português Língua Não Materna] ajudam muito quem vem de fora a escrever e a falar melhor”. Além da escola, Jilssara Pontes diz que o facto de os pais sempre a incentivarem a falar um português correto foi fundamental para ganhar segurança, “estava com os meus pais, e eles sempre me ensinaram tudo o que devia fazer e como me comportar”. Agora, sente-se parte da sua localidade, o bairro, as pessoas e a rotina fizeram dela alguém também daqui. “Por mais que pense em mudar de país, Portugal é a minha segunda casa”. Entre todos os espaços da região que hoje fazem parte da sua história, o Parque da Paz tem um lugar especial. Ali esconde memórias de família e tardes de conversa, “é ótimo para ver o pôr-do-sol, passei lá muito tempo com os meus pais e amigos



Nas suas palavras, aquele parque representa tranquilidade. A fé também foi porto seguro. Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Almada, encontrou apoio emocional e social, que lhe deu coragem para se abrir ao mundo. “Tenho mais amizades na igreja do que na escola”, admite. Foi ali que descobriu um sentimento de comunidade. Os pais apreciam o lugar onde vivem, a proximidade de tudo, a ligação aos transportes, a sensação de segurança. Há pequenos defeitos, sim, como o barulho das motas que passam em alta velocidade, mas a entrevistada encara com naturalidade o que já faz parte da rotina. É normal. Tirando isso, funciona tudo muito bem”, refere. Para o futuro, acredita que Almada beneficiaria com mais espaços de lazer gratuitos para os jovens, especialmente atividades desportivas que incentivem a estar mais tempo longe dos ecrãs. “Recomendo visitar as bibliotecas de Almada,

t é m
muitos
livros,
o teatro
Joaquim
Benite tam-
bém é mui-
to bom, já lá
fui com a esco-
la”. O futuro desta
jovem está traçado
com ambição: sonha
estudar Medicina Dentária
e construir uma carreira que lhe

permita retribuir o que recebeu. Quer continuar a crescer aqui, onde encontrou oportunidades e segurança, mas admite que o coração continua a viajar entre dois pontos do mapa. Acredita que trabalhar em Lisboa será o caminho mais provável, mas não esconde que adoraria retribuir à comunidade que a viu crescer, caso surgisse uma oportunidade em Almada”. Normalmente há mais vagas em Lisboa mas, se surgisse uma oportunidade aqui, ficaria feliz por trabalhar em Almada”. Esta é a história de uma jovem que aprendeu a viver entre dois continentes. Pessoas como Jilssara, apesar de nova e vinda de fora, trazem novas perspetivas e energias que enriquecem a comunidade onde vivem. Num país onde tantas vezes se discute imigração sem conhecer quem migra, Jilssara do Espírito Santo Sousa Pontes lembra-nos o essencial: “Devemos sempre guardar as nossas origens”

Maura Quaresma



O homem que pôs Almada em cena

Um encenador que mudou o rosto do teatro

Quando se fala de Almada e do seu impulsionador cultural, é impossível não pensar em Joaquim Benite. Jornalista de formação e homem de teatro por paixão, foi ele quem plantou as raízes do movimento teatral que ainda hoje dá vida à cidade. A sua visão ultrapassou o palco. Quis democratizar a cultura, levá-la a quem nunca tinha contactado com ela e mostrar que o teatro podia ser uma fábrica de sonhos — “ele dizia que tinha uma fábrica de fantasias”, recorda Teresa Gafeira, a mulher que o acompanhou durante mais de três décadas. Teresa, atriz e cofundadora da Companhia de Teatro de Almada, fala dele com uma lucidez serena, própria de quem partilhou uma vida inteira entre palcos, textos e ensaios. “O Joaquim era um homem extraordinariamente inteligente. Podia ter todos os defeitos do mundo, mas ninguém lhe tirava a inteligência”. Foram 36 anos de partilha, de construção e de luta cultural.

Juntos, fundaram o grupo de teatro amador do Campolide Atlético Clube, que, em 1977, se tornou companhia profissional e atravessou o Tejo para fixar raízes em Almada. “Viemos para uma terra completamente diferente do que é hoje. Não havia nada, nem teatro, nem cultura organizada. O Joaquim acreditou que podia mudar isso (...) e mudou”. Essa mudança materializou-se em dois espaços simbólicos: o Teatro-Estúdio António Assunção e o Teatro Municipal Joaquim Benite. Mas também num projeto maior — o Festival de Teatro de Almada, que continua a ser, décadas depois, o mais importante do país. “Ele criou-o do nada”, lembra Teresa. “Quis mostrar às pessoas o melhor teatro do mundo, para que o nosso público aprendesse a pensar”. E pensar era, de facto, o verbo que melhor o definia. “O teatro dele era um desafio ao pensamento”, explica Teresa. “Não era apenas diversão (...) era um convite a refletir sobre o mundo”.

“O teatro é um sinal de civilização que está na origem da sociedade”



©Esquerda.net

Joaquim Benite

Desprovido de medo e de inveja, enfrentou ministros e secretários de Estado com a mesma frontalidade com que discutia ideias com os colegas. Chamou a uma ministra “terrorista cultural” e não se arrependeu. “Ninguém o fazia calar”, diz Teresa, rindo-se da lembrança. “Ele acreditava que, para mudar as coisas, era preciso falar. E ele falava (...) sempre”. Benite foi também um pedagogo e um líder raro. No seio da companhia, todas as decisões eram discutidas coletivamente. Trabalhava-se das dez da manhã às três da madrugada, movidos por um rigor e uma paixão quase sagrada. “Nenhum ator dizia uma palavra ou fazia um gesto sem saber porquê. Isso era impensável para ele”, conta Teresa. O respeito, porém, estendia-se a todos — do ator principal à funcionária da bilheteira.

“Ele explicava que o espectador era um convidado do teatro e devia ser recebido como alguém que entra em nossa casa”. Morreu a trabalhar, como viveu. Deixou um legado estruturado e vivo, que sobrevive treze anos depois da sua morte. “Ele soube preparar o futuro”, diz Teresa com orgulho. “Hoje a companhia mantém-se de pé porque ele pensou em tudo”. Quando lhe pergunto do que mais sente falta, a resposta sai sem hesitar: “Da inteligência. O homem era brilhante”. Joaquim Benite foi, nas palavras de Teresa, “um fazedor de teatro”. Um homem que transformou a margem sul num centro de criação, que fez do palco um espaço de pensamento e da cultura um direito de todos. Em Almada, o eco do seu trabalho continua a ouvir-se entre as luzes, as vozes e os aplausos que ele tanto soube fazer nascer. O seu nome permanece ligado à cidade, não apenas no teatro que leva a sua assinatura, mas na inspiração que deixou em todos os que acreditam que a arte pode mudar o mundo. Foi isso que Benite provou: que o teatro, quando é verdadeiro, nunca sai de cena.

Gonçalo Domingues

“Foi em Sesimbra que começou a
minha *paixão* pelo mar”

POR ONDAS E HISTÓRIAS

UM OCEANO DE NARRATIVAS

Há quem diga que o mar tem voz própria. Para o fotógrafo Luís Quinta, essa ecoa desde os 14 anos, quando mergulhou nas águas de Sesimbra, em apneia “Foi em Sesimbra que comecei a minha paixão pelo mar”, recorda com um leve sorriso. Nesse momento, o mar tornou-se a sua segunda casa e o principal cenário de uma carreira que já soma 35 anos de histórias contadas por fotografias. Colaborador regular da National Geographic e autor de documentários como O Mar da Minha Terra e Almada entre o Rio e o Mar, Luís Quinta leva-nos numa viagem pelo “Mar fantástico” do distrito de Setúbal, desde tubarões e baleias, até ao que não vemos “É uma das gasolinas que eu tenho para me alimentar aqui a criatividade, é ir procurar o invisível”, confessa. Ao iniciar a sua carreira, mergulhou de cabeça, e “medo” é uma palavra que desconhece “Quando eu cheguei à fotografia já tinha um grande conhecimento do mar, dos animais marinhos”. Apesar de toda a confiança e conhecimento prévio, o mar ensinou-lhe a necessidade de organização e disciplina, qualidades que leva consigo até hoje. “Quando vou ao mar, eu estou ali a 5 milhas da costa, se vejo que me esqueci de umas pilhas, não tenho solução”. Nos seus projetos conta bastante com a parte técnica, mas afirma que a estética e a ciência são fatores imprescindíveis para um bom resultado: “Primeiro é ver, desfrutar, segundo retratar cientificamente a coisa e terceiro, captar imagens bonitas”. Este equilíbrio consciente faz das suas imagens narrativas visuais, que não se limitam apenas por “descrever a imagem, tens é de contar a história” [diz assertivamente]. E histórias é algo que não lhe falta. De Almada a Setúbal, dentro ou fora de Portugal, Luís Quinta

inspira todos com quem fala sobre o universo marinho. No entanto, e como nem tudo é um mar de rosas, o naturalista também partilha histórias que nem sempre correm conforme o esperado: “Ando há 2 ou 3 anos a tentar filmar espadartes (...) ainda não consegui o plano que quero na água”. A sua missão é clara: sensibilizar as pessoas sobre o seu património local “A imagem pode ajudar a honrar o património que as pessoas têm ao pé delas e sentirem orgulho disso”. Mas, apesar dos diversos projetos que realiza por todo o país, casa sempre será casa. Entre os sorrisos e expressões, é notável a paixão que Luís Quinta sente sobre Almada, a sua Terra Natal. “Almada, felizmente, foi uma Câmara que sempre me apadrinou muito, [leva as mãos ao peito] em muito trabalho, em muitos projetos”..Almada honra o fotógrafo, chegando a elaborar o livro Luís Quinta, 25 anos a fotografar. Apesar do seu grande impacto, reconhece que ainda existe um longo caminho pela frente. O seu olhar continua voltado para o horizonte, para as histórias que o mar ainda guarda. Hoje, partilha aventuras com o filho, que o acompanha desde muito novo: “Ele é o meu companheiro de mar”, afirma com orgulho, “é o mesmo território, a mesma paixão”. Com o passar dos anos a sabedoria aumenta, “Já não tenho 20 anos para andar ali no mar um mês seguido, (...) mas a minha capacidade de contar histórias tem melhorado” [sorri]. No fim, são as histórias, a entrega à natureza e o objetivo de inspirar as comunidades, que o tornam um exemplo a seguir. “Se as pessoas se sentirem inspiradas e acarinharem o mundo natural já é muito bom.”, afirma com um sorriso sincero no rosto. Luís Quinta continua a provar que o mar, de facto, tem voz, e esta tem muito para contar.



*O recanto
ensolarado*



“Praia, sol, calma”

Memórias do mesmo lugar

No pátio iluminado pelo sol da casa de Margarida Levezinho, lembramos o seu passado, passado sempre no mesmo sítio. É na Sobreda, uma zona descrita como “sempre muito calma”, que recordamos uma vida simples num local sossegado. Tem 78 anos e viveu-os sempre no mesmo sítio. Ao pensar na infância, fala de uma educação mais controlada: “Em pequena os meus pais eram muito conservadores, eu só podia brincar se a minha mãe estivesse a ver”. Mesmo assim, brincava com os amigos nos pátios, com a mãe à janela. “Jogávamos ao elástico, ao peão, os rapazes, à carica, à apanhada, às escondidas, fazíamos rodas”, lembra, com nostalgia. Era uma altura em que “não havia internet, não havia telemóveis, televisão” e em que as crianças passavam mais tempo ao ar livre, mesmo que com supervisão. Durante a adolescência, a praia passou a ter um papel principal, sobretudo a Costa da Caparica, “a minha praia de eleição”. “Era um areal que é difícil de transportar para os dias de hoje”, “a cor da areia era diferente, o mar era diferente”. Ao longo da sua vida profissional, passou por diferentes áreas. Inicialmente dedicou-se à costura, influenciada pela mãe, numa altura em que “usava-se muito ir às modistas”, mas, mais tarde, acabou por trabalhar numa mediadora de seguros, onde ficou até aos 60 anos. Depois disso, decidiu abrir uma pequena mercearia na zona onde vive, “tipo um super-mercadozinho pequeno”, respondendo à necessidade local e criando uma relação próxima com os vizinhos, que ali encontram produtos do dia a dia. “É uma coisa pequena, mas vai dando pelo menos para as pessoas que moram ali e que normalmente vão ao supermercado com as suas listas, mas depois há sempre qualquer coisa que falta,

e está ali a mercearia da Margarida”. Para além da Sobreda, destaca também a importância de Almada no seu quotidiano, referindo espaços como o Parque da Paz e o Almada Fórum, que considera central na zona, afirmando mesmo que “Já fui a outros centros comerciais, mas, para mim, se calhar sinto que é o meu porque moro na Margem Sul, portanto não vou dizer que os de Lisboa são melhores. Para mim é o Almada Fórum que é melhor”. Ao longo da entrevista, sublinha também especialmente o desenvolvimento da região e a forma como se tornou mais dinâmica. Sobre o distrito de Setúbal celebrar 100 anos, considera que é um momento importante, especialmente devido ao crescimento da região e à diversidade da população, mas tudo isto mantendo a sua atmosfera acolhedora. “Parece que as pessoas quando vêm para cá sentem que são bem acolhidas”. Ainda assim, aponta algumas questões que gostaria de ver melhoradas, nomeadamente em relação à saúde e à habitação, referindo que “a juventude vai ter muitos problemas a nível da habitação”. Mas estas dificuldades não são recentes: “Eu já conheço esse problema há tantos anos e ele ainda não foi resolvido”. Entre os momentos que mais a marcaram, destaca a Revolução de 25 de Abril, recordando-a como uma mudança significativa, associada à liberdade. “É realmente muito triste nós não podermos falar, e muitas vezes vivíamos na completa ignorância do que se passava”, “mas foi assim uma liberdade que veio, foi um ar fresco”, recorda, com um brilho nos olhos. Atualmente, afirma sentir-se bem no local onde vive, considerando que “se desenvolveu bastante” e que não sente falta de algo em particular. Quando questionada no que distingue o seu concelho em palavras simples, resume-o no que mais adora: “praia, sol, calma”.

Beatriz Figueiredo

“A voz que Almada não tinha”

O jornal que nasceu do zero

“Apaixonei-me por Almada sem estar à espera”. Tal como muitas das histórias que marcaram o distrito de Setúbal ao longo do último século, também começa num acaso. Maria João Morais não nasceu em Almada, não cresceu no distrito e não tinha qualquer ligação ao concelho. A sua vida profissional tinha passado pelo Público, por várias revistas, e por dez anos em Espanha como correspondente internacional. Trazia consigo uma carreira consolidada e uma visão do mundo construída longe da margem sul. “Não conhecia muito bem a cidade, mas encontrei aqui uma casa que me agradou e acabei por ficar. Apaixonei-me por Almada. Foi mesmo



“Quero um jornal que continue a ser uma voz útil”

uma escolha natural”, recorda. Com o tempo, percebeu um problema evidente: um concelho com quase 180 mil habitantes, mas sem um jornal regional. Faltava-lhe saber o que acontecia à sua volta e esse vazio tornou-se impossível de ignorar. Foi então que decidiu criar uma resposta, percebeu que podia contribuir para a comunidade. “O Almadense nasceu porque havia um vazio informativo. As pessoas querem saber o que acontece na rua onde vivem, não só o que se passa na Ucrânia ou nos Estados Unidos”. O arranque coincidiu com o início da pandemia, o que tornou tudo mais difícil. Maria João começou sozinha e, mesmo passados quase seis anos, a equipa continua reduzida. Conta que “é muito pequenina”. É a única a tempo inteiro. “Depois tenho um ou dois colaboradores, às vezes estagiários. Eu trato do site, edito os textos, acompanho os temas, faço reportagem”. A carga é pesada e não esconde isso. “Temos uma lista enorme de temas pendentes, mas tentamos sempre fazer reportagens que mais ninguém está a fazer”. É aqui que se revela a dimensão do seu papel no distrito: a determinação em contar as histórias que não aparecem nos jornais nacionais. Dar voz a quem raramente a tem. Colocar no mapa temas que, sem o Almadense, permaneceriam invisíveis. “Damos sempre prioridade ao que não tem cobertura”. Em 2021, o jornal foi distinguido com menção honrosa no prémio Os Direitos da Criança e m Notícia, com o trabalho “No Segundo Torrão há uma ‘Fábrica’ especial

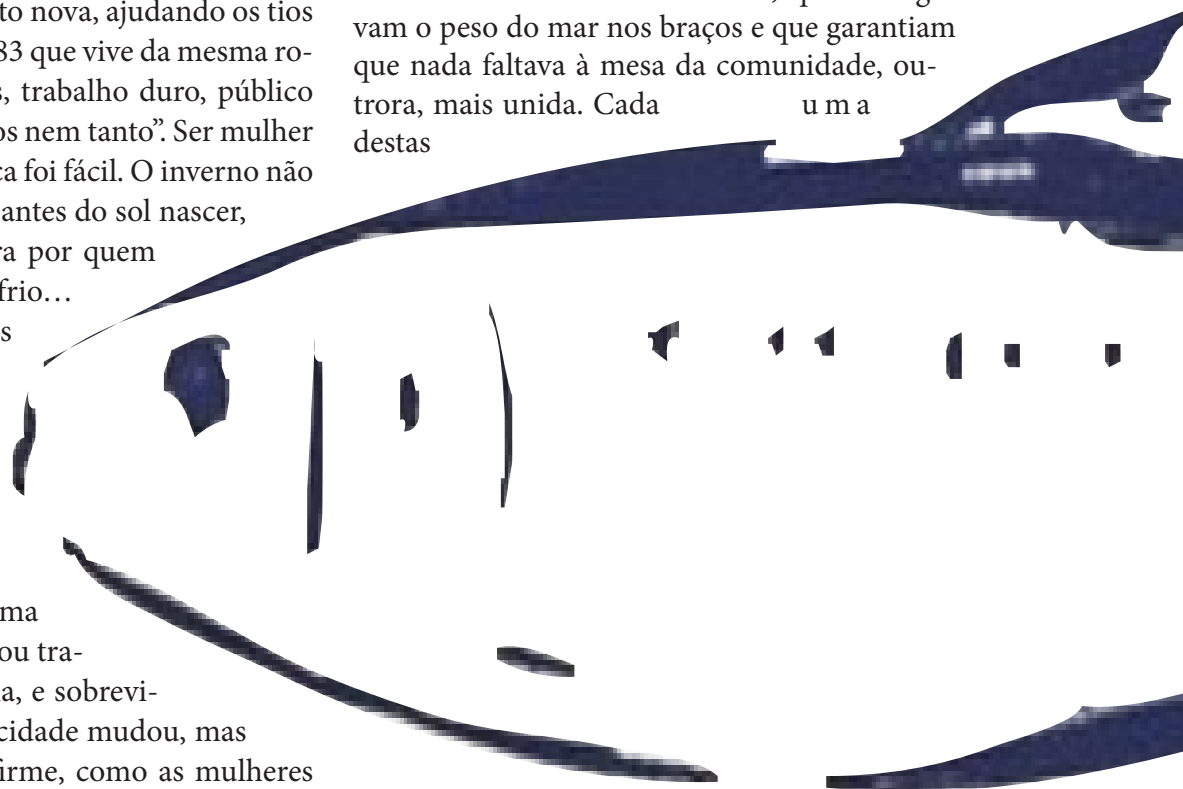
que sonha reabrir”. A diretora revela que sente-se realizada com o que faz e que “é muito gratificante perceber o impacto direto do nosso trabalho”. Sobre os desafios, destaca sobretudo a dificuldade em captar recursos. Mas garante que o interesse das pessoas e o feedback dos leitores lhe dão força para continuar. Discreta nos meios digitais, Maria João Morais não tem uma presença pública expansiva. Ao procurar o seu nome na internet, pouco se encontra sobre a sua vida pessoal, um estilo que reforça a ideia de dedicação, onde o que importa são as vozes que representa e os temas que traz à luz, mais do que o protagonismo individual. Neste centenário do distrito de Setúbal, torna-se justo inverter essa lógica: dar-lhe o protagonismo que sempre evitou, imortalizando o seu contributo essencial para Almada e para toda a comunidade. Ao ser questionada sobre o legado que pretende deixar, afirma que é muito cedo para isso. Ainda assim, sabe bem aquilo que deseja para a cidade: “Quero um jornal que continue a ser uma voz útil, que crie comunidade e que não estigmatize zonas ou pessoas, é isso que tentamos fazer”. Porque, afinal, Maria João Morais é mesmo “a voz que Almada não tinha” a força silenciosa por trás do jornal que nasceu do zero e mudou o resto da cidade. Como a mesma diz: “Sinto-me em casa em Almada. Já me sinto almadense e isso faz todo o sentido para quem dirige o Almadense”.

Maura Quaresma

Entre o sal, o frio das madrugadas e a dignidade de um ofício que resiste ao tempo, Maria João guarda na Costa da Caparica mais do que memórias, guarda a história de um lugar a que chama de “casa”. Há profissões que moldam uma vida inteira. Há vidas que, pela sua simplicidade e verdade, contam mais do que qualquer monumento. Maria João tem 60 anos e nasceu na Costa da Caparica, “na primeira rua da Costa”, repete, com orgulho, como quem diz a alguém de fora: eu pertença a este lugar desde sempre. Neta de pescadores, filha de peixeira, cresceu entre caixas de gelo, mãos frias e a atrapalhação da lota. Começou a trabalhar com o peixe ainda muito nova, ajudando os tios na peixaria, e desde 1983 que vive da mesma rotina; madrugadas frias, trabalho duro, público difícil, “uns bons, outros nem tanto”. Ser mulher num ofício destes nunca foi fácil. O inverno não perdoa quem trabalha antes do sol nascer, e o pescado não espera por quem chega tarde. “É muito frio...

as mãos no gelo logo às seis e meia da manhã”, diz. Uma frase curta que resume décadas de sacrifício, força e persistência, qualidades de uma geração que transformou trabalho em sobrevivência, e sobrevivência em orgulho. A cidade mudou, mas Maria João continua firme, como as mulheres de antigamente que seguravam a terra quando os homens iam ao mar. Hoje, há menos lojas, menos vizinhos, mais estrangeiros que podem comprar o que os locais já não conseguem, “antes éramos mais unidos”, confessa tristemente. Admite que o famoso mercado da Costa merecia uma renovação, a famosa Rua dos Pescadores merecia mais vida, menos “monhés”, como refere a própria, e espaços públicos que chamassem gente. Apesar das críticas, esta é e será sempre a sua casa, “nem gosto de ouvir falar mal da Costa”. Não o diz com irritação mas com amor, enquanto passa lentamente os seus dedos numa dourada. A praia a dois passos, o cheiro a mar,

característico da zona, que a acompanha desde criança e o orgulho de ver o filho jogar pela equipa da Costa da Caparica, os “Pescadores”, contra o Sporting Clube de Portugal, são histórias que conta emocionada. Aqui viveu a infância, aqui cresceu, aqui trabalhou, aqui criou vida, e aqui planeia ficar: “Só saio se o mar chegar à rocha”. E talvez seja por isso que a sua história merece ser contada; não pelas grandes façanhas, mas pela resistência silenciosa de quem sustentou, geração após geração, a verdadeira alma da freguesia. As peixeiras de todo o distrito, como Maria João, foram durante décadas o centro pulsante deste lugar: mulheres que acordavam antes do amanhecer, que carregavam o peso do mar nos braços e que garantiam que nada faltava à mesa da comunidade, outrora, mais unida. Cada uma destas

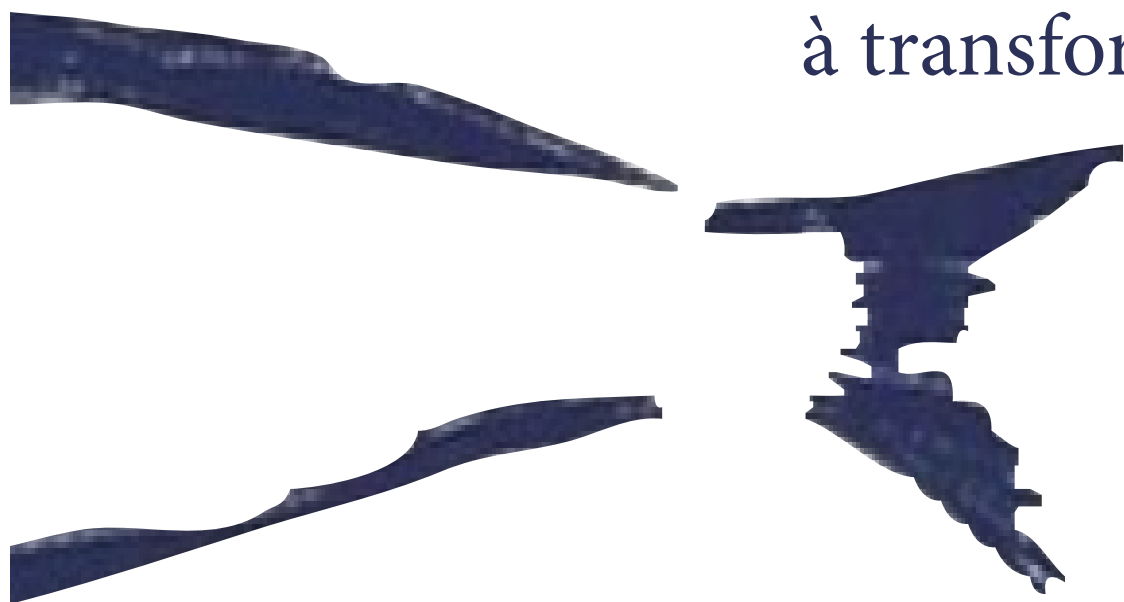


vozes é um pedaço de história, um testemunho vivo da dureza e da beleza de um ofício que moldou a identidade local. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, histórias como esta, lembram-nos que o território não é feito apenas de datas e discursos; é feito de pessoas que seguraram tradições. E se há algo que distingue a Caparica de todos os outros lugares, esta responde sem hesitar: “É a praia”. Mas há algo mais, mesmo que não o diga em voz alta, é esta gente que nasceu com os pés na areia e o coração no mar. A Costa não é para quem fala. A Costa é para quem fica.

Francisco Cavaco

Mãos de gelo, Coração de Costa

A mulher que cresceu e resistiu
à transformação



“É muito frio... as mãos no gelo
logo às seis e meia da manhã”

UM HOMEM DO MAR

“O peixe não tem relógio, o relógio do peixe é a Natureza”

Sentado num banco improvisado, feito de uma celha cheia de corda, na barraca dos pescadores na Costa da Caparica, está o “Mestre” Mário Soares, como é chamado. Veste uma camisola aos quadrados que é tão familiar em terras piscatórias e apresenta um sorriso contagiante. “Aos 8 anos comecei a andar ao mar”, diz com naturalidade, como quem fala de algo tão normal como entrar na escola nos dias de hoje. Foi na maternidade, quase como obra do destino, onde se iniciou esta história de amor com a sua terra: “Sou o terceiro bebé a nascer na antiga maternidade da Casa dos Pescadores”. Ao longo da entrevista, recorda diferentes trabalhos, todos com um elemento em comum: o Mar. Foi entre redes e barcos que passou a sua infância, porém, foi também nadador-salvador, onde ganhou uns “trocós” e ajudou a traçar o retrato de um homem que tem uma vida dedicada ao mar. Quando questionado sobre a atual realidade da pesca, mostra um sentimento de revolta com as restrições impostas pelas autoridades, que limitam cada vez mais o espaço e o horário em que os pescadores podem trabalhar. Restrições estas que nascem de um difícil equilíbrio entre os desportos praticados no mar e as pescas artesanais, como a Arte Xávega. É com uma frase provocadora que defende o seu ponto “O peixe não tem relógio, o relógio do peixe é a natureza”. Faz-nos assim, sentir a grande distância que existe entre quem toma as decisões e quem depende da pesca para viver.

Apesar das críticas, olha para a sua terra com grande orgulho e reconhece o valor de todas as comunidades piscatórias do distrito. E refere que existe uma grande riqueza em toda a área marítima do distrito, em localidades como Sesimbra e Setúbal, terras de pescadores, marcadas por gerações de homens do mar cujo único sustento era o peixe que pescavam. Um dos momentos que mais orgulhou o pescador ocorreu longe da sua casa, numa viagem a uma universidade em Granada, onde foi ensinar a fazer redes: “Consegui pôr uma rapariga, colombiana, a fazer rede...mas ela era cega”. Recorda esta história com muita emoção, explicando que foi ensinado tudo através do tato, guiando as mãos da jovem para que percebesse o movimento da agulha e a forma que a rede tinha. Em poucos dias, a aluna estava a fazer rede sozinha, algo que nunca pensou conseguir. Assim, conseguimos perceber a importância que há em transmitir estes saberes, e tantos outros que correm o risco de desaparecer. Ao falar das novas gerações, o “Mestre” não esconde a preocupação e fala com tristeza. Acredita que muitos jovens perderam o contacto com a natureza e teme que o futuro da pesca tradicional esteja condicionado pela falta de interesse dos mais novos. O testemunho do homem que começou a andar ao mar com 8 anos irá permanecer para sempre vivo na Costa da Caparica, a terra que o viu nascer, onde próprio faz parte da identidade local.

Jorge Ferraz



“Conseguí pôr uma rapariga colombiana, a fazer rede... mas ela era cega”

Almada em letras

Um escritor que fez da cidade palco e inspiração

Antes da escrita, houve o corpo. Antes dos livros, houve o ringue. Romeu Correia, nascido em Almada em 1917, iniciou o seu percurso longo das páginas literárias: foi atleta e campeão nacional de boxe amador, numa fase da vida marcada pela disciplina, pelo esforço físico e pela superação. Essa experiência inicial não desapareceu quando trocou as luvas pela escrita, escrever não era apenas criar histórias mas era dar voz às pessoas: “Escrevo para fugir à solidão. Escrevo para tentar ser amado. Escrevo para ser solidário. Sou um trabalhador que escreve histórias sobre a vida de outros trabalhadores”. Só mais tarde, o desportista inicia sua carreira literária, afirmando-se como escritor com a publicação de seu primeiro livro, *Sábado sem Sol*, uma obra onde já se regista a atenção ao quotidiano, às personagens tensas sociais e às emoções contidas. Antes de se dedicar à escrita, Romeu Correia trabalhou como cobrador de banco, uma ocupação que lhe trouxe contacto direto com o dia a

dia das pessoas e revelou histórias escondidas nos gestos mais simples. A sua formação cultural está profundamente ligada ao movimento associativo almadense, espaço essencial para a criação artística e teatral do século XX. Foi nesse contexto que Romeu Correia se afirmou como dramaturgo, escrevendo para o teatro amador, onde encontrou um público atento e uma liberdade criativa rara. As suas peças não eram apenas textos, eram experiências coletivas, feitas para serem ditas, sentidas e partilhadas. Entre as suas obras mais conhecidas destacam-se *Boneco de Luxo* e *Cais do Ginjal*, amplamente representados no teatro amador e muito bem recebidos pelo público. Nessas peças, o escritor construiu personagens intensamente humanos, presas entre a dureza das condições sociais e o desejo de dignidade. Outra obra de grande relevância

é *O Céu da Minha Rua*, peça que ganha especial destaque por ter sido praticada por Amália Rodrigues, uma das maiores figuras da cultura portuguesa. Nesta ligação a Amália reforça a importância da obra de Romeu Correia e demonstra a sua capacidade de atravessar diferentes linguagens artísticas, unindo teatro, poesia e emoção no mesmo texto. A dramaturgia reflete uma escrita sensível, marcada pela memória, pelo espaço vívido e pela ligação afetiva às ruas e às pessoas. Para além do teatro, o escritor escreveu romances, contos, crônicas e ensaios, mantendo sempre uma ligação forte à sua terra natal. Almada surge como cenário recorrente, não apenas como espaço físico, mas como lugar de vivências, encontros e histórias. A cidade é uma presença constante na sua obra, observada com lucidez, sem idealizações, mas também sem distanciamento. Apesar do reconhecimento que foi conquistando ao longo da vida, o dramaturgo manteve uma postura simples e disponível. Em

vida, afirmou: “Sou muito convidado para ser entrevistado e dar alguma coisa de mim”, mostrando

“Escrevo para ser solidário”

consciência de que escrever também é partilhar, ensinar e abrir o coração aos outros. Para o dramaturgo, escrever era uma forma de se dar aos outros e de contribuir para uma maior consciência coletiva. Romeu Correia faleceu em 1996, mas o seu legado permanece vivo. Em Almada, o seu nome continua a ser lembrado e valorizado, nomeadamente através do Prémio Literário Cidade de Almada, que incentiva novas gerações de escritores e mantém ativa a memória de um autor profundamente ligado à cidade. A trajetória do escritor demonstra que a literatura pode nascer de percursos improváveis. Do ringue ao palco, do associativismo à escrita, construiu uma obra marcada pela verdade, pela atenção ao humano e pelo compromisso com a realidade social. A sua escrita continua a lembrar que a cultura também faz de proximidade, coragem e entrega.

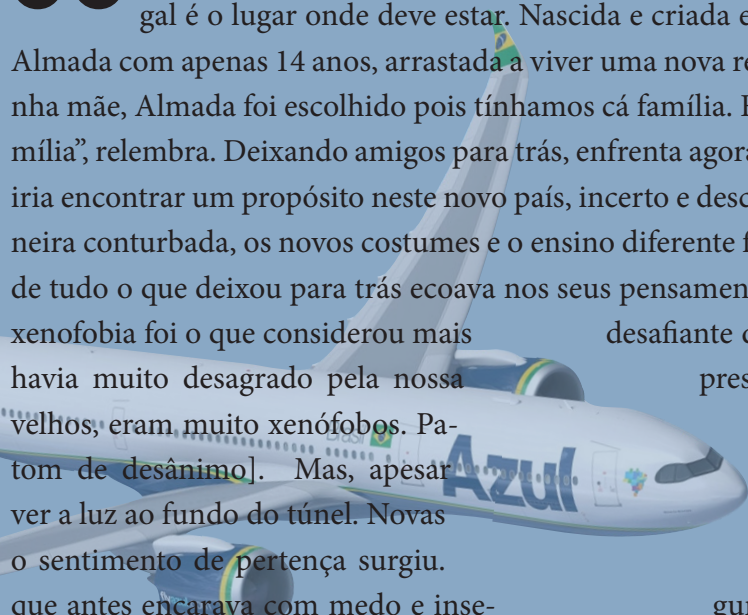
Regina Amado



Portugal, onde o coração aterrrou

De Campinas para Almada: um novo começo





“Casa não é um lugar, mas sim um sentimento” (Cecelia Ahern, traduzido de Love, Rosie). Para Patrícia Rodrigues, isto é uma vivência, e atualmente, aos 47 anos, sente que Portugal é o lugar onde deve estar. Nascida e criada em Campinas, no Brasil, mudou-se para Almada com apenas 14 anos, arrastada a viver uma nova realidade: “Na verdade acompanhei a minha mãe, Almada foi escolhido pois tínhamos cá família. Foi por isso que viemos, por causa da família”, relembra. Deixando amigos para trás, enfrenta agora um dos seus maiores desafios. Será que iria encontrar um propósito neste novo país, incerto e desconhecido? Iniciou esta nova fase de maneira conturbada, os novos costumes e o ensino diferente foram desafiantes e, por vezes, a saudade de tudo o que deixou para trás ecoava nos seus pensamentos. No entanto, de todos os impasses, a xenofobia foi o que considerou mais desafiante de encarar. “Inicialmente sentíamos que havia muito desagrado pela nossa presença, especialmente por parte dos mais velhos, eram muito xenófobos. Patom de desânimo]. Mas, apesar das contracurvas, Patrícia começou a ver a luz ao fundo do túnel. Novas amizades apareceram e, aos poucos, o sentimento de pertença surgiu. Almada era agora a sua casa. Aquilo que antes encarava com medo e insegurança começou a ser visto de outra perspectiva: “Hoje em dia vejo todos os desafios do começo como uma oportunidade, só que no início não

“Adoro Portugal e aqui é a minha casa.”


percebia isso”, tudo é melhor! Só ainda não me habituei ao frio” [brinca]. Com a família de volta ao Brasil, Patrícia enfrenta uma grande decisão, a qual mudaria todo o rumo do seu futuro. Optaria por voltar às suas raízes ou escrever o seu novo futuro? Aos 21 anos escolhe permanecer em Portugal, onde se estabiliza na casa deixada pela mãe. Inicia então uma nova etapa, agora sozinha e de forma independente. Por vezes, as lembranças da sua infância batem forte no peito, fazendo-a recordar daquilo que deixou para trás. Mas, apesar de tudo, é aqui que se sente feliz, e voltar não é de todo uma opção a considerar. “Adoro Portugal e aqui é a minha casa. Não conseguiria voltar para o Brasil, mesmo com todas as saudades que sinto”. Apesar da estabilidade em Almada, a curiosidade por uma vida calma sussurrava no seu ouvido. “Sempre quisemos ir para fora da cidade, pensamos no Alentejo, já que todos os anos costumávamos ir acampar para Melides. Mas queria manter-me no distrito”. E Setúbal fascina-a! As praias, as paisagens e a natureza são sempre os seus locais de refúgio, e disso a região tem muito para oferecer. “Gosto muito de Setúbal pelas praias, mas também admiro muito a Mata dos Medos, a Arrábida e o Cristo Rei, que me lembra um pouco do Brasil”. Ainda que a sua mudança tenha sido relativamente tardia, afirma que acompanhou “uma grande evolução do distrito e um maior cuidado na sua preservação”. Hoje, Patrícia conseguiu aquilo que procurava. Mudou-se para o interior do país, onde vive a realidade por que sempre ansiou. Mesmo com a mudança, o seu coração ficará em Almada, onde tem grandes memórias de uma vida de brincadeira e novas aventuras. Apesar de ter deixado uma parte de si na sua cidade Natal, sabe que Portugal não é apenas um lugar, mas sim um sentimento de pertença, um sentimento de casa.

Lara Rodrigues

A menina que perdeu o pai à PIDE e se tornou matriarca de uma das famílias mais marcantes do Laranjeiro

Num tempo em que Portugal vivia sob a sombra da ditadura, a história de Salomé Augusto começa em Lisboa, onde nasceu a 6 de setembro de 1931. Filha de uma família com algumas posses — o pai era supervisor de estivadores — cresceu numa casa onde nada faltava, exceto liberdade. O regime que marcava o país deixou cedo uma cicatriz profunda naquela família. Segundo relata Natalina Augusto, uma das filhas de Salomé Augusto, foi uma vizinha que, alarmada, correu à porta para avisar que os militares da PIDE estavam na rua. “A vizinha avisou que os militares da PIDE estavam na rua e foi avisar os meus avós. Ainda assim, o meu avô decidiu ir para a rua”, recorda. A decisão custou-lhe a vida: capturado e torturado pela polícia política, acabou por morrer devido aos ferimentos quando a filha tinha apenas sete anos. A morte do pai alterou o rumo daquele lar. A mãe, viúva e sem rendimentos, viu-se obrigada a trabalhar, enquanto a filha, ainda criança, começou a pedir esmola na rua e a fazer sacos de serapilheira para ajudar no sustento da casa. A infância perdeu-se ali, entre a necessidade e a sobrevivência. Aos 15 anos, quando veio viver para Almada, conheceu Fernando Augusto, com quem viria a casar. Aos 16, já era mãe da primeira filha. E a partir daí, a família cresceu — e muito. Salomé Augusto foi mãe de nove filhos, numa pequena habitação, de apenas dois quartos, onde as dificuldades financeiras eram constantes, mas onde o afeto e a determinação nunca faltaram. A vida, no entanto, voltaria a golpear a família com violência. Uma das filhas morreu aos 12 anos, vítima de problemas cardíacos. Dez meses depois, Meses depois, viu o marido sucumbir ao mesmo problema cardíaco. Sozinha, com uma casa cheia de filhos e uma neta a seu cargo, Salomé Augusto tornou-se o pilar de uma casa que se sustentava mais na sua força do que nos recursos disponíveis. Apesar das adversidades, Salomé Augusto tornou-se rapidamente uma figura maior na freguesia do Laranjeiro e até no concelho de Almada.

“ A vizinha avisou que os militares da PIDE estavam na rua e foi avisar os meus avós. Ainda assim, o meu avô decidiu ir para a rua ”



A dimensão da família Augusto, aliada à personalidade forte e resiliente de Salomé, transformou-a numa referência local, lembrada e respeitada por gerações. O seu nome atravessou ruas, vizinhanças e décadas. Além do papel de mãe e provedora, Salomé construiu um legado cultural na comunidade: foi durante muitos anos coreógrafa das Marchas Populares do Laranjeiro, quase sempre vencedoras sob a sua orientação. Criativa, exigente e carismática, tornou-se uma das figuras mais marcantes dessa tradição popular. Morreu a

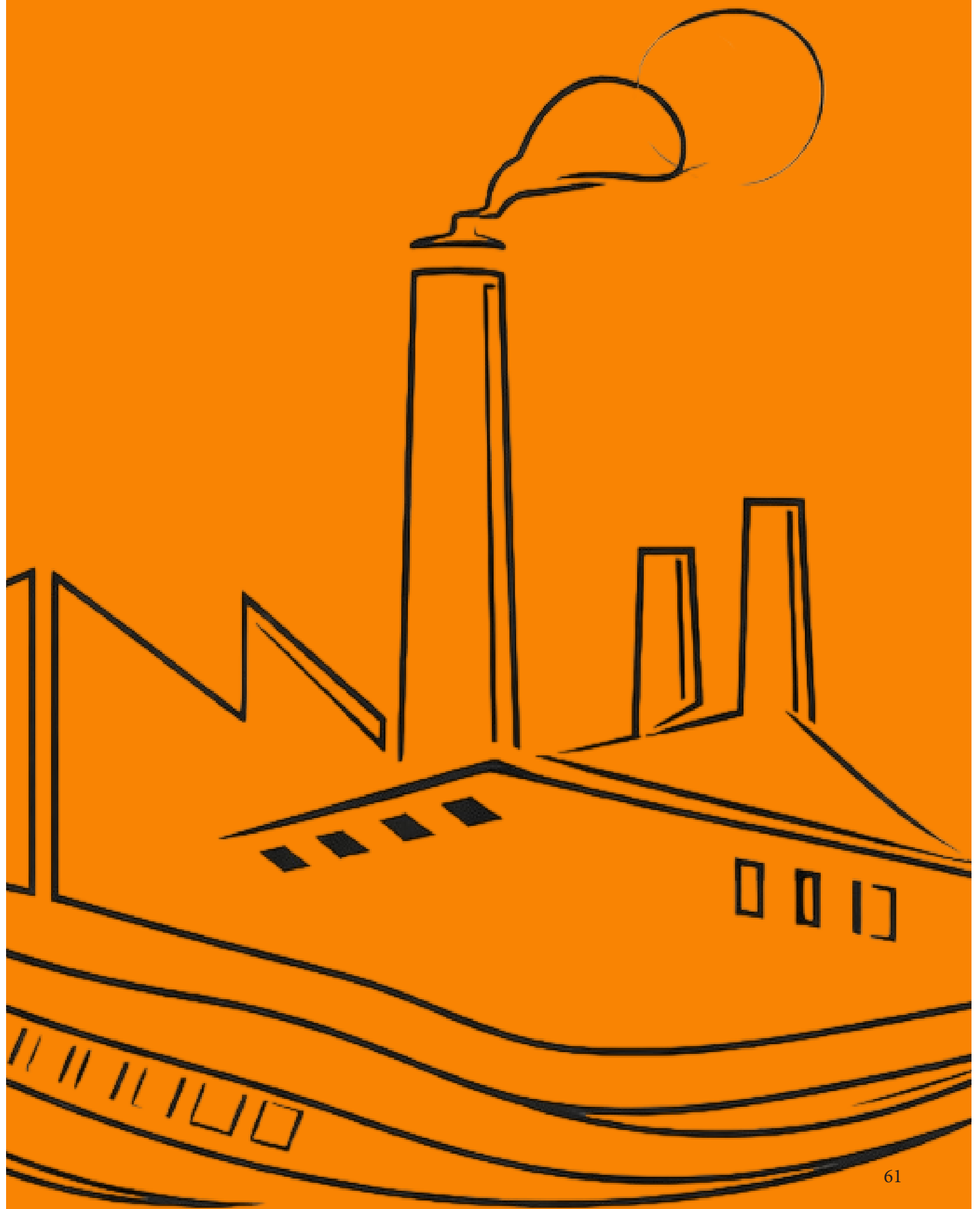
25 de março de 2018, mas o seu impacto permanece vivo.

Hoje, a família Augusto soma oito filhos, 15 netos e 21 bisnetos — todos unidos pela memória daquela que chamam de “matriarca”. Uma senhora que nasceu num Portugal oprimido, que perdeu o pai para a PIDE, que criou uma família inteira com as próprias mãos e que, apesar de tudo, deixou um rasto de força, coragem e comunidade. A história de Salomé Augusto não é apenas a história de uma mulher. É a história de uma geração moldada pela dureza do tempo, mas também de uma vida que, pela sua grandeza, continua a ser contada.

Joana Moreira

Barreiro





Alfredo da Silva

En O ECO DAS tre FÁBRICAS E O SILÊNCIO DAS MEMÓRIAS

Uma memória do passado virada para o futuro



“O que o país não tem, a CUF cria” afirmava Alfredo da Silva, enquanto erguia o maior império industrial da Península Ibérica. As sirenes soam ao longe, os passos apressados enchem as ruas dos bairros operários, num vaivém constante sincronizado com o pulsar das fábricas. No ar sente-se um cheiro inconfundível, o progresso tinha chegado com ele, o “génio”, como intitula Jorge Quintas, historiador na Fundação Amélia de Mello. Filho da capital, nasceu no último dia do mês de junho, no ano de 1871. Já em pequeno, destacava-se pela sua curiosidade e ambição, nunca se contentava com o comum e, mesmo quando começou a carreira, chegava a ir “buscar o melhor que há no mundo para trazer para Portugal” admira Jorge. Alfredo da Silva tinha um vasto conhecimento e uma enorme perspicácia na maneira de ver o mundo. Para o fundador da CUF não existiam problemas sem

como uma fábrica, mas um verdadeiro complexo que continha desde bairros, hospitais, escolas, colónia de férias e espaços de lazer, um autêntico paraíso, “O Barreiro cresceu imenso à volta da fábrica”, conta Jorge com um leve sorriso e um brilho no olhar. O próprio destacava-se por ser um homem que pensava sempre tudo com o objetivo de dar as melhores condições aos trabalhadores e às famílias. Via-os como humanos que tinham sonhos e necessidades, e não apenas como números que cresciam ao trabalhar para o progresso da CUF. Por amor ao desporto e ao desejo de união, nasceu uma equipa onde o trabalho se transformou em paixão e o campo num palco de pequenas conquistas. O que antes era uma vila pacata tornou-se um dos maiores centros industriais do país “de repente vivem aqui no barreiro 10.000 pessoas” acrescenta. Do pó e terras vazias, Alfredo da Silva, o menino Lisboa transformou

“O que o país não tem, a CUF cria”

resolução, acreditando que com trabalho tudo se consegue, era um “visionário”, elogia Quintas, “era um homem que estava muito à frente do seu tempo”. Já com fábricas em Lisboa, onde o espaço parece estar a escassear, o “capitão da indústria” sentia-se limitado para usar a sua capacidade empreendedora, visando construir novas fábricas, “descobre o Barreiro” conta-nos atentamente o historiador Jorge. Barreiro, terra de fácil acesso a partir de Lisboa, onde o rio se encontra com as linhas do comboio e o futuro parecia estar ao alcance das suas mãos. O sol reflete-se na água e ilumina o caminho pela linha. Foi ali, entre o Porto, os caminhos de ferro e o movimento das marés que Alfredo da Silva reconheceu o potencial que o Barreiro tinha para lhe oferecer. “Ele, quando se instalava em qualquer local, fazia sempre um modelo global e completo”, disse o historiador, e assim foi. Nasceu a Companhia União Fabril (CUF), reconhecida não apenas

o futuro de uma cidade naquilo que é hoje. A sombra de um homem paira sobre esta história. De casaco longo até aos joelhos, com um bigode característico, segura uma bengala em posição de poder e um olhar firme, o dono e criador desta fábrica é reconhecido de longe e se em outros tempos moravam fábricas e vida, atualmente, mora o silêncio e a memória do que um dia foi. Em cada rua, em cada esquina guarda-se o eco e o cheiro do tempo em que a cidade crescia ao ritmo da CUF. No fim, é este o legado que Alfredo da Silva deu ao Barreiro, um nome, uma história e um coração que ainda bate, mesmo quando o silêncio se estende no horizonte. A CUF não foi só uma empresa, foi um sonho erguido em alicerces de trabalho árduo. Tornou-se parte importante da identidade de uma comunidade e localidade, junto de uma herança deixada a todos os barreirenses “quem nasce debaixo da árvore da CUF, tem sombra toda a vida”.



O poder de acreditar no futuro

A luz que ilumina uma trajetória

Com o olhar fixado no horizonte e mãos na cintura, Elias Manuel Pereira dos Santos recebe-me à porta do Dojo, a sua escola, com uma postura firme de quem dedica uma vida ao Karaté. Ao entrar, pede que puxe uma cadeira e me sente, como se o ambiente fosse tomado por ele. A voz poderosa de Elias Pereira ecoa na sala pelo espaço amplo e silencioso, onde a fé foi a sua companheira, atravessando toda a conversa. “Acho que a minha vida está regida por Deus”, confessa com uma voz firme, mas carregada de emoção. A fé guiou sempre a sua vida, desde os dias passados no bairro social até aos dias de hoje. Todos os desafios e conquistas alcançados fazem dele um homem com a certeza de que nunca caminhou sozinho: “o meu percurso é feito comigo, mas com as pessoas que gostam de mim”, diz com um leve sorriso. Barreirense, nasceu no dia 2 de janeiro de 1961. Cresceu num “bairro extremamente pobre”, o Bairro da Câmara, porém, fez “questão de ter aqui uma escola de karaté” Ao mencionar o seu passado, deixa escapar uma lágrima, limpando-a rapidamente. Elias Santos lembra com carinho e emoção o que passou na sua infância. “Estranho a vida que ganhei”, confessa, ao comparar o presente com o passado. Vindo de uma família humilde, aprendeu a lidar com os obstáculos. Andava com as meias e os ténis rotos, mas nunca deixou que isso o impedisse de seguir em frente, ajudando, atualmente, quem mais necessita. Apesar das dificuldades, abraça a fé como quem abraça um porto seguro, e admite que Deus lhe deu cinquenta vezes mais do que alguma vez pediu. Licenciado em Direito, recorda, com um brilho no olhar, o orgulho que foi para si ao ser o primeiro licenciado da família: “lembro-me, liguei à minha mãe e disse, olha mãe, já tens um filho doutor”. O mestre Elias é 7º dan, sendo a graduação máxima o 10º dan. Descreve o karaté como um pilar importante, praticando-o há 50 anos consecutivos. Abriu a sua primeira escola a 17 de abril de 1980 e, hoje, é diretor técnico de

40 escolas espalhadas pelo país inteiro, incluindo na região autónoma da Madeira. Mantém os títulos de campeão nacional absoluto sénior e campeão nacional de veteranos, duas categorias que, atualmente, estão extintas. “Devo tudo ao Karaté”, admite, agradecido, porque tudo o que aconteceu na sua vida foi graças ao desporto, desde a licenciatura ao trabalho como técnico superior no ULSAR, Unidade Local de Saúde Arco Ribeirinho. “Confiante”, foi a palavra usada para se descrever, explicando que a confiança surgiu da necessidade de superar desafios desde jovem, por ter sido militar no regimento de comandos e ter de “saltar para o vazio sem saber o que está desde jovem, por ter sido militar no regimento de comandos e ter de “saltar para o vazio sem saber o que está do lado de lá”. Essa experiência fez com que se tornasse o que é hoje, aprendendo a confiar em si mesmo. Apesar da confiança e do sucesso, a humildade continua a marcar o seu traço de personalidade. Valoriza a amizade com aqueles que o acompanharam, os amigos de infância, e confirma que “serão sempre os meus amigos”. O próprio tem um lema de vida que acompanha a sua trajetória, explicando que tem gosto por ser conhecido no distrito de Setúbal como “alguém que esteve sempre pronto para ajudar o próximo”. Olhar para o passado e estimar todo o seu percurso é um grande ensinamento. Elevando o tom de voz, afirma que “quem esquece o seu passado, dá-se mal com o presente e com o futuro”, sublinhando a importância de que nunca se deve esquecer das próprias raízes. Elias Manuel é a prova viva de que a fé, a disciplina e a resiliência podem transformar vidas. Desde as memórias no Barreiro, tatamis e ULSAR, construiu a história de um homem que acredita que tudo acontece por uma razão. Antes de concluir, agarra no porta chaves e termina, “não desistam à primeira dificuldade, nem desistam à segunda dificuldade, nem à terceira”, mostrando que a confiança e a fé definem o seu trajeto de vida.

Marta Miranda

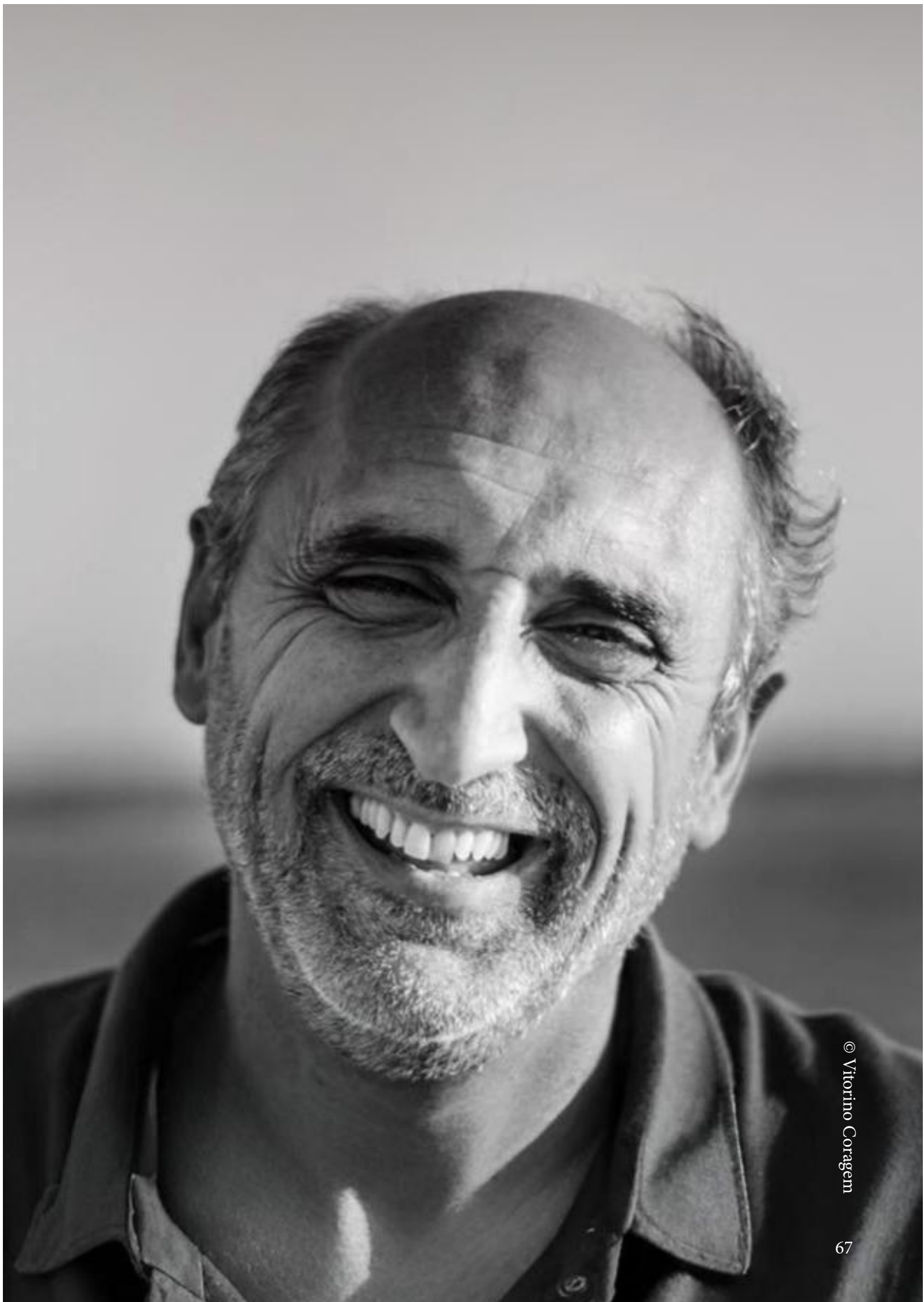
“Quem esquece o seu passado,
dá-se mal com o presente
e com o futuro”

Uma vida feita de memórias e sorrisos eternos

“Eu quero continuar a fazer tudo o que sei”

Com presença nos ecrãs em horário nobre, a voz de António Cordeiro ressoou nas colunas de algumas televisões, durante, pelo menos, 30 anos de carreira. O ator chegou às produções portuguesas no ano de 1987, encontrando em cada personagem a emoção, a familiaridade e uma marca que dificilmente é esquecida. Construiu histórias que permanecem no imaginário do público e deixou uma perda incontornável para a cultura. Foi no ano de 1959, que nasceu na pacata vila de Pias, em Serpa, mudou-se muito novo para o distrito de Setúbal. O Barreiro foi o concelho onde “viveu a vida dele toda”, conta Helena Almeida, mulher do ator. Em vida, António Cordeiro recordou no programa Alta Definição, da SIC, casa que o viu crescer, a infância passada no campo de futebol, as corridas de calções e as brincadeiras entre amigos, de um tempo feliz que parecia durar para sempre. No liceu de Casquilhos, no Barreiro, “já fazia disparates” revela a sua cara metade, perdida nas lembranças do tempo em que estudou com o ator. Na época conheciam-se apenas de vista, e acabaram por seguir caminhos diferentes. Anos mais tarde, o ator “foi à minha procura” revela a companheira, recordando a chamada para o telefone fixo da casa dos pais e do almoço que deu lugar a um casamento que durou “uma vida” [emociona-se]. Apesar da televisão ser um grande palco, o do teatro entrou de forma discreta na sua vida, como se já estivesse destinado, sublinha António Cordeiro no programa Há conversa, com Joana Teles na, RTP. A descoberta e o gosto pela representação começou no teatro Tribune, “qualquer coisa fazia sentido para mim”, acrescenta o ator. Mais tarde, inscreveu-se no conservatório convicto da vocação para a representação. Preparado para um novo desafio deu um passo firme quando integrou

a equipa fundadora do grupo de teatro Persona, provando que o teatro tornou-se rapidamente “o que ele mais gostava” partilha Helena Almeida. “O António sempre foi uma pessoa antivedeta”, menciona, era um homem discreto que encontrava na tranquilidade a forma de estar no mundo. Além da forma característica de viver, “era uma pessoa honesta” dita a cónjuge, com orgulho nas palavras que evoca o marido. Lembra-o como um homem “amigo do seu amigo”, era preocupado e fazia muito pelos seus, sem esperar nada em troca. “António, você tem paralisia supranuclear progressiva. E vou dar-vos um conselho: organizem-se”, recorda a esposa emocionada com as palavras do médico ao revelar a doença do ator. Surgiu como onda súbita, sem aviso, sem antecipação do que poderia ser, “o António nunca aceitou a doença” conta a sua mulher. O corpo deixava de obedecer, mas a força imperava “eu quero continuar a fazer tudo o que sei”, reforça o artista no Alta Definição. Uma maré de amigos e familiares unidos por um mar de esperança e união permitiu que o ator se sentisse amado nas últimas páginas da vida. A remar contra a corrente que teimava vir na direção oposta, Helena Almeida frisou desde o início “vamos aguentar o barco aqui” e juntos remaram até ao fim. A maré volta a encontrar-se calma, os pássaros fazem-se ouvir e António Cordeiro está com o seu sorriso gravado numa homenagem à pessoa que foi, no Passeio Ribeirinho, no Barreiro, que tem o nome do artista. Em cada riso, cada corredor vazio do supermercado que antes era cheio pelas “piscinas” que fazia, em cada gesto de bondade e cada abraço mora uma saudade que ecoa nos corações de quem lhe foi próximo. Há ausências que não se medem com o tempo, mas na força com que se continuam a amar mesmo depois de partirem.



Quando a bola caía para o lado esquerdo do campo, o Estádio da Luz levantava-se, “era nos pés dele que ia estar a solução”, recorda Luís Lapão, curador do Museu Cosme Damião e autor do livro *Chalana – A Vida do Génio*. Era o território de Fernando Albino Sousa Chalana, o menino do Barreiro que transformou o futebol português num espetáculo de arte. Nascido em 1959 no coração do bairro operário do Lavradio, Chalana cresceu entre as fábricas e os jogos da CUF. O tio Albino, que lhe deu o nome e o incentivou a dar os primeiros pontapés no campo de Santa Bárbara, foi a figura que o empurrou para o sonho, “depois da escola vinha para aqui com os outros miúdos jogar à bola”, confessou Chalana numa entrevista dada à RTP em 1980. O talento depressa ultrapassou o rio, e aos 17 anos o extremo do Barreiro estreava-se na equipa principal do Benfica e na Seleção Nacional. O Chalana não era só mais um craque, “ele não era só muito bom, ele era excecional”, sublinha Luís. Driblava com uma facilidade desconcer-

uropeu da época, o Bordeaux, numa altura onde o clube da Luz precisava de dinheiro para fechar o terceiro anel, “portanto, ele saiu, falando bem e depressa, em nome do dinheiro”, partilha Luís. Esta mudança foi sentida pelo génio, não era homem de partir, preferia ficar entre os seus, não foram só as lesões, foi o desenraizamento. Quando voltou à Luz, três anos depois, o estádio recebeu-o de pé, “ele entrou e o estádio em pé a aplaudi-lo”, recorda Lapão. Discreto e reservado, Chalana fugia aos protagonismos, talvez sem perceber o quão extraordinário realmente era, como lembra o antigo colega Carlos Manuel no livro. Fora do campo, refugiava-se numa vida tranquila, longe dos holofotes, “para ele, ser feliz era jogar à bola”, afirma Luís com um sorriso. Hoje, para além das memórias coletivas, o Museu Cosme Damião guarda a sua camisola número 10. Mas mesmo vindo de alguém que ajudou a dar vida ao que hoje lá está exposto, reconhece-se que o Pequeno Genial merecia mais espaço na memória do clube, “na verdade o museu até devia

“Penso que a minha carreira foi bonita”

tante, acelerava e colocava cruzamentos milimétricos na cabeça do colega certo dentro da área. Havia uma certa infantilidade no seu futebol, jogava com uma alegria que parecia vir da infância, das ruas, do Barreiro onde tudo começou, “infantil no sentido de ele jogar aqui no Estádio da Luz com 70 mil espectadores como jogava na rua”, refere o curador do museu com um leve sorriso. do Barreiro onde tudo começou, “infantil no sentido de ele jogar aqui no Estádio da Luz com 70 mil espectadores como jogava na rua”, refere o curador do museu com um leve sorriso. Durante o Europeu de 1984, em França, o mundo viu o que Portugal já sabia. Chalana foi um dos melhores do torneio, “se Portugal tivesse chegado à final e tivesse ganho o europeu, de certeza que teria sido o Chalana e não o Platini”, afirma o autor do livro. Em 1984, ruma a um colosso

ter mais sobre o Chalana”, confessa o curador do museu. “Numa palavra? Arte, essa é talvez a palavra”, disse Luís Lapão, com a serenidade de quem viu o talento de Chalana encantar vários relvados. Para quem o viu jogar, Chalana foi mais do que um jogador, o público não o admirava apenas, apaixonava-se por ele “penso que a minha carreira foi bonita”, afirmou o génio em 1989 à RTP. Quando a bola lhe chegava os adeptos sabiam que iam ver algo único, “era a arte que ele tinha”, declara o autor. A persistência da genialidade é o que distingue um jogador comum de um génio, qualquer jogador pode ter um momento de brilho, Chalana tinha dezenas, jogo após jogo. Hoje, o nome, a magia e a arte de Chalana sobrevive nas memórias, nos vídeos antigos e na camisola número 10 guardada no Museu Cosme Damião, “e quando o futebol é arte, é impossível não nos cativar”, descreve Luís.

DO BARREIRO À LUZ



© Storie di Calcio

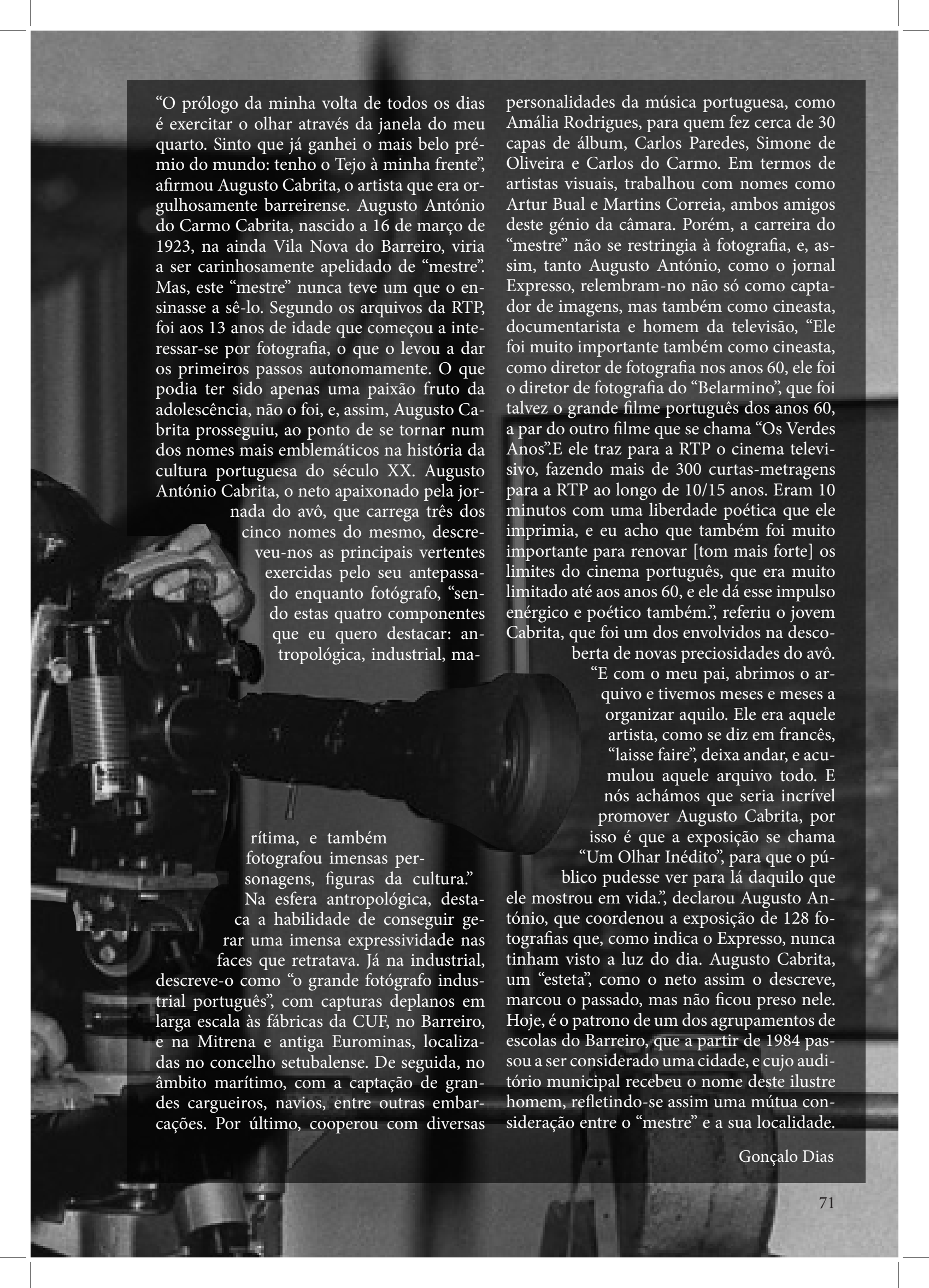
Onde o futebol se fez arte

AUGUSTO CABRITA – O ESTETA QUE CAPTOU, MAS QUE NEM TUDO REVELOU

Com o tato dos descendentes, conseguiu-se “Um Olhar Inédito”

©Fascínio da Fotografia

“Sinto que já ganhei o mais belo prémio do mundo: tenho o Tejo à minha frente”



“O prólogo da minha volta de todos os dias é exercitar o olhar através da janela do meu quarto. Sinto que já ganhei o mais belo prémio do mundo: tenho o Tejo à minha frente”, afirmou Augusto Cabrita, o artista que era orgulhosamente barreirense. Augusto António do Carmo Cabrita, nascido a 16 de março de 1923, na ainda Vila Nova do Barreiro, viria a ser carinhosamente apelidado de “mestre”. Mas, este “mestre” nunca teve um que o ensinasse a sê-lo. Segundo os arquivos da RTP, foi aos 13 anos de idade que começou a interessar-se por fotografia, o que o levou a dar os primeiros passos autonomamente. O que podia ter sido apenas uma paixão fruto da adolescência, não o foi, e, assim, Augusto Cabrita prosseguiu, ao ponto de se tornar num dos nomes mais emblemáticos na história da cultura portuguesa do século XX. Augusto António Cabrita, o neto apaixonado pela jornada do avô, que carrega três dos cinco nomes do mesmo, descreveu-nos as principais vertentes exercidas pelo seu antepassado enquanto fotógrafo, “sendo estas quatro componentes que eu quero destacar: antropológica, industrial, ma-

rítima, e também fotografou imensas personagens, figuras da cultura.”

Na esfera antropológica, destaca a habilidade de conseguir gerar uma imensa expressividade nas faces que retratava. Já na industrial, descreve-o como “o grande fotógrafo industrial português”, com capturas deplanos em larga escala às fábricas da CUF, no Barreiro, e na Mitrena e antiga Eurominas, localizadas no concelho setubalense. De seguida, no âmbito marítimo, com a captação de grandes cargueiros, navios, entre outras embarcações. Por último, cooperou com diversas

personalidades da música portuguesa, como Amália Rodrigues, para quem fez cerca de 30 capas de álbum, Carlos Paredes, Simone de Oliveira e Carlos do Carmo. Em termos de artistas visuais, trabalhou com nomes como Artur Bual e Martins Correia, ambos amigos deste génio da câmara. Porém, a carreira do “mestre” não se restringia à fotografia, e, assim, tanto Augusto António, como o jornal Expresso, relembram-no não só como captador de imagens, mas também como cineasta, documentarista e homem da televisão, “Ele foi muito importante também como cineasta, como diretor de fotografia nos anos 60, ele foi o diretor de fotografia do “Belarmino”, que foi talvez o grande filme português dos anos 60, a par do outro filme que se chama “Os Verdes Anos”.E ele traz para a RTP o cinema televisivo, fazendo mais de 300 curtas-metragens para a RTP ao longo de 10/15 anos. Eram 10 minutos com uma liberdade poética que ele imprimia, e eu acho que também foi muito importante para renovar [tom mais forte] os limites do cinema português, que era muito limitado até aos anos 60, e ele dá esse impulso enérgico e poético também.”, referiu o jovem Cabrita, que foi um dos envolvidos na descoberta de novas preciosidades do avô.

“E com o meu pai, abrimos o arquivo e tivemos meses e meses a organizar aquilo. Ele era aquele artista, como se diz em francês, “laisse faire”, deixa andar, e acumulou aquele arquivo todo. E nós achámos que seria incrível promover Augusto Cabrita, por isso é que a exposição se chama “Um Olhar Inédito”, para que o público pudesse ver para lá daquilo que ele mostrou em vida.”, declarou Augusto António, que coordenou a exposição de 128 fotografias que, como indica o Expresso, nunca tinham visto a luz do dia. Augusto Cabrita, um “esteta”, como o neto assim o descreve, marcou o passado, mas não ficou preso nele. Hoje, é o patrono de um dos agrupamentos de escolas do Barreiro, que a partir de 1984 passou a ser considerado uma cidade, e cujo auditório municipal recebeu o nome deste ilustre homem, refletindo-se assim uma mútua consideração entre o “mestre” e a sua localidade.

Gonçalo Dias

Kelly Gonçalves

A jovem que transformou os desertos da vida em jardins

“Tendo que se adaptar a um país, a pessoa tem de ser realmente autónoma para conseguir ter sucesso”, afirma Kelly Gonçalves, aluna do CTeSP em Assessoria de Gestão, no Instituto Politécnico de Setúbal. A 28 de junho de 2006, nascia em Luanda, mais especificamente na região de Cacuaco, Kelly Barreiro Gonçalves, que viveu toda a sua infância e parte da adolescência na capital angolana. Começou por habitar na localidade referida, mas passou por outras zonas, entre elas Viana, Prenda, Rangel e, por fim, Kilamba, onde morou cerca de sete ou oito anos, até completar os 15 de idade. A menina cresceu com a ausência do falecido pai, mas com a forte presença da mãe, que trouxe mais dois meninos ao mundo.

“

Tendo que se adaptar a um país, a pessoa tem de ser realmente autónoma para conseguir ter sucesso

”



Com parte da parentela já a habitar no nosso país, esta e a sua progenitora sonhavam em poder chegar ao mesmo destino, mas surgiu um imprevisto mundial, o COVID-19, que atrasou o concretizar destes planos. Portugal era um país querido pela oferta de mais oportunidades e melhores condições estudantis. Em 2021, o sonho tornou-se realidade, mas, como a própria afirma, nem tudo foi um mar de rosas, “E em relação aos estudos, também foi meio difícil, porque aqui as matérias e as disciplinas eram bem diferentes, tinham coisas bem mais avançadas, e ainda tinha os exames nacionais e eu não conhecia ninguém”. Apesar das imensas dificuldades, Gonçalves superou-se, e conseguiu terminar com sucesso o ensino básico numa escola em Odivelas. Pouco depois de vencer essa batalha, surgia outra, quando recebeu a notícia de que ia mudar mais uma vez de casa, “Aí eu pensei que no Barreiro íamos viver quase no mato, no meio do nada”, declarou, lembrando quando desconhecia a realidade de um dosconcelhos que compõem o distrito de Setúbal, que hoje lhe é tão familiar.

Mas, para conhecer melhor a cidade, teve de se aventurar e, com a ajuda da prima, através de caminhadas, rapidamente se acostumou. Com o tempo, progrediu igualmente nos estudos e nas relações sociais, cumprindo os três anos de ensino secundário e descobrindo um grupo de amigos onde pôde revelar o seu lado mais criativo e artístico, considerando-se “uma pessoa versátil”. Hoje, enquanto estudante na Escola Superior de Ciências Empresariais, no Instituto Politécnico de Setúbal, sonha em tornar-se numa empresária de sucesso, dona de uma “marca pessoal”, que possa proporcionar ótimas recordações em grupo, a um baixo custo monetário. Por fim, quando questionada sobre planos futuros, num período pós-formação, Kelly Gonçalves afirmou, “Eu acredito que Portugal é ideal, porque, por exemplo, esse negócio que eu pretendo fazer, provavelmente vai ser uma inovação aqui para Portugal, ou de certa forma, vai ser algo diferente. Se fosse em Angola, eu acredito que não o seria assim em grande escala, mas também não temos certeza, não é? De como é que seria.

Mas, quem sabe um dia também possa ser expandido para Angola”. Kelly Barreiro Gonçalves achou, por coincidência, o lugar ideal numa localidade com um dos seus nomes, “Desde o momento que eu cheguei no Barreiro, eu falei que aquela era a minha cidade, então acho bem difícil sair daqui”, conseguindo assim a estabilidade que tanto desejou desde a sua meninice. Hoje, não só tem uma morada, como também uma vida académica e um círculo social bem alicerçados, fruto de um coração que suportou as tempestades e que hoje desfruta da merecida bonança.

Gonçalo Dias

A voz da resistência

Entre a luta e a liberdade

“A minha militância

“Eu nasci em 1940, na Rua Miguel Pais, no Barreiro. E agora publiquei um livro com esse mesmo nome. A rua está hoje como era”. Ao chegar a sua casa, Isabel do Carmo acolheu-me com simpatia e naturalidade. Perguntou se eu queria um café e levou-me ao seu escritório, onde costuma passar grande parte do seu tempo. O espaço reflete o seu percurso: um armário repleto de livros, fotografias antigas, um grande pôster do sistema nervoso e pequenas estátuas que remetem à medicina e à história. O ambiente era sereno, mas cheio de sinais de uma

eram precárias. “Era um hospital muito rudimentar. A diferença entre o que era naquela altura e o que é agora é enorme”, recorda. A estrutura hospitalar era gerida por um provedor e não por um diretor clínico, e a falta de equipamentos era constante. A radioscopia, por exemplo, era usada sem a proteção adequada, o que colocava médicos e funcionários em risco. “Fazíamos aquilo sem proteção, por ignorância. A empregada da radioscopia teve uma criança com deformações ósseas”, recorda. Com a Revolução de Abril, a estrutura do sistema de

começou aos 10 anos no liceu de Setúbal”

vida dedicada ao estudo e à memória. Médica, professora, escritora e uma das personalidades mais marcantes para a vida política portuguesa, Isabel do Carmo nasceu e cresceu no meio de um ambiente industrial, “caracterizado por trabalhadores de várias escalas”. A Rua Miguel Pais, onde cresceu, era habitada por famílias de trabalhadores e ficava próxima das oficinas ferroviárias. Ali trabalhavam ferroviários, operários da cortiça e “homens do rio”. Isabel recorda a infância como um tempo simples, cresceu numa casa com quintal, onde convivia com os pais, a avó e vários primos. Era a mais nova da família e passava grande parte do tempo a brincar no quintal ou na rua, com os primos ou com as crianças da vizinhança. Quando foi questionada sobre os cem anos do distrito de Setúbal, Isabel revelou-se surpreendida “Eu até esperava que tivesse mais tempo, porque é a sensação de uma coisa mais ou menos eterna”. A decisão de seguir medicina surgiu no sétimo ano a partir do interesse em compreender o corpo humano e o desejo de estar próxima das pessoas. “A medicina era a possibilidade de estudar o corpo com detalhe e, ao mesmo tempo, de contactar com as pessoas”, explica. O início da carreira decorreu no antigo Hospital do Barreiro, onde as condições de trabalho

saúde português mudou profundamente. No Barreiro, algumas casas comerciais antigas foram adaptadas para acolher os primeiros centros de saúde e, posteriormente, foi construído o novo hospital, já com melhores condições e uma organização médica mais moderna. Isabel do Carmo acompanhou de perto essa transformação. “Foi uma mudança enorme”, recorda. Durante esse período, dividia o tempo entre as urgências hospitalares e as consultas regulares. Hoje, mostra-se preocupada sobre o rumo do sistema de saúde. “O Serviço Nacional de Saúde tem falhas gravíssimas”, afirma sem hesitar. “Pagam mal aos médicos especialistas e eles vão para o privado. É tão simples quanto isto.” O Barreiro onde cresceu era um espaço de intensa consciência política “o Barreiro era muito politizado”, recorda. Desde a infância, Isabel do Carmo aprendeu que, num país em ditadura, a liberdade tinha sempre um preço. Cresceu entre vozes que desafiaram o regime salazarista, algumas silenciadas pela prisão e pela tortura da PIDE. Aquele ambiente de resistência discreta formou a sua consciência e acompanhou-a ao longo da vida. “Eu desde pequena vivi dessa maneira”, diz com serenidade, como quem sabe que a coragem, mesmo silenciosa, também faz parte da história de um país.

Ao contrário da semana, tingida pelo cinzento espesso de um céu que não dá tréguas, Manuela Felix recebe-me com um sorriso luminoso, daqueles que rasgam nuvens e que parecem deixar entrar o verão pela porta. Abre-me a porta de sua casa como se fossemos velhas amigas e convida-me a entrar na sala com uma naturalidade tão doce. A divisão acolhe-nos num silêncio que rapidamente é transformado numa partilha de histórias. Maria Manuela Montes Ramos Felix nasceu em Penedo Gordo, uma aldeia a poucos quilómetros de Beja, mas o Alentejo nunca foi apenas um ponto no mapa, ficou-lhe na memória e em muitas das expressões que ainda hoje carrega consigo “Eu considero-me alentejana a cem por cento”, afirma. Saiu de lá com três anos, cresceu em Santarém, numa cidade onde as raparigas aprendiam cedo a postura e o silêncio. Atravessou a juventude entre regras bem desenhadas e horizontes curtos, até que a liberdade de Abril lhe abriu janelas novas. Veio estudar para Lisboa e, com 19 anos, chegou ao Barreiro. No início, não gostou: a terra parecia-lhe pesada, marcada pela poluição e pelo fumo das fábricas, era um lugar distante das paisagens do Alentejo. Mas os lugares, tal como as pessoas, revelam-se com o tempo e o Barreiro foi-se revelando devagar. Foi aqui, nas travessias repetidas do barco das sete e meia, que a vida começou a desenhar outro rumo. Entre estudantes sonolentos e conversas dispersas, sentou-se um dia diante de um rapaz que lia Os Maias de Eça de Queiroz. Ele fazia parte de um grupo alegre que ocupava sempre o mesmo banco “Eram muito divertidos”, refere. Maria Manuela, recém-chegada e tímida, decidiu aproximar-se para ouvir as conversas e, uma simples indicação sobre a localização de uma cantina nova abriu caminho às primeiras palavras. Vieram depois os cafés de sexta-feira, os olhares discretos e quatro anos de amizade paciente até que o sentimento se assumiu. O Barreiro, que lhe parecera cinzento, começara

afinal a ganhar cor. O que começou por ser apenas um destino de estudo tornou-se chão firme “A minha segunda casa”, diz. Foi aqui que se fez professora, não por falta de alternativa, mas por convicção. Começou a dar aulas ainda no segundo ano da faculdade, numa altura em que escasseavam docentes de Português e Francês, e o provisório tornou-se definitivo: 42 anos na mesma escola “Quem gosta desta profissão nunca envelhece”, revela com amor. Para Manuela, a escola nunca foi apenas um edifício, foi refúgio. Foi ali que encontrou força nos dias mais difíceis, nomeadamente quando perdeu os pais. Nunca reivindica protagonismo, fala antes da diferença que sentiu fazer na vida de alguns alunos, e fá-lo com a “Honestidade e humildade” que leva como princípios. O seu maior orgulho não cabe em certificados, mas sim nos reencontros com os antigos que ainda se lembram de expressões ditas nas suas aulas “Tive sempre a grande sorte de ter alunos que me deixavam muito feliz”, recorda. Reconhece que a comunidade escolar mudou e que o espírito de união já não é o mesmo. A professora fala sempre de pessoas. O teatro, onde continua ativa, não é apenas palco, é família, o coro não é apenas música, é harmonia partilhada e o Barreiro não é apenas território, é gente. Indigna-se com a crítica vazia e acredita numa cidade futura que trabalhará em conjunto, que investirá na cultura e que ultrapassará divergências em nome do bem comum “Temos que trabalhar em prol das pessoas”, afirma. Talvez a palavra que melhor define Manuela Felix seja permanência. Permaneceu na escola durante 42 anos, permaneceu numa terra que primeiro estranhou, permanece nas atividades culturais e permanece nas memórias de quem ensinou. Hoje, reformada há um ano, continua a sorrir com a mesma luz tranquila de quem sabe que cumpriu o seu propósito. Enquanto houver alguém que a recorde com carinho, continuará, mesmo fora da escola, a ensinar que a verdadeira medida de uma vida está na forma como se ama o que se faz e as pessoas que se encontram pelo caminho. No fim oferece-me uma vela feita por si e despede-se com o mesmo sorriso caloroso que me recebeu.

Sofia Santos

“Tive sempre a grande sorte de ter alunos que me deixavam muito feliz”

Uma vida de entrega e
permanência
O sorriso que rasga nuvens



A black and white close-up portrait of a man with a beard and mustache, resting his chin on his hand in a thoughtful pose. The image is framed by a thin white border.

Joaquim Pessoa

©AscausasdaJúlia

Palavras que respiram

Poesia, música em sintonia

Viajar no tempo é regressar a um Portugal de silêncios e censura, onde a palavra era vigiada e a liberdade ainda um sonho por cumprir. É nesse cenário que, em 1948 nasce Joaquim Pessoa, no Barreiro, um lugar de margens e movimento, tal como ele próprio viria a ser. Ainda adolescente, estuda em Tomar, onde começa a descobrir na escrita um refúgio, uma forma de respirar entre as limitações do tempo em que vivia. Como o próprio afirmou: “Houve uma evolução por parte da minha escrita, o que me levou a ter uma atividade literária mais intensa”. Desde cedo, mostrou uma sensibilidade invulgar e uma curiosidade constante pelas histórias humanas. Após cumprir o serviço militar em Lisboa, começa a colaborar no suplemento juvenil de um jornal, onde a sua voz poética começa a despontar. Era o início de uma viagem literária marcada pela coragem de dizer o que muitos apenas sentiam. Em 1975, ano em que o país renasce com a Revolução de Abril, o poeta publica o seu primeiro livro, *O Pássaro do Espelho*. A obra reflete um espírito atento ao mundo e às transformações à sua volta. Um dos poemas desse livro foi transformado em canção e gravado por Fernando Tordo, enquanto outros foram musicados por Carlos Mendes, revelando a harmonia natural entre a sua poesia e a música portuguesa da época. Durante alguns anos, Pessoa escreveu letras para diversos artistas, mas foi na poesia, no espaço íntimo da palavra, que encontrou o seu verdadeiro caminho. Aprofundou-se na escrita, experimentou novas formas e temas, até que a maturidade literária se tornou inevitável. Na década de 1980, essa evolução traduziu-se em prémios e reconhecimento, como o Prémio do Autor do Ano e o Prémio de Poesia da Secretaria de Estado da Cultura confirmando assim o lugar do escritor como um dos grandes nomes da poesia portuguesa contemporânea. Obras como *Os Dias da Serpente* e *Um Poema para Fiama* revelam uma voz madura, firme e apaixonada pela linguagem. A poesia de Joaquim Pessoa cresceu com o tempo, mantendo sempre uma ligação intensa à verdade emocional e à simplicidade da expressão. Mas o seu talento não se esgotou na literatura. O autor destacou-se também no mundo da publicidade, onde foi diretor criativo e diretor-geral de várias agências, aplicando o mesmo domínio da síntese e do impacto que caracteriza a boa poesia. O mesmo reconheceu essa ponte entre as duas áreas ao afirmar: “Não me sinto Poeta, sou Poeta. E nem sei se a pulsão é interna. Na realidade, no meu caso, penso que ela é externa a mim mesmo. A síntese é, na realidade, o grande trunfo da poesia. Não terá sido por acaso que tantos poetas tiveram o seu percurso profissional ligado à publicidade, atividade onde o tempo e o espaço custam muito dinheiro”. Além disso, colaborou ativamente na revista *Vértice*, um espaço de debate cultural e literário, onde continuou a afirmar a sua visão humanista e solidária do mundo. Para Joaquim Pessoa, escrever é um gesto de partilha, uma forma de se ligar aos outros e de transformar a vida em arte. O poeta confessa: “Sou um militante da vida, um ser solidário que se revê e que faz parte dos outros, num mundo em que é uma utopia viver-se só”. A sua obra é, assim, uma celebração da vida e das relações humanas, feita de humanidade, ternura e resistência, um retrato sincero das emoções e dos tempos que atravessou.

“Sou um militante da vida, um ser solidário que se revê e que faz parte dos outros”

Regina Amado



“

Se eu estivesse sozinho, sem estar a namorar,
talvez fora, mas eu só não
fiquei lá [Hamburgo] por pensar na Beatriz

”

Cujo o amor não se resume em paixão

Quando a minha mãe comprou a sua própria casa, acho que esse foi o momento mais... por vê-la feliz, acabei por ficar feliz”. Numa manhã friorenta de novembro, no Parque da Cidade do Barreiro, recebi a presença calorosa de Sidney Coronel. Após um abraço quemmatou as saudades contidas durante várias estações, e, colocada a conversa em dia, pressionei o botão vermelho. Deu-se, deste modo, início à entrevista, que agrupou tanto o passado, quanto o presente e o futuro. Sidney Patrick Silva Coronel, natural de Cabo-Verde, mais precisamente, da região de Pedra Rolada, na ilha de São Vicente, chegava a território português em 2018, juntando-se assim à mãe e à irmã do meio, que já habitavam no nosso país. Com os seus 11 anos de idade, deu continuidade aos estudos numa escola básica do Barreiro, integrando a turma do 6oB, a meio do ano letivo. “Ao início, foi bem estranho, mas, uma coisa que me deixou muito à vontade são os portugueses em si! Foi a coisa que eu mais senti dos portugueses, é que eles são muito acolhedores, porque, no primeiro intervalo, já veio toda a gente falar comigo, tentar saber quem eu era, enturmar-me!”. Porém, o menino que entrava “a meio do campeonato” deixou-me inseguro e carente de atenção. O que nos uniu, mais tarde, foram as brincadeiras no recreio e os gostos que harmonizavam, tanto pelo futebol, quanto por uma dupla de amigas, colegas de turma no nosso 3o ciclo. A relação de “irmãos de mães diferentes”, como ambos a definíamos, durou cinco anos, perdendo-se no decorrer do ensino secundário. Mas, juntos novamente, e num contexto diferente, levei-o a refletir sobre os tempos vividos no país natal, e assumiu sentir falta, nomeadamente, da socialização, “Em Cabo Verde, as pessoas saem muito na rua, mesmo à frente de casa, para sentar e falar. Aqui, já não há isso.

Uma alma empática, que reflete a essência do amor

Aqui, cada um fecha-se num canto e, se vamos sair à rua, vamos num sítio específico para isso. Lá não, lá simplesmente abres a porta de casa, deixas a porta aberta, metes uns bancos na rua e ‘tá toda a gente a socializar o tempo todo!”. Contudo, o distrito acrescentou coisas positivas à vida do rapaz, comoo mesmo afirma: “Mais condições”. Condições estas que o faziam sentir “o poder de tudo. O que eu pedia à minha mãe, ela ia conseguir dar, o que em Cabo Verde era impossível”. Destaca então o acontecimento que mais o marcou desde que chegou a Portugal, “Quando a minha mãe comprou a sua própria casa, acho que esse foi o momento mais... por vê-la feliz, acabei por ficar feliz”. Com o 12o ano concluído, decidiu viajar para a Alemanha, para trabalhar por quatro meses no McDonald’s, assumindo que “foi a melhor experiência de todas que eu já tive”. Residindo na casa da irmã com quem habitou em Portugal, e que, depois de casada, se mudou para o país germânico, o já jovem adulto, Sidney Coronel, com carta de condução, passava a maior parte dos dias a fazer entregas. Mas, regressou ao Vale da Amoreira, e hoje trabalha como part-timer num local de formações, organizando as salas para que as aulas possam decorrer. Não é o que deseja fazer por muito mais tempo, tendo por objetivo formar-seem Mecânica Automóvel, e, de preferência, trabalhar no estrangeiro. Mas, há uma condicionante, “Se eu estivesse sozinho, sem estar a namorar, talvez fora, mas eu só não fiquei lá (Hamburgo) por pensar na Beatriz”. Por fim, após dar indicadores de que permanecerá pela região, deseja que o distrito possa modernizar-se nos 100 anos que se seguem.

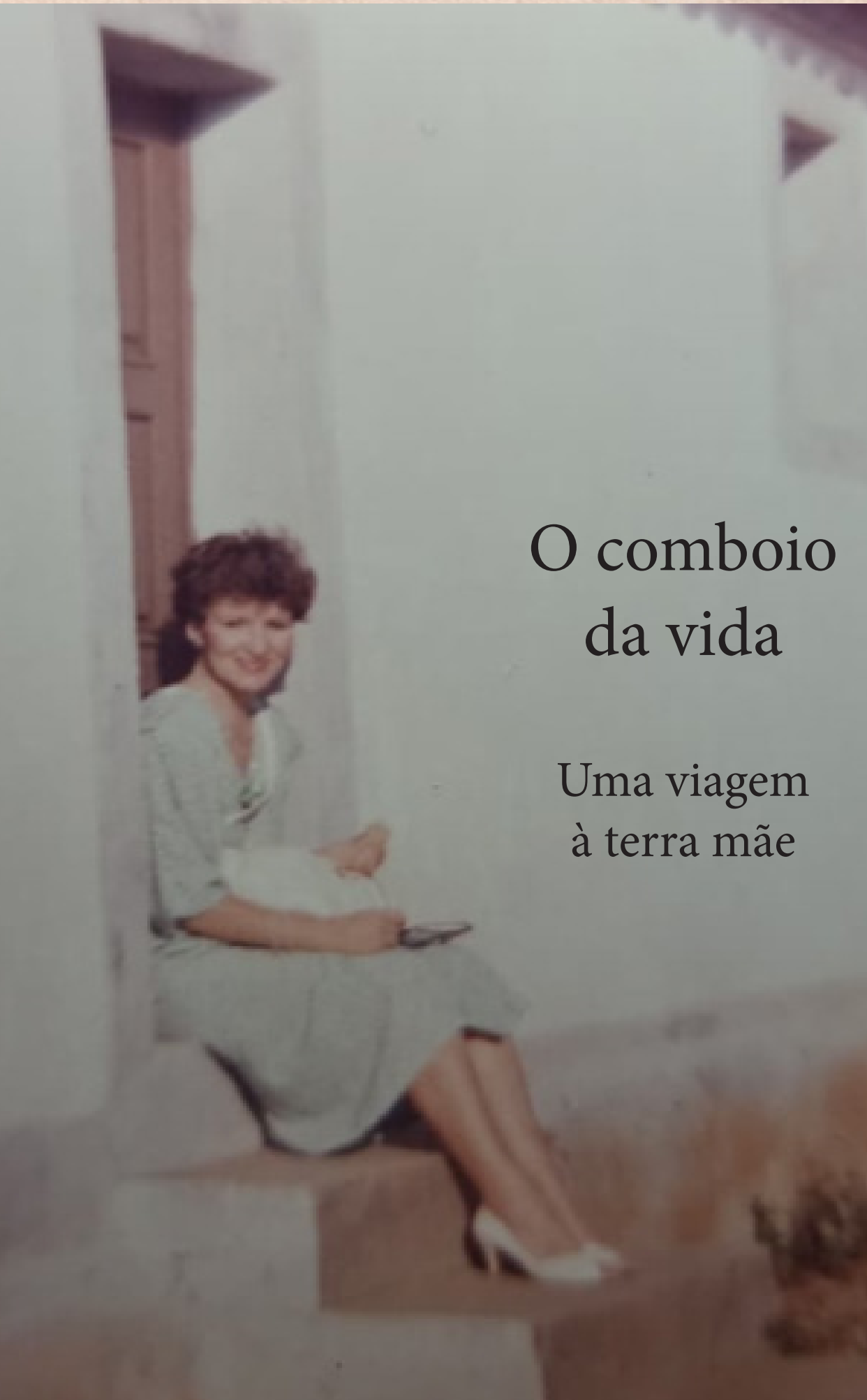
Gonçalo Dias

Grân



dola



A photograph of a woman with short, dark, curly hair, smiling and sitting on a stone ledge. She is wearing a light-colored, long-sleeved dress and white high-heeled shoes. She is holding a small object in her hands. The background is a white wall with a doorway. The photo is overlaid on a larger, textured background of a landscape with trees and a path.

O comboio da vida

Uma viagem
à terra mãe

Tem guardado na memória cada detalhe do seu Alentejo, cada rua estreita por onde passava, o toque do sino da escola que soava e a capelinha na nossa Senhora da Penha que tanto a marca. Tudo isso é vivamente lembrado por Deolinda Jorge, com um semblante radiante e uns olhos que recuam no tempo. Abre o coração para falar da sua “terra mãe”. Filha de Grândola, nasceu no ano de 1955, no Canal Caveira. Veio de uma família rural, a mais velha de quatro irmãos, nutre desde cedo a paixão pelo seu concelho, um carinho que até hoje perdura, e procura transmitir em vida tudo aquilo que o torna único; “sempre quis propagar o amor que tenho por Grândola”, diz com um sorriso rasgado. Ainda se recorda da menina que era aos quatro anos, de joelhos em frente ao charco onde lavava “as fraldas do meu irmão”. Na sua memória, mora o sentimento de andar descalça pelos campos verdes, atrás dos seus pais que colhiam o milho, era uma sensação “de liberdade”, reage emocionada pelas histórias que partilha. “Levantava-me às seis da manhã” [sorri] e com apenas sete anos começava a trabalhar ao nascer do sol, pronta para colher tomates, uvas e bolotas, ao lado das “mulheres do campo”, pisava descalça as geadas que lhe feriam os pés. Foram épocas felizes, mas duras. Apesar de sentir uma grande alegria por toda esta rotina, a grandolense trabalhou arduamente para realizar o desejo com que tanto sonhava: “ganhar dinheiro para comprar a primeira malinha para levar as minhas coisinhas para a escola”. Era uma mala de cartão, que a jovem pode carregar orgulhosamente ao ombro, vestia a bata branca que tanto adorava e, assim que entrava na sala de aula os seus olhos brilhavam, fascinada por mais um dia de aprendizagem “eu era doida pela escola”, relembra a atenção que tinha em cada aula, e da facilidade em captar cada palavra dita pela professora, que tanto admirava e que tanto a ajudou. Foi a educadora que esteve presente na sua

vida, “calçou-me para eu ir ao exame da quarta classe” e recebeu-a com um carinho inesperado à saída. Levavam uma vida simples, “mas nessa altura ainda tínhamos a nossa mãe e vivíamos felizes”. A alentejana relembra de lágrimas nos olhos o Natal que partilhou em família: os quatro irmãos que não tinham por hábito receber presentes; nessa consoada receberam a mais bonita das prendas, dentro do sapatinho de cada um, tinha sido deixado pela mãe, “uma laranja e um par de meias, que alegria tão grande”. Para Deolinda Jorge, foi sempre o amor que os uniu; o pouco que tinham tornava-se muito, desde que estivessem juntos. Cresceu em tempos de ditadura. Conta que num café em Grândola, mediante consumo, era permitido ver televisão. Ainda sem compreender o conceito de liberdade, evoca a memória de quando a experienciou: “O 25 de Abril foi uma coisa maravilhosa. Foi um dia que eu nunca mais na minha vida vou esquecer”. Há 55 anos, sozinha, deixava Grândola para trás e olhava pela janela do comboio como se o tempo não parasse, cada vez mais rápido e distante, “Coisa tão estranha, tão triste”. De dois em dois anos, junto do seu marido, visita o concelho. A saudade é eterna e dolorosa. Pára à janela do que um dia foi um hospital e revive ainda a memória da sua mãe lá internada. Faz-lhe a mesma companhia que fazia em miúda e sorri com a recordação do que todas aquelas ruas um dia foram e assume

“Grândola foi tudo na minha vida”.

Leonor Reis

AVZ



que fez história

em Portugal

Era a madrugada em que Portugal deixava de viver com medo. “-Grândola, Vila Morena” deixara de ser apenas uma canção; transformara-se num grito coletivo de liberdade. O autor com a sua voz calma e determinada, transformou poesia em revolução foi professor, músico e cidadão comprometido. Zeca acreditava que as canções podiam unir o povo, “Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia-a-dia procuro comportar-me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão, seja a que nível for.” - Confessou numa entrevista a Viriato Teles no seminário Se7e. A 25 de abril de 1974, o relógio marcava 00h20 quando uma melodia suave começou a atravessar as ruas do país a partir da Rádio Renascença. “Grândola, Vila Morena”, a canção proibida de José Afonso, era o sinal combinado pelos militares do [MFA] para avançar. Naquela noite silenciosa, marcada por anos de medo e censura, as palavras “o povo é quem mais ordena” tornaram-se uma ordem viva. A partir desse momento, as tropas começaram a sair dos quartéis rumo a Lisboa. Jovens soldados atravessaram as estradas do Ribatejo com cravos presos à espingardas, flores oferecidas por mulheres que, nas ruas, começaram a juntar-se ao movimento. Nos mercados, nas janelas, nas praças, as pessoas sussurravam a notícia “Está a acontecer!”

*“Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
O Povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ò cidade”*

Nasceu em 1929, em Aveiro, e passou parte da sua infância em Moçambique, essa vivência marcou-o profundamente, expondo-o às desigualdades sociais e à diversidade cultural que mais tarde influenciaria a sua música. Ao regressar a Portugal, estudou em Coimbra, licenciando-se em Ciências Histórico-Filosóficas. Foi nessa cidade que começou a cantar serenatas e a envolver-se em círculos de discussão sobre política, cultura e sociedade. Como professor, procurava ensinar mais do que conteúdos académicos: queria despertar nos alunos responsabilidade social. “Queria pôr os alunos a funcionar como pessoas, inculcar-lhes um espírito crítico.” afirmou em entrevista citada no artigo A incessante tentativa de transformar o mundo. Mesmo com o reconhecimento e importância histórica, manteve-se sempre um homem humilde e acessível, valorizando amizades verdadeiras e relações humanas.

“Era um homem simples, sempre disponível e interessado nas pessoas”, comentou José Mário Branco em entrevistas compiladas no artigo A força das palavras de Zeca Afonso. Em 1960, Zeca desenvolveu um estilo próprio de música popular de intervenção, comprometida com a realidade social e política do país. O regime do Estado Novo censurava qualquer crítica, mas o cantor encontrou formas criativas de transmitir mensagens de liberdade, justiça e solidariedade. Canções como “Os Vampiros”, “Traz Outro Amigo Também” e “Venham Mais Cinco” circulavam clandestinamente, inspirando movimentos estudantis, operários e cidadãos contra a opressão. A música tornou-se um instrumento de união e reflexão, mais do que palco ou fama. “O mundo social da música não me seduz grandemente, como não me seduzem os palcos e todo esse tipo de estruturas sobre que assenta a canção. Seduz-me, sim, aquilo que posso fazer em torno da música”, revelou numa entrevista

presente na revista Mundo da Canção. A sua obra mostrou como a arte pode ser ferramenta de consciência política e mobilização social, e como cada canção carregava uma mensagem de coragem e esperança.

Sofia Marques



MOITTA





Entre duas culturas, uma pizzeria



O longo percurso de
um casal ambicioso

Era já noite cerrada. O casal proprietário da Pizzaria Luso Brasileira preparava-se para encerrar o estabelecimento quando, ainda assim, me convidou a entrar na cozinha e, com amabilidade, ofereceu-me uma taça de batatas fritas para petiscar enquanto a entrevista decorria. André Leão e Bianca Coutinho vieram do Brasil para Portugal em 2018. O casal viajou praticamente pelo país inteiro à procura de um lugar para chamar de casa. “calhou de que quando nós chegamos aqui, depois de andarmos Portugal praticamente todo de Norte a Sul e passarmos dois meses andando de um lado para o outro, vivendo. Calhou de nós encontrarmos esse espaço”. Espaço esse que era também de um casal português que, durante 30 anos, viveu no Brasil. “Daí o nome, Pizzaria Luso Brasileira.” Antes de virem para Portugal, o casal viveu numa ilha brasileira com cerca de 74 quilômetros de extensão e 4 quilômetros de largura, a Ilha Comprida “lá nós, atuávamos com a mesma área que a gente atua aqui. Com a diferença que lá nós tínhamos três lojas: uma loja de roupa, de acessórios, de produtos praianos, e tínhamos duas hamburguerias”. A ideia de vir para Portugal surgiu do desejo de ter uma vida mais tranquila e segura, não pelo bem do casal em si mas sim pelas suas filhas. “O acolhimento aqui surpreendeu a gente” admite André Leão, mas, de seguida, tira um momento para refletir se o acolhimento que recebeu na altura seria o mesmo atualmente. “Hoje parece que as pessoas estão mais reclusas, elas estão mais contidas, mais fechadas. Então talvez a receptividade não teria sido a mesma”. A adaptação não foi um desafio para o casal, porque adaptar, para eles, é conviver com a comunidade e deixar-se ser moldado numa ótica positiva, é questão de equilíbrio entre os velhos e novos costumes, adquiridos pela interação social. “O Homem é produto do meio, afirma André Leão. Mesmo sem tempo para sair devido ao excesso de trabalho, o casal é grato por conseguir desenvolver uma relação com a comunidade local “a gente não tem nem tempo de sair, de se relacionar, de ter uma vida social mais ativa, não. Mas já basta, a vida social que nós temos aqui já é intensa”. Para as pessoas que atravessam dificuldades na vida, André Leão têm um conselho muito simples “Acordar de manhã, levantar a cabeça e buscar fazer uma coisa que gosta, você tem que dormir doido para acordar para fazer aquilo que você tem que fazer no dia seguinte.

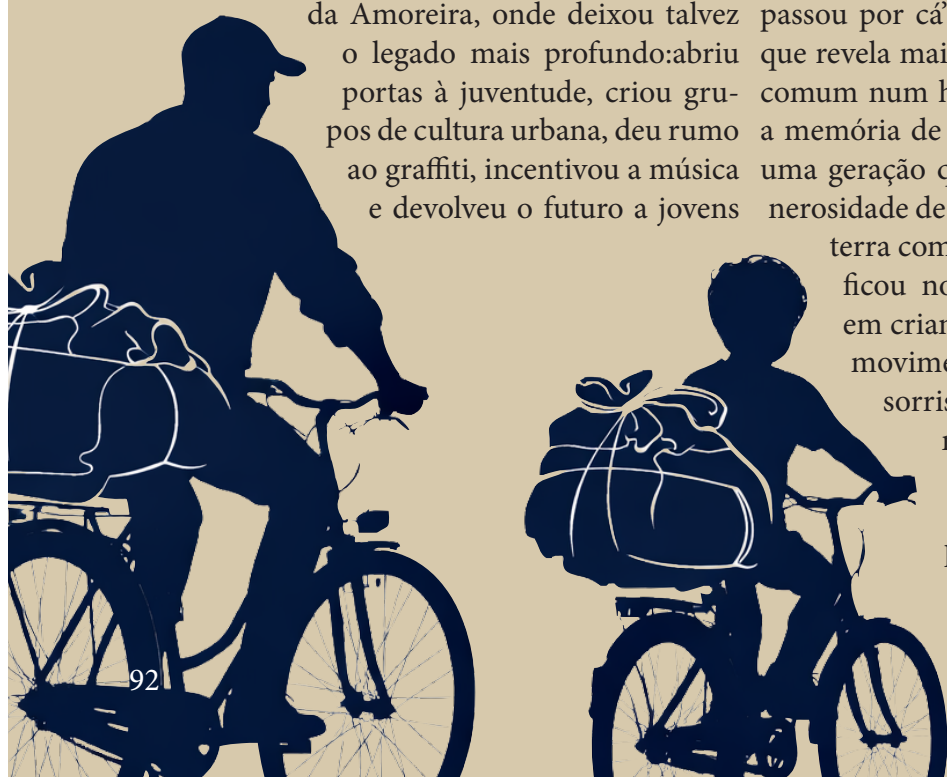
Então, eu acho que isso é a realização total”. No seu ponto de vista, não são as pessoas que nos são queridas, como a mãe, o pai ou os amigos que devem decidir como havemos de viver a nossa vida, mas sim o nosso coração “ Não é porque sua mãe falou que você tem que ser médico, ou falou que você tem que ser engenheiro... não interessa. A partir do momento que você fizer, ou atuar, ou se profissionalizar naquilo que o seu coração diz, você vai ter êxito. André Leão sente que falta um incentivo ao empreendedorismo em Portugal, na sua opinião, as pessoas foram ficando muito presas ao “conceito social” que foi desenvolvido ao longo dos anos, mesmo após o 25 de Abril “ao longo desses anos de sofrimento social que Portugal passou, inclusive até depois do 25 de abril, com esses conceitos políticos, às vezes, não tão bem direcionados como deveriam ter sido pós 25 de abril, levou muitas pessoas a uma dependência do Estado”. Com mais de quatro décadas de carreira, André Leão assume um posicionamento crítico ao modelo tradicional de trabalho e ao sistema de reforma. Para si, é difícil aceitar que, depois de cerca de 40 anos de contribuição, algumas pessoas recebam pensões que mal chega para cobrir as despesas básicas do dia a dia. **q u e s t i o n a** ainda se este é um padrão de vida justo para quem trabalhou toda a vida. Essa é a maneira de viver? **A í** que está a questão. A partir do momento que você começa a empreender e fazer o que você gosta, você vai crescer.

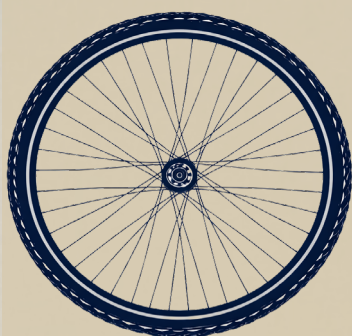
Leandro Neves



Há vidas que parecem demasiado grandes para caberem numa só pessoa. A de Armando Fernandes e Castro é uma delas, feita de fuga, coragem, luta e construção. Armando Castro não chegou à Baixa da Banheira pelos caminhos tranquilos da escolha. Nascido em 1943, na Póvoa de Lanhoso, trazia no sangue a força de quem aprendeu cedo que sobreviver é um verbo que se conjuga em família. Foi em cima de uma pasteleira que pedalarão durante dois anos, fugidos, de terra em terra, sempre um passo à frente da polícia política que perseguia o pai. Em 1948, encontraram na Baixa da Banheira, o primeiro chão seguro, “já vivo aqui há 77 anos”, relembra. A vida nunca lhe ofereceu facilidades. Recorda sem hesitações os tempos de fome que moldaram a sua infância, “o meu pai não tinha trabalho, havia muita fome e íamos buscar comida ao refeitório da CUF”. A inocência dos jovens que desejavam restos de comida esconde um retrato social duro, mas é ali que, talvez, se começou a desenhar o homem solidário e resistente que viria a ser. Aos 18 anos, chegou o momento de erguer a voz. A Baixa da Banheira fervilhava de luta antifascista e foi aí que encontrou lugar, “a consciência política começou a surgir e a luta começou-se a desencadear, fizemos tudo o que era possível”. Participou em manifestações, bloqueios da linha férrea e confrontos com a GNR, “muitos amigos meus foram presos, eu não cheguei a ser preso, embora pouco faltou”. Depois do 25 de Abril, exerceu diversos cargos políticos. Os de maior destaque foram Presidente da Assembleia de Freguesia e, mais tarde, Presidente da Junta de Freguesia do Vale da Amoreira, onde deixou talvez o legado mais profundo: abriu portas à juventude, criou grupos de cultura urbana, deu rumo ao graffiti, incentivou a música e devolveu o futuro a jovens

que o país parecia disposto a esquecer. Armando Castro fala pouco de si. Prefere falar das pessoas, da terra, dos que lutaram antes e dos que vieram depois. No entanto, há algo que o enche de orgulho: ter ajudado a levar o nome da Baixa da Banheira além-fronteiras, criando protocolos de geminação com Plaisir, em França, e Pinhel, em Portugal. “Há gente que nada tinha a ver connosco e recebeu-nos com respeito”, recorda com um sorriso. É esse respeito que considera marca identitária da terra que o viu crescer. A capacidade de integrar, acolher e conviver entre culturas diferentes sem perder a essência é algo que considera crucial. É honesto, paciente, amigo de todos e respeitador de opiniões, mesmo quando divergem. São estes os valores que nunca sacrificou, nem nos dias mais duros da clandestinidade, nem nos mais exigentes da vida autárquica. Hoje, olha para o distrito com o realismo de quem o conhece por dentro e por fora. Preocupa-se com a falta de trabalho, com a escassez de habitação, com o desaparecimento das indústrias que sustentaram gerações, com a falta de apoio aos idosos e com o declínio de alguns serviços de saúde. Defende com convicção que as associações culturais e desportivas precisam, e merecem, mais apoio, porque são elas que asseguram parte da formação dos jovens. Quando lhe perguntam o que sente ao dizer que é da Baixa da Banheira, responde sem hesitar, “sinto orgulho”. Orgulho numa terra que acolheu milhares de pessoas vindas de todos os cantos, e numa região que foi palco de resistências e esperanças. Armando Castro termina a conversa dizendo que foi “mais um que passou por cá”, frase dita num sopro humilde que revela mais do que oculta. Não há nada de comum num homem que carrega dentro de si a memória de um país em fuga, a coragem de uma geração que enfrentou a ditadura e a generosidade de quem ajudou a transformar uma terra com as próprias mãos. Não “passou”, ficou nos caminhos por onde pedalou em criança, nos jovens que orientou, nos movimentos que ajudou a erguer e nos sorrisos das pessoas que o cumprimentam na rua. Ficou na história viva de um concelho que aprendeu, com pessoas como ele, que liberdade é um trabalho diário.





Da bicicleta em fuga ao orgulho de uma terra:

Um percurso que deixou marca

“Muitos amigos meus foram presos, eu não cheguei a ser preso, mas pouco faltou”





Onde a tauromaquia se faz raiz

A paixão que ganha
vida na Praça da Moita

“Quando se nasce aqui, existe uma forte ligação à tauromaquia”

Há uma corrente que passa de pais para filhos, não se vê, mas sente-se no ritmo das festas, nas procissões que cortam o silêncio da tarde, nos barcos que navegam sobre o Tejo e na Praça que guarda memórias intensas de uma tradição. É na Moita, lugar envolvido pela fé, o rio e a bravura, que nasce Joaquim Ribeiro “Cuqui”. Neste concelho, a tauromaquia não é apenas paixão: é identidade, “Quando se nasce aqui, existe uma forte ligação à tauromaquia”, revela. Cresceu dentro desta herança e, aos doze anos, entrou na Escola de Toureio da Moita, onde o maestro Armando Soares lhe deu a alcunha que ainda hoje o acompanha, “Cuqui”. O caminho depressa o empurrou para longe: Vila Franca, depois Badajoz e, mais tarde, o México. Quatro anos do outro lado do oceano ensinaram-lhe o peso da distância, “Quando as coisas correm bem, não tens com quem festejar; quando correm mal, não tens apoio”, afirma. Mas foi lá que viu o mundo de outra forma. Viveu entre os muito pobres, que foram os primeiros a acolhê-lo, e conviveu com multimilionários que o receberam com igual respeito. Entre portas simples e salas imponentes, descobriu que a grandeza humana se revela em pequenas atitudes. Ao regressar às memórias da carreira, recorda esses capítulos como quem volta a abrir um álbum. A apresentação no Carnaval Taurino da Moita; as tardes em Málaga, Albacete e Badajoz; o bote com picadores em Aguascalientes; a alternativa no México e a encerrona com seis toiros na terra que o viu nascer. E é nesta terra que tudo ganha outro peso, “A Praça da Moita é das mais importantes do país. Já por si só é uma responsabilidade muito grande”, admite. Tourear diante de quem o viu crescer é alegria e exigência num só gesto, “São as pessoas que mais gos-


tam de ti, algumas delas e também outras, são as que mais te exigem”. Na Escola de Toureio, o papel transforma-se, ensinar passa pela formação, mas também pela transmissão de valores, “O nosso objetivo principal é formar jovens que queiram ser toureiros, mas, sobretudo, também passamos valores”. Fala da importância de ser “cavalheiro em todo o sentido da palavra”, do respeito pelos mais velhos, de atitudes simples que, para ele, fazem tanta falta quanto a técnica. O reconhecimento chegou com o Prémio Golfinho de Ouro, “Tenho tentado ter um papel ativo na Moita”, declara com um orgulho sereno. A homenagem celebra não só a carreira, mas as horas dedicadas à comunidade, à cultura local e à tauromaquia que o moldou. Quando pensa no futuro do distrito, deseja que tudo o que sustenta a identidade se conserve: “As três vertentes mais importantes são a parte católica, o rio e a tauromaquia”. Acredita que a evolução é necessária, mas nunca à custa daquilo que define uma terra. Sobre o futuro da festa brava, acredita que mudanças culturais podem influenciar tradições, mas “nós que cá estamos devemos manter-nos firmes nos nossos ideais e olhar para os nossos antepassados com orgulho”. Quanto aos seus próprios sonhos, mantém-nos acesos, “O homem é um eterno insatisfeito”, afirma. Já tomou a alternativa, mas quer mais: debutar ou confirmar a alternativa em Madrid e tourear em Sevilha. “Pouco tenho conseguido daquilo que tenho sonhado”, confessa, mas sem tristeza, apenas com a certeza de que o caminho se faz passo a passo. No fundo, “Cuqui” é a prova viva de que a tauromaquia é mais do que uma prática, é parte da identidade da Moita. Entre o Tejo, a Praça e os costumes, leva consigo não apenas a técnica, mas valores, e é no equilíbrio entre tradição e futuro que se mantém viva a cultura local, mostrando que o caminho se constrói com dedicação, trabalho e orgulho pelas raízes.

Num ambiente frenético, onde se ouvia o som dos talheres a baterem nos pratos, conta-se a história de um homem que veio da China, acompanhado pela família e com um único objetivo. Continuar o negócio do seu pai. O restaurante KingDu mantém-se como um dos melhores restaurantes da Baixa da Banheira desde o momento que serviu os primeiros clientes, em 1986. O seu nome é Duidui Sin e é natural da cidade chinesa Zhejiang. Conta que toda a gente vem para a Europa, cresceu num contexto em que emigrar era quase um caminho natural. Países como Portugal, França e Espanha surgiam como destinos onde seria possível ganhar mais dinheiro e oferecer melhores condições às gerações seguintes. Os seus pais chegaram primeiro a Portugal, foi, principalmente, o seu pai que deu origem ao restaurante KingDu e hoje, Duidui Sin e a sua mulher são responsáveis por continuar o seu legado. A motivação não era apenas “ganhar mais”, explica, mas ter oportunidades de negócio que na sua terra natal eram praticamente impossíveis onde se “ganha pouco e gasta mais” e enquanto pai, o objetivo era simples “dar uma vida melhor às crianças”. Aos 18 anos Duidui Sin, veio para Portugal continuar os seus estudos e, quando terminasse a escola, acompanhar os seus pais no negócio. “No início é difícil”, admite. Houve burocracias como pedidos de visto, passaporte, título de residência e, principalmente, o desafio da língua, mas com o tempo, ao conviver e trabalhar diariamente, o português foi saindo de forma mais natural. Hoje, diz que quase todos os clientes são conhecidos de longa data, a sua percepção é que “não há cliente novo, é tudo de há muitos anos” são rostos familiares que regressam há anos. Na altura que o seu pai abriu o negócio, recorda, muitos chineses que chegavam a Portugal seguiam o mesmo caminho: trabalhar primeiro para aprender e, depois, abrir um restaurante ou loja. Mas os começos nunca são fáceis, no caso desta família, faltava dinheiro, era preciso comprar materiais, fazer obras, pintar, tratar da eletricidade e do ar condicionado, eram despesas pesadas para quem estava a começar praticamente do zero. A família envolveu-se em tudo. Os seus pais trabalhavam na

cozinha e nos dias de hoje, Diuidu Sin e a sua mulher seguem os mesmos passos, o negócio continua essencialmente familiar. Trabalhar em família tornou-se uma rotina exigente, iniciando o dia desde cedo até fechar o restaurante. “Não é pesado, isso já é a minha vida”, diz, com naturalidade. Apesar de ter seguido o mesmo caminho do seu pai, admite que não quer que os seus filhos sigam os seus passos devido à rotina que vive “é restaurante, casa... e quase mais nada”. Por isso, quando pensa nos filhos, o desejo é que estudem, que façam universidade, que escolham uma profissão que lhes permita ter tempo e liberdade. “Eu não gosto que o meu filho trabalhe no restaurante”, afirma. Não porque o negócio seja indigno, muito pelo contrário, foi o que sustentou a família, mas porque sabe o que implica: uma vida inteira dedicada ao trabalho, com pouca brecha para descanso ou projetos pessoais. Se tivesse de deixar uma mensagem, seria simples: estudar e pensar bem antes de escolher um caminho. Sem estudos, diz, resta sobretudo o trabalho duro. “não se morre de fome” mas alerta que é uma decisão que muda completamente a vida toda. tem como princípios a consistência e persistência: escolher algo de que se goste e manter o rumo, mesmo com dificuldades. Desistir sem plano, para ele, não é opção, até porque “se tu desistires, o que é que vais fazer à tua vida?”. O restaurante não é apenas um lugar para comer, é o ponto de encontro entre a herança cultural chinesa e o quotidiano português, é um espaço onde a história de duas gerações de uma família, que não tinha nada, se transformou em pratos servidos diariamente, em conversas com clientes habituais, em anos acumulados de trabalho silencioso. Duidui Sin admite que não tem grandes sonhos para si próprio, o seu foco está nos filhos e no futuro deles. Acredita que se a próxima geração puder escolher outro caminho, com mais tempo e liberdade, então todo o esforço da sua família terá valido a pena.

Leandro Neves

“Se tu desistires, o que é que vais fazer à tua vida?”

A man with short black hair, wearing a black t-shirt with a small white logo on the left chest, is sitting in a chair. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background features a white wall with a green decorative panel on the left and a large, ornate golden dragon sculpture on the right. The text is overlaid on a semi-transparent brown banner at the bottom of the image.

Viver para trabalhar,
trabalhar para viver
Uma vida dedicada aos filhos

Tudo começa na Rua Mestre Jaime, um lugar onde o mundo parece diferente, transformando-se noutras cores e cheiros característicos, aqueles que pertencem às memórias. Com uma simpatia que realça a sua essência, Jaime Costa, herdeiro do nome do pai, abre a porta da sua oficina, com a mesma calma de quem abre um confessionário para uma longa conversa. O interior é acolhedor, as paredes de madeira escura seguram quadros que parecem navegar pelo percurso de vida do calafate. O mestre nasceu a 23 de Junho de 1953, no Gaio-Rosário. Tinha apenas 11 anos quando se dedicou de corpo e alma ao estaleiro “é a minha vida”, refere, com uma voz trémula, carregada de emoção que não precisa de explicação. A vida na oficina nem sempre é fácil, confidencia, referindo que lamenta a ausência de qualquer apoio financeiro da Câmara Municipal da Moita. Ali, o foco parece ser apenas a construção de casas, ignorando a arte que se perpetua de geração em geração, “este é o único estaleiro que existe”, menciona com um olhar que parece procurar conforto. É no estaleiro onde a madeira guarda o eco das marés onde, Jaime Costa fala com a lidade de quem sempre viveu entre tábuas e mastros. No entanto, com o passar dos anos, assistiu ao desaparecimento de quase toda a construção naval tradicional. Onde antes existiam mais de quarenta estaleiros na Margem Sul, hoje resta apenas o seu. Essa solidão atormenta-o, a ausência de novos aprendizes transforma o seu local de trabalho numa maré quase vazia, “uma pes-
durante estes anos todos
não conseguiu cati-
ninguém”. Recorda
com um sorriso
que, no passa-
do, passaram
pelo es-
taleiro

jovens estaginas do país e até estrangeiros interessados em técnicas que já não encontram no seu país de origem. Atualmente, isso raramente acontece; a profissão exige esforço físico, conhecimento especializado e dedicação constante, qualidades que acredita que muitos já não procuram. A conversa avança para o estado atual do concelho, descrito pelo calafate como “cada vez mais pobre”, com ruas degradadas, falta de drenagem e espaços públicos abandonados. Vê crescer urbanizações, hipermercados e bombas de gasolina, enquanto a indústria desaparece. Acredita que a qualidade de vida não acompanhou o aumento da população e que muitos jovens não têm futuro na terra onde nasceram. Ainda assim, mantém um grande orgulho pela região. Considera que o Gaio-Rosário e Sarilhos Pequenos são pedaços autênticos do território onde a identidade ainda resiste ao desgaste dos anos, “acho que este é um lugar espetacular”, reforça. Retrata a relação antiga da comunidade com o Tejo como quem fala de uma amizade perdida, mas recuperável. Depois de uma longa viagem ao passado, pensa no futuro da construção naval tradicional, quando de repente se instala uma incerteza, transformando a conversa num diálogo quase tão frio como as águas do rio. O corpo já acusa o peso do tempo, as articulações recordam-no de que a idade avança e que não é eterno. A sua determinação ce intacta e, enquanto puder, o estaleiro continuará aberto, não apenas como oficina, mas como testemunho vivo de um ofício que quase desapareceu. “Temos de guardar o que é nosso”, diz, mostrando que, na simplicidade desta frase, cabe uma vida inteira dedicada a lutar para que o que ainda resta da arte naval não se perca para sempre. O ranger da madeira permanece com a certeza de que a arte sobrevive nas mãos de quem resiste ao esquecimento, afirmando-se como um símbolo que nunca será esquecido. Agarra no papel e conclui, “não vou largar o estaleiro, só quando não puder andar”.

Marta Miranda e Sofia Santos



Sobre Tábuas e Marés

As memórias de um Calafate



“Não vou largar o estaleiro, só
quando não puder andar”

Com 20 anos, sozinha, sem família, sem garantias e apenas com um bilhete de identidade e a morada de uma amiga que a esperava do outro lado do oceano, Margarida Maria da Luz Santos, conhecida como Dona Guida chegou a Portugal pela primeira vez em 1973. Nascida em Santo Antão, foi para São Vicente aos 7 anos de idade, onde cresceu e aprendeu como a vida podia ser dura. Filha de uma mulher cabo-verdiana que lutava contra a pobreza e de um pai que era capitão de barco, cresceu dividida entre casas. A sua infância foi curta, ainda em Santo Antão, quando vivia com a sua mãe já sentia a necessidade de trabalhar “eu comecei a trabalhar quando eu era criança, com 7 anos de idade. A vida era complicada, a minha mãe não tinha muita coisa, não tinha muitas condições”. Margarida Santos não ficou à espera que o trabalho surgisse do nada, foi a mesma que pediu para trabalhar “Eu vi a senhora carregar uma pedra para um lado e para o outro, e fui pedir: posso fazer também?”. Quando foi para São Vicente, viveu primeiro na casa da senhora que a criou e, mais tarde, na casa do pai, até aos 17 anos, apesar de ele não ter sido uma presença constante devido às viagens: “ele viajava de um lado para o outro.” Aos 20 anos, surgiu uma oportunidade de mudança. Uma amiga, que como ela crescera em Cabo Verde mas já trabalhava em Portugal, convenceu-a de que, para construir uma vida melhor, teria de largar a sua terra natal. Foi, então, no dia 11 de agosto de 1973, oito meses antes da Revolução dos Cravos, que Margarida pisou em Portugal pela primeira vez “Cheguei aqui dia 11 de agosto de 1973 e fui trabalhar como empregada doméstica na casa de uma senhora no dia 13 em Lisboa”. Ao ser questionada sobre as dificuldades que enfrentou, recorda-se de tudo como se tivesse sido ontem: para Guida, os primeiros momentos foram profundamente duros. Estava

sozinha, sem família e não conhecia quase ninguém a não ser a amiga que a ajudou a arranjar trabalho “durante seis meses chorei na casa da senhora.” Recorda-se ainda da Revolução 11 de Março de 1975 “e nesse dia eu fui buscar o meu irmão que veio de Cabo Verde, o aeroporto estava cheio de tropas, eu passava e eles mandavam-me voltar para a minha terra”. A sua única companhia era a dor de estar longe da família e dos amigos, longe de Cabo Verde. Depois de algum tempo em Lisboa, Margarida Santos mudou-se para o Algarve, onde conheceu o companheiro. Foi ali, entre campos quentes e o cheiro a mar, que nasceu o primeiro filho, mas a estabilidade durou pouco. Em busca de melhores condições, a família seguiu para o Alentejo, onde o marido encontrou trabalho na mina e Margarida regressou ao esforço físico que sempre conhecera. Passou a trabalhar no campo “ele trabalhava na mina e eu trabalhava no campo, apanhava azeitona, plantava tomate, apanhava tomate, apanhava feijão verde”. Com o passar dos anos a família foi crescendo e a casa começou a parecer mais pequena para tantos sonhos. Margarida Santos decidiu mudar-se definitivamente para a Baixa da Banheira, onde reside até aos dias de hoje, sozinha, mas com a família e muitos amigos de várias nacionalidades por perto. Apesar de todos os desafios que a vida lhe impôs, Margarida Maria da Luz Santos nunca perdeu a capacidade de olhar para os outros com generosidade. Hoje, já reformada e com décadas de histórias guardadas na memória, o que mais lamenta não é o peso do trabalho nem as dificuldades vividas, mas sim aquilo que sente faltar no mundo atual: “As pessoas passam e nem dizem bom dia... falta empatia no mundo”. Para Dona Guida, a vida não foi fácil, mas foi vivida com coragem, com esforço e com um coração que nunca deixou de ajudar, mesmo quando isso significava sofrer.

Leandro Neves

“Eu comecei a trabalhar quando eu era criança, com 7 anos de idade”

Das ilhas Cabo Verdianas para Portugal Continental

O longo caminho de Margarida



Entre portas vizinhas

Uma vida feita de amor

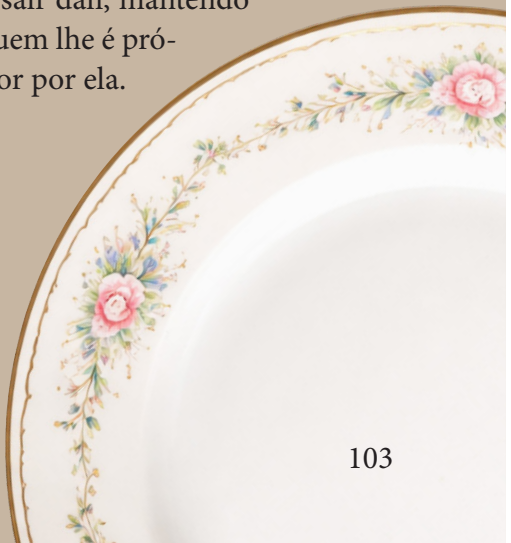


Abre-me a porta com um sorriso, a mesma que ao longo de décadas se abriu para receber vizinhos e amigos. Do outro lado, está com um olhar radiante e expectante para o que venho. Chegou ainda criança a este concelho e daqui nunca mais saiu. Possui uma história marcada pelo amor e todos os sonhos que um dia achou demasiado difíceis de conquistar. No Baixo Alentejo, em Cuba, concelho que a viu nascer, Olinda Enguiça pouco se recorda da terra natal: tinha apenas 5 anos quando, lado a lado com os pais, se mudou para o distrito de Setúbal sem data de regresso. “Já cá estavam 3 irmãos meus”, que à procura de um trabalho fora do campo chegaram à Baixa da Banheira, dita com uma nostalgia presente na voz. O ritmo da máquina de tricotar preenchia os dias de Olinda Enguiça, que com 14 anos começou a trabalhar a tricotar malhas para uma senhora, “era o dia inteiro com a máquina”. Recorda tempos de um trabalho “um bocadinho cansativo”. Após aprender e ter prática no processo, Olinda Enguiça comprou uma máquina e passou a trabalhar por conta própria junto de sua mãe, “com o dinheirinho das malhas é que eu ia fazendo o meu enxoval” conta com um sorriso presente no rosto e com a mesma leveza que teve quando os tempos não lhe sorriam de volta “as malhas eram muito mal pagas. Não davam praticamente nada”. Cada tecido tricotado representava mais do que uma peça de roupa: era um pequeno passo rumo à independência e à vida que viria a construir. Enquanto a sua mãe estava doente, era a única repariga na casa, “uma menina com nove anos”, mas com um trabalho de mulher adulta e dona de casa às costas.

Leonor Reis



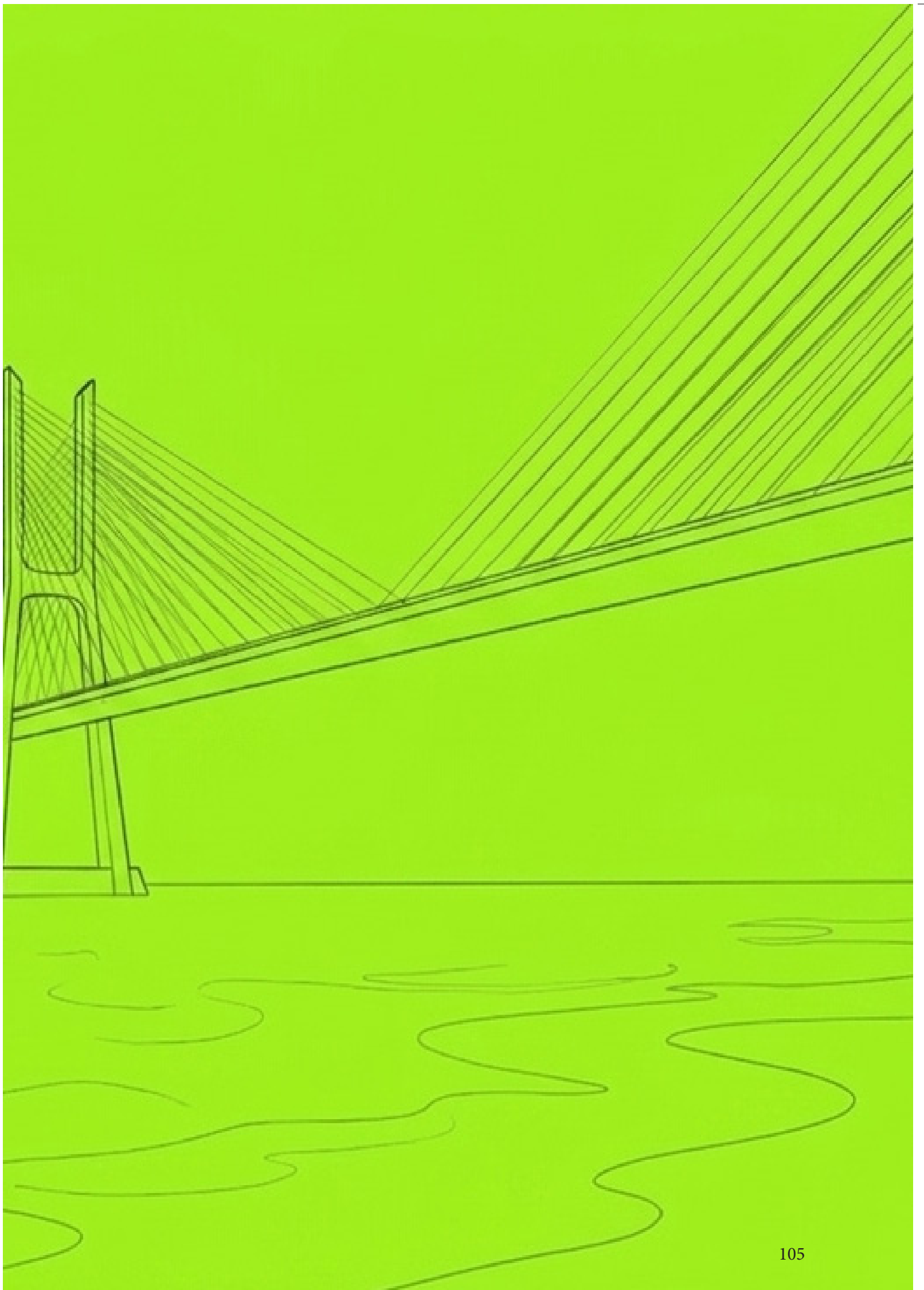
Nas manhãs de inverno, mergulhava a roupa na água gelada do tanque, com o frio cortante “nem conseguia esfregar a roupa”. A rotina era a mesma, dia após dia: sair da escola e ocupar-se com a casa, “uma menina com nove anos”, mas com um trabalho de mulher adulta e dona de casa às costas. Nas manhãs de inverno, mergulhava a roupa na água gelada do tanque, com o frio cortante “nem conseguia esfregar a roupa”. A rotina era a mesma, dia após dia: sair da escola e ocupar-se com a casa, “uma responsabilidade para uma miúda de nove anos muito grande”, como descreve, ao visitar os tempos difíceis. “Só tinha duas peças de roupa”, uma para cada dia da semana e desde cedo a rotina era a mesma, dia após dia: sair da escola e ocupar-se com a casa, “uma responsabilidade para uma miúda de nove anos muito grande”, como descreve, ao visitar os tempos difíceis. “Só tinha duas peças de roupa”, uma para cada dia da semana e desde cedo teve de aprender a viver “por mim mesma”. Trabalhou na Santa Casa da Misericórdia, na Moita. Durante “quase 20 anos”, ocupou cargos na cozinha onde evoluiu profissionalmente até desempenhar a função de cozinheira. Entre tachos, panelas e o cheiro da comida quente, Olinda Enguiça encontrou uma paixão que a acompanha desde cedo, um gosto que “vem de nós mesmas”. Já em pequena sentia um grande interesse em ler nos livros de cozinha as receitas que neles estavam escritas, cada passo a passo era seguido e aperfeiçoado com o tempo. Olinda Enguiça, uma pessoa cheia de vida, descreve-se como “amiga das pessoas”, revela que a sinceridade que nela existe e que nos outros se mostra é “o que eu mais gosto”, a admiração que nutre pelo próximo, acompanha-a todos os dias quando dirige uma palavra a alguém “eu falo sempre com sinceridade” e confessa ter muito “amor com as pessoas. Principalmente aqui com os meus vizinhos”, com quem sente o maior laço de amizade e ligação, construído desde que se mudou para o prédio juntamente com o marido, com quem é casada há 50 anos. “A gente casando com a pessoa que gosta, é sempre bom”, dita, de sorriso aberto e perdida nas lembranças do bonito casamento que vive. É nos braços das filhas que Olinda Enguiça encontra todo o conforto que um dia procurou, nos sorrisos dos netos e no olhar meigo que troca todos os dias com os amigos que encontra o amor que tanto lhe felicita. Quando lhe é perguntado sobre o sentimento que nutre pela Baixa da Banheira, a banheirense afirma “gosto muito de cá estar”, não conseguindo imaginar alguma vez sair dali, mantendo sempre a porta aberta, pronta para ajudar e receber quem lhe é próximo, com um doce da casa, cozinhado com todo o amor por ela.



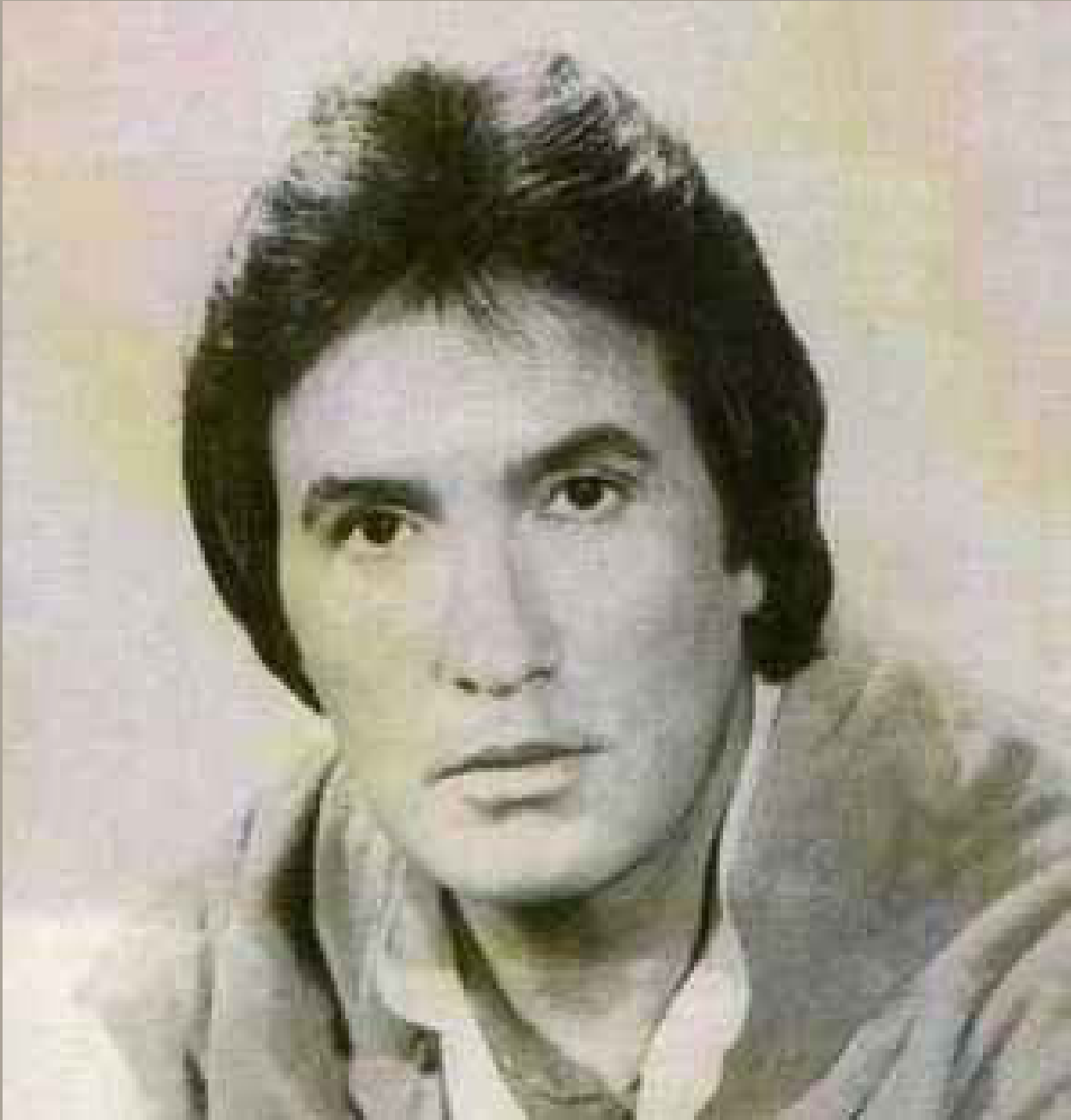
“Com o dinheirinho das malhas é que eu ia fazendo o meu enxoval”

Montijo





A Voz que Ecoa



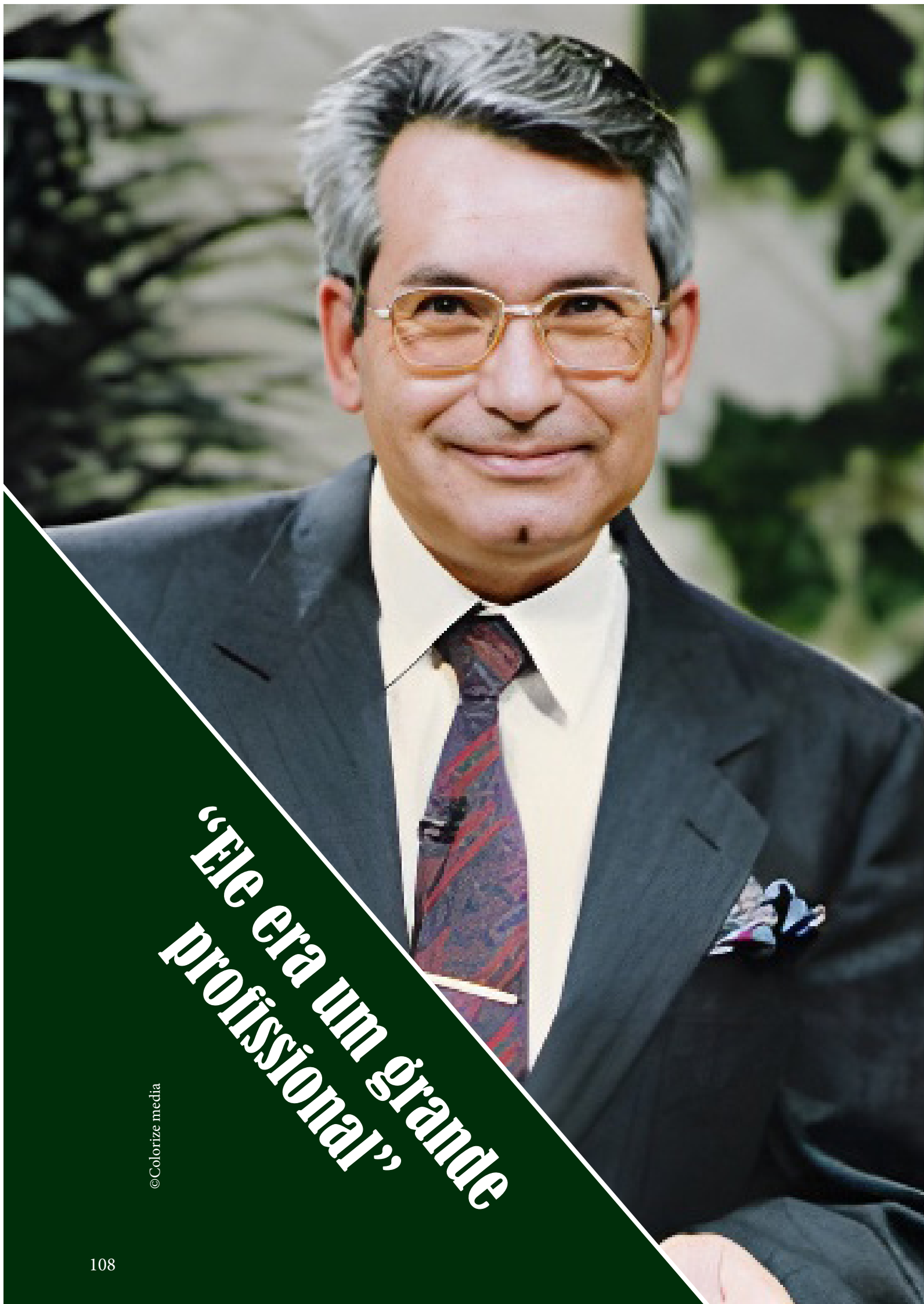
O Fadista que transformou
saudade em eternidade

António Mourão, de nome completo António Manuel Dias Pequerrucho nasceu a 3 de junho de 1935, no Montijo foi uma das vozes mais singulares e representativas do fado português. Um timbre onde morava a saudade antiga e o arrepio do tempo que passa. A sua vida artística começou por um acaso durante o serviço militar, quando a voz que lhe nascia no peito começou a chamar a atenção de quem o ouvia a cantar em noites improvisadas. Mais tarde, nas casas de fado de Lisboa, ressaltando a “Parreirinha de Alfama” e “Viela”, Mourão encontrou o palco que o mundo lhe devia. Era 1964, quando a sua presença começou tornar-se familiar nas ruas estreitas de Alfama, onde a guitarra e a voz se cruzavam como dois amados que se reconhecem ao primeiro olhar. A explosão da fama chegou em 1965, no Teatro Maria Vitória, quando, na revista “E Viva o Velho!”, cantou pela primeira vez “Ó Tempo Volta para Trás”. A canção tornou-se num símbolo em Portugal. Com o corpo reto, a voz cheia e o olhar fixo no que parece infinito. Dizem os que viram que, naquele momento, o público ficou em silêncio, como se o fado tivesse aberto uma porta onde apenas o mesmo conseguia entrar. O próprio fadista explica que “não se canta o fado para ser ouvido, canta-se porque a alma manda”, declaração que muitos recordam fruto da sua filosofia profunda, mesmo que raramente se encontrassem registos de entrevistas dadas pelo próprio. O seu reportório não se limitou ao fado tradicional: Mourão navegou por canções populares e temas folclóricos. Esta pluralidade fez dele um artista plural, atento ao povo e à poesia. A sua interpretação de “Maria Lisboa”, de Amália Rodrigues, marcou também uma nova leitura do clássico, mostrando que no fado há sempre espaço para a reinvenção. Acreditava profundamente que “não há fado sem verdade”, um verso que deu título ao seu último disco, sobre o qual muitos argumentam que este conjun-

to de músicas poderiam resumir a sua vida. Na década de 90, afastou-se dos palcos, fazendo apenas pequenas apresentações pontuais para comunidades, principalmente no estrangeiro. Até que, em 2013, foi dado o seu óbito na Casa do Artista, em Lisboa. O silêncio que deixou era quase tão grande quanto a sua voz. Numa espécie de exercício poético, poderíamos dizer que Setúbal ganhou, com António Mourão, um contributo simbólico: o de lembrar a arte. O rosto do fadista permanece até hoje como uma das maiores saudades setubalenses. Mas a grandeza de António Mourão vai para além do seu tempo vivo, na memória de quem o escutou, nos rádios que ecoavam a sua voz e em tertúlias improvisadas em cafés onde alguém pedia uma música de sua autoria para recordar. Mourão pertence ao país, e talvez seja por isso que a sua ausência se sinta tão presente. Ao revisitar o percurso histórico de António Mourão, reencontramos um artista que viveu no cruzamento entre tradição e renovação, num tempo em que o fado passava por transformações profundas. Foi testemunha da ascensão do fado nas décadas de 60 e 70, onde este ganhava um novo fôlego fora das casas tradicionais. Participou em revistas, programas televisivos e gravações que ajudaram a levar o fado ao grande público, rompendo barreiras geracionais e sociais. Gravou com algumas das editoras mais importantes da época, e, cruzou repertórios com poesia erudita, algo pouco comum no meio fadista do seu tempo. Esta carreira espelha igualmente a história de um país em transformação, que engloba o fim do Estado Novo, a Revolução de Abril e a modernização cultural que se seguiu. Carregou tudo isto na voz: a melancolia, o peso e a libertação. Hoje, olhando para o rasto que deixou, percebemos que António Mourão não foi apenas um intérprete de uma época, mas um intérprete do povo.

Beatriz Lopes

“Não há fado sem verdade”



©Colorize media

**“Ele era um grande
profissional”**


A ALEGRIA EM DIRETO

Luz, câmaras... coração

Havia uma voz que entrava nas salas de estar como se fosse um amigo, um convidado especial que sabia sempre o que dizer e quando dizer. “Muito alegre e muito positivo”. É assim que Luís Andrade, realizador dos programas, gravou o apresentador. Nascido a 30 de abril de 1935, no Montijo, Fialho Gouveia viveu a sua vida entre microfones e câmaras. Quando a rádio começou a ganhar forma em Portugal, Fialho já estava lá curioso, atento e presente. Mais tarde, com o nascimento da RTP, a sua figura tornou-se uma das mais carismáticas e queridas da televisão portuguesa. O radialista não era apenas um apresentador: era aquele que fazia cada pessoa se sentir em casa, mesmo que ficasse sozinha diante da ecrã. Foram muitas as noites em que a sua voz ecoou pelas ondas televisivas e radiofónicas. Programas como o pioneiro “Zip Zip”, o primeiro talk show nacional que estreou em 1969, ficaram para sempre na memória de quem assistiu. Andrade lembra com carinho: “Vivemos momentos extraordinários”, descrevendo os anos em que trabalharam lado a lado, entre improvisos, roteiros e aquele ritmo único que só a televisão portuguesa da época podia ter. Outros formatos, como “A Arca de Noé” ou “Entre Famílias”, foram palco do seu talento singular. Cada programa tinha um pouco dele: a clareza da voz, o brilho nos olhos e uma disposição que contagiava quem estava do outro lado da câmara. As pessoas lembram-se disso. Quem trabalhou com Fialho Gouveia também guarda memórias fortes. Sobre o seu jeito de escrever e conduzir os programas, Andrade afirma: “Escrevia admiravelmente com o sentido de humor”, conseguindo transformar cada guião e cada improviso em momentos que ficariam para sempre na memória dos espectadores. Era uma mistura perfeita de profissionalismo e leveza,

de criatividade e empatia. Mais do que o profissional brilhante, Fialho Gouveia era, segundo Andrade, “um homem com grande coração”, alguém que soube cativar todos à sua volta, da equipa aos convidados, e fazer cada telespectador sentir-se especial. “Ele era um grande profissional”, conclui, reforçando o legado de ética, talento e humanidade que deixou na televisão portuguesa. A carreira de Fialho Gouveia está hoje preservada em imagens de arquivo, incluindo programas especiais para a sua filha, Maria João Fialho Gouveia, partilha e revisita os momentos mais significativos da vida profissional do pai. Estes registos, guardados no repositório da RTP, funcionam como uma cápsula do tempo: não apenas relatam, mas fazem reviver a presença calorosa de um comunicador que marcou gerações e deixou uma marca indelével na televisão portuguesa. Apesar da popularidade e do brilho mediático, a sua vida pessoal era feita de nuances: alegrias intensas e batalhas silenciosas. A biografia escrita pela filha reflete essa complexidade, mostrando um homem de espírito aberto, mas também humano com fragilidades, sonhos e paixões próprias. Foi alguém que viveu intensamente, tanto diante das câmaras como fora delas. Fialho Gouveia faleceu a 2 de outubro de 2004, deixando Portugal com uma sensação de profunda saudade, como se alguém tivesse desligado uma luz acolhedora na sala de estar do país. Mas as palavras de Fialho Gouveia continuam guardadas no tempo, em cada gravação, em cada memória que resistiu ao passar dos anos. Fialho Gouveia não desapareceu com o fim das certezas, ficou ali, nas imagens, nas memórias e no coração de quem ainda se lembra de como era ouvir aquela voz muito alegre e muito positiva todas as noites no ecrã.

Regina Amado



Homem que deu nome à justiça

Um nome que o tempo não apaga

No coração do distrito de Setúbal, onde o Tejo se abre em forma de promessa em mar, viveu um homem cuja memória se mistura com as ruas, as vozes e o pulsar do Montijo. De nome Paulino Gomes, foi mais do que um nome gravado numa avenida, foi o eco de uma época em que servir o povo era uma forma de arte, justiça e um ideal que se respirava. Nascido a 25 de outubro de 1888, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, percurso marcado pela ética e dedicação ao bem comum, onde levou consigo mais do que um diploma, mas a convicção e desejo profundo de que a lei devia ser um dos alicerces para a dignidade da sociedade onde vivemos. Colegas de universidade e de trabalho recordam-no como “um homem que fazia da justiça uma forma de bondade”. Para ele, o Direito era mais do que um conjunto de normas, era um compromisso com a verdade. Nas suas palavras e nos seus gestos, estava sempre presente uma inquietação — a vontade de ver a sua terra caminhar rumo à modernidade, sem perder o coração e a alma que sempre a dis tinguiram. Acreditava que a República devia ser mais do que uma ban-

deira política: devia ser uma escola de civismo, onde cada cidadão aprendesse o valor do respeito e da solidariedade. Nas suas palavras, estava sempre presente uma vontade da sua terra caminhar rumo à modernidade, mas sem perder o coração e alma que sempre deteve. Conhecido como um homem de ideias republicanas e espírito reformador, lançou-se na vida pública com coragem e serenidade. Chegou a Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal da Aldeia Galega do Ribatejo, atual Montijo, em 1913. Reconhecido neste posto por construir pontes entre gerações e ter projetado o futuro com firmeza, contém ideais de quem acredita no poder da educação e no serviço comum. Atas municipais e crónicas locais guardam o rasto do seu trabalho e legado, como quem guarda um perfume antigo e discreto, mas inesquecível. Paulino Gomes, como contam registos e memórias locais, era um homem de palavra clara e generoso. O seu nome está intimamente ligado à história do Montijo. A Avenida Doutor Paulino Gomes e o Palácio da Justiça erguem-se como marcos da sua passagem, não apenas em homenagem, mas como forma de reconhecimento do impacto humano e institucional que deixou. Participou em iniciativas locais, apoiou projetos sociais e contribuiu para o fortalecimento das estruturas públicas do distrito de Setúbal. A sua visão ajudou a consolidar uma administração moderna e acessível, num tempo em que o país se reinventava, tendo como exemplo o papel de Diretor da Escola Primária Superior da Aldeia Galega, decretado a 5 de setembro de 1920. Décadas depois, o seu nome permanece vivo nas placas de rua, nos registos oficiais e, sobretudo, na consciência cívica de quem reconhece a importância do dever e da integridade. Pelas ruas do Montijo, é comum ouvir a população mais velha referir-se a este com respeito, enquanto os mais jovens apren-

dem o seu nome nas escolas, talvez sem saber que caminham sobre o legado de um homem que acreditava que servir era o maior ato de justiça. Doutor Paulino Gomes deixou um legado que transcende a biografia. A sua vida é um lembrete de que o verdadeiro legado não se mede em estátuas nem em discursos, mas no impacto silencioso que deixamos nos outros. E que num tempo em que a pressa tende a apagar as memórias, a figura de Paulino Gomes resiste, como um exemplo silencioso de que a verdadeira grandeza

se mede pela utilidade do que deixamos aos outros. Há nomes que o tempo não apaga.

Beatriz
Lopes



O HOMEM

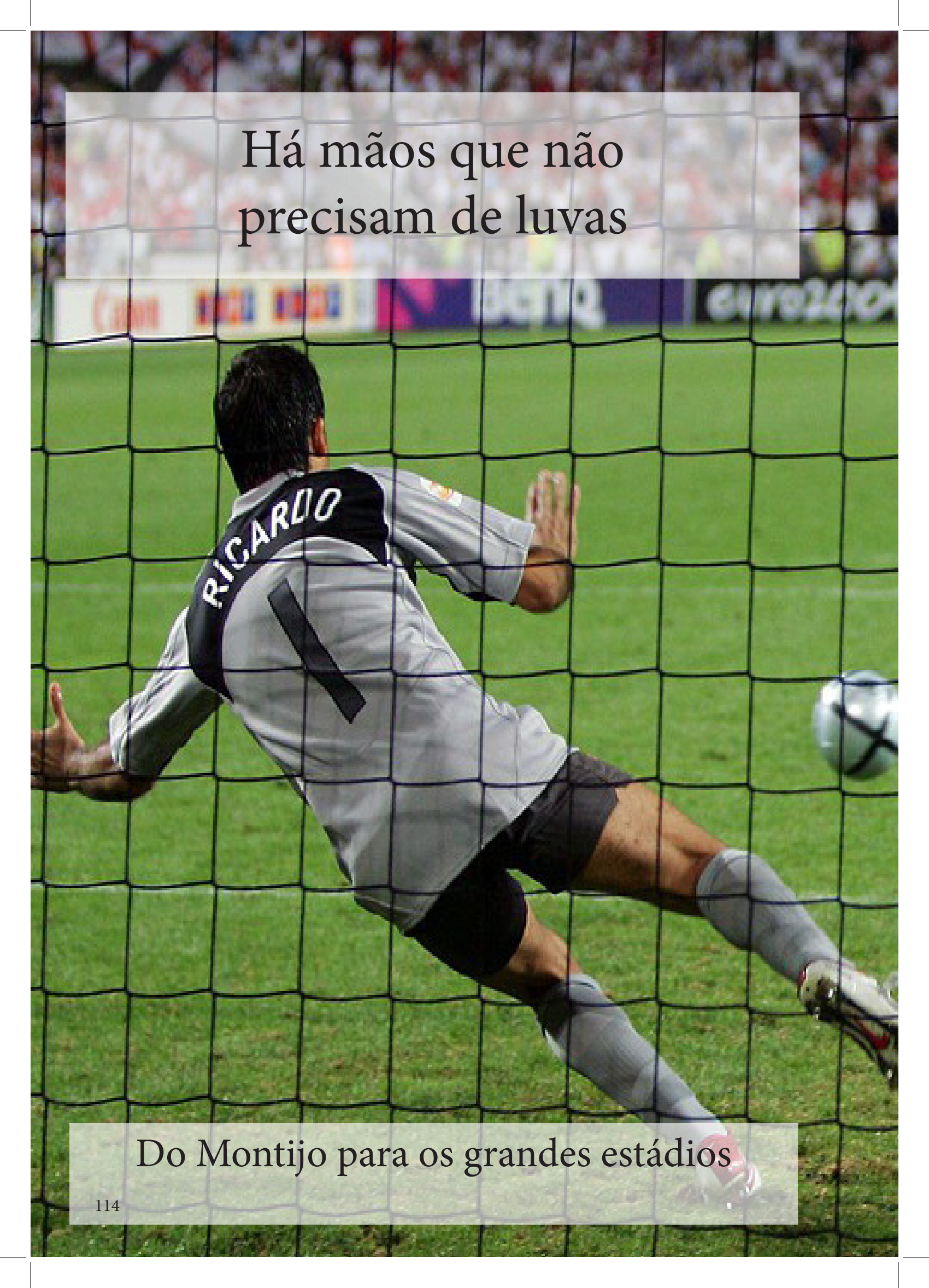
QUE OUVIU

O FUTURO **Notas que não se apagam, memórias que perduram.**

Há nomes que não se apagam, mesmo quando o som se cala. Jorge Peixinho é um desses nomes, daqueles que permanecem como uma nota suspensa no ar. Com as mãos cruzadas e um leve tremor de memória, José Sá Machado — que um dia o conheceu tão bem — deixa escapar um sorriso antes de começar a recordar. “Era uma pessoa super humana, muito amigo dos seus amigos e sem qualquer barreira.” Filho de um país que se fechava, Peixinho escolheu a abertura. O piano foi o seu primeiro amor e, mais tarde, o seu primeiro gesto de libertação. “Foi estudar para Itália com 19 anos. Foi uma revelação porque foi para um país onde tinha uma democracia e ele tinha vindo de uma ditadura”. Foi lá que percebeu que a música podia ser liberdade. “Não só musicalmente foi um grande salto, como também no aspeto político.” Ao regressar a um Portugal ainda cinzento, onde o novo era criticado e o silêncio muitas vezes imposto, Jorge Peixinho decidiu não se render à opressão. “Ele não tinha medo de nada”, reforça José Sá Machado, com um leve riso, ao lembrar a história em que Peixinho foi detido pela PIDE, sem nunca hesitar na sua postura. Com essa mesma atitude determinada fundou o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. “O Jorge Peixinho foi decisivo, influenciou toda a gente — direta e indiretamente”, e essa influência não se limitava ao palco ou às partituras, refletia-se também no seu dia a dia. “Se houvesse música de fundo que ele não gostasse — música pimba, música comercial — ele chamava logo o empregado: ‘Se não tira a música, vamos embora.’ Era desse tipo”. Apesar do humor que sempre lhe

escapava, José Sá, com olhos brilhantes e repletos de orgulho, não consegue deixar de elogiar. “Era capaz de ser o compositor mais importante da nossa história. O que não é coisa pouca, não é?”, revira-se na cadeira de sobancelha levantada e continua, “A importância dele não só é pela obra dele, que ainda pouco se conhece e é muito grande, sobretudo orquestral, como pelo papel que ele protagonizou, de grande catalisador do nosso meio artístico português”. José Sá chegava a ser abordado nas ruas por pessoas que queriam elogiar esse seu companheiro admirável. “Olha há tanta tanta coisa que podia dizer mas eu conto por exemplo uma pequena história que ilustra bastante bem... estava ele a dizer que foi uma lavagem cerebral, uma coisa única para ele e para os jovens todos que tinham ido ao concerto, que foi uma grande revelação, que lhe abriu a cabeça”. A marca de Peixinho foi tão grandiosa que, mesmo depois da sua morte, o eco ficou. “Não há nenhum concerto que não toquemos a música dele. Fazemos habitualmente, pelo menos, uma obra. E curiosamente é sempre uma obra que se destaca”. “Toda a gente sente muita falta”, lembra com um olhar pesado de recordações e um sorriso enfraquecido que levam José Sá a abraçar a nostalgia. “Ele tinha muitos amigos em todo o lado. Era uma pessoa muito viva, muito ligada aos outros”. Ao terminar, José Sá Machado deixa escapar um sorriso discreto, abre uma gaveta e diz: “Vou-te oferecer um”, e de lá retira o último CD com obras do compositor, como se me entregasse um fragmento da sua essência, para que a música do seu grande amigo pudesse continuar a ressoar entre nós.

“TODA A
GENTE SENTE
MUITA FALTA”

A photograph of a soccer player, Ricardo Pereira, in a white and black kit, diving towards a goal. He is seen from behind, with his arms outstretched. A soccer ball is visible in the air to the right. The background shows a stadium with spectators and a banner for Euro2008.

Há mãos que não
precisam de luvas

Do Montijo para os grandes estádios

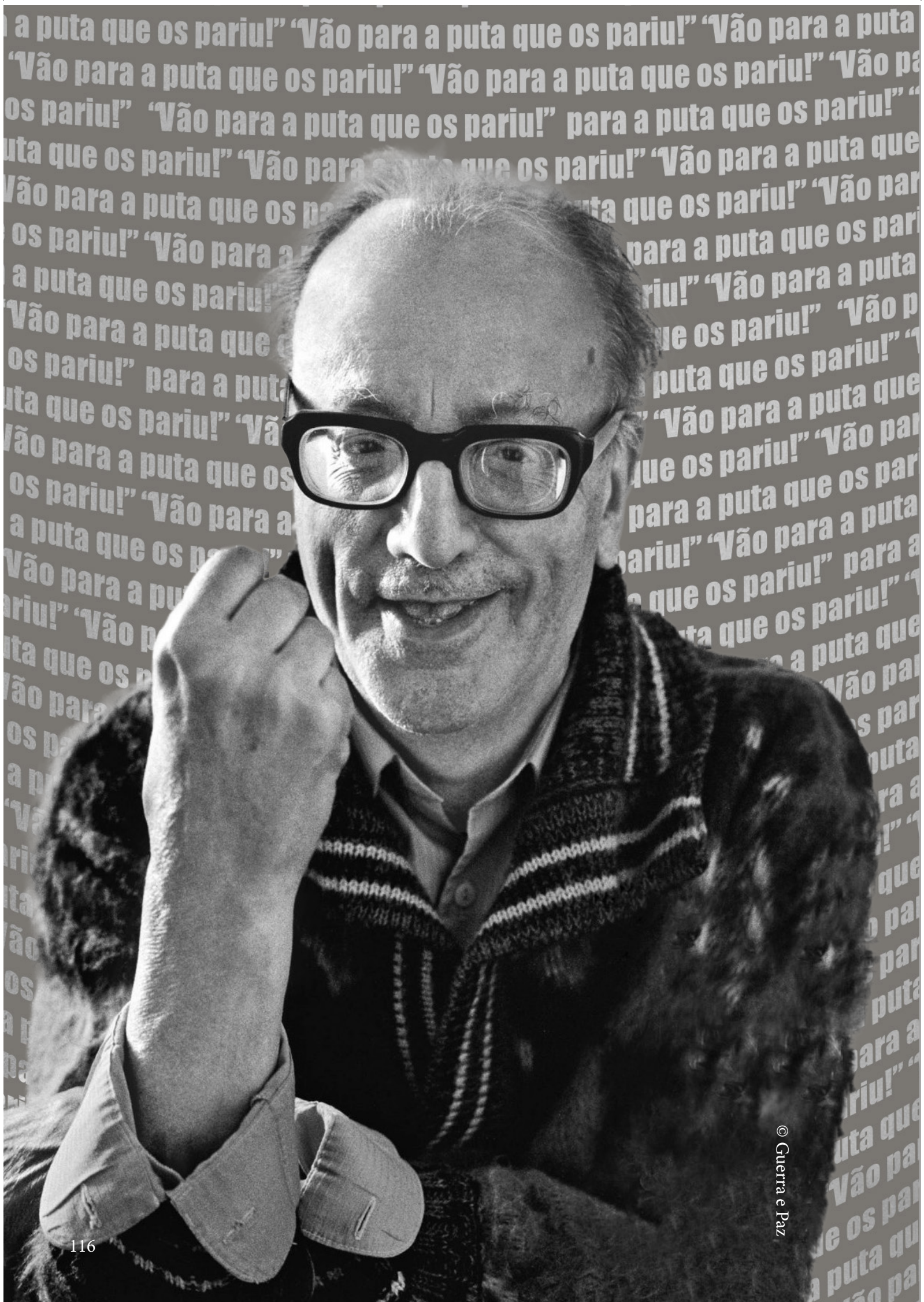
Há percursos que nascem longe dos grandes centros e que se constroem com simplicidade, trabalho e persistência. O de Ricardo Pereira começa nas ruas do Montijo, numa geração em que os dias eram passados entre bicicletas, berlindes e bolas gastas pelo alcatrão. “Desde muito pequenino sempre gostei de jogar futebol”, recorda. O sonho de ser jogador esteve sempre presente, mas também com a consciência de que poderia não acontecer. Por isso, estudou, prevenindo o futuro enquanto alimentava a paixão. Foi no Montijo que deu os primeiros passos federados, no Clube Desportivo Cultural e Recreativo Os Unidos, e mais tarde no histórico Clube Desportivo do Montijo. Guarda dessas memórias a proximidade com as pessoas, o convívio constante e o espírito de comunidade que marcava a vida associativa da terra. Mais do que um ponto de partida desportivo, foi ali que consolidou valores como: a seriedade, a gratidão e a dedicação. Princípios que lhe foram transmitidos pela família e reforçados na convivência de rua. Aos 18 anos saiu de casa para o norte do país. A ida para o Boavista significou perseguir o sonho, mas também enfrentar a solidão e a saudade. Houve dificuldades e momentos de “choro invisível, porque a saudade dói”, admite. Essa fase obrigou-o a crescer rapidamente, a criar novos laços e a fortalecer o carácter.

“Queres correr atrás dos teus sonhos, isto vai doer um bocadinho, mas é preciso fazê-lo, e foi isso que eu fiz”.

Doeu, mas moldou o homem e o profissional que é hoje. Entre os ídolos de juventude destaca nomes internacionais e nacionais que in-

fluenciaram a sua formação. Acabou por escolher a posição mais exigente do campo. Defender a baliza, como sublinha, “É quase assumir um papel individual dentro de um jogo coletivo”. A responsabilidade é maior, o erro é mais visível, mas também o reconhecimento pode ser eterno e decisivo. O momento dos penáltis no Euro 2004 permanece gravado na memória coletiva dos portugueses. Ainda assim, o antigo internacional português afirma que as conquistas não se medem apenas em troféus. Orgulha-se igualmente de ter sido o primeiro português a defender três grandes penalidades numa fase final de um Campeonato do Mundo, em 2006. São marcos que ficam na história e que representam mais do que estatísticas: simbolizam superação e coragem em momentos de enorme pressão. Levar o nome do Montijo e do distrito de Setúbal para os grandes palcos foi sempre motivo de orgulho. “Representamos as nossas gentes”, afirma. Fala da tradição desportiva da terra e da responsabilidade de honrar essa herança sempre que entra em campo. Mesmo não residindo atualmente no concelho, mantém lá as raízes familiares e a ligação afetiva que o definem. O regresso, acredita, acontecerá naturalmente, porque é ali que está a base da sua identidade. Hoje, como treinador, mantém os ensinamentos que recebeu ao sair de casa: regressar sempre com os mesmos valores e poder andar de cabeça erguida. Esse é, diz, o seu maior património, mais importante do que qualquer troféu. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, o montijense destaca a riqueza natural, humana e cultural da região desde as praias à Serra da Arrábida, do trabalho agrícola à tradição piscatória. Deseja que, daqui a um século, seja lembrada como um território que valoriza as pessoas, que evolui sem perder identidade e que continua a formar talentos capazes de levar mais longe o nome da sua terra.

Gonçalo Domingues



“Vão para a puta que os pariu!”. Foi com esta frontalidade, que muitos chamariam de desatino e outros de coragem, o que Luiz Pacheco viveu e escreveu. Filho de Setúbal, nascido em 1925, foi o escritor que quebrou regras e irritou gerações. Acreditava que a verdade, por mais suja que fosse, devia ser dita, e foi isso que fez até ao fim. Pacheco nunca quis ser herói, preferiu ser livre e essa liberdade custou-lhe tudo. Viveu censurado e desprezado por muitos dos seus contemporâneos, mas nunca deixou de escrever. “Ninguém quer marginalizar-se, ninguém quer viver mal, ninguém quer passar mal. Só uma pessoa com aberrações mentais, um louco”, disse uma vez. E era nessa loucura que encontrava espaço para a sua verdade. Editor e provocador literário, foi uma das figuras mais polémicas da cultura portuguesa. Criou a editora Contraponto, publicando autores como

uma forma de verdade. Para Sofia, colega de Rui num projeto sobre censura e vanguarda, “Luiz Pacheco é um autor de uma clareza absoluta e de uma erudição surpreendente” Ela sublinha que “tendo uma educação religiosa fortíssima, soube olhar criticamente para esse mundo e transformá-lo numa crítica viva à opressão”. Em *Comunidade* (livro de Luiz Pacheco), o escritor deixa uma das suas passagens mais comoventes: “A cama é larga, de madeira, alta, gingona, parece uma jangada... Não ajuda a viver, é certo, porque nada ajuda a viver; antes a figurar-se” (Goodreads citação de *Comunidade*). A imagem da “jangada” acompanha toda a sua obra, símbolo de um homem que navegou entre o génio, o abismo, a fome e a lucidez. O erotismo, tantas vezes usado para o atacar, era para ele uma forma de conhecimento. “Sou um tipo muito mais sensual que sexual. O que eu

A coragem de ser livre

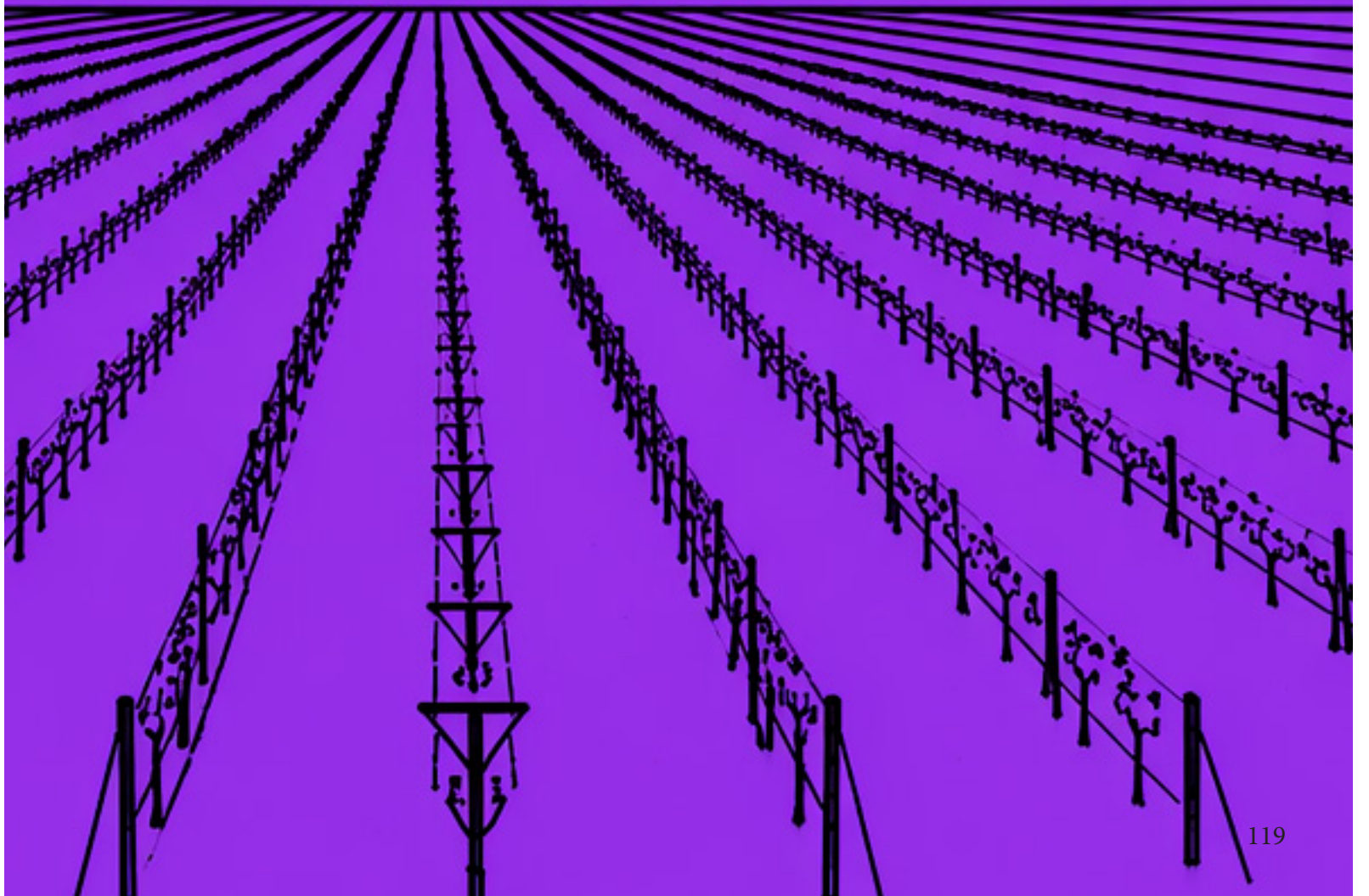
O libertino de Setúbal que transformou a palavra em resistência

Herberto Helder, Mário Cesariny e Natália Correia, dos quais mantinha relações próximas. Destes nomes que, mais tarde, seriam considerados pilares da literatura nacional, o próprio Pacheco permaneceu na sombra, alimentando-se de sarcasmo e crítica. “Luiz Pacheco será, provavelmente, o escritor português que mais viveu, pensou, refletiu sobre o conceito de libertinos, a experiência da libertinagem, o relevo da libertinagem da cultura portuguesa”, afirma Rui Sousa, investigador e autor do livro *Do Libertino*. Para Rui, este autor foi “uma força de provocação e resistência num país que ainda vivia amarrado à moral e à censura.” Nos anos 60, Pacheco foi julgado e condenado por perversão: “Ele assumiu com uma coragem que outros não tiveram, esse gesto de provocar” explica Rui Sousa. Essa audácia valeu-lhe a reputação de libertino e de marginal, mas também o reconhecimento dos que viam na sua voz

arranjeri durante a vida foram complicações sexuais que hoje eram inteiramente impossíveis,” disse numa entrevista a Anabela Mota Ribeiro. A sensualidade era, para Pacheco, um espaço de resistência às ideologias e censura da época. Mas o brilhantismo de Pacheco não estava apenas no escândalo, estava na linguagem. “Os textos dele são da melhor prosa portuguesa do século XX”, defende Rui Sousa. “Há ali uma honestidade que desarma e uma emoção imediata”. O investigador lembra uma aula em que leu *O que é o Neo-Objecionismo*, texto em que o escritor descreve a miséria da sua vida, e uma aluna saiu a chorar. “Provocou uma reação imediata”. Luiz Pacheco morreu em 2008, aos 83 anos, pobre, mas com ideais lúcidos. Setúbal, a sua cidade natal, guarda-o na memória como um símbolo de resistência e de autenticidade. Entre os seus papéis, deixou um aviso que continua atual: ser livre é o maior dos escândalos.

Palmela







PALMELA NO CORAÇÃO E NA MEMÓRIA

Tradições que dão vida à vila

É na porta 111 que Ana Lubélia, palmeloa de gema, como se intitula, guarda memória de uma vida inteira ligada a Palmela. Memórias que foram feitas de tradições, histórias e um sentimento de pertença à terra onde nasceu e vive até hoje. Natural da vila, com 52 anos, passou por diversos sítios como Setúbal, Pinhal Novo e Quinta do Anjo, mas admite nunca se conseguir afastar verdadeiramente da terra que tem o seu coração. “Nunca me consegui imaginar a viver fora daqui”, revela com um sorriso na cara, “há qualquer coisa que nos puxa sempre de volta”. A ligação que sente por Palmela passa por todas as tradições que esta esconde. Em pequena durante a época da Vindima, fazia parte da tradicional pisa da uva, realizada sempre aos domingos, onde reunia famílias num local com tanto simbolismo. “Toda a família vestia a sua melhor ‘andaina’ para ir ver a pisa do primeiro mosto”. Recorda outras tradições, que ainda se mantêm vivas, como a Benção das Fogaças, realizada em janeiro. Esta Benção leva famílias à igreja para entregarem as suas fogaças caseiras, numa “forma de pedir melhores colheitas, numa altura em que havia pouco”. Esta vila não se caracteriza apenas pelas tradições, mas também pelas dinâmicas sociais. Durante décadas, as rivalidades entre coletividades eram acesas, criando divisões entre a sociedade que ainda hoje persistem, mas de forma simbólica. Ana Lubélia recorda, “dizia-se que as meninas dos Loureiros não podiam casar com os rapazes da Humanitária, e outra curiosa

é que os palmelões não gostam de ser chamados de ‘caramelos’, esse termo é associado a outras coisas”. Os anos vão passando e a realidade dos que lá residem tem vindo a transformar-se. “Antigamente toda a gente se conhecia. Hoje nem sabemos quem são os nossos vizinhos”, a relação próxima que mantinha com outros residentes tende cada vez ser mais distante. Esta mudança também se sente na tão conhecida Festa das Vindimas. Embora continue a atrair visitantes, o impacto já não é o mesmo: “Há 20 anos, Palmela parecia um ovo, vinha gente de todo o país, perdeu-se um pouco o foco original, que era a celebração das colheitas”. No entanto,

ainda sente que há esperança enquanto houver o envolvimento das gerações mais jovens na organização e dinamização de eventos “enquanto houver alguém que pegue nestas tradições, elas não vão desaparecer”. Lubélia refere a falta de divulgação e apoio para o que acontece na vila, “há coisas aqui que nem nós próprios sabemos que existem”, passam despercebidos entre os próprios habitantes e para residentes de fora. Deseja que estas tradições nunca se percam e que a parte histórica fosse mais valorizada, mas entre as coisas que mudam e que desaparecem, Ana Lubélia vive com o orgulho de ser Palmeloa no peito. A ligação que tem com a sua terra vai mais além do que um espaço físico, é algo que carrega consigo no coração, em qualquer sítio que esteja, “Podem tirar-nos daqui, mas cá dentro ninguém tira”.

Bárbara Antunes

“Nunca me
consegui imaginar
a viver fora daqui”



O Montanhão da Memória

Uma vida dedicada a preservar histórias e tradições da terra

A encosta da Serra da Arrábida desce lentamente até às vinhas e casas brancas da Quinta do Anjo. Entre caminhos antigos, histórias de lavradores e o som distante das adegas, existe uma memória que atravessa gerações. É a memória de António Antunes de Matos Fortuna, homem de palavras, de história e de uma curiosidade quase obstinada pelo passado da sua terra. António Fortuna nasceu a 31 de dezembro de 1930, na Quinta do Anjo, no concelho de Palmela. Cresceu num território onde a paisagem rural e as tradições locais faziam parte do quotidiano, num ambiente que acabaria por moldar o seu olhar sobre o mundo. Mais tarde, gostava de se descrever como um “montanhão,” expressão simples que revelava a ligação profunda à serra e ao lugar onde nasceu. A infância foi passada entre as rotinas de uma comunidade pequena, onde todos se conheciam e onde as histórias circulavam de boca em boca. Talvez por isso tenha desenvolvido cedo uma curiosidade especial pelo passado e pelas palavras. Hoje, o busto que o recorda na freguesia permanece como um sinal silencioso dessa dedicação. Mas talvez a verdadeira homenagem esteja nas páginas que escreveu e nas histórias que ajudou a preservar. Ao longo de décadas, Matos Fortuna dedicou grande parte da vida a estudar o concelho de Palmela e a região envolvente, investigando a linguagem popular, recolhendo tradições, analisando a história agrícola e registando episódios que, de outra forma, poderiam perder-se com o tempo. Obras como Aspectos da Linguagem Popular de Palmela, Contava-se em Terras de Palmela ou Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela tornaram-se referências para quem procura compreender a identidade histórica da região. Mais do que investigador, foi também professor, cronista e divulgador da memória coletiva. Durante décadas, a sala de aula foi um espaço onde procurou despertar nos alunos o interesse pelo património, pelas histórias locais e pela importância de compreender o passado. Começou a lecionar na escola básica de Palmela depois de se licenciar em História, em 1976, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O ensino tornou-se uma extensão

natural da curiosidade que sempre o acompanhou. O trabalho ultrapassou as páginas dos livros. Durante anos colaborou com a Câmara Municipal de Palmela como assessor cultural e participou ativamente em várias iniciativas dedicadas à preservação da memória local. Entre elas destacou-se a organização das comemorações do oitavo centenário do Foral de Palmela, em 1985, um momento marcante para a vida cultural do concelho. Ao longo do percurso recebeu diversas distinções, como a Medalha do Concelho de Palmela, atribuída em 1986, e o reconhecimento como personalidade do ano pela comunicação social do distrito de Setúbal em 1991. Mais do que os prémios, ficava a imagem de um homem dedicado a estudar e a contar a história de um lugar que conhecia como poucos. A ligação às palavras começou muito antes da carreira académica. Na década de 1960 frequentou um dos primeiros cursos de jornalismo realizados em Portugal, promovido pelo Sindicato Nacional de Jornalistas. A partir daí passou a colaborar regularmente com vários jornais regionais e nacionais, onde escrevia sobretudo sobre cultura, história e tradições. A imprensa tornou-se uma extensão natural da sua curiosidade intelectual e da vontade de partilhar conhecimento. Antes disso, o percurso profissional tinha sido feito por diferentes caminhos. Trabalhou como fiscal de impostos na Câmara Municipal de Setúbal, passou pelo Sanatório do Outão e pela Casa do Pessoal da Sacor. Mais tarde aproximou-se definitivamente do mundo das letras ao trabalhar como revisor na editora Logos. Foi nesse contacto permanente com os textos que começou a ganhar forma a vocação pela escrita e pelo jornalismo. António Matos Fortuna morreu a 9 de março de 2008, na mesma terra onde nasceu. A Quinta do Anjo despedia-se de um dos seus cronistas mais atentos, alguém que dedicou a vida a recolher memórias, palavras e histórias antes que desaparecessem. E talvez seja essa a forma mais justa de o recordar: como alguém que transformou a memória de uma terra em património coletivo.

Maria Santos

Nascido em janeiro de 1966, em Aveiro, Fernando Martins tinha apenas 17 anos quando decidiu partir para a Venezuela em busca de uma vida melhor. Era ainda muito jovem, mas a necessidade falou mais alto. Um primo, já emigrado, ajudou-o a encontrar trabalho e foi assim que começou um percurso marcado pelo esforço, pela adaptação e pela saudade constante de Portugal. Foi também naquele país que encontrou o amor. Aos 22 anos conheceu aquela que viria a ser a sua mulher, filha de pais portugueses, nascida em solo venezuelano. Cruzaram-se num café português, ponto de encontro da comunidade emigrante, onde a língua, os costumes e a nostalgia aproximavam quem estava longe de casa. Apaixonaram-se, casaram-se e construíram família fora do país de origem. Três anos depois do casamento nasceu o filho mais velho. Quando a criança tinha quatro anos, o casal decidiu regressar a Portugal. As condições de vida na Venezuela começaram a deteriorar-se e o desejo de criar o filho num ambiente mais seguro e próximo das raízes tornou-se decisivo. O regresso foi feito a Aveiro, terra natal. Mas pouco tempo depois, numa visita a Palmela, percebeu que aquele podia ser o lugar certo para recomeçar. A tranquilidade da vila, o ritmo pausado, a proximidade entre as pessoas e a paisagem marcada pelo castelo despertaram um forte sentimento de pertença. Foi em Palmela que decidiu apostar num projeto próprio. Comprou as quotas da pastelaria “Largo da Feira”, um espaço já conhecido na vila, ao qual deu continuidade com trabalho diário e dedicação.

O estabelecimento tornou-se, com o tempo, um verdadeiro ponto de encontro da população local e ainda hoje se mantém em funcionamento. Mais do que um negócio, a pastelaria simbolizou a sua integração plena na comunidade e a decisão definitiva de ficar. A decisão de ficar foi definitiva. Nunca mais saiu de Palmela. “Aqui encontrei o equilíbrio que procurava”, afirma. A dimensão humana da vila, o contacto diário com as pessoas e o sentimento de pertença fizeram-no escolher este lugar para viver, trabalhar e criar raízes. Hoje, Palmela não é apenas a terra que escolheu, é a terra que o acolheu. Um ponto final feliz numa história marcada pela emigração, pelo regresso e pela construção de uma vida feita de trabalho, perseverança e ligação à comunidade. Apesar de ter conseguido construir uma vida estável em Portugal, a experiência da emigração deixou marcas profundas no seu percurso pessoal. Fernando Martins reconhece que viver longe do país de origem foi um desafio constante, marcado pela saudade da família, da cultura e das rotinas que deixou para trás. No entanto, essa vivência também contribuiu para o tornar mais resiliente e determinado, ensinando-lhe a valorizar as oportunidades e a adaptar-se a diferentes realidades. Ainda hoje, recorda com emoção os anos passados na Venezuela, não apenas pelas dificuldades, mas também pelas relações que construiu e pelas aprendizagens que levaria consigo para o resto da vida. “Foi difícil, mas também foi o que me fez crescer. Hoje sei que tudo o que passei lá fora me ajudou a construir quem sou.”

Joana Moreira

“Aqui encontrei o equilíbrio
que procurava”

Escolheu Palmela para ficar
Da emigração ao regresso definitivo
a uma vila onde criou raízes



O
T
E
A
T
R
O

C
O
M
O

R
E
F
Ú
G
I
O

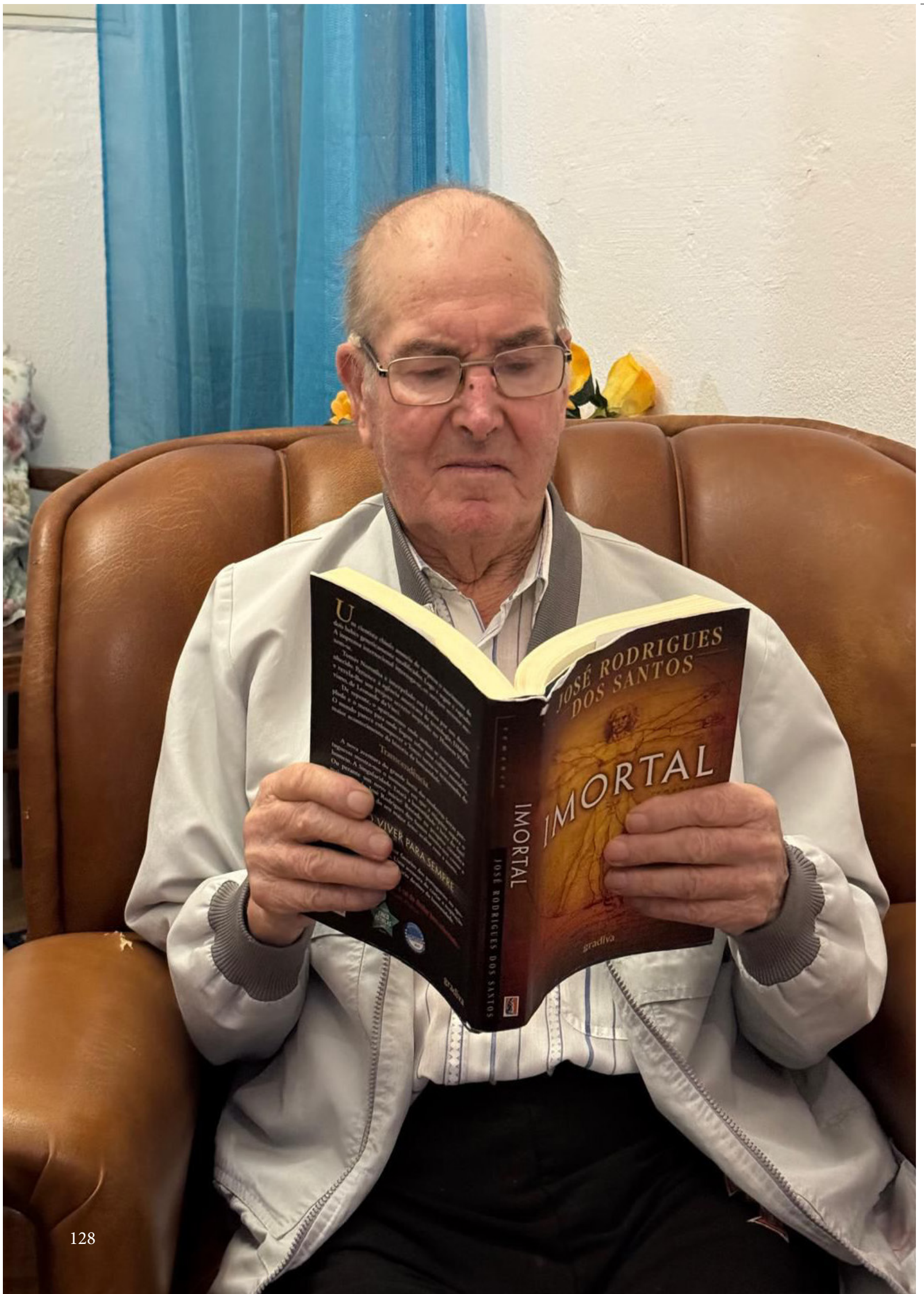
I
N
T
E
R
N
O

“Tenho a
sorte de
estar a
fazer o que
gosto”

Quando o palco se torna CASA

A chuva caía intensamente sobre a companhia O'Bando. Ali, naquele espaço isolado pela serenidade do campo, a porta abre-se para um ambiente que parece uma extensão de João Brites. A sala, aquecida e acolhedora, contrastava com o frio que permanecia lá fora. À volta, erguiam-se estantes com livros, como uma pequena biblioteca, guardiã de relíquias. No alto, encontrava-se uma janela que permitia ver o cimo das árvores, onde as gotas escorriam lentamente, como se esperassem ansiosamente pela história que ali se iria revelar. Nascido a 4 de Junho de 1947, em Torres Novas, João Carlos Tuna Brites destaca-se desde cedo pelo seu cuidado com o próximo, “cada um pode ser o que é numa interação com os outros”. O teatro já residia na infância do encenador, onde, no moinho d'água da freguesia, brincava com os seus primos às “cegadas de teatro com os fantoches”, embora admita que não foi ali que descobriu a sua vocação. O despertar surge mais tarde, na Bélgica, onde ficou por 8 anos, “fugi ao regime salazarista”, dedicando-se à gravura e à pintura, com a inquietação de quem sente que algo essencial lhe escapava entre os dedos. Queria “defender as ideias a partir do teatro”, recorda. E é através da sua primeira mulher, atriz, que se aproxima, dedicando-se ao universo do teatro. Em Junho de 1974, regressa a Portugal, após o 25 de Abril, trazendo consigo o coração e uma bagagem cheia de experiências artísticas. Poucos meses depois, em Outubro de 1974, funda com Jaqueline Tison, Cândido Ferreira, Carmen Marques, Jorge Barbosa e Maria Janeiro, a companhia de teatro O'Bando. Uma coletiva que representava mais do que apenas a encenação de histórias,

procurava construir um espaço onde houvesse “arte que também servisse as pessoas”, questionando convenções e despertando o público para a realidade à sua volta. A trajetória de João Carlos está marcada por conquistas, como o Prémio Almada em 2004 e o Prémio da Crítica, no ano de 2008, pela criação de SAGA-Ópera Extravagante. Porém, assume que, entre todos, o prémio mais alto que recebeu foi o de comendador na época da Expo 98 na área de espetáculos, afirmando que o verdadeiro valor está no reconhecimento porque as pessoas gostam “de ser respeitadas”. Contudo, a sua história não é escrita em linhas direitas. Enfrentou inúmeros desafios, tanto a nível pessoal como profissional. Conciliar a vida familiar, com três filhos, a mulher e a intensidade do trabalho teatral nem sempre foi uma tarefa fácil. Cada momento dedicado a ensaios exigia uma energia constante, onde sentiu, muitas vezes, que “o grupo não tinha sobrevivido se não tivesse tido apoio mais ou menos regular”, relembra. Ainda assim, em nenhum momento permitiu que as adversidades diminuíssem a sua resiliência. Ao pensar no futuro, refere a necessidade de se falar mais sobre teatro com coragem e sem que a crítica seja confundida com um ataque pessoal, ultrapassando rivalidades. Por isso, defende que seria fundamental fazer uma associação de teatro que reunisse todo o teatro: amador, profissional, comercial, não comercial, como uma entidade forte que pudesse defender e impulsionar o teatro. Hoje, João Brites continua a viver o teatro com a mesma intensidade. “É uma fuga”, confessa com serenidade. Atualmente, dedica-se à escrita, desenvolvendo uma metodologia de trabalho com atores, centrada na consciência do artista em cena. Pretende publicar um conjunto de 9 volumes, sendo que o quarto será lançado em Outubro, no aniversário do teatro O'Bando. Cada gesto, cada palavra declamada em palco carrega uma vida inteira. “Tenho a sorte de estar a fazer o que eu gosto”, aborda com um sorriso que contagia, como quem relembra com nostalgia cada passo dado ao longo do seu trajeto. Assim, João Brites permanece onde a vida encontra a arte e o teatro transforma-se em refúgio.



A história de um homem moldado pela terra, pelas pessoas

Manuel Rodrigues nasceu em Palmela em 1944, numa casa modesta perto do castelo, quando a vila ainda vivia ao ritmo lento da agricultura e das conversas à porta ao fim da tarde. Filho de um trabalhador rural e de uma costureira, cresceu entre vinhas, olivais e ruas onde todos se conheciam pelo nome. Nunca saiu de Palmela, não por falta de oportunidades, mas por escolha. Desde cedo começou a trabalhar. Ainda adolescente, ajudava o pai nas terras e fazia pequenos biscates para complementar o rendimento da família. A escola ficou para trás mais cedo do que gostaria, mas Manuel aprendeu outra coisa que nunca esqueceu: o valor do trabalho e da palavra dada. “Aqui, se uma pessoa diz que faz, faz”, costuma dizer. Durante décadas, trabalhou na viticultura, acompanhando de perto as transformações do concelho e da

presença habitual nas conversas da praça e nas manhãs passadas no café. Para os mais novos, é um contador de histórias; para os mais velhos, um companheiro de memórias. Hoje, já reformado, Manuel Rodrigues continua a percorrer as mesmas ruas de sempre. Observa a vila com o olhar de quem a conhece de cor, mas ainda se surpreende com pequenas mudanças. Senta-se muitas vezes num banco virado para o castelo e diz que ali encontra tudo: passado, presente e futuro. Aos 80 anos, Manuel Rodrigues não se arrepende de nunca ter saído de Palmela. Pelo contrário. Acredita que ficou onde devia ficar. A sua história não é a de quem partiu à procura de mais, mas a de quem ficou porque já tinha tudo. Uma vida inteira vivida no mesmo lugar, e ainda assim, cheia de caminhos.

Joana Moreira

“Para quê sair, se tudo o que preciso está aqui?”

própria região. Viu Palmela crescer, modernizar-se, receber gente nova, mas nunca perder, aos seus olhos, a essência da comunidade. Casou-se cedo, criou dois filhos na mesma vila onde nasceu e recusou várias propostas para trabalhar fora. Lisboa parecia-lhe sempre demasiado longe: “Para quê sair, se tudo o que preciso está aqui?”, perguntava. A vida não foi isenta de dificuldades. Houve anos de colheitas fracas, tempos em que o dinheiro mal chegava ao fim do mês e momentos de perda que o marcaram profundamente. Mas Manuel Rodrigues nunca pensou em partir. Palmela era o lugar onde se sentia seguro, onde as dores eram partilhadas e as alegrias celebradas em conjunto. Conhecido por muitos como alguém sempre disponível para ajudar, tornou-se uma figura respeitada na vila. Participou ativamente nas festas locais, nas vindimas e em associações recreativas, sendo

Nunca saiu de Palmela porque nunca sentiu que lhe faltasse algo

O SABOR DE UM TERRITÓRIO

“Uma garrafa de vinho é muito
mais que vinho”

No silêncio amplo de Fernando Pó, onde o horizonte parece maior do que as próprias palavras, imaginamos uma mulher entre vinhas, a escrever futuro num lugar que era apenas terra. Um lugar que muitos viam como esquecido, “este lugarejo que ninguém conhecia”. Foi ali, no concelho de Palmeira, que Leonor Freitas assumiu a continuidade da Casa Ermelinda Freitas e transformou uma herança familiar num projeto de dimensão internacional. “A casa foi uma casa humilde, com muito trabalho e honestidade”. Antes das marcas e dos prémios, havia esforço diário e vinho vendido sem identidade própria. A empresária não tinha sido preparada para aquele destino. “Não estava preparada para vir, não fui preparada para vir para o mundo rural”. Assumiu a responsabilidade que a vida lhe trouxe, numa altura em que “o papel da mulher era muito diferenciado do homem”, e teve de aprender, provar, resistir. “No início eu não tinha grande espaço para errar” pois “estavam os olhos postos em mim” e “ninguém acreditou que eu tivesse sucesso”. Chegou a ajustar a forma como se apresentava, como o vestuário que era pensado para impor respeito. Mas acabou por descobrir algo simples e poderoso: “não há trabalhos para mulheres e para homens, há as pessoas certas em sítios certos”. Assim, a filha será a próxima geração nesta casa, juntamente com o seu filho, e, por isso hoje afirma, com humor e coragem que “vão ter que aturar mais uma mulher na Casa Ermelinda Freitas”. O reconhecimento começou quando deixou de vender vinho sem nome e decidiu criar identidade, “a partir daí é que fiz as marcas, a Dona Ermelinda, aquelas marcas todas que nós temos”. A mudança não foi apenas esteticamente um rótulo, foi uma afirmação de um território,

“o vinho estava a ser identificado connosco”, e, logo depois, vieram os prémios que mudaram o rumo das coisas, “tive, de facto, muita sorte”. Hoje, “nós estamos em mais de 50 países”, levando não só vinho, mas o nome da região e de Portugal. Mas o impacto da casa vai além das exportações. Para si, o vinho também tem um papel profundo, o “papel de responsabilidade social”. Porque, tal como acredita, as pessoas que ali trabalham “são como sendo a nossa família”. Essa preocupação social e comunitária é parte do legado que deseja passar à sua filha, “que ela fique aqui enquanto gosta e lhe der bem-estar”. A força que imprimiu na terra não é apenas empresarial, mas cultural. Mesmo diante de dificuldades como as redes sociais e a promoção digital que são “um desafio autêntico”, sabe que é fundamental estar presente onde está o futuro consumidor. Freitas também herdou valores que remontam às raízes da família, “passaram grandes exemplos de trabalho, de honestidade, de ajuda ao outro”. Nem sempre foi fácil conciliar o trabalho com a vida pessoal. Antes, começava o dia cedo “vinha muito cedo, às oito já cá estava” mas hoje sabe que também é importante dar espaço e oportunidades aos outros. Tem orgulho de, ao lado da família, poder continuar a partilhar trabalho, ideias e paixão, “o meu grande divertimento é o trabalho”. Confessa, com uma honestidade calorosa, que nunca foi feita para ficar em casa, apesar do desejo da sua mãe, “queria muito que eu fosse dona de casa”, mas o que a move é aquilo que cria e constrói. Se tivesse de escolher um vinho para brindar à região, escolheria sem hesitação aquele que simboliza tudo o que foi construído, “o Dona Ermelinda, é uma homenagem à minha mãe” e “é o vinho que inclui tudo. Qualidade, amor, futuro”. Porque, como diz, “o vinho por si é um produto afetivo, e o Dona Ermelinda, ainda é mais”.

Bianca Costa e Regina Amado

“NINGUÉM ACREDITOU QUE EU TIVESSE SUCESSO”



Casa de todos os dias
O lugar onde se aprende a continuar



Carlos Alberto Santos não se descreve como alguém fora do comum. Fala de forma simples, direta, como quem sempre esteve mais habituado a fazer do que a contar. Mas à medida que partilha a sua história, percebe-se que há muito mais por trás dessa aparente normalidade. Tem 65 anos e vive em Palmela desde 1984, “já lá vão mais de 40 anos. É muito tempo, não é?”, diz, com um leve riso. Foi ali que construiu praticamente toda a sua vida adulta, trabalhou, criou os filhos e estabeleceu as suas rotinas. No entanto, a sua terra materna é Aljustrel, no coração do Alentejo, onde a infância foi simples, mas cheia de liberdade. “Haviam imensas aventuras, eu sendo o filho do meio, gostava de me armar um bocadinho em valente”.

Uma infância “à antiga”, como descreve, feita de rua, de campo, de quedas e de pequenas dores que hoje se transformaram em histórias. “Na altura chorava mas hoje rio-me disso tudo”. Há uma leveza na forma como fala desses tempos, como

se ali estivesse guardada uma parte pura de si, intocada pelas dificuldades que viriam depois. Profissionalmente, construiu um percurso sólido como responsável de manutenção numa adega da região, exercendo um trabalho exigente mas muitas vezes invisível. “Quando tudo está a funcionar, ninguém pensa nisso mas quando há uma avaria, percebe-se logo a importância”. Há orgulho nas suas palavras, mas também uma certa humildade de quem sabe que o valor nem sempre precisa de reconhecimento para existir. Porém, nem tudo

foi construído à luz. Há sombras que atravessam o seu caminho e que ainda hoje permanecem na sua mente. “Perder o meu pai quando ainda era jovem custou-me muito, foi um choque grande”. Mais tarde, perde a sua esposa também. Neste ponto, o discurso abranda, quase hesita. “São coisas que nos ficam cá dentro, a gente aprende a viver com isso, mas nunca esquece”. Outra fase particularmente difícil foi o serviço militar obrigatório que também o marcou profundamente. “Ter de deixar a minha mulher para trás, naquela altura, não foi nada fácil. Foi uma experiência dura, mesmo dura daquelas que nos marcam e ficam conosco”. /Hoje, Carlos Santos olha para Palmela

com reconhecimento. “Gosto muito da qualidade de vida, acima de tudo. Temos tudo aqui à mão, transportes, centro de saúde, GNR, bombeiros, zonas desportivas, não falta quase nada”. Ao mesmo tempo, valoriza a calma do concelho, longe da confusão das grandes cidades. “Dá para viver com calma, com alguma tranquilidade e isso hoje em dia vale muito”, acrescenta num sussurro, quase como se fosse um segredo que só quem vive ali consegue perceber. Quanto ao futuro, mantém uma esperança tranquila, sem ilusões nem pressa.

“Eu acho que hoje em dia há sempre alguma incerteza, não é? As coisas mudam muito depressa mas pronto, também gosto de acreditar que ainda vêm coisas boas”. A ideia de sair da região e procurar uma vida mais calma passa pela cabeça, mas não com planos rígidos. Essa maneira de enfrentar a vida, de atravessar perdas e de fazer escolhas difíceis, e ainda assim manter-se de pé com dignidade, mostra que há histórias que não precisam de grandes feitos para serem extraordinárias. Basta que sejam verdadeiras.

“Na altura chorava mas hoje rio-me disso tudo”

Daniela Santos

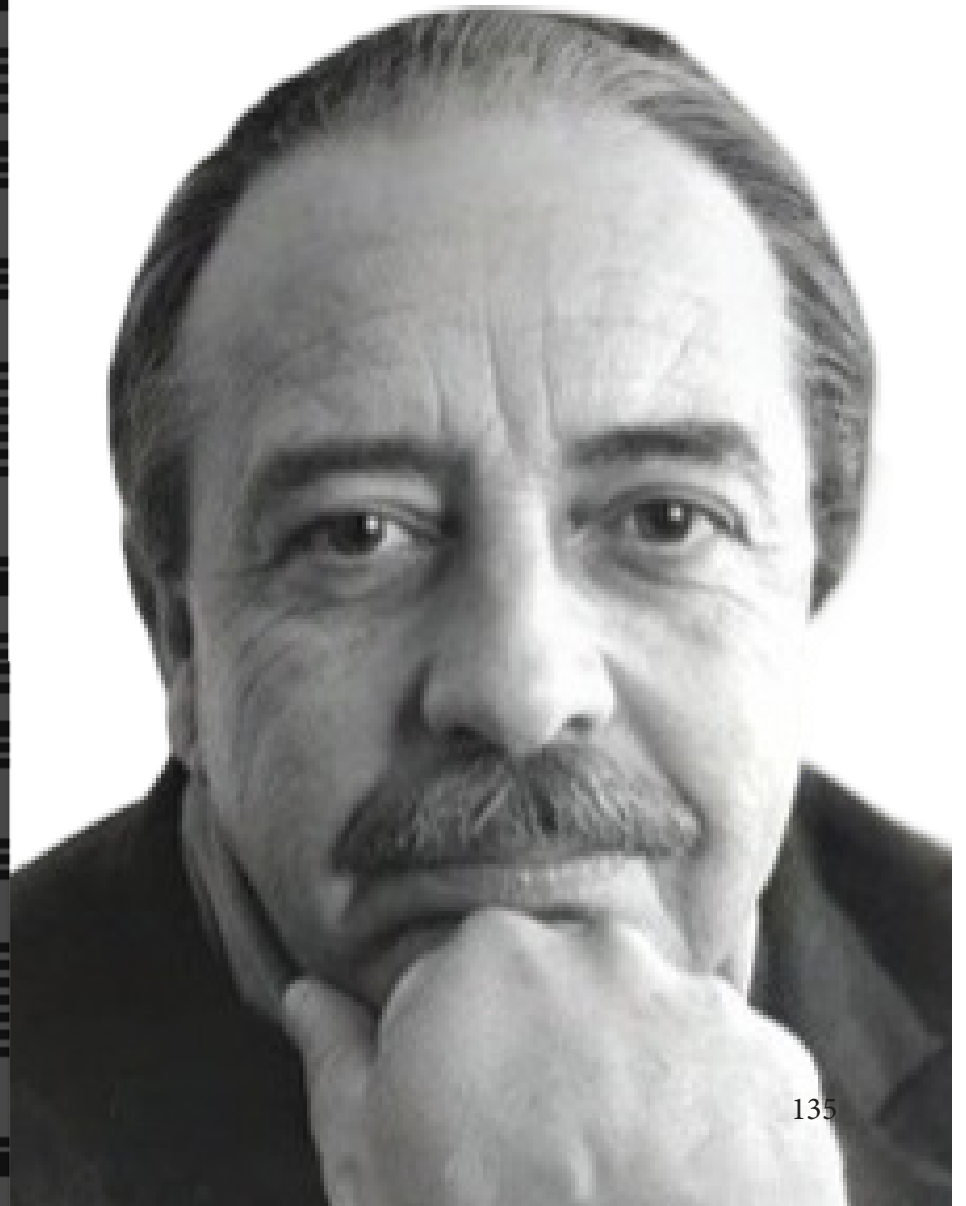
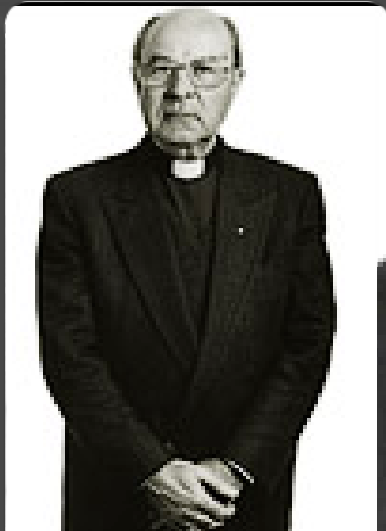
Parar para olhar

Antes que desapareça

“O que é que aquilo diz?”. Esta pergunta surge a meio da conversa, quase como uma pausa. Nunca foi sobre técnica, nem sobre câmaras ou enquadramentos, mas sim sobre sentido. Para Maurício Abreu, fotografar nunca foi carregar num botão, foi sempre perguntar o que fica depois da imagem. “Nunca houve tantos fotógrafos como hoje. Qualquer pessoa com um telemóvel tira fotografias tecnicamente muito boas. Agora, o que é que aquilo diz?”. É a partir daqui que se percebe o seu percurso. Não apenas na carreira, mas nas suas escolhas. Este caminho teve início no liceu, quando um professor criou um laboratório de fotografia e despertou uma luz no aluno atento e criativo. “O Professor Renato era uma pessoa excecional. Ficou-me efetivamente uma paixãozinha por aquilo”. Mesmo assim, não tomou logo o rumo da fotografia, primeiro veio a engenharia, o caminho seguro para um trabalho considerado “normal”, mas a fotografia continuava a chamá-lo. “É pá, acabou. A minha vida não é feita, não é para isso. O meu mundo está no outro lado”. Quando decide mudar, decide também escolher. Não queria fotografar tudo. Queria fotografar: pessoas, património, arquitetura, modos de vida. Aquilo que não grita, mas diz muito. “Eu queria me dedicar ao nosso património português do ponto de vista humano, do ponto de vista cultural, arquitetónico”. O distrito de Setúbal foi um dos primeiros territórios desse olhar. Todos os concelhos, todas as margens. Não como catálogo turístico, mas como espaço vivido. Trabalhou com a Região de Turismo da Costa Azul numa altura em que ainda se falava numa altura em

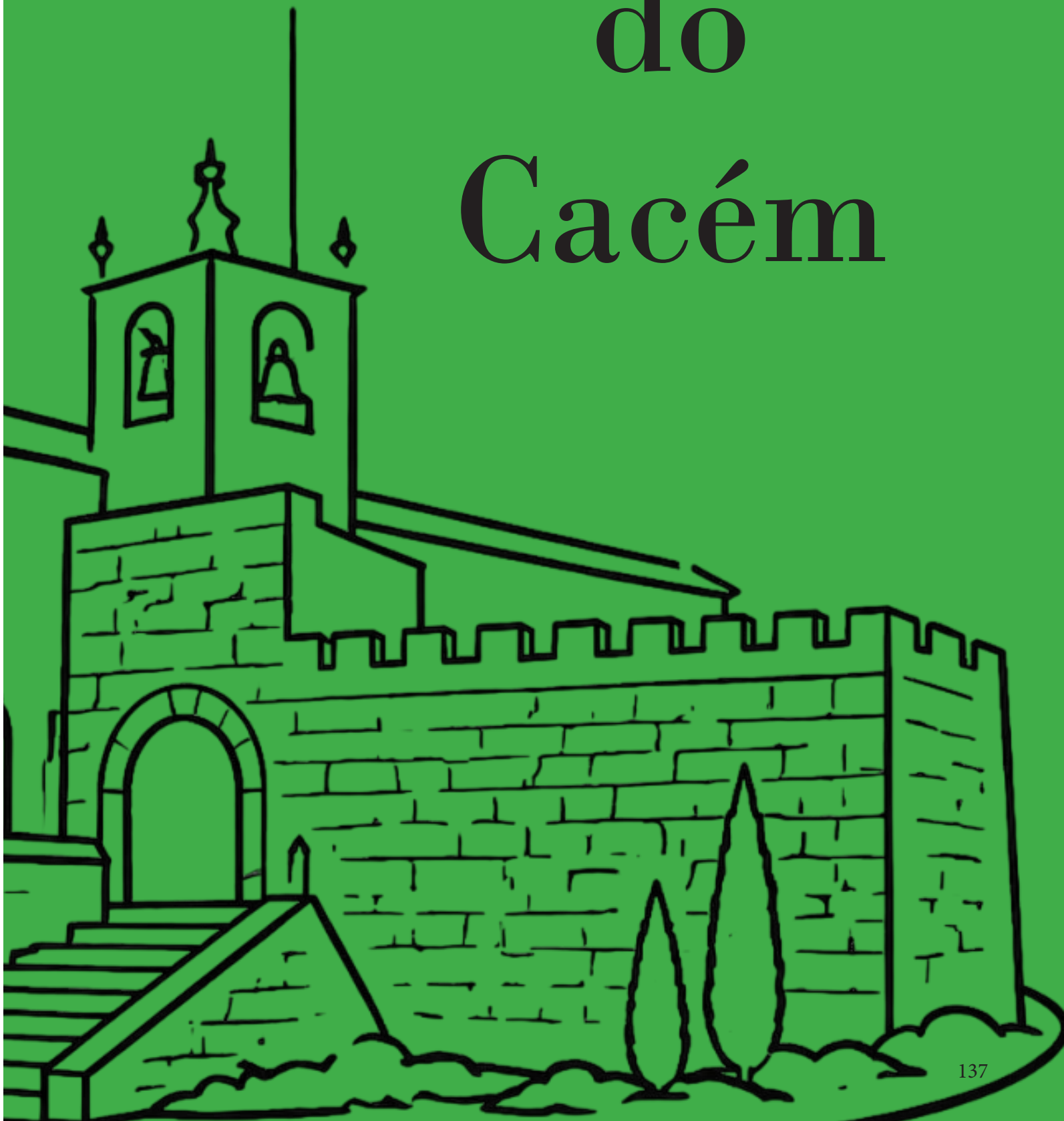
que ainda se falava de respeito pelo território e de turismo calmo. “Tentei fazer o melhor possível e imprimir a minha visão”. Essa visão passa, muitas vezes, pelo que já não existe. Profissões, linhas de comboio, gestos, lugares. O preto e branco surge como linguagem natural, não como estética. “Fotografei desde o arrombador de automóveis até ao Bispo Manuel Martins”. O projeto deu origem a um livro e a uma grande exposição no Museu do Trabalho de Setúbal. Não era sobre figuras importantes, era sobre presença. “Esse projeto deu-me imenso prazer”. Ao longo da sua vida, Maurício Abreu publicou 29 livros. Três deles, O Homem e o Mar, Rios de Portugal e Serra de Portugal registam um país antes de desaparecer devagar. Não para idealizar, mas para deixar prova. “Muitas das coisas já desapareceram”. Hoje, quando olha para a fotografia contemporânea, não critica a tecnologia. Questiona a pressa, a falta de olhar e a ausência de tempo. “O que é que aquilo diz?” A pergunta volta. Fotografar, para Maurício, sempre foi uma forma de responsabilidade, uma maneira de não passar pelo mundo sem reparar. Agora, aos 70 anos, não há pressa de produzir. Há liberdade de escolher. “Agora fotografo só quando me apetece, só o que quero”. Quando fala do futuro, não fala de projetos. Fala de pessoas, de afeto, de tranquilidade. “Não há nada de mais frustrante do que chegar aos 70 anos e olhar para trás e não ver nada”. Talvez seja isso que distingue o seu trabalho. Não é a quantidade de imagens, nem os livros publicados. É o facto de que em cada fotografia fica a prova de que alguém esteve ali, com tempo e com atenção.

“O que è
que aquilo
diz?”





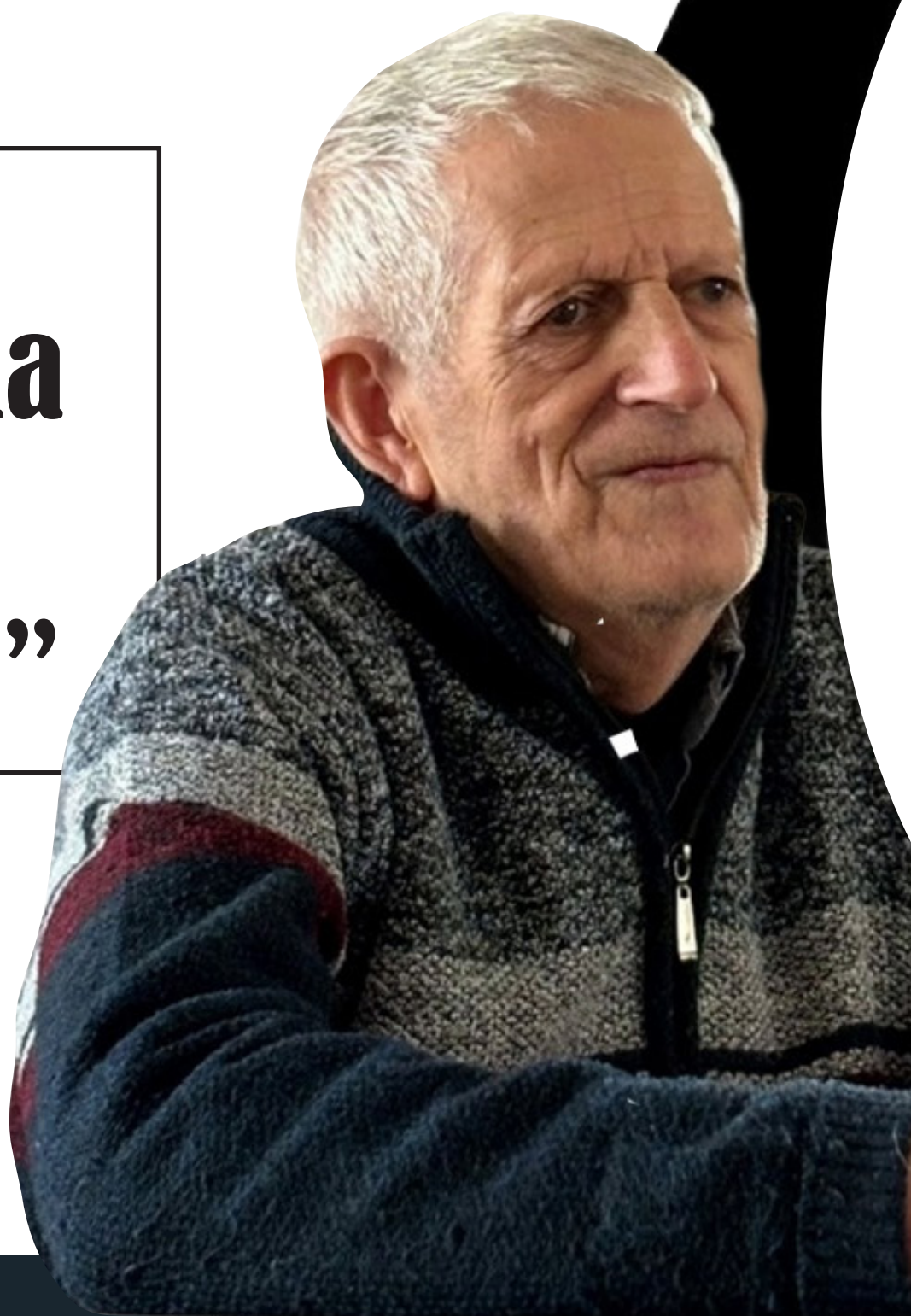
Santiago do Cacém



Um olhar sobre a comunidade

Onde cada dia começa antes do sol

**“A
família
é
união”**



heguei a Santiago do Cacém, onde a paisagem verde se estendia sob o sol radiante. Ao longe avistei o mais antigo comerciante da cidade, José Bráz, com uma mão erguida à testa, fazendo sombra, como quem improvisa a pala de um chapéu gasto pelo tempo. De portas abertas, o Café Bráz convida-me para entrar, era como se mergulhasse numa trajetória de vida construída ao longo de décadas. Abre o café todos os dias, há 35 anos, às cinco da manhã. O movimento é rápido, sem tempo para muitas palavras, ainda assim, nada passa despercebido aos seus ouvidos, “às vezes já os conheço pela voz”, diz com a naturalidade de quem fez da escuta ativa uma forma de estar na vida. José Francisco Vilheira Bráz nasceu em 1943, em Ermidas-Sado, local que teve de abandonar, para, aos 13 anos, partir sozinho para Santiago do Cacém. Nessa altura, não havia tempo para hesitações, deixando a sua infância para trabalhar numa bomba de gasolina. Cada manhã mantém-se como um ritual: acorda às 4h30 da manhã, abre as portas do café e dá atenção aos clientes apressados como se cada minuto se tornasse em rápidos segundos, “não temos tempo para falar com as pessoas, está tudo à pressa”, exprime, sentindo a falta de dialogar. Mesmo assim, conhece os gostos de cada cliente, mostrando que apesar do tempo lhe passar entre as mãos, a memória continua viva e repleta de histórias que resistem ao esquecimento. A sua vida percorreu muitos caminhos, mas todos se cruzam com a grande paixão pelo apoio à população. Pertenceu a associações, ao desporto e à cultura, “nós temos que dedicar a qualquer coisa”, refere com um sorriso no rosto. Fundou, com mais algumas pessoas, a rádio Antena Miróbriga, legalizada em 1986, “eu tinha uma carrinha, fiz milhares de quilómetros com a rádio por esses campos de futebol, pelo país todo”, relembra com um brilho no olhar. Trouxe a Santiago do Cacém os melhores nomes da música dessa época, sempre com a intenção de dar o melhor à comunidade. Recorda, como quem traz consigo uma grande bagagem

de memórias, o tempo em que foi autarca, aos 43 anos, mantendo a mesma dedicação que o moveu em todas as outras áreas da vida. Mas a entrega à população começou ainda mais cedo, aos 18 anos, quando se juntou aos Bombeiros do concelho, “comecei no posto mais baixo e terminei no posto mais alto”. A preocupação em eternizar a vontade de ajudar a sociedade era constante, lembra-se com carinho de, juntamente com um colega, terem a iniciativa de mandar dirigir a construção de uma estátua em frente aos Bombeiros depois do centenário da associação. Para José Francisco, tanto na política como nos sapa-dores, o propósito sempre foi o mesmo: cuidar das pessoas e da cidade, deixando um legado de solidariedade. “A família é a união”, afirma com serenidade, mostrando ser uma peça fundamental na sua vida. Assume que teve pouco tempo para conviver com os pais, sacrificando momentos que, hoje, sente mágoa por não ter passado. Contudo, guarda essas recordações como parte do seu percurso. Olha para os filhos e netos como o reflexo da pessoa que se tornou, conseguindo manter os laços firmes, mesmo quando a distância se impõe. Amanhã será mais um dia de José Bráz no café. Uns entram, outros saem, uns quase nem trocam palavras, outros deixam apenas um “bom dia” suspenso no ar. E, ainda assim, nunca desiste do que o faz feliz. “Não me vejo sentado no banco do jardim”, diz, soltando uma gargalhada, com a naturalidade que está presente na sua vida. Embora o tempo se note em cada fio de cabelo grisalho, cada gesto expresso, cada sorriso partilhado, fica ainda a vontade de se dedicar mais ao concelho. Mas, ao mesmo tempo, acrescenta, “quando partir vou de consciência tranquila”, porque a vida que construiu, entre pessoas, memórias e histórias, viveu com dedicação, amor e presença.

O mestre que ensinou a guitarra a falar


O fado do Alentejo para o mundo

“Que se calem as guitarras”. Há dias em que o país inteiro parece baixar o volume sem ninguém dar ordem. Não é luto ruidoso, é como se cada casa de fado tivesse fechado a porta. A notícia chegou baixa, quase em sussurro: partira António Chainho. O mestre nasceu em Santiago do Cacém, num Alentejo de horizontes largos e tempo lento, onde a música não era espetáculo, mas presença. Cresceu num ambiente onde os sons não competiam entre si, conviviam. Talvez por isso a sua guitarra nunca foi apressada, tocava como quem conversa, nunca como quem se impõe. Muito antes dos palcos, das gravações ou das viagens que o levariam além-fronteiras, a história começava de forma muito mais simples. A música já lhe corria na família. Na Tasca do Faúlha, espaço da família onde se reuniam amantes de fado vindos das aldeias vizinhas, a mãe cantava e o pai acompanhava à guitarra portuguesa. Foi com ele que aprendeu os primeiros passos do instrumento e foi ali, entre vozes e guitarras, que começou a descobrir o que significava tocar para os outros “ensinou-me os primeiros passos”. Autodidata, foi afinando o ouvido e a técnica sobretudo através da rádio. Escutava atentamente os guitarristas que tocavam nos programas da Emissora Nacional e tentava reproduzir cada frase musical. Para ele, cada novo acorde aprendido era “mais um degrau” alcançado “Eu tinha muito bom ouvido e ia registando aquilo tudo”. Nos primeiros anos, percebeu que tocar bem não bastava. Era preciso compreender o espaço entre as notas, o ar que as sustenta. A sua técnica impressionava, mas nunca era exibida. Quem o escutava recorda sobretudo a calma: os dedos seguros, o corpo quieto, o respeito quase cerimonial pelo som. A música começava sempre antes da primeira nota, naquele instante em que respirava fundo e parecia pedir licença ao silêncio. Mais tarde, a vida levou-o para longe da sua terra. Durante o serviço militar passou por Beja e chegou mesmo a ser mobilizado para Moçambique, onde a sua reputação como guitarrista já o fazia ser chamado para acompanhar artistas portugueses em digressão. Foi nesse período que se profissionalizou e percebeu que a guitar-

ra deixaria de ser apenas paixão para se tornar ofício. De regresso a Portugal, instalou-se definitivamente em Lisboa e mergulhou no universo das casas de fado. Passou por vários palcos, integrou conjuntos de guitarras e foi convidado a tocar em espaços emblemáticos “Vim da minha aldeia, S. Francisco da Serra, para Lisboa, em finais do ano de 1965, para tocar no restaurante típico A Severa, no Bairro Alto”. Rapidamente se tornou presença habitual no acompanhamento de grandes nomes do fado. A guitarra de António Chainho tornou-se reconhecível: clara, expressiva, profundamente ligada à tradição, mas sempre aberta a novos caminhos. A partir daí a carreira ganhou dimensão internacional, acompanhou artistas, gravou discos, formou conjuntos de guitarras e levou o som da guitarra portuguesa a vários países da Europa e ao outro lado do Atlântico, “Dei a volta ao mundo, toquei em todos os continentes, e acho que me sinto feliz”. O instrumento que aprendera quase sozinho numa pequena aldeia alentejana ecoava agora em palcos de todo o mundo. Mas talvez o seu maior legado não esteja apenas nas gravações ou nos concertos. Ao longo de décadas dedicou-se também a ensinar e a divulgar a guitarra portuguesa, incentivando novas gerações a descobrir o instrumento e a continuar uma tradição que ele próprio ajudou a renovar “Tudo o que sabia fui transmitindo”. A música, para o guitarrista, era sempre encontro: entre mestres e aprendizes, entre passado e futuro “A minha música reflete as muitas viagens que fiz, os músicos com quem contactei e com quem trabalhei. Procura o respirar as músicas do mundo”. Hoje, a guitarra portuguesa continua a soar, nas casas de fado e nas mãos de quem a aprende pela primeira vez. “Que se calem as guitarras”, não por falta de música, mas para que o silêncio cante em memória do mestre.

Sofia Santos



A black and white photograph of an elderly man with short, light-colored hair and glasses, wearing a dark suit jacket over a white shirt. He is playing an acoustic guitar, with his left hand on the fretboard and his right hand near the soundhole. The lighting is dramatic, highlighting his face and the instrument against a dark background. The text "Que se calem as guitarras" is overlaid on the left side of the image.

“Que se
calem as
guitarras”



Entre Setúbal e o Cante Alentejano

Uma vida feita de escolhas

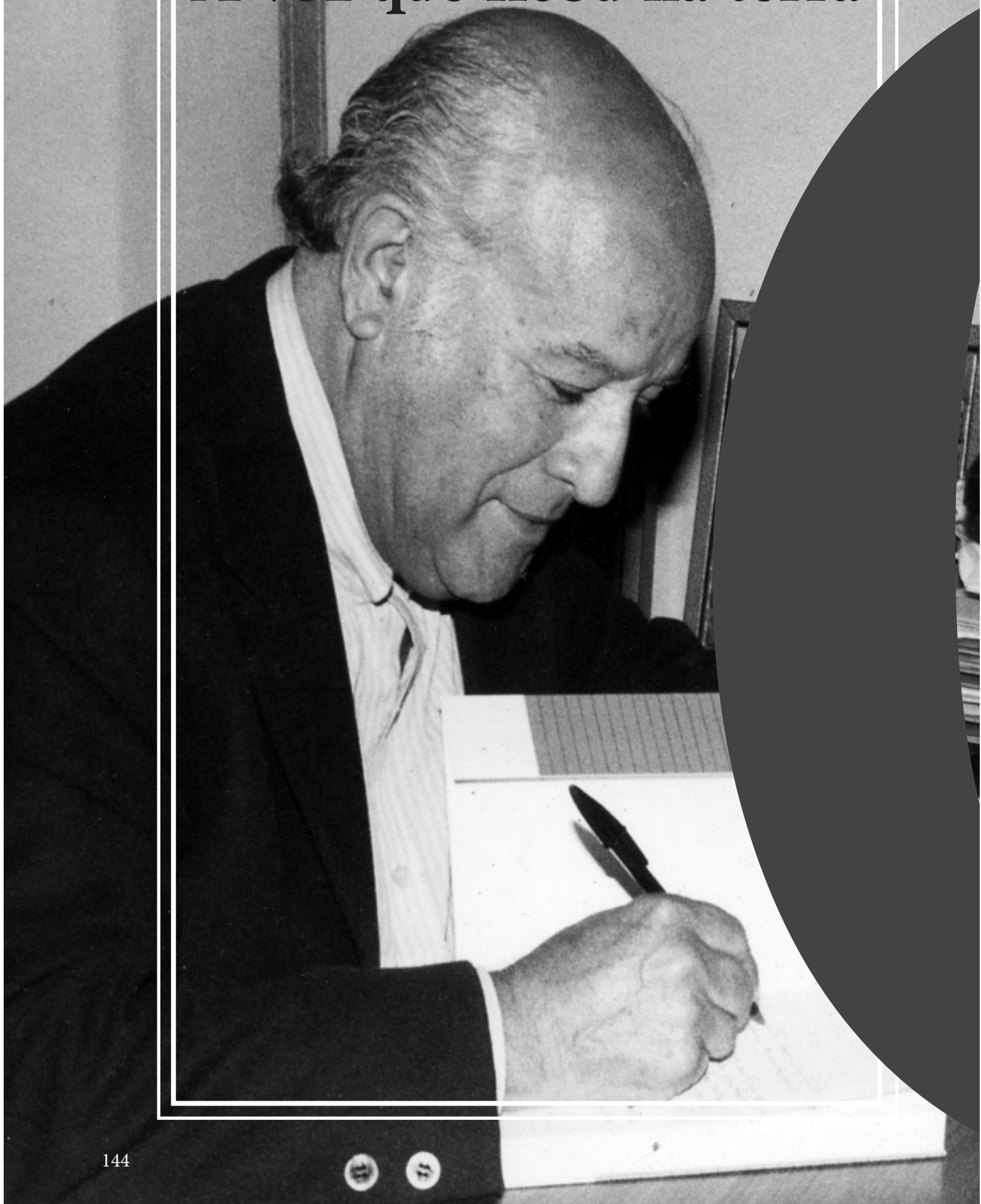
“O nosso destino são as nossas escolhas.” A frase surge de forma natural, mas é apresentada como se tratasse de uma vida inteira. Alfredo Arsénio Godinho tem 74 anos e fala com a serenidade de quem não ficou à espera que a vida acontecesse, construiu-a.. Nasceu em Setúbal, mas foi no Alentejo que decidiu ficar. Não por acaso, mas por vontade. Chegou a Santiago do Cacém nos anos 70, ainda jovem, e encontrou ali aquilo que procurava: espaço, horizonte, liberdade. “Nunca gostei de viver fechado”, diz orgulhoso. E naquele ponto alto onde construiu casa, vê o mar ao longe, as terras do interior, as luzes que atravessam a noite. Mais do que paisagem, é identidade. É pertença escolhida. E refere isso mesmo várias vezes ao longo da entrevista, a simplicidade de abrir a janela e ver tudo aquilo que lhe dá vida. A sua história não é feita de grandes mudanças, mas de decisões firmes. Trabalhou como desenhador, abriu o próprio gabinete, saiu de uma grande empresa por vontade própria. Sempre com a mesma lógica: não depender, não ficar preso, traçar o próprio caminho. “O destino vem das consequências das nossas escolhas”, insiste. E é nessa ideia que assenta tudo, o trabalho, a família, o lugar onde vive. Mas há outra herança que o define. Vem de casa. O pai, homem simples, cantava e fazia versos de improviso. Foi aí que começou tudo. Não como profissão, mas como forma de estar. Hoje, Godinho escreve poesia como quem escreve a própria vida. “Eu escrevo o que vivi”. Versos que falam

do trabalho, das dificuldades, das pequenas alegrias. Apenas relatos verdadeiros do quotidiano transformados em ritmo e rima. A arte, para ele, não é espetáculo. É memória. É aquilo que fica quando tudo o resto passa. “A nossa cultura é a maior riqueza que levamos quando morremos”. E talvez por isso continue a escrever, a partilhar, a preservar. Felizmente tivemos oportunidade de escutar alguns dos seus poemas e sentimos vida nas suas palavras. Nas redes sociais, nos encontros de poesia, nas conversas. Não para aparecer, mas para não deixar desaparecer. Há uma continuidade interessante na sua história. O pai cantava. Ele escreve. O filho toca. Três gerações ligadas pela mesma paixão, e vontade de mostrar o seu talento. Como se a arte não fosse escolha, mas uma herança, algo de que nasceu naquela família. No entanto, nem tudo lhe agrada no presente. Fala de uma sociedade que se afasta das suas raízes, de uma cultura que se valoriza menos do que aquilo que vem de fora. Critica a falta de profundidade, a pressa, a superficialidade. E deixa um aviso direto, e até inspirador, especialmente para quem começa: “Nunca fiquem com dúvidas. Vão à procura da verdade”. No Alentejo que escolheu, continua a encontrar aquilo que sempre procurou: tempo, espaço, sossego e paz. Anda de bicicleta, percorre caminhos da natureza que tanto ama, conhece cada recanto da terra a palma da sua mão. Não precisa de mais e nunca precisou. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, histórias como a sua lembram-nos de algo essencial, os concelhos não são feitos apenas de quem nasce neles, mas de quem os escolhe, de quem lhes pertence e lhes dá significado.

“O nosso destino são
as
nossas escolhas”

Jorge Ferraz e Francisco Cavaco

A voz que ficou na terra



“O Manuel era um grande

contador de histórias”

Nas planícies largas do Alentejo, onde o sol aquece a terra e o silêncio parece ter memória, ainda se ouvem ecos das histórias de Manuel da Fonseca. “Talvez aprendi com os homens da minha terra, que são uns admiráveis contadores de histórias”, confessou o escritor numa entrevista à RTP. “Eles contavam a história com uma enorme simplicidade. . . cresceram a contar a sua própria vida”. E talvez por isso, cada conto seu soa como uma conversa ao fim da tarde. Natural de Santiago do Cacém, Manuel da Fonseca foi uma das maiores vozes do neorrealismo português, movimento literário que, a partir dos anos 30 e 40, procurou dar rosto e voz aos que viviam à margem, os camponeses, os operários e os esquecidos. A terra quente, a solidão, a injustiça e a esperança atravessam contos e romances como *Seara de Vento* ou *Aldeia Nova*, obras que permanecem faróis da literatura social portuguesa. “O Manuel vivia o que escrevia”, recorda a cunhada Fátima com um brilho de nostalgia. “O Manuel era um grande contador de histórias. Estávamos aqui às sete da noite a fazer qualquer coisa, e ele contava uma história. E às sete da manhã seguinte ele terminava a história e nós nem dávamos pelo passar das horas. . . era extraordinário”. Como ele próprio diria: “Talvez, na minha imaginação, que não vivi a vida deles, ficasse um eco do modo como eles contam. . . talvez daí, por ter um bom ouvido ou uma boa memória, tentei imitá-los”. Foi assim que o escritor transformou a fala popular em literatura, sem perder o sabor da terra nem a verdade da população. A sobrinha Carla da Fonseca lembra com orgulho da sua infância, quando lia os textos do tio: “O meu pai dava-nos alguns contos, e marcou-nos muito um conto do meu tio, O primeiro camarada que ficou no caminho, porque é uma história verídica daquilo que ele passou enquanto criança, era a história da minha família. Para mim ele era a verdade, o meu tio contava a verdade.” Essa verdade atravessava também a vida. Manuel da Fonseca foi militante e resistente à ditadura, viu obras suas censuradas e foi preso.

A escrita era o seu modo de lutar, de denunciar o sofrimento e de acreditar num país mais justo. “Ele escrevia sobre a realidade, o que se vivia, por isso livros dele foram censurados na ditadura”, recorda Sofia da Fonseca, a sua outra sobrinha. Era um homem crítico, atento ao mundo, e que acreditava que a literatura podia ser um ato de liberdade. “Meu Deus, faz cá muita falta. . . muita falta,” lamenta a cunhada Fátima, quando se fala do presente. Talvez, se fosse vivo, ainda hoje continuasse a dar voz aos que pouco são ouvidos. O espólio de Manuel da Fonseca encontra-se no Museu do Neorrealismo, em Vila Franca de Xira: “ainda o mais procurado”, garante a família, e continua a ser estudado. “Há muito que ficou apenas na oralidade”, recorda a cunhada, com alguma melancolia. Mesmo assim, as suas palavras mantêm-se vivas nas gerações seguintes: “O meu filho teve um trabalho sobre o tio na escola”, conta Carla da Fonseca, entre risos. Quando se pede às sobrinhas que descrevam Manuel da Fonseca numa só palavra, não hesitam: “Orgulho”. Hoje, entre o vento e o trigo, o Alentejo parece ainda sussurrar as suas histórias. Talvez o escritor tivesse razão quando disse que trazia na memória o eco dos contadores da sua terra. Esse eco continua a ouvir-se nas suas páginas, nas conversas e nos corações de quem o recorda.

Maura Quaresma e Regina Amado

Seixal





O impacto do projeto “Estás na Mira”

A história de Amilton Lima

“Superação”. É assim que Amilton Lima resume a sua experiência como imigrante em Portugal. Hoje tem 26 anos, é licenciado em Gestão de Recursos Humanos,

mas o percurso até aqui esteve longe de ser simples. Pelo caminho houve dificuldades na escola, episódios de discriminação e momentos de incerteza sobre o futuro. Houve também algo que fez a diferença: o projeto Estás na Mira, no Miratejo. Amilton Lima nasceu em São Tomé e Príncipe e viveu lá até aos 13 anos. Foi nessa altura que veio para Portugal para se juntar aos pais, que já se encontravam no país. A mudança marcou o início de um período de adaptação exigente. “Quando cheguei não foi fácil”, recorda. “Como qualquer imigrante, tive de me adaptar a um país novo, a uma realidade diferente e até a uma forma diferente de falar português”.


Apesar das dificuldades, continuou o percurso escolar e acabou por concluir um curso profissional na área de informática, na Escola João de Barros. No entanto, quando terminou o 12.º ano, voltou a sentir-se perdido em relação ao futuro. Foi nessa fase que o projeto Estás na Mira começou a ter um papel importante na sua vida. O

projeto, integrado no Programa Escolhas, acompanha jovens da comunidade do Miratejo através de atividades educativas, culturais e sociais. Amilton Lima chegou ao projeto ainda adolescente, por volta dos 14 anos, através de um amigo. “Comecei a participar nas atividades e aquilo acabou por ser um espaço importante para mim”, explica. Mais tarde, foi também através de uma oportunidade ligada ao projeto que teve o seu primeiro contacto com o mundo do trabalho, onde trabalhou cerca de um ano e meio. No entanto, a pandemia de COVID-19 interrompeu esse percurso. “Estava perto de poder ficar efetivo na empresa, mas começaram os cortes e acabei por sair”, conta. O que poderia ter sido apenas mais um momento de frustração acabou por tornar-se um ponto de viragem. Durante o período em que esteve no fundo de desemprego, decidiu voltar a estudar.



Uma decisão que, segundo o próprio, nunca tinha imaginado tomar. “Eu dizia muitas vezes que não ia estudar mais. Mas a vida às vezes empurra-nos para caminhos que não estávamos à espera”. Além das dificuldades escolares e profissionais, também enfrentou situações de discriminação, no passado não tinha noção da gravidade das situações, “na altura éramos miúdos e não percebemos bem o que tinha acontecido”, recorda. “Hoje percebo que aquilo foi claramente uma situação de discriminação”. Atualmente, Amilton Lima continua ligado ao Estás na Mira, mas agora num papel diferente. De participante passou a colaborador, ajudando outros jovens que enfrentam desafios semelhantes aos que ele viveu. “Eu já estive do outro lado”, explica. “Se puder ajudar alguém a encontrar o seu caminho, já vale a pena”. O objetivo é mostrar que existem alternativas e oportunidades, mesmo quando o contexto parece limitar as escolhas. No Miratejo, um bairro que muitas vezes aparece associado a estereótipos negativos, para o entrevistado, crescer ali também significou encontrar uma comunidade e pessoas que fizeram a diferença. “Conheço estas ruas e conheço as pessoas”, diz. “Aqui também há muita coisa positiva”. E, como resume Amilton Lima numa única palavra, tudo começa com superação.

Maura Quaresma



“Conheço estas ruas e conheço as pessoas. Aqui também há muita coisa positiva”


A voz que o atletismo não tinha




O sonho que virou hino

CARLIA

“Nunca deixem de sonhar. Mas o vosso sonho, não o dos outros”



No coração do distrito de Setúbal, no bairro onde correu pela primeira vez durante as comemorações do 25 de Abril, a antiga campeã regressa sempre com a mesma serenidade com que enfrentava cada linha de partida. É ali, no pequeno clube onde descobriu o atletismo aos sete anos, que revive a fâsca que mudou a sua vida. “Foi um chamado”, recorda. “Parecia que estava a voar”. Acompanhada pelo irmão na sua primeira prova, encontrou cedo aquilo que descreve como “a união entre o ser e o fazer”. Desde esse momento nunca mais parou, movida por um sonho que guardava ainda em criança: ouvir o hino nacional num pódio internacional. Persistiu, mesmo quando se riam ou quando as lesões e a frustração lhe testavam a resiliência. “O maior desafio foi sempre comigo mesma. A paciência de saber esperar o meu momento”. E esse momento chegou. Em 1996 sagrou-se campeã europeia em pista coberta; em 1997 tornou-se campeã mundial. Concretizou o sonho que repetia em miúda e confirmou a mensagem que hoje transmite aos jovens: “Sonhem. Mas sonhem o vosso sonho, não o dos outros”. A conquista de que fala com mais carinho não tem ouro, prata ou bronze. É uma pequena medalha de madeira, a primeira, com a qual dormiu e que guarda como símbolo do início de tudo. Para Carla Sacramento, o desporto sempre foi mais do que competição, foi humanismo, identidade, encontro. Crítica a pressão rápida e impessoal do desporto atual, marcado por tecnologia e expectativas irreais. “Se somos pressionados pelo outro, já não estamos a fazer aquilo que gostamos.” Defende um desporto




com coração, onde nada substitui a relação treinador-atleta, recordando com emoção o seu primeiro treinador e a importância desse vínculo. A ligação a Setúbal permanece profunda. É aqui que encontra as raízes que a formaram, as coletividades que a acolheram e o atletismo “amável”, que olha nos olhos e não descarta talentos ao primeiro contratempo. Propõe projetos que resgatem histórias locais, para que nenhum jovem deixe de acreditar que pode sonhar só porque lhe faltam ténis ou dinheiro para uma quota. Ao falar da sua trajetória, Carla Sacramento deixa claro que o atletismo lhe deu disciplina, coragem e uma forma de olhar o mundo com humildade. Vê o desporto como um espaço onde cada passo conta, mesmo os que ninguém aplaude, e onde a persistência vale mais do que qualquer talento natural. Para a entrevistada, o verdadeiro legado constrói-se no impacto que deixamos nos outros, nos gestos discretos e nos exemplos que permanecem para lá das pistas. Para além do desporto, dedica-se também a causas sociais, como a Associação Prader-Willi, da qual é madrinha, falando desse trabalho com a mesma entrega com que fala das competições. “O que importa não é o que fizemos, mas o que damos ao outro no momento”. Com a aproximação dos 100 anos do distrito de Setúbal, sonha com um território mais dinâmico, humano e capaz de unir cultura, desporto e comunidade. Um território onde as memórias se preservem e as histórias inspirem os mais novos. Quando se lhe pede um conselho, mantém a simplicidade que a caracteriza. No fim, reforça: “Nunca deixem de sonhar. Mas o vosso sonho, não o dos outros”.

Gonçalo Domingues

O CAMINHO DA SAUDADE AO SABER

Pequenas vozes, **grandes marcas**



efugiada de Angola em Portugal a 8 de outubro de 1975, Ana Paula Cardoso trouxe malas cheias de sonhos e o coração carregado de saudades. No distrito de Setúbal, ensinou às crianças palavras, para um dia contarem a sua própria história, como hoje conta a dela. “Nós fomos para cá enviados”, no contexto da descolonização, e o seu caminho por Portugal começa em Torres Vedras, durante pouco mais de um ano. É onde acaba o “70 ano de antigamente”, correspondente ao 120 ano, e, de seguida, ingressa no “curso de Magistério Primário”, uma formação de professores, em Lisboa. Quando termina, a avó e os irmãos mudam-se de Torres Vedras para Corroios, já que a mãe tinha ficado em Angola - “pensávamos que quatro, cinco, seis meses voltaríamos. Não voltámos mais”. Confessa que teve que se “fazer mulher muito rapidamente” para cuidar da família, “eu fui como mãe dos meus irmãos”, um amor e respeito que nunca deixou para trás. Perante uma nova fase longe da sua terra natal, o distrito de Setúbal fê-la sentir-se “acolhida”, e desde sempre Ana Paula e os familiares são “pessoas muito bem integradas”, numa cidade em que “as pessoas se sentem acarinhadas”.

Tanto o decorrer da vida como a responsabilidade de “quase mãe”, levam a educadora a começar o percurso pelas salas de aula, inicialmente em Alenquer, depois no Barreiro, em Grândola, e por fim, na Amora, onde esteve 30 anos. Professora do 1o ciclo, dedicou à educação 43 anos e 7 meses, e ajudou gerações de alunos a dar os primeiros passos na leitura, na escrita e na vida. Explica que desde pequena, ainda na sua terra, que “parece que a minha professora de primeiro ciclo me traçou o destino”. “Ela dizia: Paulinha, ficas a tomar conta”, relembra, “e talvez isso me tenha mexido no bichinho”. Para Cardoso, ensinar não é só transmitir a matéria, “a paixão é a comunicação”, diz sem hesitar, “estabelecer com eles linhas condutoras de pensamento, a forma de estar, a crítica, a análise das coisas”. E ensinar também é crescer, “ser professora está sempre presente, porque estamos sempre a aprender”, a vida que levou é prova disso, “entrei na escola aos cinco anos, e nunca saí da escola”. Com este pensamento, a sua maior lição enquanto educadora é “ouvir as crianças”, e ao longo de tantas turmas e anos de dedicação, esta profissão é também “deixar marcas da minha forma de estar”.

Manifesta um gosto especial pelo primeiro ciclo, e explica que “o primeiro ano de escolaridade é o mais marcante porque eles vêm ávidos” e trazem apenas a “vivência da família”. Aos 39 anos decide fazer um “complemento a nível superior”, em Ciências da Educação, mas continua no mesmo nível de ensino, “são diferentes, mais regulas, mais doidões”. Setúbal tornou-se não só numa sala de aula durante mais de quatro décadas, mas casa, apesar da saudade da sua terra que permanece na memória e no coração, “acho um encanto tudo quanto era natural, da liberdade que tínhamos”. Tem raízes portuguesas do lado paterno, mas trouxe consigo a infância e adolescência vividas nas cores, cheiros e sons de Angola até aos 19 anos. Durante a sua vida adulta, continuou a transmitir aos irmãos a cultura angolana, e mais tarde ao marido e ao filho, que foram integrando a gastronomia, as danças e a música, “eu continuei esse legado”. Depois de três anos reformada, a professora e o marido foram “mudar o arzinho da nossa graça”, e vivem em Vi-seu, para descansar, mas, ainda assim, visitam frequentemente a família no Seixal. Ana Paula Cardoso compôs a maior parte da sua vida em Portugal, não esquece as raízes em Angola, e ensina-nos que se plantarmos as sementes certas, podemos florescer em qualquer sítio que a vida nos leve.

Bianca Costa

“Ser professora está sempre presente, porque estamos sempre a aprender”





Inês Marcelino e o apoio à comunidade local

“A ARTE PODE SER UMA FORMA DE INCLUSÃO SOCIAL”

“A nossa missão é incentivar os jovens a fazer escolhas positivas para a vida. Queremos que percebam que podem ser muito mais do que aquilo que às vezes pensam que o destino lhes reservou”. É no Miratejo, no concelho do Seixal, que há um espaço onde muitos jovens encontram mais do que atividades para ocupar o tempo livre, encontram novas possibilidades para o futuro. O projeto Estás na Mira, integrado no Programa Escolhas, trabalha há vários anos com crianças e jovens da comunidade, promovendo inclusão social, educação e oportunidades num território marcado por desafios, mas também por um forte espírito comunitário. À frente do projeto está Inês Marcelino, de 22 anos, coordenadora e também moradora na região. “Viver aqui tornou-me uma pessoa mais empática”. Cresceu nas mesmas ruas onde hoje trabalha diariamente com jovens entre os 10 e os 25 anos. Para Inês Marcelino, o percurso no projeto não é apenas profissional, é também profundamente pessoal. “Toda a minha vida foi passada aqui”, explica. “Conheço estas ruas, as pessoas e as histórias”. Depois de concluir o ensino secundário na Escola João de Barros, decidiu seguir um caminho ligado às artes e à cultura. Licenciou-se em Mediação Artística e Cultural na Escola Superior de Educação de Lisboa e começou a trabalhar com crianças das escolas da zona através de atividades de expressão artística. A ligação às artes sempre fez parte do seu percurso. Para além da formação académica, também desenvolveu projetos musicais, fez parte de uma banda [BMRNG], durante alguns anos e chegou a participar em programas televisivos ligados à música. Hoje é artista solo. Esta experiência artística acabou por influenciar a forma como encara o trabalho com os jovens, utilizando muitas vezes a criatividade, a música e a expressão artística como ferramentas de inclusão e descoberta de talentos.

Foi em 2023 que entrou para a equipa do Estás na Mira. Inicialmente como técnica superior, dando apoio à coordenação e dinamizando atividades criativas, até assumir o cargo de coordenadora do projeto. O Estás na Mira faz parte do Programa Escolhas, uma iniciativa nacional financiada pelo Estado português e pela União Europeia que procura apoiar crianças e jovens em contextos mais vulneráveis. No Miratejo, o projeto desenvolve várias atividades, desde apoio ao estudo até teatro, música, desporto e informática. No total, centenas de jovens passam pelo projeto através de diferentes iniciativas, embora cerca de cinquenta sejam acompanhados de forma mais regular. Mais do que ensinar competências, o objetivo é abrir horizontes. Muitos dos jovens que chegam ao projeto nunca tiveram contacto com determinadas áreas ou sequer imaginaram seguir determinados caminhos. “Quando começámos a perguntar a alguns miúdos o que queriam ser quando fossem grandes, muitos nem sabiam responder”, recorda a entrevistada. “Às vezes pensavam apenas em fazer o mesmo que os pais, porque não conheciam outras possibilidades”. É precisamente essa mudança de perspetiva que a equipa tenta promover. Através da arte, do desporto ou da tecnologia, os jovens descobrem talentos, ganham confiança e começam a imaginar novos futuros. “Não é um trabalho fisicamente duro, mas emocionalmente exige muito”, admite a coordenadora. Crescer no Miratejo moldou a forma como vê o mundo. “Aprendi a fazer muito com pouco e a olhar para as pessoas com mais empatia”, diz. Apesar de admitir que gostaria de explorar novos projetos no futuro, não esquece o lugar que a viu crescer. “Este é o meu lugar. Posso ir embora algum tempo, mas a minha intenção é sempre voltar”. Num distrito que celebra cem anos de história, iniciativas como estas mostram como o futuro também se constrói nas comunidades, através de pequenos gestos que podem mudar vidas.

Maura Quaresma

AS VIDAS QUE O DISTRITO ABRAÇOU



A VIAGEM DE QUEM FEZ SETÚBAL A SEGUNDA CASA

“FOI UM CHOQUE DE REALIDADE”

Chegou ainda menina, com o cheiro da terra molhada de São Tomé entranhado na memória e o brilho de um lugar novo à frente dos olhos. Era 1999, quando Máisa Viana entrou no distrito de Setúbal, e tudo, para ela, tinha outro sabor: “O cheiro era diferente. As pessoas eram educadas... a paisagem era mais verdejante do que agora”, recorda. Uma criança de oito anos, de mãos dadas com a família, a atravessar fronteiras que não são apenas geográficas, mas culturais, emocionais, identitárias. No Feijó, no concelho do Seixal, encontrou uma comunidade que descreve sem hesitar: “extremamente acolhedora... havia mais empatia, ajudavam muito os imigrantes”. As ruas tinham mais terra batida, menos prédios, embora ali, ao contrário de São Tomé, não se pudesse correr de casa em casa descalça. “Aqui passávamos mais tempo fechados por causa da segurança... foi um choque de realidade”. Mas a adaptação não se fez sem sobressaltos. A escola foi o primeiro grande palco de estranheza, de descoberta e de confronto para Máisa Viana. “Fazia alguns erros no português e nem me apercebia. Por vezes era motivo de piada por causa do sotaque”. Era o peso invisível de aprender a caber numa realidade nova, onde os sons pareciam demasiado perfeitos e o frio agressivo, muito diferente do calor constante de São Tomé. Ainda assim, o acolhimento foi mais forte que o desconforto. Com o tempo, tornou-se adolescente e percebeu que já havia laços criados, rotinas sólidas, pertença verdadeira. “Na adolescência já me sentia parte da comunidade portuguesa. Entendia a cultura e sentia-me mais à vontade”.

Setúbal tornou-se o cenário da sua vida: o Feijó, o Chegadinho, a Escola Básica da Alebrança. Lugares onde aprendeu a ler o mundo. Lugares que guardou na pele. Mas, em 2014 outra travessia impôs-se. O país vivia uma crise económica profunda e, como tantos jovens da sua geração, sentiu que não havia espaço para ficar: “A maior parte de nós não tinha emprego. Emigrámos com o objetivo de uma vida melhor”. Londres tornou-se o seu novo destino, um futuro construído longe do distrito que a criou. Hoje, quando reflete sobre o caminho que fez, percebe que a migração não lhe tirou raízes, deu-lhe duas. “A minha mente abriu amplamente. Cresci como pessoa, aprendi a ver o mundo com outra visão”. Entre o país onde nasceu e o distrito onde cresceu, encontrou uma identidade feita de pontes. E deixa um conselho para quem atravessou fronteiras muito cedo: “Voltem sempre ao vosso país de origem. E mesmo que não voltem, regressem aos lugares onde cresceram. Deixem essas raízes para os vossos filhos e para as gerações futuras”. Cem anos de história do distrito de Setúbal mostram exatamente isso: que este é um território de chegadas e partidas, de acolhimento e recomeços. A história desta mulher, uma entre tantas, é um retrato vivo daquilo que Setúbal tem sido ao longo das décadas: um porto seguro para quem procura pousar, adaptar-se, reconstruir-se. E, no fim, percebe-se que a migração não é apenas deslocação, é reinvenção. É na aprendizagem que a identidade se faz de caminhos cruzados, de vozes diferentes e de memórias que nunca se apagam. O distrito de Setúbal é, para ela, esse lugar onde tudo começou verdadeiramente: uma segunda casa, plantada entre a terra batida e o futuro.

Regina Amado

O distrito de Setúbal não se constrói apenas com datas oficiais ou decisões políticas. Constrói-se no dia a dia, através das pessoas que aqui vivem, trabalham, passam o rio e ajudam quando é preciso. Cem anos depois da criação do distrito, são essas vidas comuns que continuam a dar-lhe forma. Júlio Santos é uma dessas pessoas. Um anónimo do distrito, como tantos outros, cuja história se cruza com Almada, Seixal e Setúbal de forma constante. Viveu em vários concelhos, teve muitas profissões e esteve sempre ligado à comunidade, mesmo quando isso não vinha em títulos ou profissões: “Sou uma pessoa que fica muito feliz em fazer coisas para os outros e em trabalhar para os outros”. Ainda jovem, entrou para os Bombeiros, primeiro como infante e, mais tarde já em funções de maior responsabilidade. Ao falar desse tempo, Júlio Santos relembra um período em que a ajuda entre concelhos e o associativismo eram partes essenciais da vida local, “Quando estava nos Bombeiros de Almada, andámos vários fins de semana a fazer um peditório na zona do Seixal. Para a criação dos Bombeiros do Seixal”. Pequenos gestos que ajudaram a criar estruturas que hoje fazem parte do quotidiano do distrito. Tal como outras memórias marcantes, ligadas não só à vida local, mas também à história do país, surge o 25 de abril no meio da conversa, não como uma data distante, mas como um dia vivido na rua e no trabalho, “Quando a loja onde eu trabalhava fechou, fui a correr para os Bombeiros”. Ao longo da sua vida, teve muitos caminhos profissionais. Entre o comércio, metalomecânica, serigrafia, rádio e segurança, nunca ficou muito tempo parado e nem passou por um trabalho sem que aprendesse alguma coisa. A forma como as tarefas eram feitas

significava mais do que a profissão em si. - “Faças o que fizeres, faz sempre bem feito. E se fizeres bem feito és respeitado”. A rádio foi um desses momentos marcantes. Um sonho antigo, vivido intensamente, onde juntou comunicação, intervenção social e cultura. Entre programas e emissões em direto, participou em iniciativas solidárias que ainda hoje recorda como das experiências que mais prazer lhe deram, “Foi das maiores produções que eu fiz e que realmente me deram mais prazer”. Mas a história de Júlio Santos não se restringe ao passado. O olhar que tem sobre o distrito é atento e bastante crítico, sobretudo quando fala dos concelhos onde viveu mais tempo. Descreve o Seixal como um território com potencial, mas condicionado por falta de evoluções, “O Seixal é um concelho que está há muitos anos com uma dinâmica de gestão política um bocado retrógrada”. A pressão imobiliária, a falta de habitação, os problemas na mobilidade e nos transportes são sinais de um crescimento rápido, para o qual, na sua opinião, tanto Almada quanto o Seixal não estavam à espera: “Eu acho que quer Almada, quer o Seixal, estão a sofrer de uma pressão para o qual não estavam minimamente preparados”. Quando pensa no futuro, Júlio Santos reconhece que o distrito já mudou muito e que continuará a mudar. A indústria perdeu peso, o trabalho transformou-se e o associativismo que, durante décadas marcou a identidade local, está a desaparecer. “Uma das coisas que se vai perder garantidamente é essa vertente do coletivismo”. Ainda assim, acredita que há algo que deve permanecer: a ligação ao mar e aos rios, que é considerado um dos grandes traços característicos do distrito de Setúbal. “Eu gostava essencialmente que o distrito não perdesse esta sua relação com o mar”. No fim, a mensagem é simples e direta: “Sejam solidários, porque quando tu dás, tu também recibes”.

Sofia Marques

“FAÇAS O QUE FIZERES, FAZ SEMPRE BEM FEITO.
E SE FIZERES BEM FEITO ÉS RESPEITADO”

Cem anos feitos de gente comum

Um anónimo do distrito de Setúbal





A VIDA DE UM COLECIONADOR DE HISTÓRIAS

O retrato de guerra e arte

“Manuel Joaquim F. Barros” é como assina os seus artigos. Usa “Debarros” para marcar as suas obras. Esta é a história de um homem com uma vida cheia, acima de tudo, falador, testemunha da evolução do distrito de Setúbal. Quando confrontado com a pergunta “o que significa para si o distrito fazer 100 anos?”, mostra-se surpreendido. “São 100 anos?”, arqueia as sobrancelhas. Tudo começa em 1945, o seu ano de nascimento, em Lisboa. Conta como no pós-guerra as condições para criar uma criança não eram adequadas, “havia muita fome, desemprego, doenças”. É assim que vai para Ruivães, uma pequena povoação em Vieira do Minho. Mandem-nos o rapaz, “que nós criamo-lo lá no Minho”, com cerca de um ano é criado pelos avós até aos 12. É lá que realiza os estudos primários e, quando fica órfão de pai, é internado num colégio católico. Não gostava de lá estar, então, quando a mãe o foi visitar “eu fiz a coisa pior do que era”, e ela trá-lo de volta para Lisboa. Então, arranja emprego numa firma inglesa de importação e exportação, e, entretanto, “cheguei à idade da tropa e mandam-me para Timor cumprir dois anos de missão”. A sua missão era “chata”: conduzia automóveis com cadáveres de outras colónias para os descarregar em Alcântara, e as famílias levarem os próprios para os funerais. O cenário para que me transporta é intenso, enquanto confessa que “chorava, com a bandeira nacional por trás”. No meio das mobilizações feitas, ganha aquilo que chama “o euromilhões naquela altura”: a possibilidade de ir para uma ilha, em que não havia guerra, naturalmente, e passar lá dois anos. Um grupo de amigos, um clima tropical, tropa apenas de manhã, “umas férias”. Reflete por um momento e declara, “acabei por ter uma tropa boa, e aquilo em Timor deixa-me saudades”. Regressado a Lisboa depois de vários dias de viagem, começa a “retomar a vida” e vai trabalhar para uma empresa alemã exportadora de cortiça durante quatro anos, “sempre metido com estrangeiros”, ri-se. Nessa altura conhece a mulher, quando fez uma excursão com um grupo de amigos, e no autocarro “vi lá uma raparigui-nha”, “adorava cabelos compridos”, sorri. Muda-se com a esposa para o concelho do Seixal,

na Amora, em 1973, e em 1976 nasce o único filho, Valter Barros. Vindo de Lisboa, teve que se “adaptar à vida aqui do concelho”. “Vi a evolução disto tudo”, o tempo em que “a Cruz do Pau era a única via, não havia autoestrada”. Manuel Barros sempre se dedicou às artes, “fiz muitas exposições, pintava, esculpia, desenhava”. Antes do 25 de abril, envolve-se num grupo de teatro de intervenção, o GOTA, Grupo Oficina de Teatro Amador. É José Manuel Osório que, em 1973, o convida para uma peça ousada “à porta fechada”. Durante os ensaios, são denunciados, é alertado do perigo por um amigo, e avisa o grupo, “vão saindo, que a PIDE está lá fora para vos apanhar”. Todos escapam, menos Osório, mas com a liberdade, representam a peça em digressão pelo país. Explica que, acabada a ditadura, foi “passar de um quarto escuro para um quarto iluminado”, e que hoje, a Câmara Municipal do Seixal “dá muito apoio à cultura”, algo que não era permitido. É um homem com opiniões, mas nunca se envolveu com a política, “passou-me ao lado”, confessa. Para Barros, Setúbal “tem um futuro garantido”, foi um dos distritos mais industriais, então, “teve sempre o seu destaque”. Leva como inspiração o seu avô, “foi meu guru”, e vive com a felicidade de ter netos. “Contava histórias fabulosas”, lembra. Já reformado, depois de 10 anos numa grande empresa, escreve artigos quinzenais para o jornal de Ruivães, “é como me entretenho”. Viveu a vida como uma bela tela pintada, e aproveitou cada cor,

ou o que
eu
gostava de
ter sido”.

Bianca Costa

João Pedro Fonseca Ramos, mais conhecido como “Ti João”, dedicava-se a limpar a praia fluvial da Baía do Seixal. “Venho para aqui às 6h30 e vou-me embora às 20h”, contou em entrevista ao Setubalense, em 2020. Carrega a honra de ter sido o responsável por transformar uma das praias fluviais mais limpas do país e fazia-o sem esperar nada em troca. “Por alta recreação, digamos que por amor à camisola”, explicava. Reformado, Ti João transformou o areal da Baía num símbolo de cuidado e cidadania. O que antes era um amontoado de canas e plásticos passou a ser um espaço limpo e acolhedor: “Agora vêm apanhar sol e dar um mergulho pessoas de todo o concelho”, afirmou em 2020. A sua dedicação levou a Câmara Municipal do Seixal a atribuir-lhe uma gratificação mensal de 150 euros. O impacto do seu trabalho chamou também a atenção de figuras como João Baião e Fernando Mendes, que o convidaram a participar nos seus programas televisivos. Em 2021, o reconhecimento ganhou forma permanente: um mural em sua homenagem, criado pelo artista Gonçalo Mar, artista do concelho, em colaboração com Luís Oliveira, foi inaugurado na fachada de azulejo da gelataria Acqua Seixal, virada para a praia. Integrado na paisagem ribeirinha, o retrato observa simbolicamente o espaço, como se continuasse a zelar pela praia que marcou a sua vida. Luís Oliveira diz que “a homenagem foi mais do que merecida”. Ainda em vida, Ti João pôde ver o mural e sentir o carinho de toda a comunidade, algo que o emocionou. Apesar da idade, João Pedro Fonseca Ramos nunca parou. Chovesse ou fizesse sol, lá estava ele. Muitos moradores habituaram-se a vê-lo todos os dias, cumprimentando-o com um sorriso.

Para Ti João, manter a praia limpa era motivo de orgulho. “Sinto-me bem neste lugar e dá-me prazer ver a praia limpa”, contou ao Setubalense em 2020. A sua presença tornou-se parte da paisagem da Baía, como se fosse um guardião silencioso do areal. João Pedro Fonseca Ramos nasceu perto do Palácio da Ajuda, em Lisboa. Trabalhou desde novo em diferentes ofícios, cordoaria, calçado e vidraçaria, e encontrou no Seixal, perto da casa do filho, o lugar ideal para viver a reforma. Foi ali, junto ao Tejo, que descobriu a sua missão diária: cuidar da praia como quem cuida da própria casa. Com o tempo, tornou-se uma figura querida, quase mítica, um exemplo vivo de como pequenos gestos podem transformar uma região inteira. Em setembro de 2023, Ti João partiu aos 85 anos. O seu funeral realizou-se no Crematório da Quinta do Conde. Esta figura típica do concelho deixou o Seixal mais limpo, mais bonito e profundamente agradecido. A Baía continua a refletir o seu trabalho nas areias cuidadas, no mural colorido e na memória de quem o viu, dia após dia, dedicar-se a um lugar que fez seu. O seu exemplo continua a ser lembrado como um gesto simples, mas profundamente transformador. A sua dedicação diária mostrou que o cuidado com os espaços públicos começa com a atitude de cada cidadão. Mais do que limpar uma praia, deixou uma lição de responsabilidade e respeito coletivo. Hoje, falar do Seixal é também falar dele, do homem simples que fez da praia a sua missão. Mesmo após a sua partida, muitos moradores afirmam sentir a sua presença sempre que caminham pela Baía. Ti João permanece como um símbolo de cidadania ativa e amor à terra que escolheu cuidar.

Maura Quaresma

TI JOÃO PARA TODOS

An elderly man with a weathered face and a red cap sits at a wooden table. He is wearing a blue jacket over a light blue shirt. His hands are clasped on the table. The background is a textured, light-colored wall. A quote is overlaid on the right side of the image.

**“Dá-me
prazer ver
a praia
limpa”**

Manuel Cargaleiro

“EU QUERO É IR-ME EMBORA PARA A ESCOLA DE BELAS ARTES, QUE É AQUI AO LADO”



O HOMEM QUE FALAVA COM AS CORES

A ÚLTIMA PINCELADA DE MANUEL CARGALEIRO

Eu quero é ir-me embora para a Escola de Belas Artes, que é aqui ao lado”, diz Manuel Cargaleiro ao Expresso, em 2024. O pintor e ceramista foi um dos artistas portugueses com maior reconhecimento internacional. Nasce em 1927, em Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, mas vive entre o Monte da Caparica, Fogueteiro e Paris. Vem para o concelho do Seixal com apenas dois anos, o pai era agricultor e tinha várias quintas. A sua paixão começa na escola primária, após as aulas escapuliu-se para uma olaria, pedia argila ao proprietário, e “fazia bonequinhos”, como o próprio conta. Entra na Escola de Belas Artes, após o descontentamento do pai, para se dedicar às Artes Plásticas. Durante a sua vida explora cerâmica, guache, óleo e desenho, e em 1952 tem a sua primeira exposição individual em Lisboa. Continua a participar em inúmeras exposições, e em 1957, recebe uma bolsa do governo italiano. Esta oportunidade permite-lhe explorar a cerâmica em Itália e França e, nesse mesmo ano, passa a residir em Paris durante os próximos 50 anos da sua vida. No entanto, o Seixal é um dos concelhos que mais preserva a sua memória, com uma Oficina de Artes com o seu nome, na Quinta da Fidalga. Doa várias peças ao Seixal, incluindo o recheio da sua casa, mas mais do que obras, após a sua morte em 2024 aos 97 anos, Manuel Cargaleiro

deixa no concelho uma amizade profunda com Manuel Pires Diz que o Mestre manteve uma fase da sua vida reservada “nunca me quis dizer quantos anos estive aqui no fogueteiro”. Mas o que é certo é que volta de Paris em 2022 e liga-lhe, “Manuel, eu venho para morrer”, e assim foi. Manuel Pires conhece Manuel Cargaleiro pois em 1985 abre uma escola no Fogueteiro, hoje conhecida como Escola Secundária Manuel Cargaleiro. Recorda o início desta amizade, quando só em 1994 pede ao Mestre que esta tenha o seu nome. “Para a semana dou-lhe uma resposta”, disse-lhe. Mas já sabemos que a resposta foi sim. Trinta anos de amizade depois, Manuel Pires diz que “garantidamente, nos últimos anos, falávamos todos os dias”. O Professor de História reformado admite que nas suas aulas, “sempre que havia oportunidade eu falava do Cargaleiro”. Relembra os seus encontros, “vamos dar uma volta”, dizia-lhe, “porque ele queria passar pela escola”, à qual ofereceu um painel de azulejos. “Nunca ninguém o tocou”, tal o respeito ao autor. Com mais de 6 mil obras produzidas ao longo da vida, “não descansava”, e “trabalhava todos os dias”. Manuel Pires expressa entusiasmo, “estava sempre a falar, nunca se calava”. Sorri, e recorda os tempos que partilhavam, nas suas sessões artísticas. Entre pinceladas a óleo e guache surge a tela dos seus momentos juntos, ouvia-o, e assume, “sinto falta da conversa, do diálogo, das histórias dele.

Bianca Costa

Sesimbra







Uma vida construída em Sesimbra

Há pessoas que não nascem num lugar, mas acabam por lhe pertencer mais do que muitos que lá estiveram. Alfredo Santos tem 74 anos e vive em Sesimbra há mais de meio século. Veio de Lisboa ainda jovem, com pouco mais de 20 anos, sem posses e com vontade de trabalhar. Ficou. Criou raízes. E hoje fala desta vila como quem fala de si próprio. São sobretudo memórias de construção. Construção de amizades, de clientela, de uma vida feita com esforço. Depois de Lisboa, abriu o seu negócio, e foi aqui que, com empréstimos e coragem, criou um pequeno comércio ligado aos tecidos, aos enxovais, às chamadas “testas”, objetos que durante décadas fizeram parte da vida de famílias e que hoje quase desapareceram. Um comércio de proximidade, feito de conversa, confiança e tempo. Sesimbra era outra quando chegou. Era uma vila que vivia da pesca diariamente. As traineiras regressavam, as pessoas trabalhavam, comiam, conviviam. As chamadas lojas de companhia mantinham a terra acordada. As festas das Chagas eram um segundo Natal, havia rendimento, havia compras, havia movimento. Os pescadores repartiam os ganhos, as famílias enchiam as ruas, o comércio era puro e movimentado. Atualmente, esse ciclo quebrou-se, os grandes pescadores envelheceram, muitos desapareceram, e a abundância deu lugar à incerteza. Jacinto sente que a vila mudou, focou-se para o turismo,

Memória e trabalho à beira-mar

para o alojamento local, para as casas fechadas grande parte do ano. A juventude foi empurrada para fora, incapaz de competir com os preços da habitação. “Hoje, quem é daqui já não consegue viver aqui”, observa preocupado. Ficam os visitantes, partem os naturais. Fica a beleza, perde-se a vida quotidiana. No comércio, a diferença sente-se todos os dias. Já não há enxovais como antigamente, já não há arcas cheias de roupa para uma vida inteira. Os hábitos mudaram, o ritmo acelerou, o consumo encolheu. Ainda assim, Alfredo Jacinto continua. Porque aqui construiu relações, aqui encontrou qualidade de vida, o mar, e isso muda tudo. O stress de Lisboa ficou para trás. Reconhece as dificuldades antigas e as melhorias recentes. Vê evolução no distrito, na saúde e nos serviços, mas mesmo assim admite que falta um hospital, um estacionamento de qualidade para residentes. Ainda assim, refere que não troca esta terra por nada. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, histórias como a dele lembram-nos que os lugares não são feitos apenas de quem nasce neles, mas também de quem os escolhe. De quem chega, fica, resiste e constrói. Alfredo Jacinto não nasceu em Sesimbra. Mas Sesimbra vive nele.

Francisco Cavaco

“Hoje, quem é daqui já não consegue viver aqui”

“Ter vindo para Setúbal foi a minha salvação”

“

As memórias mais fortes que eu guardo de Moçambique... é a pobreza absoluta”. É com esta frase dura e direta que a Estela Titose começa a reconstruir a sua própria trajetória antes de chegar ao distrito de Setúbal, onde viria a refazer a vida que não queria que os filhos herdassem. Cresceu num ambiente onde a sobrevivência diária moldava decisões e sonhos: “às vezes as crianças queriam ir à escola... mas não iam, elas iam para o lar para fugir da pobreza e pensavam que iriam ganhar na vida”. Na sua voz sente-se o peso de quem viu demasiado cedo a desigualdade e percebeu que a única forma de proteger a família era sair. “Eu disse: eu não quero essa vida para os meus filhos, e decidi sair de lá”. Apesar da dureza da realidade, recorda Moçambique também pela luz e pela alegria do seu povo. “O povo moçambicano é muito alegre, são pobres, mas são alegres”. Fala com saudade dos fins de semana cheios, das casas onde cabia toda a gente e da convivência que descreve como “uma alegria para mim”. Nessas lembranças, não há miséria, há comunidade, música e simplicidade. A chegada a Portugal não foi imediata a Setúbal. Primeiro Lisboa, depois Coimbra, num percurso marcado pelo trabalho como ama interna e pelo acolhimento dos patrões que a ajudaram a estabilizar-se. Mas foi pela chamada das primas que viviam no distrito que Estela Titose teve o rumo da sua vida mudada. “Vim, gostei e fiquei por aqui”, conta. E foi já instalada no distrito que descobriu essa familiaridade inesperada que a deixou confortável: “lembrava-me mais ou menos como eu vivia em Moçambique, é uma cidade pequena, mas apoia as pessoas. É muito acolhedora”. Os choques culturais foram inevitáveis, sobretudo na forma como se tratam as gerações

Um recomeço que devolveu esperança

“Tive muita dificuldade em chamar pelas pessoas... nós moçambicanos nunca chamamos uma pessoa mais velha pelo nome”. Lembra o espanto de ver crianças portuguesas tratarem senhoras de 70 anos sem títulos, “fiquei chocada”, conta, rindo da memória. Mas também reconhece que aprender estas diferenças fez parte da adaptação: “vi que eram culturas diferentes, mas fui aprendendo”. A praia de Sesimbra tornou-se o seu refúgio. “Foi aí que vi o Carnaval... gostei. E o peixe bem grelhadinho... até hoje quando tenho um dinheirinho vou lá comer”. A praia tornou-se também lugar de cura: “quando estou chateada... gosto de estar a falar com as ondas, ajuda, alivia um pouco”. Nem tudo foi fácil. O preconceito marcou a imigrante de forma profunda: “sofri muito... porque quando ia num lugar, fingiam que não me viam.” O contraste era especialmente duro quando comparado com as experiências acompanhada dos patrões: “quando estava com pessoas importantes, viam-me”. Confessa que esse choque quase a fez desistir: “Fiquei a pensar até voltar atrás”. Mas com o tempo, com a sua mudança para o distrito, encontrou pessoas boas e uma comunidade diversa onde finalmente se sentiu integrada: “comecei a conviver com diversas etnias”. Hoje, quando fala do distrito, não hesita na recomendação: “querem viver num sítio calmo, num sítio tranquilo? Venham para Setúbal”. Quando reflete sobre o que Setúbal representa na sua vida atual, responde sem hesitar: “ter vindo para o distrito de Setúbal foi a minha salvação.” E completa, com uma honestidade sem artifícios: “se eu não tivesse mudado, talvez tivesse voltado para Moçambique”.

Regina Amado





Bota de Sesimbra

Onde ninguém se destaca, e todos contam

Na história do Bota de Sesimbra, um grupo recreativo com um papel enorme na cultura Sesimbrense, a comunidade é a ideia principal. É importante reconhecer com esta leitura que cada pessoa dentro da escola trabalha para o mesmo objetivo, e que esta é a verdadeira definição de paixão. Desde quem organiza e desenha, aos coreógrafos, às costureiras, aos que ornamentam os carros, aos que ensaiam a música, a quem desfila, “há muita gente importante dentro da escola”. Como tal, Madalena Silva (nome fictício) não identifica ninguém, nem a ela mesma. O Bota é uma escola multifacetada, que organiza diversos espetáculos, como de teatro, samba e ginástica, mas que, acima de tudo, participa no Carnaval, onde ganhou vida. O Carnaval já é celebrado por esta comunidade há bastante tempo, “os nossos pais mascaravam-nos e andávamos vestidos em Sesimbra desde miúdos”, lembra. Mas é na década de 70 que “um grupo que já saía há muito tempo, desde a infância” sai no dia anterior ao Carnaval, e Madalena Silva conta a história do ano de 1976, quando se mascararam com “um fato feito de escamas em pratos de tabaco”. Já existiam outros grupos mais compostos, mas, o atual Bota de Sesimbra nasceu da total desorganização, que só depois de não terem saído nessa terça-feira de Carnaval com os outros, “jurámos que nunca mais ficávamos em casa”. Em 1977 decidem que “temos que arranjar um nome para o grupo”, e surge “Caga no Rego”. Um nome esquisito para muitos, mas, Silva explica que, era no “regio da fossa até à praia ao lado da fortaleza” que se faziam as descargas do concelho, e que “cheirava muito mal”, no entanto, mudam o nome no ano seguinte para Bota no Rego, “era mais soft”, ri-se. Este também foi substituído depois existiam más interpretações, principalmente dos estrangeiros, “era uma conotação um bocado desagradável”. Com já 50 anos de existência e um nome fixo, o B,

Bota de Sesimbra é uma grande escola, com cada vez mais gente a juntar-se a este propósito. Nas sociedades do concelho, a terça-feira era festejada com alegria, por todos, “as pessoas iam totalmente irreconhecíveis, mascaradas e metiam-se umas com as outras, brincavam”, e “ninguém levava mal, porque era Carnaval”. Os tempos foram evoluindo e “as sociedades foram perdendo a iniciativa de fomentar este dia”, agora com maior concentração nos bares. Na sua visão, as comunidades e autarquias não valorizam o trabalho do grupo, uma preparação durante todo o ano, já que serve como atração turística, “o Carnaval em Sesimbra em relação à comunidade não só é um desenvolvimento a nível turístico, como cultural, porque já é tradicional”. Mas, Silva admite que, efetivamente, há pessoas contra o evento, “porque acham que é só para a gente se divertir e brincar”, pelo contrário, como explica, “existe já uma responsabilidade acrescida que nós temos perante a comunidade Sesimbrense”. O trabalho do ano inteiro foca-se muito em questões físicas, para as assistidas “aguentarem o desfile com uma boa energia física e sem dores nas articulações”, então, “todas as semanas há ensaios, seja do que for”. Uma vez por ano, “a vila enche-se de gente” como nunca se vê no verão, os cafés e bares cheios, e as ruas carregam memórias de várias gerações. Apesar das dificuldades, “os momentos especiais são aqueles que nós passamos na sede”, e, “ao olhar para trás, eu quase não acredito até onde é que chegámos hoje”. Faz parte do grupo que naquela terça-feira começou tudo, e Madalena Silva, que nunca mais largou a escola, emociona-se, “quando falo do Bota é quase que falar de uma família”.

Bianca Costa

“Quando falo do Bota é quase que falar de uma família”

Mar, memórias e Sesimbra

A Terra que viu crescer

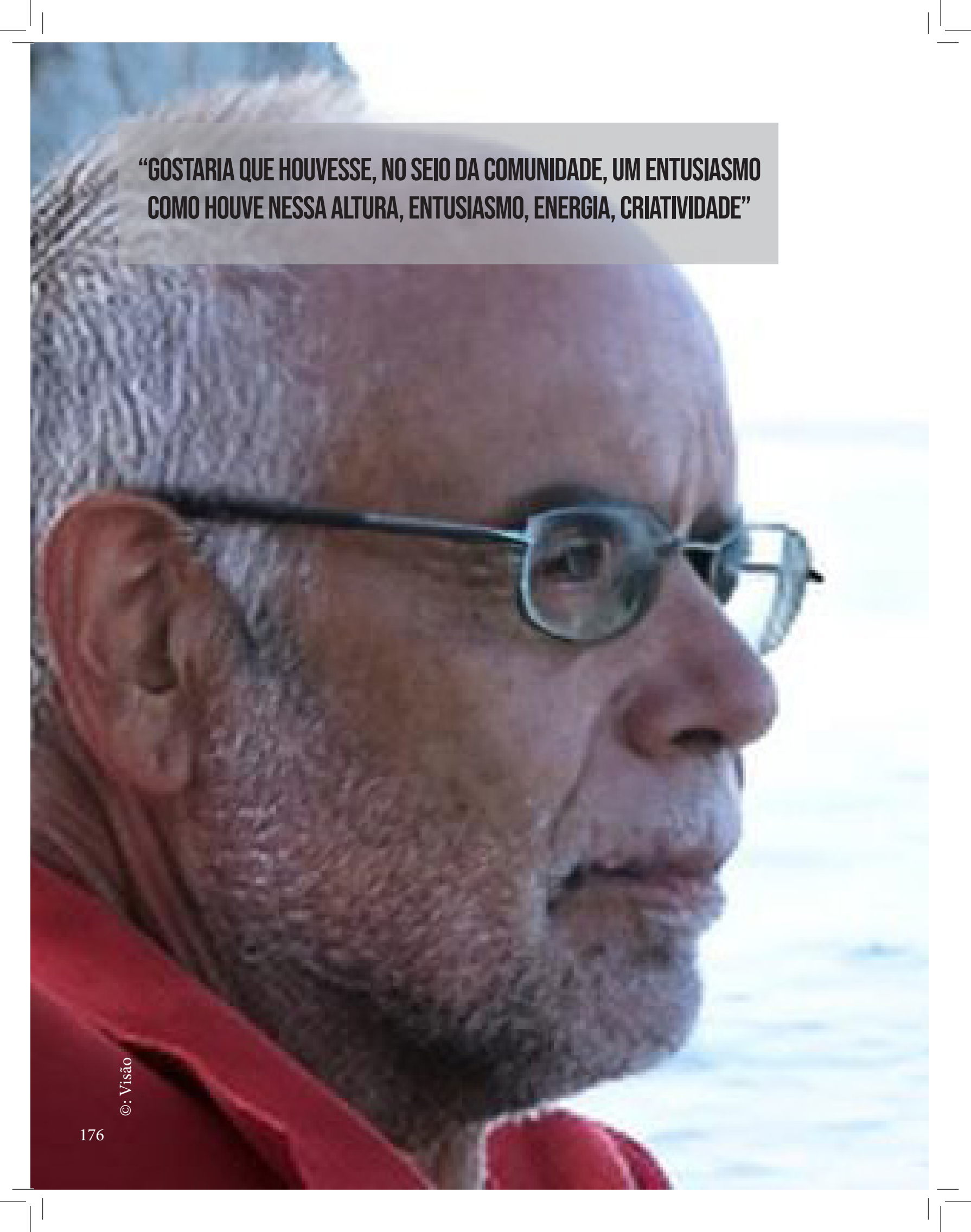
© SIC



O mar. É esse o cheiro que Helena Laureano abraça quando volta a casa. "A minha relação com Sesimbra é muito íntima, muito aconchegante e muito bonita", revela com um tom de carinho e um olhar que guarda diversas memórias felizes. Cresceu entre ondas e histórias. "A minha infância foi toda lá", conta. Uma infância feita de rua, de liberdade e de jogos que, hoje, estão quase extintos: "Brincávamos ao bate-pé, ao mata, ao berlinde". As praias eram onde Laureano passava grande parte do seu tempo. "Íamos para o Calhau da Cova, para a Ribeira do Cavalo... passávamos lá noites", recorda. No meio de tantas risadas e lembranças, a atriz revela que "Punha as algas a fazer de saia e na cabeça". Apesar de ser apaixonada por Sesimbra, a sesimbrense revela: "A vida foi me levando". Começou com as viagens diárias até Lisboa. Saía cedo, por volta das sete da manhã, e apanhava autocarros onde "entrava frio por todo o lado". Eram dias longos feitos de cansaço. Foi também nessa fase que começou a trabalhar no seu primeiro part-time numa florista, "Sempre gostei muito de flores". Quando se mudou para o Funchalinho, a rotina transformou-se: mota, barco, novas deslocações, novos ritmos. Uma vida em movimento. A capital deixou de ser apenas um destino e passou a ser casa. Não de forma repentina, mas "passo a passo", como quem vai mudando de lugar mas sem nunca perder o ponto de partida. A diferença entre os dois mundos não passou despercebida. "Lembro-me de sentir muita diferença no ar. O cheiro dos carros e da poluição. Em Sesimbra, o ar é completamente diferente, muito mais puro", recorda. Ainda assim, a adaptação foi natural,

"Em Sesimbra, o ar é completamente diferente, muito mais puro"

"Estava focada no meu trabalho, com amigos e tudo fluiu". Laureano acredita que a sua área está melhor representada mas não valorizada. "Hoje está melhor. Há mais espaços, mais iniciativas, festivais de cinema... mas ainda há pouca adesão", revela, com ar de desiludida. Durante os seus tempos de criança, o teatro corria pelas veias das escolas. Havia incentivo, havia participação, havia uma comunidade que respirava esta arte. "Na minha altura havia muito teatro nas escolas, muito incentivo. Isso perdeu-se um pouco", recorda. Para a atriz, a solução está nas raízes: "Acredito que a chave está na educação nas escolas e também nos pais. É aí que se cria o gosto pela cultura". É na infância que se planta o desejo de criar, de participar, de observar e é a partir daí que Sesimbra pode florescer novamente. Na visão da sesimbrense, o concelho mudou. "A baía sofreu alterações com obras, a Praia da Califórnia perdeu areal e outras zonas desapareceram", revela Laureano. Há mudanças que não lhe agradam tanto a nível arquitetónico mas a essência da terra permanece: "Continua a ter aquela energia, aquele abraço do mar e da serra". Hoje, desde que a mãe faleceu, visita muitas vezes mas Sesimbra continua a ser um lugar especial, um porto seguro de memórias e sentimentos onde o passado e o presente se cruzam entre o cheiro da maresia e a força das ondas. Sesimbra, para Helena Laureano, não é apenas um lugar: é memória, essência e abraço. Entre praias e as ruas da infância permanece o laço profundo com a terra que a viu crescer. Mesmo com a vida a levá-la para longe, este concelho continua a pulsar dentro dela, um refúgio de memórias e sensações, onde cada vento carrega uma lembrança do lar.



“GOSTARIA QUE HOUVESSE, NO SEIO DA COMUNIDADE, UM ENTUSIASMO COMO HOVE NESSA ALTURA, ENTUSIASMO, ENERGIA, CRIATIVIDADE”

Raízes de Participação

UM COMPROMISSO, **UMA LIBERDADE** E CRÍTICA SOCIAL

No ambiente solene da grande sala da Assembleia Municipal de Sesimbra, são lembradas e recontadas várias épocas da vida de João Augusto Aldeia. Economista reformado e jornalista amador, como sempre refere, cresceu no que na altura se chamava uma família remediada. “Pobres eram pessoas que passavam dificuldades muito grandes, e essas chamadas remediadas, podemos dizer que também eram pobres, mas tinham um mínimo de condições de vida social e de vida familiar”. Contra as suas expectativas, teve a oportunidade de frequentar o ensino técnico, na área do comércio. Mais tarde, ingressou na universidade, onde se formou em Economia, uma escolha que, embora condicionada, o acabou por agradar. Iniciou o seu percurso jornalístico de forma acidental, ainda antes do 25 de abril de 1974, após enviar uma carta de reclamação a uma revista que criticou uma banda de que gostava. “Eu não estava à espera, mas eles publicaram a minha carta na revista”. Este acontecimento foi, em parte, o incentivo de que o jovem João Aldeia necessitava para começar a publicar a sua escrita. Previamente à Revolução de Abril, quando ainda era estudante, numa universidade com um alto clima de contestação ao Governo, foi assassinado pela PIDE um dos seus colegas, aquando de uma reunião dentro da escola. Isso fez com que os estudantes perdessem um pouco do seu medo de combater a situação em que se encontravam. Aldeia foi “na onda”, acabando ele próprio, detido pela Polícia Política, por passar um período na prisão. O economista reconta como a população antes da Revolução, comparativamente à de atualmente, teria mais espírito de contestação:

“gostaria que houvesse, no seio da comunidade, um entusiasmo como houve nessa altura, entusiasmo, energia, criatividade” Durante a sua carreira passou pelas Câmaras Municipais de Setúbal e Sesimbra, as quais acompanhou durante conquistas e dificuldades. Considera que o principal desafio que enfrentou ao longo da sua carreira terá sido a falência financeira da Câmara de Setúbal, a qual tentou ajudar, como diretor financeiro, através de diversos planos, que chegaram por não ser utilizados: “é desanimador, digamos assim, termos dedicado uma parte da nossa profissão, que é suposto contribuir para a comunidade, para o planeamento, e contribuí, dei o meu contributo, não sei se positivo ou não, mas, depois, o contributo meu e de outras pessoas não serviu para nada, porque esses planos não foram aplicados nem uma vírgula”. Acredita que, lamentavelmente, a região ficou perdida no tempo: existe no papel, mas na prática paira a dúvida da sua pertinência entre o distrito e península. João Aldeia acaba a entrevista partilhando um dos valores que tenta sempre aplicar na sua vida, pessoal ou profissional: a participação na comunidade. “Quer dizer, ninguém é dono da verdade. Não é um especialista que chega e que descobre que as coisas são assim ou são assado. (...) O único modo que nós temos para resolver os problemas da cidade, conhecê-los e resolvê-los, é o debate público”. O percurso de Aldeia reflete, assim, uma vida marcada pelo compromisso com a comunidade e pela defesa de valores democráticos e da participação cívica, e a sua experiência revela a importância de continuar a acreditar na força do debate e na construção coletiva de soluções.

Beatriz Figueiredo

“SOU DE
SESIMBRA,
NASCI EM
SESIMBRA, SOU
CRIADO EM
SESIMBRA E VIVO
EM **Sesimbra**”



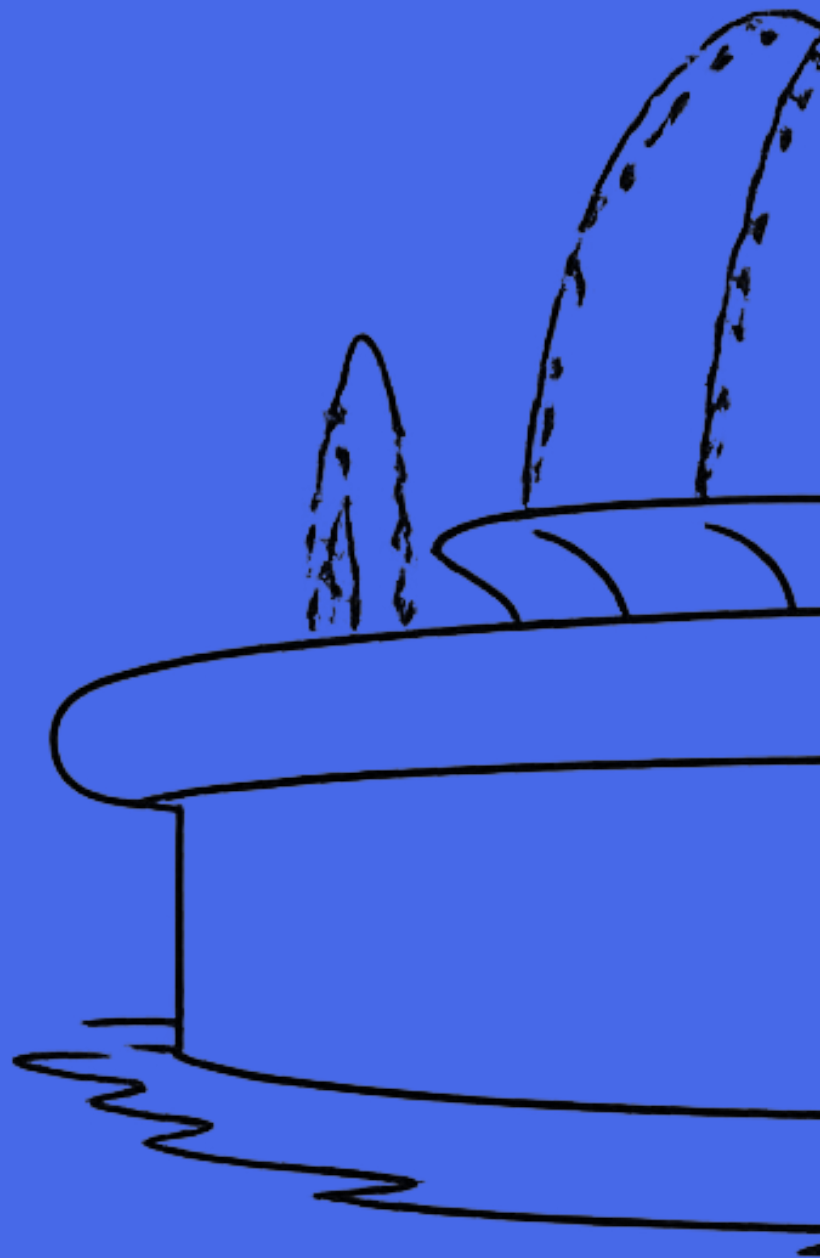
Um filho de Sesimbra

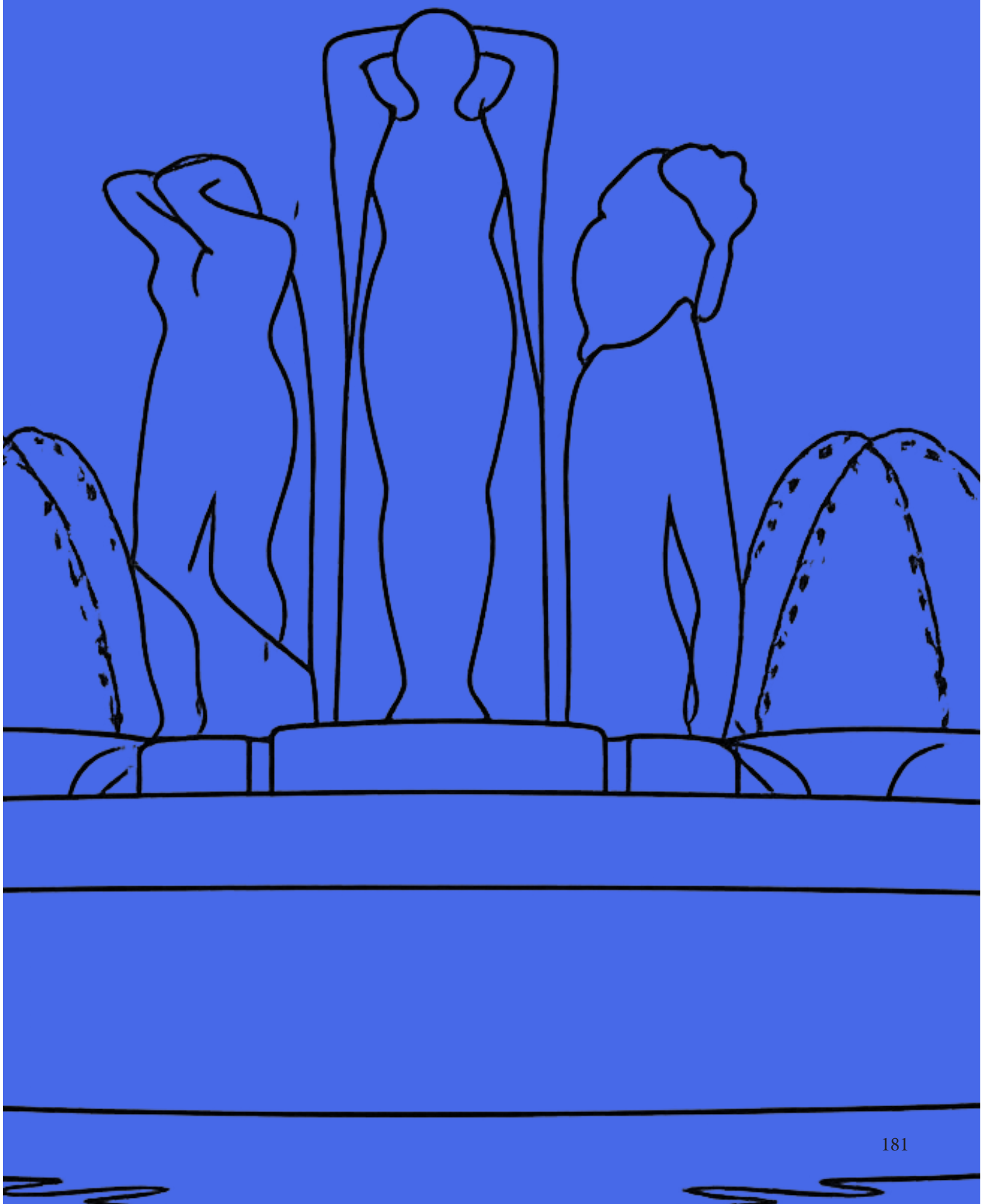
A VIDA NA VILA E AS SUAS MUDANÇAS

Num café junto à lota, encontramos Luís, sentado à mesa, entre conversas cruzadas de outros quatro homens e umas garrafas de cerveja pousadas à frente. Era final de tarde e após um dia de trabalho ali estão no convívio que serve de refúgio. Apresenta-se com simplicidade: “Sou de Sesimbra, nasci em Sesimbra, sou criado em Sesimbra e vivo em Sesimbra”. A ligação à sua terra construiu-se ao longo de décadas, sem nunca ter vivido noutra concelho. As primeiras memórias que guarda remetem para a infância passada entre a escola e a pesca. “Quando era miúdo sempre trabalhámos na pesca, saíamos da escola e íamos para a pesca”, recorda, que esse era o percurso natural de muitas crianças da vila. Ir à escola e ir para o mar faziam parte do quotidiano, num tempo em que a pesca era o principal sustento de grande parte das famílias locais. Com o passar dos anos, acabou por seguir outro caminho profissional, trabalha, atualmente, como motorista de camiões na Câmara Municipal de Sesimbra, mas sem nunca se afastar da realidade piscatória que marcou o seu crescimento. Para Luís, a pesca continua a ser uma atividade fundamental, mas cada vez menos apoiada. “A pesca é bastante difícil porque os pescadores não têm muitos apoios”, afirma que faltam incentivos concretos para quem depende do mar. Reconhece que muitos destes problemas são semelhantes aos vividos noutras zonas do distrito, onde grande parte da população continua ligada à pesca. O crescimento do turismo é visto com sentimentos contraditórios. Por um lado, reconhece que trouxe desenvolvimento e novas oportunidades, por outro, acredita que Sesimbra se focou demasiado para essa área, e por consequência disso os locais ficaram em segundo plano. Refere que o custo de vida aumentou

significativamente e que a habitação se tornou um dos maiores problemas para quem é da terra, tornando difícil viver e construir família na própria vila. “É muito turismo e as coisas aumentaram muito”, resume, referindo a dificuldade dos sesimbrenses em acompanhar essa mudança. Apesar das críticas, fala com orgulho de Sesimbra e dos aspetos que mais admira. Destaca as praias, o mar calmo e a paisagem, referindo locais como a Ribeira do Cavalo e a Praia do Ouro como símbolos da beleza natural da vila. A cultura local também ocupa um lugar importante na sua identidade, em particular o Carnaval de Sesimbra, que considera um dos eventos mais marcantes da vila. Reconhece o impacto que tem na economia local e na projeção do concelho, apesar dos problemas associados, como a falta de estacionamento. Ainda assim, é nesse evento que vê uma ligação entre a comunidade e quem vem de fora. Ao refletir sobre a evolução do concelho, considera que, no geral, as mudanças foram positivas. Aponeta melhorias nas infraestruturas ligadas ao mar, como as docas, o porto de abrigo e a marina, e reconhece que a pesca também se modernizou, mantendo um carácter maioritariamente artesanal, com destaque para a pesca do cerco, das traineiras e do anzol, especialmente na zona do Cabo Espichel. Quando olha para o futuro, acredita que Sesimbra “tem pernas para andar”, sobretudo no turismo, embora reconheça que não será fácil para as novas gerações viverem no concelho, tendo em conta o custo de vida elevado. Os valores que diz ter aprendido desde cedo, honestidade e ser trabalhador continuam a servir de guia da forma como olha para a Sesimbra e para o distrito. Entre o trabalho e o café, entre o passado da pesca e o presente do turismo, fica o retrato de Sesimbra vivido por quem tanto lhe pertence.

Setúbal





A mulher que acompanhou o século

Sem estudos, mas não inculta

Uma porta de metal branca, vinte e sete degraus e um acesso complicado. É este o percurso que Noémia Nunes faz há 100 anos. Recebe-me de forma acolhedora na sua pequena casa, que apenas tem uma divisão, tem uma panela com água a ferver para poder tomar banho, levanta-se da cama, veste o seu robe cor-de-rosa, senta-se na cadeira da cozinha e diz “então diz lá o que é que queres”. Nascida a 18 de agosto de 1925, na mesma casa que reside até hoje e recusa-se a sair para lares ou centros de dia, pois diz que esses lugares “são para gente velha”. Com apenas 9 anos, começou a servir outras pessoas, profissão muito comum na altura, trabalhando por conta própria e relembra que chegou a ir até Almada para o fazer. Aos 22 anos, casa e, mesmo durante uma época onde era normalizado a mulher ficar a cuidar do lar e dos filhos, a centenária fugiu à regra. Nunca deixou de trabalhar em serviço a outros, mas, mais tarde, apercebe-se de que “aquilo não era vida para mim”, conta, com o que parece ser algum alívio por não o ter descoberto tarde demais, e decide ir para o Fórum Municipal Luísa Todi. Começou como arrumadora de limpeza, “levava as pessoas à plateia, casa de banho, fiz tudo”, mas a rotina monótona era algo que a aborrecia. Quando era jovem andava sempre a pé para todo o lado, percorria a cidade de uma ponta à outra, com sacos na mão e uma pressa como se estivesse atrasada para algum compromisso. Por isso, esta repetição do dia a dia era algo que a chateava, “comecei a ver que a vida que era assim um bocado curta e muito aborrecida. A gente fartava-se de trabalhar, voltávamos de noite para casa e aquilo não dava assim muita coisa”. Escolhe sair e torna-se arrumadora de cozinha, mas tem a sorte de a patroa conhecê-la e oferecer-lhe uma nova posição como cozinheira e é lá que tira a Carteira profissional de Serviço de Hotelaria.

66

Eu também era danada dos cornos, ainda hoje sou

99



Noémia Nunes não tinha estudos, nem sabia ler, não por falta de vontade, mas porque o regime em que vivia não o permitia, “queria ir para a escola e não me deixavam”, confessa um pouco triste. Ainda assim, isso não a impediu de seguir o seu coração. É uma mulher determinada, que por vezes chega a ser teimosa, mas consegue sempre surpreender quem não a conhece. Lembra o que seu patrão costumava dizer-lhe: “Ai mulher, até me custa acreditar que a senhora não sabe ler e tem mais inteligência do que aquelas que sabem ler. Você enganou a gente”. O pré-25 de Abril e os tempos de guerra que viveu são algo que fala com naturalidade, mas com um pouco de confusão no seu olhar. A repressão e o medo que se sentia é algo que reforça quando conta como era a sua vida nessa altura, “quando a gente falava alguma coisa do Salazar tínhamos medo”, e não era só este pavor que pairava no ar, era, também, o clima de desconfiança, “às vezes havia um a ouvir para ir contar à policia”.

Recorda uma conversa que teve no ambiente de trabalho, “Um dia vieram ter comigo e disseram: hoje a Noémia teve uma conversa assim e assim, e eu respondia: eu tenho conversas quando calha ou já não se pode falar? Eu também era danada dos cornos, ainda hoje sou”. Não tinha medo de falar o que pensava e, caso a questionassem, tinha sempre uma resposta na ponta da língua, ainda hoje o tem, “pode-me chamar de parva, mas no fim engana-se, que sou mais esperta que o senhor. Levavam com cada uma que até iam pelo ar”, lembrando algumas das resposta que dava. Após 50 anos a trabalhar, reforma-se, e descobre um novo significado para esta nova etapa da sua vida: o café. Há cerca de 60 anos que frequenta o seu café de eleição, “O Manel, como lhe chama. Seja em dias de chuva, sol, frio ou calor, lá está ela, sentada na mesma mesa, a ver quem passa e a falar com todos com a sua boa disposição. 100 anos de vida, 100 anos de histórias, 100 anos de conquistas, 100 anos de lutas e aprendizagens é o que Noémia Nunes carrega consigo. Tem a certeza de que hoje é alguém que sabe trabalhar, e afirma que “não há nada que eu não saiba fazer”, mesmo achando que antigamente as coisas eram melhores. Gostava de continuar a viver “até Deus quiser, ou com saúde mais uns 10 anos”.

Barbára Antunes

Numa casa simples no bairro dos Índios, em Setúbal, fui recebida na sala de estar, onde uma energia calorosa e cheia de vida me envolveu de imediato. As paredes estavam decoradas com fotografias e quadros de crianças, despertando a curiosidade sobre o dia a dia da família. A luz da tarde entrava pelas janelas, iluminando o sofá onde me sentei. Adérito Augusto Araújo dos Santos, de 56 anos, sentou-se à minha frente, com a calma de quem não tem pressa e a paciência de quem já viveu o suficiente para saber que cada história merece ser ouvida.

parecia haver sempre movimento”. Foi ali que Adérito Santos encontrou não só trabalho, mas também o mar e um ritmo de vida diferente, que contrastava com a dureza da sua infância. Tornou-se pedreiro e, ao longo do tempo, passou a encarregado na construção civil. “É um trabalho honesto e necessário... e olha que não é nada fácil de aprender”, afirmou com orgulho. Mas a cidade acabou por lhe trazer ainda mais. Foi em Setúbal que conheceu a sua esposa, nas Manteigadas, enquanto trabalhava numa obra.

“Fui obrigado a crescer mais rápido, fez-me homem mais cedo”

Nasceu em França, mais precisamente na pequena vila Val de Loire, onde viveu até aos cinco anos. Mesmo tão pequeno, ainda guarda algumas lembranças que lhe surgem como pequenos flashes de um tempo distante. “Lembro-me de brincar na rua com uma amiga... e de um café onde a minha mãe ia muitas vezes”, contou, como se essas imagens viessem à tona de repente. O regresso a Portugal levou a Trás-os-Montes, onde os campos e a rotina da agricultura moldaram os seus dias e os seus anos. “Acordava muitas vezes ainda de noite para tratar dos animais e só depois é que ia para a escola”. Guardava ovelhas, ordenhava, cavava a terra, semeava batatas, ajudava na vinha. “Fui obrigado a crescer mais rápido, fez-me homem mais cedo”. Ali, entre o esforço e a rotina, começou a aprender o valor do trabalho e das responsabilidades. Aos dezoito anos, sentiu que precisava de mais e partiu para o Algarve, à procura de independência e novas oportunidades. Trabalhou nas obras e, durante dois anos, viveu em contentores. “Morava nos contentores da obra, imagina!”, contou com naturalidade, quase como se fosse apenas um detalhe. Com vinte anos, mudou-se finalmente para a cidade que viria a ser a sua casa, onde acabou por se fixar. “No Norte é sempre difícil arranjar algo estável. Aqui

A história começou de forma direta e divertida, “Foi ela que teve a lata, virou-se para mim e disse que me achava muito lindo”. A partir daí começou o namoro, depois o casamento, e ,finalmente, a família que hoje é a sua maior conquista. “A coisa de que mais me orgulho são os meus filhos”, disse, olhando para as fotografias nas paredes, como se cada sorriso lhe lembrasse que todo o caminho até ali valeu a pena. Ao longo de 36 anos, Adérito Santos assistiu a mudanças profundas no distrito e no bairro onde vive. “Onde agora está o centro comercial, aquilo era só mato... vacas, ovelhas”, contou, quase sem acreditar no que os olhos viram. “Este bairro aqui não existia, era só terra.” Para ele, ver Setúbal celebrar 100 anos é perceber o quanto cresceu e mudou. “Passo nos sítios e ainda me lembro de como aquilo era antes. E penso: ‘Caramba, o tempo passa mesmo’”. Gosta da cidade pela sua energia, pelo contacto com a comunidade e pelo dia a dia que construiu. “Aqui ainda se consegue andar na rua com tranquilidade, cumprimentar as pessoas, conhecer os vizinhos”. No final, a sensação que fica é a de um homem que construiu a sua vida tijolo a tijolo, começando cedo demais, que aprendeu o valor do esforço e encontrou na família o equilíbrio que sempre procurou.

Daniela Santos



Tijolo a Tijolo

O homem que cresceu depressa demais

DA NEVE AO SADO

Início de uma nova vida

“Disse à minha mãe: não consigo viver aqui, é tudo muito diferente”

Disse à minha mãe: não consigo viver aqui, é tudo muito diferente”, lembra Alessio Omrani, sorridente, pois hoje em dia nunca concordaria com esta afirmação. Tem apenas 19 anos, mas já carrega no peito histórias emocionantes que viveu desde que se mudou para Portugal. Natural do outro lado do mapa, Canadá, veio para Setúbal há sete anos com o objetivo de trocar o frio pelo futebol, o seu maior sonho. O pai falara com um amigo que exercia um cargo na direção do Vitória Futebol Clube, que o aconselhou a vir para cá morar. Os Omrani experimentaram viver nesta cidade durante uma semana. Para esta família, parecia que estavam a viver num mundo oposto; habituados à neve e ao frio, apaixonaram-se pelo sol e o clima quente. Quando cá chegou, não passava de um menino à deriva, como um pequeno barco lançado a um mar desconhecido. “Lá não podes chumbar até ao oitavo ano. Eu cheguei cá no sétimo, cheguei à minha turma e vi dois gajos com 18 anos, com barba. Eu era, tipo um puto gordinho com 12”, conta o canadiano com um riso tímido, reforçando o quão estranho foi o seu processo de adaptação, não pelo mal, mas pela diferença cultural. Apesar de tudo, sempre se sentiu bem-vindo pelos colegas de escola e de equipa, que nunca fizeram nenhum tipo de distinção. Sempre o ajudaram a aprender a língua e os costumes portugueses. “Eu quero viver cá em Portugal, mas não sei se eu quero ficar em Setúbal”, revela o jogador. Mesmo sentindo-se em casa, receia o seu futuro profissional. Mostra o desejo de querer viver do futebol e pensa que é algo fora do alcance nesta cidade. O futebolista gosta de viver cá, mas para trabalhar não é opção. Embora aqui esteja há quase uma década, ainda não sente que seja totalmente parte do concelho. Conta que

“algumas vezes eu digo uma palavra e pronto, eles conseguem perceber que sou estrangeiro” e isso acaba por incomodá-lo, pois lembra-se que não é natural de cá, mesmo que o seu coração sinta que vive aqui desde sempre. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, a cidade reflete memórias, conquistas, desafios e fraquezas. Para muitos habitantes, este centenário simboliza orgulho e um sentido de identidade. Para outros, como Alessio Omrani, representa sobretudo um marco do local que o adotou. “Sinceramente, parabéns à cidade”, admite com uma honestidade que lhe é natural, quase incrédulo pelo distrito completar um século. Ainda assim, reconhece tudo o que Setúbal lhe deu e continua a dar. Diz-se “orgulhoso” por poder fazer parte da história deste distrito. Desde o mar, às pessoas simpáticas, à tranquilidade, encontrou aqui um lugar que o ajudou a crescer. A entrada no Ensino Superior, os amigos e pessoas especiais que foi “coleccionando ao longo do tempo” transformaram-se nos capítulos mais luminosos da sua história em Portugal. De olhos postos no futuro, imagina uma cidade ainda mais viva: com mais espaços e oportunidades. Sonha com o Parque Urbano da Várzea terminado. Gostaria de ver a vida noturna florescer, “há muito espaço que não é usado”, comenta, com a esperança de que, futuramente, haja mais ambientes de diversão. Nos dias que passam, Omrani sente que Setúbal não é apenas um sítio, mas sim uma parte de si. Mesmo que não se sinta um setubalense de raiz, sabe que este é o seu lugar. Poderá ir viver para longe mas, lá no fundo, sabe que esta será para sempre a sua casa.

Beatriz Eustáquio e Beatriz Lopes



Entre a luz e a memória

No coração de Setúbal, entre gavetas cheias de negativos e memórias que cheiram a história, repousa o legado de um fotógrafo que transformou a curiosidade em património. Américo Ribeiro, nascido em 1906, foi muito mais do que um fotógrafo, foi o olhar atento que registou, ao longo de seis décadas, a alma viva da cidade. “Todos os dias descobro coisas novas. O Américo Ribeiro deixou-nos essencialmente negativos...”, conta Alberto Pereira, professor reformado e responsável pelo Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. É ele quem, há mais de dez anos, se dedica a dar nova vida às cerca de 140 mil fotografias deixadas pelo fotógrafo setubalense. Entre abrir a porta, atender telefonemas e gerir bases de dados, o guia que teve o privilégio de o conhecer pessoalmente continua a descobrir fragmentos de uma história que não termina. A paixão pela fotografia nasceu graças a Alberto Sartoris, dono de uma farmácia em Setúbal e entusiasta da arte fotográfica, que acabou por o introduzir nesse mundo. Com um olhar jornalístico apurado, fotografava desde os grandes eventos até aos gestos mais simples do quotidiano. “Ele fotografava tudo o que fosse diferente”, “...uma curiosidade quase infantil que ele tinha de fazer fotografia e o grande sentido de reportagem que ele tinha, é essencialmente isso...”, conta o responsável pelo arquivo. No dia 8 de dezembro de 1936, inaugurou o seu primeiro estúdio, “Foto Cetóbriga”, no Largo da Conceição, em Setúbal.

O fotógrafo que retratou a vida setubalense

O espaço manteve-se durante 48 anos, encerrando apenas em 1984. Mais tarde, abriu também um estúdio em Sesimbra, o “Foto Ameri”, que funcionou entre 1960 e 1979, consolidando a sua presença na região. Ribeiro nunca foi designado com um fotógrafo destinado a retratos. “Quem queria um retrato não ia ao Américo Ribeiro”, afirma com seriedade, “... aliás, os grandes trabalhos que ele realizou são destinados à reportagem, isso ele adorava...”. Com o passar dos anos, tornou-se correspondente de diversos jornais, como O Setubalense, Diário de Notícias, A Bola, Record, O Norte Desportivo, O Sado e O Século Ilustrado. Através dessas colaborações, o seu trabalho ganhou visibilidade nacional, levando as imagens de Setúbal para as páginas dos maiores meios de comunicação do país. Entre as suas reportagens mais marcantes, destaca-se a cobertura do trágico acidente no rio Sado, nos anos 50, quando um automóvel com oficiais ingleses caiu ao rio. “o Américo fez uma reportagem muito completa, que durante toda a sua vida teve uma satisfação enorme e vendeu para todos os jornais portugueses e também para alguns jornais estrangeiros.”]Pelo seu contributo inestimável, foi homenageado pelo Município de Setúbal e pelo Governo Civil, recebendo a Medalha de Honra da Cidade em 1985 e a Medalha de Mérito Distrital em 1991. Estas distinções reconhecem não apenas a sua dedicação profissional, mas também o amor e curiosidade que sempre demonstrou pela cidade que o viu nascer e crescer.

Regina Amado



“ Aliás, os grandes trabalhos que ele realizou são destinados à reportagem, isso ele adorava Alberto Pereira ”

© Conservas de Portugal

Duas gerações, uma cidade em mudança



ENTRE RAÍZES, MUDANÇAS E IDENTIDADE NA VIDA DE DOIS SADINOS

“Setúbal começa cada vez mais a ficar um dormitório de Lisboa”

Setúbal é uma terra marcada pela sua história, pelas suas gentes e pelas memórias que atravessam gerações. Entre ruas antigas, a proximidade ao rio e à serra, constroem-se identidades que permanecem, mesmo quando os caminhos seguem rumos diferentes. “Setúbal tem uma história para contar”, afirma Nuno Santos, sublinhando a importância da cidade na vida dos seus habitantes. É neste contexto que se cruzam as histórias de Alfredo Gomes dos Santos e do setubalense que deixou a cidade para estudar, dois sadinos unidos pela mesma terra natal, mas separados por percursos distintos. As suas vidas refletem, de maneiras diferentes, as transformações que Setúbal viveu nas últimas décadas. Alfredo Gomes dos Santos nasceu na terra sadina a 23 de outubro de 1949 e viveu sempre no concelho. Cresceu numa cidade pobre, marcada por dificuldades, e começou a trabalhar desde cedo como soldador, sobretudo na Setenave. “Trabalhei sempre desde os 11 anos”, afirma, destacando os valores da honestidade, do respeito e do trabalho. A sua vida profissional está ligada ao período em que Setúbal era fortemente industrial. As suas memórias incluem momentos difíceis, mas também um forte apego à cidade. “Gosto do Mercado do Livramento, gosto da Praça do Bocage”, revela. Para o antigo soldador, estes espaços representam a ligação entre o passado e o presente da cidade. Apesar das mudanças, mantém orgulho em ser setubalense. Nuno Santos, por sua vez, nasceu igualmente na cidade do Sado, onde estudou até concluir o 12.º ano. Mais tarde, mudou-se para Lisboa para continuar os estudos, afastando-se gradualmente da terra natal. “Perdi um bocadinho o contacto com a cidade”, admite.

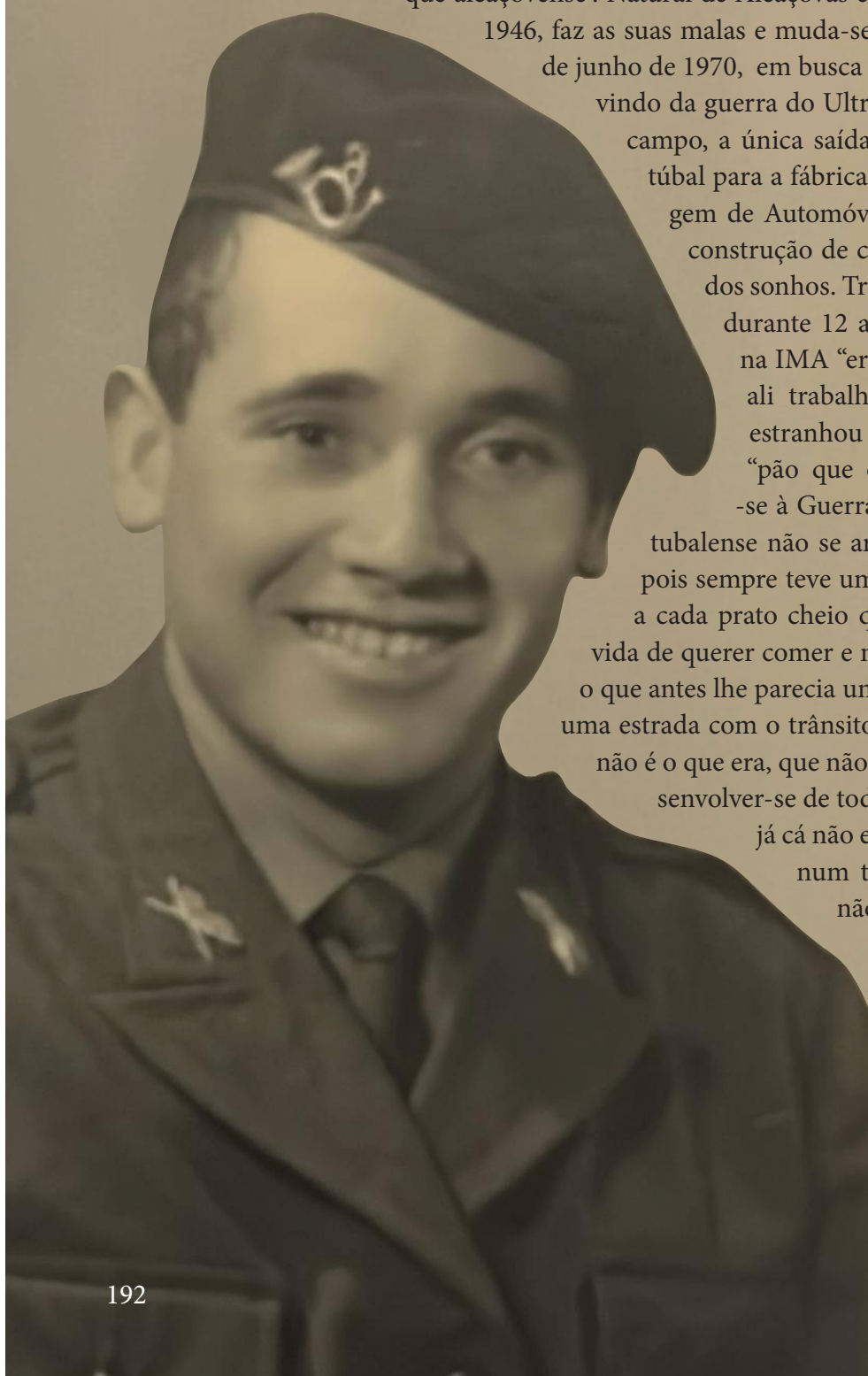
As suas recordações estão ligadas à escola e à juventude, numa época em que a região começou a perder fábricas e empregos. Para o entrevistado, a vida local tornou-se cada vez mais dependente da capital. “Setúbal começa cada vez mais a ficar um dormitório de Lisboa”, afirma. Ainda assim, acredita no potencial turístico do concelho, defendendo mais investimento em infraestruturas. O antigo operário, por outro lado, preocupa-se com o envelhecimento da população, o aumento do custo de vida e a falta de respeito pelos mais velhos. Lamenta a perda dos valores comunitários e sente que hoje existe menos solidariedade entre vizinhos. Apesar das diferenças, ambos partilham o orgulho da sua terra e reconhecem a importância histórica de Setúbal, sobretudo após o 25 de Abril, que trouxe melhorias visíveis à cidade. Este momento marcou profundamente o desenvolvimento do concelho, trazendo melhores condições de vida, mais liberdade e novas oportunidades. Entre a permanência do antigo soldador e a partida do setubalense que saiu para estudar, constrói-se o retrato de uma cidade em mudança, que procura adaptar-se aos desafios do presente sem esquecer o seu passado. No fundo, a terra onde nasceram continua a ser, para ambos, uma casa feita de memórias, identidade, pertença e esperança. Entre ruas conhecidas, rostos familiares e histórias partilhadas, a cidade mantém viva a ligação entre gerações. As histórias de Alfredo Gomes dos Santos e de Nuno Santos mostram que, apesar das mudanças, o sentimento de pertença permanece forte. Mesmo quando os caminhos se separam, a ligação à terra natal continua presente. É nessa ligação entre pessoas, lugares e memórias que reside a verdadeira força de Setúbal, construída diariamente pelas suas gentes e pela sua história.

Gonçalo Domingues

Uma vida marcada pelo trabalho e o carinho à cidade

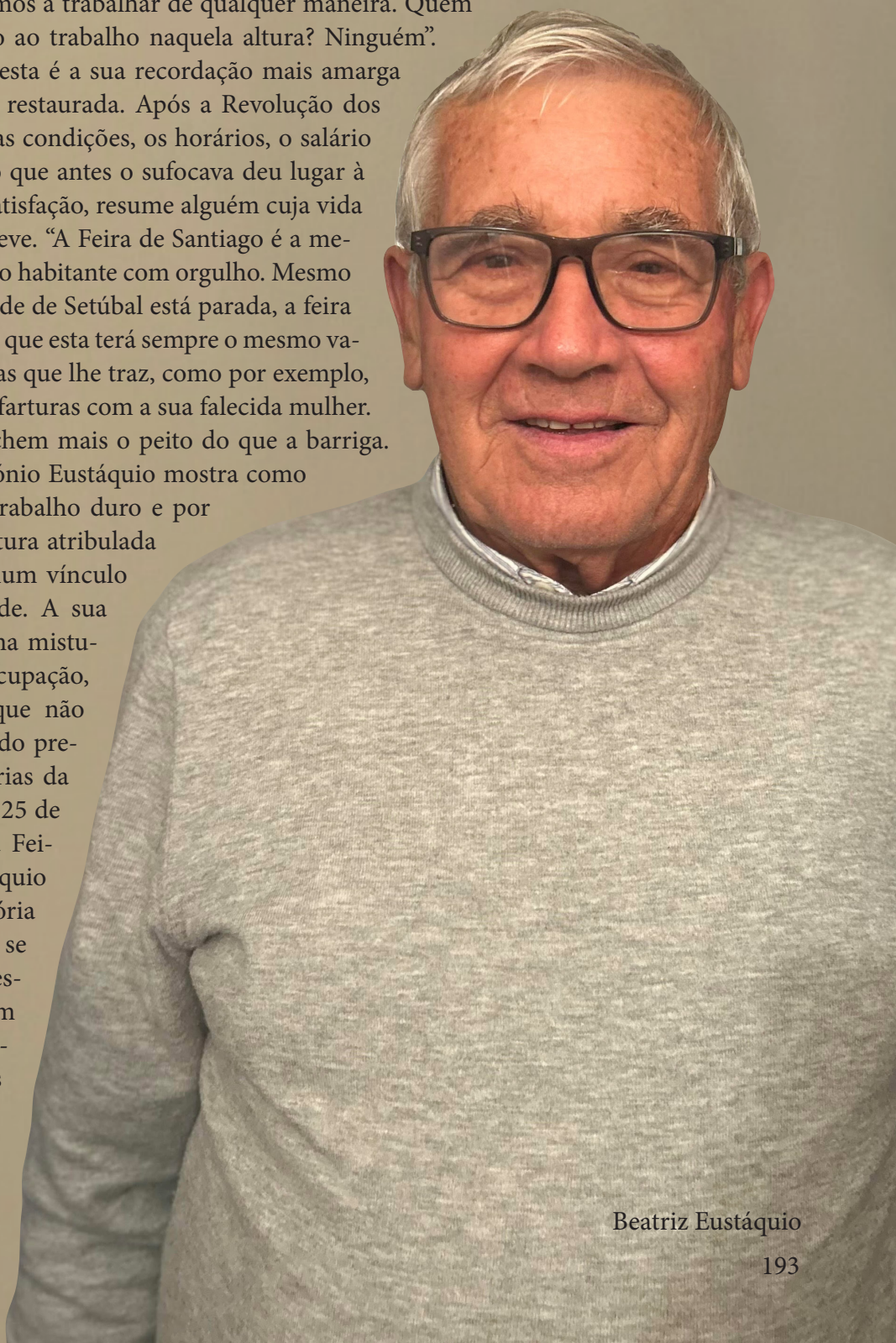
Um coração alentejano em Setúbal

Com um sorriso rasgado no rosto, António José Grosso Eustáquio, habitante de Setúbal, deixa escapar uma verdade que carrega há décadas “Nunca senti vontade de voltar para o Alentejo. Considero-me mais setubalense do que alcaçovense”. Natural de Alcáçovas e nascido a 10 de dezembro de 1946, faz as suas malas e muda-se para este concelho no dia 13 de junho de 1970, em busca de uma nova vida. “Ora, tinha vindo da guerra do Ultramar e, para não trabalhar no campo, a única saída que havia era aqui, para Setúbal para a fábrica da IMA, Indústria de Montagem de Automóveis” recorda. Nesta fábrica de construção de carros, não encontrou o motor dos sonhos. Trabalhou neste estabelecimento durante 12 anos, afirmando que trabalhar na IMA “era um bocado escravidão”, pois ali trabalhava-se no duro. Porém, não estranhou muito porque tinha vindo do “pão que o diabo amassou”, referindo-se à Guerra Colonial. Ainda assim, o setubalense não se arrepende de ter vindo para cá pois sempre teve uma vida tranquila agradecendo a cada prato cheio que teve direito “Nunca tive a vida de querer comer e não ter”. Mas, o tempo passa, e o que antes lhe parecia uma via de sonhos, agora parece uma estrada com o trânsito lento, e revela que Setúbal já não é o que era, que não sente que a cidade esteja a desenvolver-se de todo. Apesar de daqui a 100 anos já cá não estar, António Eustáquio revela num tom pesado que “Muita gente não vê, mas há muita miséria em Setúbal, e eu gostava que isso acabasse”. O problema de habitação e os preços altos para necessidades básicas são algo que o amedronta e incomoda, não por ele, mas pelos outros, “Assusta-me”. “Para mim o 25 de abril foi muito bom” os seus olhos brilham ao



“Considero-me mais setubalense do que alcaçovense”

relembrar, ainda enquanto estava na IMA, onde lutou juntamente dos colegas por melhores condições de trabalho e um ordenado mais alto, visto que, trabalhava sem pausas. “Tínhamos de assinar uma folha a dizer que nos comprometíamos a trabalhar de qualquer maneira. Quem é que ia dizer que não ao trabalho naquela altura? Ninguém”. Eustáquio afirma que esta é a sua recordação mais amarga antes da liberdade ser restaurada. Após a Revolução dos Cravos, tudo mudou: as condições, os horários, o salário e o respeito. A pressão que antes o sufocava deu lugar à respiração. Alegria e satisfação, resume alguém cuja vida acabara de ficar mais leve. “A Feira de Santiago é a melhor do mundo” refere o habitante com orgulho. Mesmo acreditando que a cidade de Setúbal está parada, a feira nunca perde o brilho, e que esta terá sempre o mesmo valor graças às lembranças que lhe traz, como por exemplo, ir comprar as famosas farturas com a sua falecida mulher. Essas que hoje lhe enchem mais o peito do que a barriga. O testemunho de António Eustáquio mostra como a vida marcada pelo trabalho duro e por uma chegada numa altura atribulada pode transformar-se num vínculo profundo com a cidade. A sua voz carregada com uma mistura de orgulho e preocupação, revelando um afeto que não ignora as fragilidades do presente. Entre as memórias da IMA, as mudanças do 25 de abril e o carinho pela Feira de Santiago, Eustáquio lembra-nos que a história de um distrito também se escreve através das pessoas que nele encontram o seu lugar. A sua experiência, simples, mas carregada de emoção, revela a força de quem continua a achar que Setúbal pode e merece ser melhor.



Beatriz Eustáquio

Uma Vida à **BEIRA-MAR**

Onde a tradição respira e a cidade se revela

**“Setúbal
é mais boa
madrasta
do que
boa
mãe”**

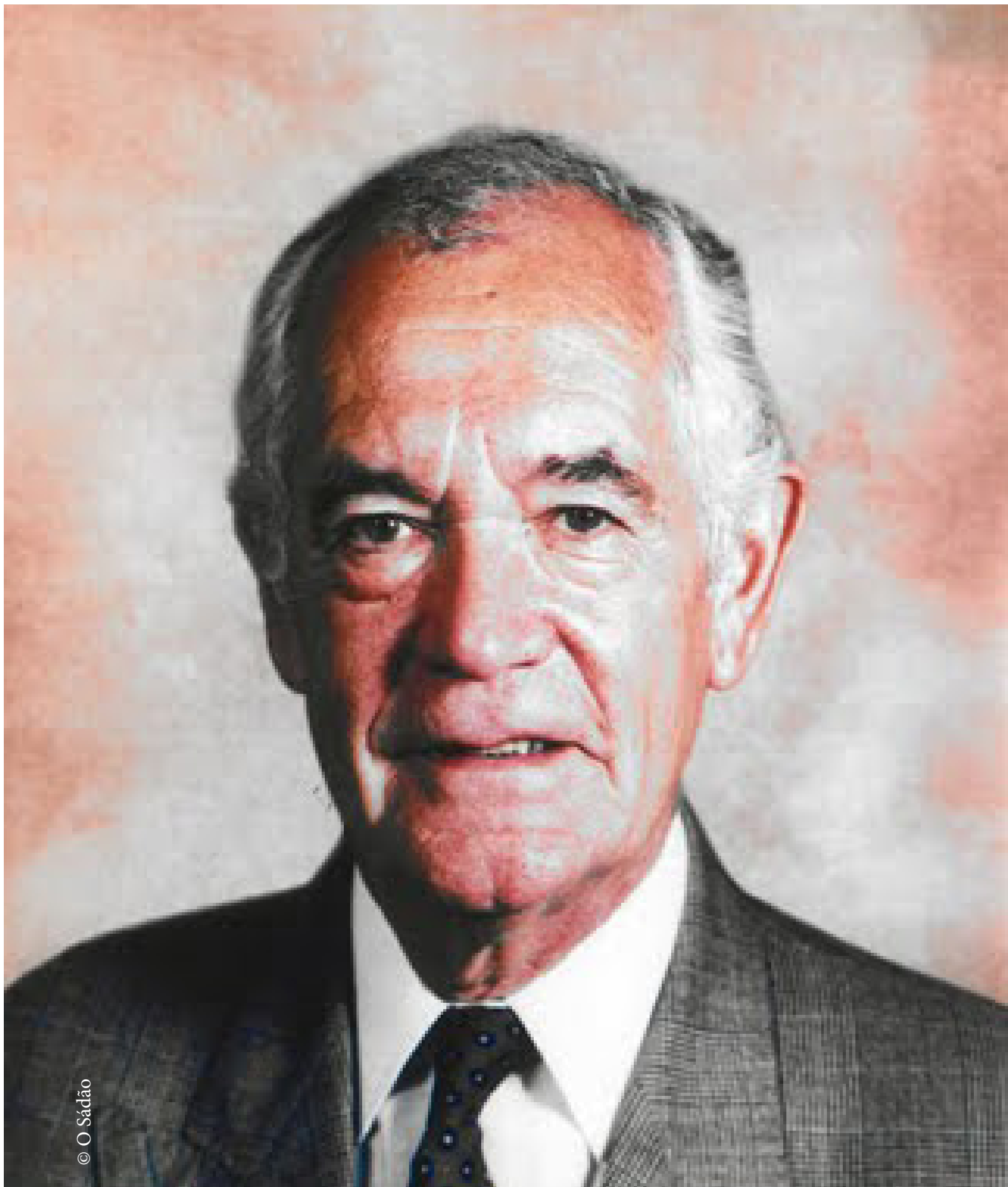


No Mercado do Livramento, entre pregões, gelo e cheiro a mar, encontramos Ana Maria Romão Cancela, setubalense de 62 anos e comerciante há 34. “Nasci aqui e nunca quis sair daqui”, afirma com firmeza. Ana Cancela começou desde muito cedo. Casou aos 14 anos, foi mãe logo a seguir e entrou no trabalho por necessidade. Iniciou-se nas limpezas e, pouco depois, mergulhou no mundo do peixe. “Já vendendo há uns 42 anos. O mercado é uma segunda casa”, conta. Recorda rotinas duras, como acordar às duas da manhã, ir à lota, seguir para a banca e só parar a meio da tarde. Casa, filho, negócios, tudo a seu cargo. “Não foi fácil, mas a minha conquista é ter vencido na vida. Fiz o que podia e consegui”. Hoje, descreve o trabalho com paixão. “E ter a profissão que eu tenho, eu gosto daquilo que faço”. Essa paixão convive com a preocupação crescente pelo futuro da profissão. O comércio local perdeu força e as grandes superfícies comerciais ganharam terreno. “Deram asas ao comércio dos hipermercados e isso matou os mercados. A Baixa está morta”. Para a comerciante setubalense, as novas gerações afastaram-se do contacto direto com alimentos. “A juventude acha que tudo nasce no supermercado”. Defende a praça pela frescura, pelo produto nacional e pela saúde. “É mais caro, sim, mas comes como deve ser”, diz, lembrando que a qualidade tem custo e valor. Ainda assim, nota que jovens só se aproximam “quando são mães”, quando ganham consciência alimentar. Sobre Setúbal, fala com um amor crítico. “Sinto alegria quando digo que sou daqui. Entrar na cidade é como entrar num mundo totalmente diferente”. Mas acredita que o concelho poderia fazer mais. Faltam oportunidades, trabalho e investimento,

sobretudo para os jovens. O turismo, por exemplo, é algo que gostaria de ver crescer. “Setúbal merece mais”, afirma. Identifica a Serra da Arrábida e Tróia como os pontos que melhor representam a cidade, mas lamenta o abandono do centro. “A Baixa precisava de algo que chamasse as pessoas”. Na sua vida, ser mãe é a memória mais marcante. O maior orgulho, porém, são os valores que carrega, trabalho, bondade e família. “Tenho um filho maravilhoso e três netos. Isso já é bom, é maravilhoso”. Ao longo dos anos, aprendeu que a cidade se molda ao esforço de quem a habita. Por isso, acredita que o futuro também depende de quem não desiste. “Setúbal precisa de investimento, mas também de vontade”, diz. Enquanto recupera de cirurgias que a retiraram temporariamente da banca, continua ligada ao mercado, acompanhando os negócios e preocupando-se com quem lá trabalha. Mantém dois empregados e uma sobrinha que luta por estabilidade, espelho das incertezas que observa no setor. Olhando para o futuro, não esconde a incerteza. “Está muito incerto”, admite, preocupada com o desemprego, a falta de habitação acessível e a mudança na forma como se vive na cidade. “Antigamente vivíamos mais à vontade. Hoje há mais medo”. Apesar de tudo, a mulher do mercado não perde a esperança. Vê Setúbal como um lugar com potencial por explorar, belo, mas à espera de ser cuidado. Se um dia o comércio voltar a florescer, acredita que será porque as pessoas redescobriram o valor de saber de onde vêm os produtos e quem os vende. No fim, resume a sua terra numa frase curiosa, “Setúbal é mais boa madrastra do que boa mãe”. Exigente, dura e nem sempre justa, mas capaz de acolher quem insiste. E Ana Cancela insistiu, uma batalha que sente ter vencido. Para ela, vender peixe é mais do que um ofício, é manter viva uma identidade que, como o mar que abastece o mercado, está sempre a mudar, mas nunca desaparece.

Gonçalo Domingues





© O Sádão

“O SR. DOUTOR SAMPAIO, LAMENTAVELMENTE ESTÁ
MUITO NERVOSO, MUITO AGITADO.
ACONSELHAVA O DOUTOR SAMPAIO QUE SE ACALME”

Um nome na história militar e política PORTUGUESA:

António Carlos Fuzeta da Ponte, o homem que entrou em desacordo público com o Presidente da República, Jorge Sampaio, num episódio que marcaria a história política portuguesa: “O Sr. Doutor Sampaio, lamentavelmente está muito nervoso, muito agitado. Aconselhava o Doutor Sampaio que se acalme”. Nasceu em Setúbal, no ano de 1934 e cedo se alistou na Marinha, formando-se na Escola Naval onde chegou a lecionar, e desenvolveu uma trajetória que o levou a cargos de grande responsabilidade, desde Governador Civil do distrito de Setúbal até aos mais altos comandos navais. A carreira de Fuzeta da Ponte foi construída sobre o rigor e a entrega. Serviu como Comandante de Unidades Navais, desempenhando missões no estrangeiro e mais tarde foi Chefe do Estado-Maior da Armada, antes de ascender ao mais alto posto das Forças Armadas, como Chefe do Estado-Maior-General, exercendo esta prestigiada função entre 1994 e 1998. O país reconheceu-lhe o mérito com várias distinções, entre elas a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a Medalha de Ouro de Serviços Distintos e a Medalha Militar de Mérito Naval de 1.ª Classe, condecorações que simbolizam uma vida de disciplina, lealdade e patriotismo. A sua ligação a Setúbal não é apenas biográfica. A sua tomada de posse como Governador Civil do distrito de Setúbal, foi a prova de que sempre procurou o melhor para a região que o viu

crescer. A passagem pelo cargo de Governador Civil de Setúbal, logo após o 25 de Abril de 1974, mostrou também o lado mais humano do militar. Em tempos de incerteza, procurou equilíbrio entre a autoridade e a proximidade com o povo. Em tempos conturbados, orientou e ajudou na reconstrução de uma sociedade que aprendia o significado de liberdade. Em 2001, já retirado das funções de comando, o Almirante António Carlos Fuzeta da Ponte voltou ao centro da atenção pública após ter criticado o então Presidente da República, Jorge Sampaio, numa entrevista em que o aconselhou a se acalmar. As palavras, diretas e sem rodeios, fizeram-se ouvir nos meios de comunicação e geraram surpresa pela frontalidade com que um antigo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas se pronunciava sobre o mais alto magistrado da nação. A polémica dividiu opiniões, para uns, tratou-se de uma quebra do protocolo institucional. Para outros, de um gesto de coragem e de autenticidade, fiel ao carácter do homem que sempre disse o que pensava, mesmo quando isso significava enfrentar o poder. Mais do que um conflito pessoal, o episódio revelou a essência de Fuzeta da Ponte, um militar de convicções firmes, para quem a verdade valia mais do que o silêncio conveniente. O mesmo homem que enfrentou o Presidente da República com palavras firmes é aquele que, em toda a sua carreira, defendeu o país e o seu distrito com lealdade e convicção.

Jorge Ferraz

*O Almirante que serviu o país com
disciplina e firmeza*

© homem que eternizou o seu
abraço a Setúbal

© Paulo Patrício Blog

“Não
encontro
nenhum
fadista até
hoje que
consiga fazer
aquilo
que ele
fazia”

ENTRE O GÁS E O FADO

Chamavam-no “miúdo do gás”, o setubalense cujos fados ecoavam homenagens aos trabalhadores, poemas e dedicatórias à terra que tanto amou: Setúbal. António Severino é recordado pela sua voz autêntica. “António Severino era incontornável”, o fadista que cantou à sua cidade como quem a abraça. Nas suas costas, carregava garrafas de gás pelas ruas sadinas, subindo e descendo escadas de um lado para o outro. Fadista e distribuidor de gás, era um homem simples que

dividiu a vida entre duas distintas realidades que marcaram profundamente a sua história e trajetória no concelho. Nascido no ano

de 1941, António Severino destacava-se pela

sua simplicidade e autenticidade, é

recordado com

admiração

pelo seu filho

Alfredo

Severino

como um

homem que

“trabalhou

uma vida

inteira”.

Começou

a trabalhar

como distribuidor

de gás

aos 14 anos,

profissão que

manteve até aos

70 anos, “Ele subia

aos segundos, terceiros

andares com uma

biha de gás às costas, mesmo

já com 60 e poucos anos”, revela

Helena Almeida, locutora de rádio que acompanhou de perto o percurso do fadista, partilhando com admiração a sua história. Muitas vezes, questionou o fadista sobre o porquê de não se dedicar exclusivamente à música, mas o próprio revelou que “sempre teve medo que as canções, neste caso

o fado, não lhe desse sustento.” mantendo-se assim no trabalho que tanto gostava e garantindo uma estabilidade na sua vida. Recordado pelo seu filho, com um meio sorriso, que “era a vida dele, era o gás, as garrafas de gás e o cantar”. Começou a sua carreira como um simples cantor: “sei que ele antes de cantar fado cantava numa banda de baile”, recorda Alfredo nas memórias que partilha com o pai, mas foi no fado que António Severino encontrou o seu lugar. Helena Almeida conta-nos fascinada de como era a presença do fadista em palco, a forma como o mesmo sentia o fado, “Aquele trinar das cordas vocais, aqueles pianinhos, aqueles prolongar as sílabas” era algo que só mesmo o próprio conseguia fazer, Severino trouxe aos fados algo único “ele quase que coreografava as letras e os fados” tornando assim os seus concertos em momentos memoráveis. O Fado “era tudo, para ele era tudo”, reforça o seu filho. O próprio sabia o valor que tinha no fado: “ele sabia que tinha muito sucesso, ele enchia salas”, conta Alfredo, emocionava plateias com os seus fados. Helena Almeida acrescenta: “Ele achava-se bom e era.” valorizando que “não encontro nenhum fadista que consiga até hoje fazer aquilo que ele fazia”. “Em Peniche, era completamente adorado por toda a comunidade de pescadores.” Helena Almeida complementa sobre ser uma das localidades que admirava todo o trabalho do fadista Severino, local onde o mesmo deu o seu último concerto. Os fados de António Severino fizeram parte da infância de Helena Almeida, que ainda hoje dá por si a trotar “O Senhor Natal”, e opina: “penso que vai continuar muito vivo na memória setubalense”. E como uma chama que não se apaga, que até hoje ilumina a memória de Setúbal, António Severino, o miúdo do gás que se fez fadista, continua a morar nas notas do fado e nos sorrisos de quem o ouve. O seu filho mantém viva a sua memória através do pensamento (“Estou vivo, a gente está vivo pensa”) entre a simplicidade, a saudade, o orgulho e o amor à sua cidade. Pai e filho partilham do mesmo sentimento, mais do que um ponto no mapa, Setúbal “é casa”.

ANA DE CASTRO OSÓRIO,

ENTRE OS LIVROS E AS LETRAS

“A literatura infantil deve ser tratada como uma coisa séria”, assim dizia a mãe da literatura infantil. Escritora, jornalista, pedagoga, feminista e ativista republicana, estas eram as várias vertentes da vida de Ana de Castro Osório. Esta importante figura cultural nasceu a 18 de junho de 1872, em Mangualde, onde residiu até atingir a idade adulta e faleceu no dia 23 de março de 1935, com 62 anos. A autora era a mais nova de quatro irmãos, filha de Mariana Adelaide Osório de Castro Cabral e Albuquerque, e do renomado magistrado, João Baptista de Castro. Ana de Castro Osório cresceu numa família privilegiada, o que lhe abriu bastantes horizontes e ofereceu vastas oportunidades para se tornar quem se tornou e quem persiste na memória de muitas pessoas. Os seus pais influenciaram profundamente a visão política da mesma e a forma como compreendia o mundo. Em 1893, mudou-se com a família para Setúbal, pois o pai foi colocado nesta cidade como juiz. Foi aqui que Ana de Castro Osório iniciou a sua carreira como escritora e, por esta altura, descobriu a sua vocação para a literatura infantil. Ela escreveu obras como *Alma Infantil*, *Animais e Boas Crianças*. Esta referiu, ao longo de sua vida, que a escrita infantil deve ser tratada como um “assunto sério”. Osório acabou por criar, sem se aperceber, um novo estilo literário, a *Literatura Infantil*. A pedagoga conheceu o poeta e republicano, Francisco Paulino Gomes de Oliveira, com quem casou no dia 10 de março de 1898, na Igreja de Nossa Senhora da Anunciada, e com o qual teve dois filhos, José Osório Castro de Oliveira e João Osório de Castro. O esposo, assim como os progenitores da mesma, teve um peso de grande importância nas opções políticas da esposa. O casal era visto como uma das figuras intelectuais e políticas mais ativas da cidade, ao promoverem ideias republicanas e o envolvimento cívico da população. Em 1907, a feminista juntou-se à maçonaria, que servia como um meio para espalhar a igualdade e a liberdade de pensamento, fazendo parte da Loja Humanidade, com o objetivo maçónico de promover o progresso da humanidade. E, mais tarde, fundando a Loja Carolina Beatriz Ângelo, o que foi bastante importante para a afirmação do feminismo republicano.



De Mangualde à Setúbal: A cidade que moldou uma escritora

“O feminismo não é ódio ao homem, é o amor à mulher”, assim dizia Osório, pois a mesma criou esta Loja com o intuito de promover o associativismo de teor feminista. Ana de Castro Osório foi a primeira presidente feminina de uma Loja. Entre os anos 1910 e 1911, a jornalista escreveu alguns artigos para o jornal setubalense, O Radical, onde publicou artigos sobre as verdadeiras condições das operárias nas fábricas locais, revelando uma preocupação efetiva com a realidade social da cidade onde residia “A mulher trabalhadora vive entre duas escravidões, a do lar e a da fábrica” referia a autora quando ainda era viva. No último ano da sua vida, apesar de estar afastada de Setúbal, colaborou com o jornal O Setubalense, contribuindo com a composição de artigos relacionados com o seu percurso enquanto ativista feminina, professora, promotora de cultura geral e escritora. Ainda quando vivia em território setubalense, colaborou com a revista feminina, A Sociedade Futura. Esta revista é bastante relevante, visto que foi uma das primeiras publicações portuguesas devotada à emancipação das mulheres, à educação e à propaganda republicana. Setúbal não foi apenas um sítio que Ana de Castro Osório residiu. Foi nesta terra que a autora descobriu a sua vocação literária, a sua voz ganhou forma e eco, e foi nesta região que conheceu o seu marido. Osório continua presente de diversas formas, tendo em conta que, teve uma escola que, apesar de já não existir, marcou muitas gerações, localizada na zona da Bela Vista. Embora a escola já não exista nos dias atuais, o nome desta célebre mulher continua presente no concelho ao encabeçar uma das ruas perto da Avenida Jaimes Cortesão, e ao ser homenageada em diversos eventos promovidos pelas bibliotecas locais. O seu legado permanece vivo nas páginas que escreveu e nas ideias que defendeu. Ana de Castro Osório não era apenas uma escritora, mas sim uma mulher à frente do seu tempo. A sua coragem e determinação continuam presentes, não apenas na história, como também na atualidade, como se pode perceber através da leitura deste pequeno memorial.

Beatriz Eustáquio

66

O feminismo

não é ódio ao

homem, é o amor

à mulher

99

“

É PRECISO OLHAR COM ATENÇÃO AQUELES ”

”



O Humanismo em Carne e Osso

A VIDA DESLOCADA QUE PROCUROU COLOCAR SETÚBAL NOS EIXOS

Admito até que me chamem “O homem do mesmo sermão”, porque eu não tenho feito outra coisa se não aquilo que acabaram de dizer, que não está bem, que temos que mudar os nossos comportamentos, que é preciso olhar com atenção para aqueles que estão marginalizados, para aqueles para quem ninguém olha, que o Homem tem uma dignidade muito grande, que todos temos o direito a construir a nossa história”, declarou o Bispo D. Manuel Martins, numa entrevista à RTP, no dia 14 de julho de 1993. D. Manuel da Silva Martins, mais conhecido como Bispo D. Manuel Martins, nasceu em Matosinhos a 20 de janeiro de 1927. Mais tarde, deu início à sua jornada religiosa ao frequentar o seminário do Porto, e então, a Universidade Gregoriana, localizada na capital italiana, Roma. Regressou a Portugal e, entre 1960 e 1969, assumiu papéis eclesiais na região de Cedofeita. Tempos depois, em pleno PREC, foi designado como 1o Bispo da diocese setubalense, e assim o foi durante 23 anos (1975-1998). “E, ele veio para Setúbal, houve uma manifestação da esquerda contra a vinda dele, não se intimidou com isso, pelo contrário! Ele próprio também disse que “vinha com o itinerário já muito definido”. Ele disse mesmo – Eu vim para aqui, venho para aqui, agora estou aqui, sou daqui e venho anunciar o Evangelho da Libertação, tem mais que liberdade... e passou a sair ao encontro das pessoas”, contou-nos Eugénio Fonseca, ex-presidente da Cáritas Portuguesa. Este, que teve uma ligação muito longa e íntima com D. Manuel, nomeando-o de seu “pai espiritual”, deu testemunho de vários episódios em que o Bispo ia ao encontro

de cidadãos em apuros, “Ele levantava-se às seis da manhã, punha as suas calças de ganga e, fosse horário de inverno ou de verão, ele fazia as suas caminhadas de uma hora ou duas horas, mas até isso nisso ele tinha intenção, porque ia sempre procurar os sítios onde estavam os trabalhadores à espera das camionetes, para ir para as fábricas, e era uma maneira de meter conversa com eles. Ou então ia para as filas dos centros de saúde, onde estavam pessoas desde as cinco da manhã. E era nesses contactos que ele se foi apercebendo da condição de vida de muita gente”. Para além de ter vivido momentos de tensão durante o Período Revolucionário Em Curso, segundo o Setubalense, Manuel Martins confrontou Mário Soares, primeiro-ministro na época, exigindo que existisse uma atitude por parte do Governo, em relação à fome que assumia existir na sua localidade, “O Governo de Mário Soares dizia publicamente que em Setúbal não havia fome, que o bispo de Setúbal é que fazia fome. A comunicação social não me largava e um dia eu respondi dizendo que “se a fome era Nafarros e Belém, podíamos dar graças a Deus porque em Portugal não havia fome”. Segundo o nosso inquirido, o Bispo era um grande defensor dos Direitos Humanos, e, por isso, não apenas lutou pelos direitos fundamentais das pessoas da sua zona, como teve um papel notável na restauração da independência de Timor-Leste, que, antes de alcançar a autodeterminação, foi território de diversas chacinas, “Massacres horrorosos, as fotografias eram fotografias horrorosas. Ele, movido por aquilo, em nome do movimento que existe internacionalmente, que se chama “PAX Christi”, foi à ONU sensibilizar os representantes das nações”. D. Manuel Martins faleceu em 2017, mas decerto que continuará vivo na memória de muitos. Dedicou a sua vida ao serviço do seu próximo, e, assim, vivificou muitas almas que se encontravam desesperançadas. O primeiro bispo de Setúbal não o foi apenas no título, como também o foi na prática.

Gonçalo Dias

III

há 29 anos que Carla Araújo atravessa Setúbal de ponta a ponta. Conhece-lhe as ruas, os ritmos e as mudanças. Chegou em 1997, vinda de fora, e acabou por ficar. Atualmente, considera-se setubalense do coração. A sua história é uma entre muitas que ajudam a contar os 100 anos do distrito, um território construído não apenas por datas, mas pela vida quotidiana de quem aqui escolheu viver. Trabalhava no Poceirão quando decidiu morar na cidade do rio azul, “Resolvi ver os preços das casas em Setúbal e eram muito mais baratos do que na zona onde eu vivia, que era no Feijó. Para além disso, eu já estava um bocadinho farta de viver no Feijó, porque é um dormitório, só prédios. Sempre gostei muito de Setúbal, achava uma cidade muito bonita, com uma envolvente incrível: o rio, o mar, a serra”. Apesar de ter crescido noutra zona, já não sente que seja de lá, mas sim deste concelho, “Curiosamente, tenho exatamente o mesmo número de anos a viver em Setúbal que tive no Feijó. Mesmo assim, considero-me basicamente setubalense”, revela, com um sorriso que se abre como o rio Sado ao mar. Quando se reformar, gostaria de continuar a morar na cidade sadina, porém, numa parte mais rural, visto que, é uma amante da vida campestre: “Quando me reformar, gostava de viver no campo ou então numa casa nos limites de Setúbal, mais numa zona rural. Não é por não gostar de Setúbal, é por querer uma vida mais calma,



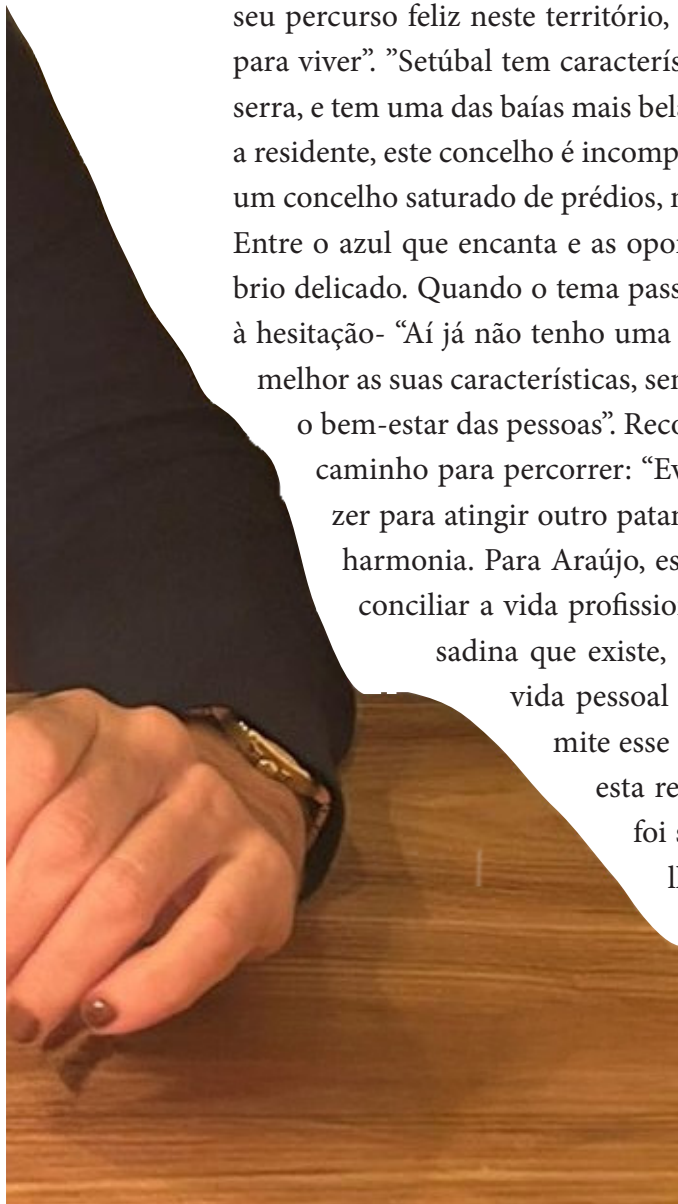
“Para mim, é uma cidade perfeita
para viver”

O LAR QUE SENTE

Histórias, memórias e pessoas que permanecem

com terreno, plantar umas alfaces, umas couves, coisas simples. Mas até lá gosto muito de viver aqui e não trocava Setúbal por nenhuma outra cidade”. Carla Araújo não consegue imaginar um lugar melhor do que Setúbal para a filha, Rosa, crescer: “Ela adora Setúbal e identifica-se muito com a cidade”, afirma com um olhar radiante que traduz orgulho e satisfação. Ver a filha fazer o seu percurso feliz neste território, reforça uma certeza antiga: “Para mim, é uma cidade perfeita para viver”. “Setúbal tem características únicas: é uma cidade envolvida pelo rio, pelo mar e pela serra, e tem uma das baías mais belas do mundo”, sublinha a setubalense, num tom de alegria. Para a residente, este concelho é incomparável e distingue-se pela qualidade de vida que oferece, “Não é um concelho saturado de prédios, mantém espaços verdes e uma qualidade de vida muito grande”. Entre o azul que encanta e as oportunidades que ficam por aproveitar, Setúbal vive num equilíbrio delicado. Quando o tema passa da paisagem para o desenvolvimento, o entusiasmo dá lugar à hesitação- “Aí já não tenho uma opinião tão positiva. Setúbal é lindíssimo, mas podia explorar melhor as suas características, sem as estragar, para trazer mais emprego, melhorar a economia e o bem-estar das pessoas”. Reconhece que houve uma evolução, porém, ainda existe um longo caminho para percorrer: “Evoluiu muito nos últimos 20 anos, mas ainda há muito por fazer para atingir outro patamar”. Se tivesse de definir Setúbal numa só palavra, não hesita: harmonia. Para Araújo, esta característica é um elemento de distinção- a capacidade de conciliar a vida profissional com a vida pessoal, sem nunca perder de vista a natureza sadina que existe, “Existe uma harmonia muito boa entre a vida profissional, a vida pessoal e toda a envolvente natural: praias, mar e serra. Setúbal permite esse equilíbrio e bem-estar”. A história de Carla Araújo mostra que esta região não é apenas um sítio. Ao longo dos 100 anos, o distrito foi se construindo entre mudanças e continuidades, feito de escolhas. É uma cidade que acolhe, que se sente e que se faz sentir, onde cada rua e cada bairro contam uma história. Porque, mais do que atravessar, Setúbal é um lugar onde se fica.

Beatriz Eustáquio



“Pesco teatro, Pesco peça”



742126

Um legado de paixão em cena O guião da vida de Carlos César

742126

As luzes apagam-se, o silêncio permeia, e as cortinas revelam o palco que respira narrativas que não cabem num cartaz. Se a cidade de Setúbal tivesse voz própria, talvez falasse com o timbre de Carlos César, para quem o teatro não foi apenas um espetáculo, mas uma paixão. Hoje, a história do ator e encenador é contada por quem com ele partilhou bastidores, por quem traça o retrato de um homem que fez do teatro, casa. Duarte Vítor, ator há 50 anos, afirma que “mantivemos o barco a navegar” pelas ondas do legado de Carlos César no Teatro de Animação de Setúbal [TAS]. Com 15 anos fazia “teatro de amadores”, e lembra como os seus caminhos se cruzaram, “perguntou-me se eu queria fazer teatro”, ri-se, “eu nem me apercebi que era para teatro profissional”. Mergulhamos na memória e nasce o futuro diretor da companhia do TAS em 1943, natural de Elvas, e a arte não estava assim tão longe do seu dia a dia. Desde cedo que contacta com o palco e participa em várias peças integradas em diferentes companhias de Lisboa e Almada. Com 21 anos, conclui o Curso de Teatro do Conservatório Nacional e, nesse mesmo ano, 1964, em plena ditadura e guerra do Ultramar, exila-se para França, onde trabalha como professor e formador na Renault, e, adicionalmente, tem a oportunidade de explorar a arte do cinema. É durante 10 anos em solo francês que continua a criar laços com a prática de representar e resistir, pois constitui um grupo de teatro e está em constante contacto com grandes atores e encenadores locais. Durante este período, “já havia um movimento em França de companhias que faziam teatro fora das grandes cidades”, a possibilidade de “formação cultural” aos moradores do interior. Então, volta para Portugal no pós 25 de Abril com uma ideia clara- “levar o teatro onde

ele não existia”. Afinal, “o país não é só Lisboa e o resto paisagem”, como afirma César em 1992, no Clube da Manhã, programa de entretenimento. E é desta ideia que ganha vida o TAS, “uma das principais companhias do movimento de descentralização teatral”, com mais três nomes centrais nesta fundação: Francisco Costa, António Assunção e Carlos Daniel, atores profissionais, com formação académica, vindos da capital. Enfrentaram várias dificuldades que hoje em dia persistem, como explica Duarte Vítor, pois em todos os setores da sociedade, “a cultura é sempre o parente mais pobre”. Mas, o TAS orgulha-se em comemorar os seus 50 anos em dezembro de 2025, e continua a ser, segundo o profissional, “uma referência no teatro português”. Um enredo que começa efetivamente a 26 de dezembro de 1975, quando Carlos César encena a primeira produção da companhia: A Maratona de Claude Confortés, o início de mais de 150 produções, na liderança de um homem que “não desistia das suas ideias” e fez com que “muita gente o acompanhasse nesta loucura, que ainda é”, ao longo destes anos. Todos os que frequentam a trupe preservam o espírito do seu principal fundador. O memorável ator manteve o cargo na direção até falecer, em Coimbra, a 10 de janeiro de 2001. São 25 anos de recordações de “um homem muito criativo”, cuja presença ainda paira sobre cada ensaio, cada peça, como se nunca tivesse saído. A sua energia, a “capacidade de mobilizar pessoas”, de levar os seus projetos avante, o trabalho ininterrupto, e, principalmente, “a paixão pelo teatro” mantém-se neste grupo. Duarte Vítor afirma, “se ele fosse vivo, faria exatamente aquilo que a companhia tem vindo a fazer”. Fecham-se as cortinas, acendem-se as luzes, e vibra o eco da lembrança de Carlos César por Setúbal.

Bianca Costa

O homem do ser e do estar

“Deixem os poisar”

O som ecoava na coletividade Joaquim António de Aguiar, como se cada nota parasse o tempo. Era o acordeão de Dimas Soares Lopes Pereira, o ser grandioso, que abria a porta com um sorriso, tornando o momento inesquecível: “foi lindo, foi até às seis da manhã”, referiu Graziela, uma grande amiga. Ele fazia questão de que cada momento se transformasse em memória. Dimas nasceu em Olhão, em 1921, porém, teve de deixar a sua terra natal para seguir com a sua família para Marrocos, onde passou grande parte da sua infância, morando em Casa Blanca. Foi lá que, ainda menino, não só começou a desenvolver as ideias e valores que seriam o pilar da sua vida adulta, como também “aprendeu a tocar acordeão”, abordou Isabel, filha mais nova de Dimas. Como um dos fundadores do Círculo Cultural de Setúbal, dedicou-se à educação e à cultura, transmitindo o seu conhecimento e inspirando as pessoas à sua volta. Ele não marcou a sociedade apenas pelo músico que era ou por ser um dos membros do Partido Comunista Português, mas pela sua “presença tão forte”, como revelou Graziela. Dimas era um homem do coletivo,

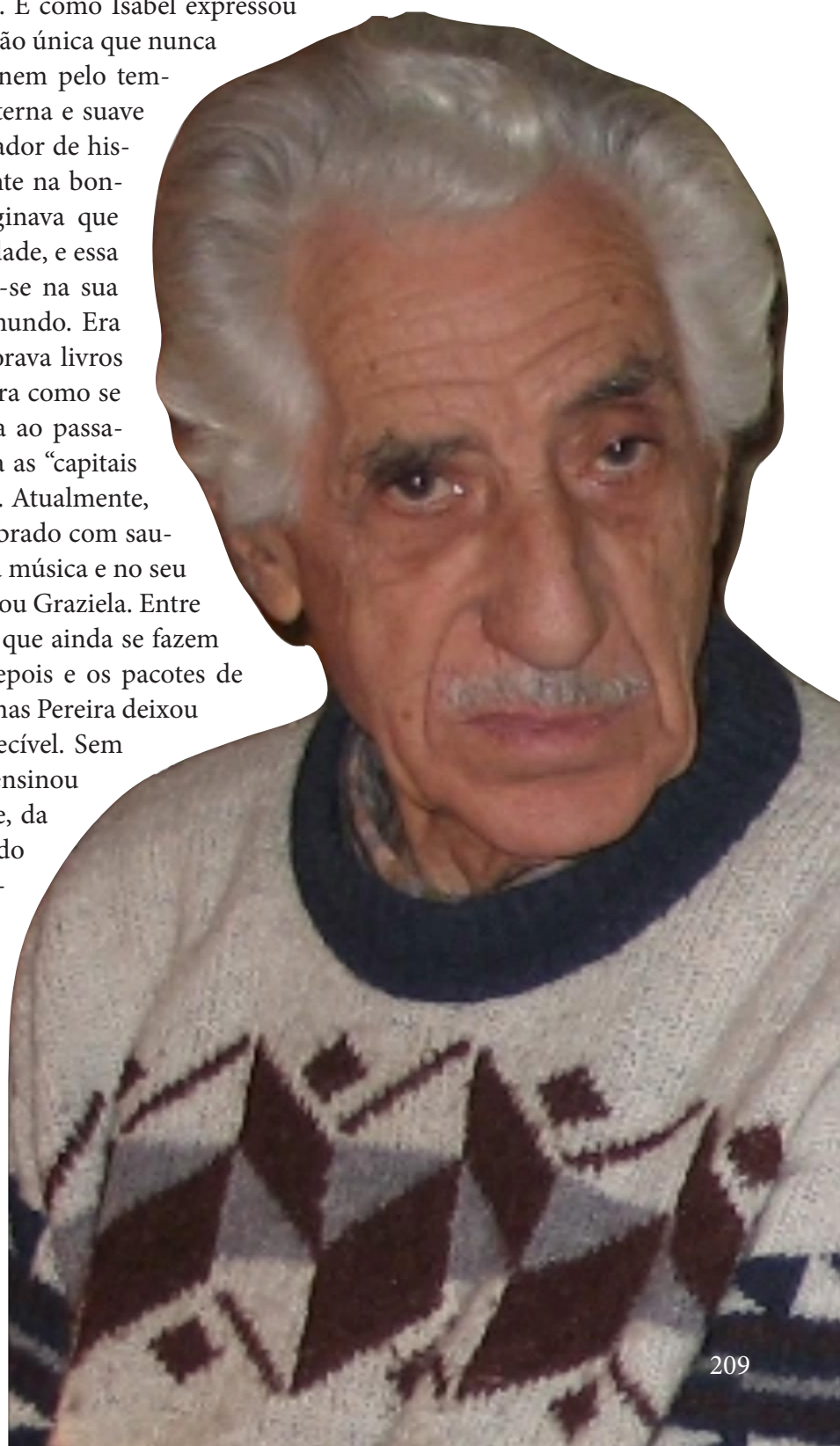
acreditava que uma sociedade era feliz sem classes. Era um contador de histórias e uma pessoa calma, que, ao mesmo tempo, impunha respeito a cada pessoa que por ele passasse. Dimas, como militante do Partido Comunista, foi um homem bastante corajoso, que não deixava nada por dizer, mantendo vivas as ideias de pequenino, tendo sido, por essa razão, um preso político. Era, no fundo, um militante da humanidade, que procurava sempre dar o seu melhor, enquanto profissional, amigo e marido. Era impossível não reparar no Dimas. Nunca quis ser um protagonista, mas a sua forma autêntica de estar fazia-o destacar-se de todos.

Ele tinha um grande amor, Maria Emília, um amor incondicional no qual se respeitavam mutuamente: “aliás ele morreu por amor”, afirmou Isabel com uma voz trémula e um brilho no olhar. Era comentado entre amigos que havia “uma harmonia muito interessante entre a forma deles estarem e de se respeitarem”, declarou a amiga. O contador de histórias acreditava profundamente na bondade das pessoas.



Nunca imaginava que alguém pudesse agir com maldade, e essa confiança no próximo refletia-se na sua forma tranquila de estar no mundo. Era apaixonado por história, explorava livros e jornais, que, quando os lia, era como se fosse uma viagem que remetia ao passado, a toda a sua infância, sabia as “capitais todas”, expôs a filha mais nova. Atualmente, o nome do Dimas é ainda lembrado com saudade. Ele ficou na memória, na música e no seu acordeão, “foi, mas está”, reforçou Graziela. Entre os cafés, as notas do acordeão que ainda se fazem ouvir, os jornais lidos anos depois e os pacotes de açúcar ainda por terminar, Dimas Pereira deixou um rastro de presença inesquecível. Sem nunca procurar os holofotes, ensinou o verdadeiro valor da bondade, da coletividade, da serenidade e do amor. E quando o acordeão parece tocar cada vez mais baixo, perdendo-se no silêncio, ele ainda sussurra aos ouvidos de todos. E como Isabel expressou “é o Dimas, só”, uma presença tão única que nunca será esquecida por ninguém, nem pelo tempo, transformando-se numa eterna e suave melodia de memórias. O contador de histórias acreditava profundamente na bondade das pessoas. Nunca imaginava que alguém pudesse agir com maldade, e essa confiança no próximo refletia-se na sua forma tranquila de estar no mundo. Era apaixonado por história, explorava livros e jornais, que, quando os lia, era como se fosse uma viagem que remetia ao passado, a toda a sua infância, sabia as “capitais todas”, expôs a filha mais nova. Atualmente, o nome do Dimas é ainda lembrado com saudade. Ele ficou na memória, na música e no seu acordeão, “foi, mas está”, reforçou Graziela. Entre os cafés, as notas do acordeão que ainda se fazem ouvir, os jornais lidos anos depois e os pacotes de açúcar ainda por terminar, Dimas Pereira deixou um rastro de presença inesquecível. Sem nunca procurar os holofotes, ensinou o verdadeiro valor da bondade, da coletividade, da serenidade e do amor. E quando o acordeão parece tocar cada vez mais baixo, perdendo-se no silêncio, ele ainda sussurra aos ouvidos de todos. E como Isabel expressou “é o Dimas, só”, uma presença tão única que nunca será esquecida por ninguém, nem pelo tempo, transformando-se numa eterna e suave melodia de memórias.

Marta Miranda



**“Setúbal está no meu
código genético”**



**Diogo
Ferreira**
e a história
de Setúbal

Maura Quaresma

Diogo Ferreira sempre teve uma paixão pela História. Em miúdo, via da varanda da sua casa o castelo de Palmela e imaginava imensas histórias. “O mundo para uma criança é sempre muito maior do que aquele que é para um adulto”, recorda. Nascido em Setúbal, a 28 de julho de 1991, é licenciado em História, mestre e doutorado em História Contemporânea. Diogo Filipe dos Santos Ferreira é uma das figuras mais dedicadas ao estudo da história contemporânea de Setúbal. Doutorada pela NOVA FCSH com a classificação máxima, investigador e autor de vários livros, é também historiador no Gabinete de Promoção e Divulgação do Património Histórico e Cultural da Câmara Municipal de Setúbal. Sempre foi muito aplicado nos estudos, diz: “Sempre fui um excelente aluno, sempre fui mesmo betinho ao máximo, desde o primeiro ano até hoje”. Admite sentir-se muito privilegiado em saber perfeitamente o que está a fazer, ser historiador e dedicar-se à história da sua terra, que o viu nascer. Apesar de toda a sua vida académica ter sido em Lisboa, afirma que nunca pretendeu lá viver: “Sempre percebi que tinha um grande amor a Setúbal, eu nunca quis morar em Lisboa”. Diogo sempre preferiu o vai e vem diário “era ir e vir de autocarro. Porquê? Porque queria estar aqui”. Essa ligação à terra onde nasceu é também uma ligação à sua família e às suas origens. “O meu bisavô Manuel Jóia trabalhou nesta fábrica muito perto do local onde eu estou a trabalhar, onde eu tenho o meu gabinete” explica Diogo, com um sorriso no rosto, ao relembrar esta coincidência. “Passaram três gerações e agora eu estou aqui, no mesmo lugar onde o meu bisavô trabalhou”. A influência do meio familiar e social foi determinante na forma como olha o passado. Neto e bisneto de operários ligados à indústria conserveira, Diogo Ferreira assume que essa herança moldou os temas que escolheu estudar. “Essa ligação de pessoas humildes, operários, trabalhadores,

influenciou-me do ponto de vista da história”, afirma. O seu foco incide sobretudo no movimento operário e na resistência ao fascismo, áreas que considera essenciais para compreender a identidade setubalense. Ao falar do seu percurso reconhece que, mesmo sendo historiador, é difícil olhar para os factos do passado de forma totalmente imparcial e distante. “Um historiador não é um árbitro...”, afirma. Quanto mais estuda a história local, mais se apercebe que ainda há muito por estudar em Setúbal. “Há muito para resgatar, muito para descobrir, muito para saber”. Entre as figuras que ainda carecem de estudo, Manuel Portela é uma delas, uma personalidade sobre a qual, segundo o autor, ainda é necessário realizar muitos trabalhos para compreender plenamente o seu contributo para Setúbal. Sendo um dos grandes historiadores da cidade, deseja que os seus contributos sirvam de base a fu-

“Dou-me absolutamente de corpo e alma à história de Setúbal. É a paixão da minha vida”

turas investigações. Dedicar-se à história contemporânea de Setúbal e afirma que é a sua paixão de vida: “Quero deixar um legado bibliográfico, que exista uma estante na biblioteca com os livros que escrevi e que qualquer pessoa possa consultar”. Pode parecer egocêntrico, admite, mas considera-o antes um gesto de dedicação: “Dou-me absolutamente de corpo e alma à história de Setúbal. É a minha paixão de vida”. Ao estudar Setúbal, dá voz a histórias muitas vezes esquecidas e aproxima a comunidade da sua própria identidade. Mais do que investigar o passado, procura preservá-lo e transmiti-lo às gerações futuras, mantendo viva a ligação entre a história, o território e as pessoas que o constroem diariamente.

66

**Mostrei muita coisa
que devia ser dita. E
isso dá-me satisfação**

99

Uma Vida Dedicada à Verdade

Da Carregueira às redações, a coragem de escrever o que muitos calaram.

De cigarro aceso e sorriso rasgado, Fátima Brinca recebeu-me como quem reencontra uma velha amiga. “Trouxe-te aqui este livro, isto são histórias da minha vida”, disse, estendendo-o com o cuidado de quem oferece memórias. Na mesa, a caneta e o isqueiro nunca paravam quietos, fiéis companheiros de conversa de uma mulher que dedicou a vida ao jornalismo. Nascida na aldeia da Carregueira, “uma terriola do campo”, recorda, com o humor que a caracteriza. “A minha infância foi difícil. Perguntava à minha mãe o que havia para o almoço e ela dizia: feijão com hortaliça. E para o jantar? Hortaliça com feijão. Mas nunca passei fome. Comíamos mal, mas vivíamos”. Foi nesse cenário rural, entre comboios apanhados à chuva e ribeiros atravessados com uma corda, que Fátima descobriu a vontade de estudar e de contar histórias. “Comecei a escola quase aos nove anos”. Apesar das dificuldades, o professor cedo percebeu o seu talento: “Dizia ao meu pai: A sua filha é muito inteligente, devia continuar a estudar. E eu sonhava em ser jornalista”. “Um professor extraordinário”, recorda, foi o primeiro a acreditar nela. A mãe queria mandá-la para a costura. “Mas eu era um desastre, sempre fui muito arrapazada”, diz, divertida. O sonho começou a ganhar forma nas aulas de português, com o incentivo da professora Madalena Patrício. “Ela escrevia nas minhas composições: Um dia terás a tua recompensa. E eu acreditei”. Aos 14 anos, Fátima deu aulas a adultos para que pudessem tirar a quarta classe e, pouco depois, escreveu o seu primeiro artigo “Carregueira, Terra Esquecida” publicado no jornal Distrito de Setúbal.

“Não tínhamos água, não tínhamos luz, nem estradas. Escrevi aquilo tudo. Era um bocadinho contestatária, mas era verdade”. A partir daí, o jornalismo tornou-se destino. “Andava cinco mil quilómetros por semana. Não havia telemóveis, nem computadores. Era paixão pura”. Trabalhou também em jornais nacionais e regionais, no Setubalense, usava o pseudónimo Deu-La-Deu, homenagem a uma figura feminina lendária, onde viveu algumas das reportagens mais marcantes da sua carreira. “A que mais me custou foi a do Sousa Cintra. A mãe dele recebeu-nos com tanto carinho... e depois saiu o título ‘Sousa Cintra gostava de ser menina’. Fiquei com o coração apertado”. Durante a entrevista, Fátima fala com o corpo inteiro. Quando recorda os tempos da censura, bate com o punho na mesa, num gesto que enche o espaço: “Tínhamos de refazer as páginas porque o lápis azul cortava tudo. Até a palavra ‘pílula’ era proibida”. Entre memórias e gargalhadas, há um orgulho firme nas histórias que contou. “Mostrei muita coisa que precisava de ser dita. E isso dá-me satisfação”. Fátima participou ainda em dois filmes documentais “Setúbal, Cidade Vermelha” e “25 anos do 25 de Abril” que retratam a luta dos trabalhadores. “Eu nunca chorei tanto a percorrer aqueles espaços”. Quando a conversa chega aos cem anos do Distrito de Setúbal, a voz muda de tom, há orgulho, mas também desilusão. “Setúbal, se tivesse tido apoio, seria o concelho que mais teria crescido”. Faz uma pausa, traga o cigarro e conclui: “Este distrito merecia mais. Temos gente inteligente, tradições fortes. Só falta quem nos ouça”. Antes da despedida, Fátima acende mais um cigarro e ri-se: “Escreve o que quiseres, desde que não me batas”.

Maria Santos

SECCULO

Redactor principal—MAGALHÃES LIMA

Administrador: — J. J. DA SILVA GRAÇA
ASSIGNATURAS—(Pagamento adiantado)
 Lisboa.—Um mez, 350 réis.—Tres mezes, 750 réis.—
 Seis mezes, 1250 réis.—Um anno, 2500 réis.
 Provincias e Ilhas adjacentes:—Tres mezes, 750 réis.
 —Seis mezes, 1250 réis.—Um anno, 2500 réis.
 Africa Occidental e Oriental, e Hespanha:—Tres mezes,
 1250 réis.—Seis mezes, 2500 réis.—Um anno,
 4200 réis.
 Nos outros territorios da união postal:—Seis mezes,
 2500 réis.—Um anno, 2500 réis.
 Assigna-se na administração do jornal e nas estações
 telegrapho-postaes.
 Todas as communicações relativas a assignaturas de-
 vem ser acompanhadas d'uma cota com o respectivo nu-
 mero, sem o que a administração não poderá attendel-as.
 Administração, RUA FORNOSA, 43— LISBOA
 Endereço telegr.: SECCULO, Lisboa

A CIDADE DE IDE SETUBAL

ROSEGUIMOS hoje a descripção encetada no n.º 4357, de 12 d'agosto, d'esta folha. Promettimos então concluir a resenha das egrejas e conventos setubalenses. Em cumprimento d'essa promessa, principiamos nesta parte.

A igreja da Annunciação soffreu forte ruina por causa do terramoto de 1755. Por esta razão foi reparada e transfida a sede da parochia para a egreja de S. Pedro do Alentejo, em 1831, se transferiu para a egreja que presentemente se acha no local da parochia. Foi reconstruida e dedicada em 1878. Paria do edificio da Annunciação.

dos procuradores em cõrtes, o respectivo termo. Esta alteração de limites, que prejudicou Palmella e Alcacer do Sal, deu lugar a sérios conflitos entre as tres povoações. Esses desaguidados mais se avivaram quando, em 24 de outubro de 1851, foram supprimidos os concelhos de Palmella e Azelito e annexados ao de Setubal.

Historia da Setubal
 desculpas

comprehendem-se a da convento fundado por Jacinto familia Coelho, da edificio, tambem pr

Ficamos na fração Santa Maria, ra a de S. distrito da egreja da

de S. Francisco Xavier, d'esta uma historia—algu complicita balbaram durante muitos annos cer em Setubal um sen collegio. rios promettimentos e recusas con- ter, no anno de 1655, no largo da praça de Quebedo, o terreno para da ambicionada casa.

de S. Thiego, á qual servando outros, accessa para na parte superior do duas embarcações em o brazão é completado

dado á camara, que ali estabe Municipal Secundaria e a abegoa de S. Francisco Xavier, d'esta uma historia—algu complicita balbaram durante muitos annos cer em Setubal um sen collegio. rios promettimentos e recusas con- ter, no anno de 1655, no largo da praça de Quebedo, o terreno para da ambicionada casa.

Em 1759, anno em que o marquez expulsou de Portugal a seita jesuita gu-se o collegio, sendo presos os d'elle missionavam. Passaram a ficio as freiras de S. Bernardo.

A antiga egreja do collegio terramoto de 1 de novembro em que os jesuitas pratic os officios divinos foi actual proprietaria, o sr. ra, e recebeu a venção solho de 1873.

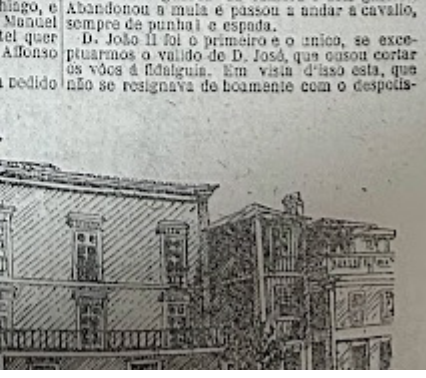
do de 1835 deu D. João III a o notavel villa. A rainha D. esposa de D. João IV, por e maio de 1637, concedeu a Setubal a categoria de cidade 1860; este decreto foi ratificado 23 de julho de 1860.

Mudada a ermidã dellescosse do mosteiro. Formada a resolução em 21 de julho de 1630 pedem-se no mosteiro algumas religiosas tamente com tres filhas da cond lectre.

Paria do convento foi mais tr a praça de touros. Esta praça inaugurada da bella praça D. A ermidã de N. S. da Graça sa na area da freguezia de S. situada a tres kilometros ao na de, quasi á beira do Sado, de priedade dos Praças.

de S. Thiego, á qual servando outros, accessa para na parte superior do duas embarcações em o brazão é completado

Reações historicas
 meguevemento e principal recordação his- ca de Setubal é a do atentado perpetrado D. João II, e D. Henrique, como lhe chamava a rainha Isabel, de Hespanha, na pessoa de seu primo co-irmão D. Diogo, duque de Vizeu, se- nio de Beja e de outras muitas terras de Por- tugal, filho primogénito do infante D. Fernando, que morreu d'uma queda d'um cavallo em Santarem, no dia 12 de junho de 1491, e da infantã D. Beatriz.



A identidade de Fran Paxeco

Afinal, Setúbal foi sempre casa

“O aspeto geral da cidade,— o centro e os formosos arrabaldes— é encantador, quer na primavera, quer no verão ou outono”. Manuel Fran Paxeco, no jornal “O Século”, descreve a cidade que sempre foi sua, a 12 de agosto de 1894. António da Cunha Bento, nascido em Setúbal, dedica-se à investigação local da sua terra. Reformado, depois de 30 anos a trabalhar na área de Recursos Humanos, narra a vida de Fran Paxeco, dado o seu “gosto especial por falar sobre esta figura”. O início da história desta personalidade remete-nos à conclusão dos seus estudos primários num colégio Jesuíta. Ingressa na Casa Pia de Lisboa, e conclui os estudos secundários. Com apenas 14 anos inicia a carreira como jornalista e, dois anos depois, funda “O Elmano”, o seu primeiro jornal. António da Cunha Bento confessa que, na altura, Fran Paxeco já teria “tendência para ideias republicanas”, e publica exatamente para “levantar questões” e “defender melhoramentos” na sua terra. Foi uma pessoa de ideias convictas, e como o historiador local o descreve, “uma pessoa inconformada” e “avesso a receber ordens”. Ironicamente, alista-se como voluntário no exército, num quartel em Setúbal, e durante o seu serviço, é preso duas vezes. Assume mais tarde postos de redação política em diversos noticiários, como “A Vanguarda”, o mais independente à época. Em janeiro de 1895, publica o artigo

“O aspeto geral da cidade ... é encantador”

“O comando da 1ª divisão militar”, que foi considerado injurioso. Nesta situação, é o diretor do jornal, Magalhães Lima, que o aconselha a exilar-se. Este evento marca o setubalense que, apesar de não estar de corpo na sua cidade, a sua alma mantém-se. Embarca clandestinamente para o Brasil, e no mês seguinte, funda um jornal. António Bento pronuncia-se, “é uma coisa que eu considero espetacular”. É em Belém do Pará que colabora na “Folha do Norte”, e compõe artigos sobre Bocage e Setúbal. Mantém-se no Brasil desde 1895 até 1928, e nas suas poucas visitas a Portugal “tinha sempre uma atividade intensa” na sua cidade. Apesar de a maior parte da sua vida ter sido passada fora, onde casou e teve a única filha, “nunca esqueceu a sua terra e a sua ligação a Setúbal”. Após diversas contribuições políticas no Brasil, passa também por Cardiff e Liverpool. Por fim, nos primórdios do regime salazarista em 1935, não lhe é atribuído mais nenhum papel. É em 1939 que adoece gravemente com um acidente vascular cerebral, e vive lúcido até 1952. António Bento considera Fran Paxeco, em poucas palavras, uma “figura ímpar”. Um homem vastamente homenageado no Brasil, que está representado na obra “Tríptico do Oceano” de Luciano dos Santos de 1957. Mas para alguém que lutou pelas suas ideias e defendeu sempre a sua identidade, ou como outros diriam, terra, Fran Paxeco “não foi uma pessoa qualquer”.

Beatriz Lopes e Bianca Costa

O HOMEM QUE DESBRAVOU O MATO DA POESIA EM SETÚBAL

Foi no café da Casa da Cultura que nos reunimos com familiares e amigos de Henrique Mateus: os filhos Henrique Mateus Júnior e Arminda, a cunhada Ana Cristina Mateus e a colega e amiga Ivone Vilares. Sentados à volta de uma mesa redonda, às luzes do bar, os quatro contaram-nos a história do homem que plantou a poesia em Setúbal. Honesto, dinâmico e amigo, como era descrito pelos mesmos, Henrique do Nascimento Mateus nasceu em Azinheira de Barros, Grândola, no ano de 1934. Costumava dizer que “Mal parece que na terra de Bocage não haja uma associação de poetas. Os grandes nomes da poesia têm muitas formas de serem conhecidos e de publicar obras. Os poetas populares continuarão a ser desconhecidos se não forem criados os meios de divulgação”. Foi isso que o levou, em 2005, a fundar o Núcleo de Poesia de Setúbal, que, na altura, ia pelo nome de Núcleo de Poesia do Grupo Desportivo Independente. Viveu, devido ao trabalho na polícia e à guerra da altura, uns anos em Moçambique, local onde nasceu o seu filho mais novo Henrique Mateus Júnior. O poeta “era muito entusiasta, tinha muita sede de fazer e aprender, era muito dinâmico. E queria sempre mais e mais e mais”, conta a filha mais velha. E queria sempre mais e mais e mais”, conta a filha mais velha. Trabalhou, para além da PSP e do Núcleo de Poesia, num pequeno negócio de cordoaria do próprio pai, numa outra empresa como técnico de higiene e segurança no trabalho e na Câmara de Palmela como fiscal encarregado.



“Setúbal, linda terra, /Gosto tanto de ti. /És um autêntico jardim, /Com pinceladas da Serra”

Mas o entusiasmo de Henrique Mateus não se ficava pela poesia, “Aliás, nós crescemos numa casa em que havia livros para tudo”, conta Henrique Júnior, “quando (...) tínhamos que fazer trabalhos, tínhamos que ir para as bibliotecas. Era raro as vezes que eu fazia isso, que não havia um livro na casa dos meus pais sobre esses temas que tinha de se fazer trabalhos”. Henrique Mateus foi, acima de tudo, um homem de ação e de sentimento. Por detrás do olhar firme e do porte militar, escondia-se uma sensibilidade rara. Todos os anos, no Dia da Mulher, fazia questão de comprar flores e oferecê-las não só às mulheres da família, mas também a desconhecidas na rua. “Era muito sensível, embora não parecesse”, recorda o filho. Era um gesto simples, mas revelador de um coração generoso, de quem acreditava que “a poesia adoça a vida”. A sua relação com a poesia era quase vital. Tinha urgência em criar, em fazer acontecer; “Nos anos que me restam, quero fazer coisas. Já tenho pouco tempo. Temos de fazer rápido”, dizia.

E cumpria. Mal terminava um boletim do Núcleo, já planeava o seguinte, “Isto é como o Carnaval do Brasil, acaba um e começa logo outro”. Essa energia contagiava os outros. Incentivava-os a escrever, a ler e a acreditar que a poesia não era só para alguns. “Ele dizia que a poesia está ao alcance de toda a gente. Nem toda a gente pode ser escultor ou músico, mas todos podem ser poetas”. Foi essa visão que o levou a fundar o Núcleo de Poesia de Setúbal, um espaço onde a palavra ganhou corpo em tertúlias, recitais e coletâneas. “Ele deu coragem aos que escreviam e não mostravam. Isso é a melhor herança que deixou”, recorda Ivone Vilares. Mesmo após a sua morte, em 2018, a obra de Henrique Mateus continua viva. Em 2019, a Câmara Municipal de Setúbal atribuiu-lhe, a título póstumo, a Medalha de Honra da Cidade, reconhecendo o seu impacto cultural na poesia de Setúbal. “Era um homem com letra grande”, resume o filho. Para a família e amigos, o seu exemplo permanece: um homem íntegro, justo e apaixonado, que acreditava no poder das palavras para aproximar as pessoas. Henrique Mateus pode ter partido, mas a sua marca, a de quem soube transformar a poesia num modo de vida e de união, não o irá fazer. E a sua poesia, como um abraço à cidade, ficou para sempre: “Setúbal, linda terra, /Gosto tanto de ti. /És um autêntico jardim, / Com pinceladas da Serra”. Henrique Mateus, Hino.

Beatriz Figueiredo e Gonçalo Domingues

Sinónimo de “Pau para toda a Obra”

Uma figura
típica, que de
típico nada
tinha

“Eu sou aquele homem muito grande que vive num mundo muito pequeno”, declarou Francisco Finura, conhecido como “o homem dos sete ofícios”, uma das figuras populares setubalenses mais marcantes do século XX. Segundo o website Conservas de Portugal, Francisco Augusto Finura, natural do Troino, Setúbal, nasceu em 1929, e, aos seus nove anos de idade, já trabalhava enquanto afinador de bicicletas. Quando mais maduro, vestia habitualmente um macacão, com um lenço ao peito que acrescentava autenticidade à sua imagem, e pedalava pelas ruas numa bicicleta peculiar, enquanto fumava o seu charuto. E se havia coisa que este homem não fazia, era parar quieto. “Um dia eu brinquei, meti a cabeça dentro de uma tampa de uma máquina de costura, e comecei a falar, a cantar, e aquilo dava um som muito bonito. Mais tarde, arranjei uma tampa e, com um braço, fiz uma viola”, confessou, no programa de rádio Arestas de Vento, em 1994. E muitas experiências teve este senhor, como o jornal Rostos indica, ao se assumir em vida como especialista de diversas ciências mentais e comportamentais, marinheiro, artista de variedades, faquir, arqueólogo, mágico, toureiro e mergulhador, chegando a salvar 31 pessoas do afogamento. Mas o currículo ainda não termina aqui. Finura foi igualmente fabricante e conserveiro, produzindo enlatados de peixes como o atum e a sardinha, pugilista e rei do Carnaval de Setúbal por três anos consecutivos, não repetindo uma quarta vez por ter desgostado das duas últimas.

“Eu sou aquele homem muito grande que vive num mundo muito pequeno”

Participar no Carnaval setubalense tornou-se algo negativo para este engenhoso, assim como a visão sobre a sua localidade se alterou a certo ponto. Com os seus 64 anos de idade, no episódio radiofónico já referido, expressou: “A mocidade hoje ‘tá muita estragada, ‘tá toda podre. Quando eu era novo, para se ser alguém, era-se aquele homem mesmo que pobre lavado, sempre em pé, direito, com o peito saído. Hoje é tudo boneco, fantoches”. Em 2011, um ano antes de falecer, à conversa com a SetúbalTV, voltou a demonstrar desagrado para com a realidade em que vivia, “Epá, isto ‘tá muito mau. Isto ‘tá uma desgraça. As pessoas, chega a noite, metem-se em casa a ver televisão, não vão para os cafés. Antigamente, até à uma/duas da manhã, era tudo cheio de gente, a conversarem uns com os outros. Hoje chega-se ali e não se vê uma pessoa na rua”. E, não querendo dar destaque a um episódio que só fundamentava a sua ideia sobre a decadência da sociedade, fala sobre ter sido premiado com duas medalhas, mas no momento da entrevista, só ter uma, porque a outra “desapareceu” [gesticulando com a mão], foi roubada. Quando questionado sobre o que lhe faltou fazer, Finura respondeu que já não fazia o que queria por ser uma pessoa doente e já avançada em idade. Mas, se tivesse de escolher uma profissão, “Eu podia ser artista de cinema, que eu sei, porque eu conheço muito de cinema”. Cinco anos mais tarde, foi inaugurada a Praceta Francisco Finura, e, segundo o jornal Rostos, a antiga garagem deste ilustre foi transformada, pelos filhos, Francisco e Patrícia Finura, numa oficina-museu, desde esse mesmo ano, 2016, homenageando-se assim este indivíduo que, por muito revoltado que vivesse com o estado da sua cidade, nunca deixou de a amar, sendo a revolta o perfeito reflexo disso

Gonçalo Dias



É no coração do Mercado do Livramento que Helder e Rita Lopes recebem quem passa com largos sorrisos e boa disposição. De longe vê-se os seus aventais impermeáveis, as galochas e as luvas, que não deixam dúvidas de qual será a sua profissão: peixeiros. Chego às 09:20 de um domingo ensolarado e a brisa fresca já se sente no ar, mas Helder e a sua esposa Rita já lá se encontram desde madrugada para deixar tudo preparado com a excelência que os seus clientes já se acostumaram “a gente vem aqui 5/5h30 da manhã para fazer alguma preparação de encomendas de restaurantes”. E é entre o movimento da sua banca que parece nunca ter fim que se vira com um brilho no olhar transparecendo orgulho e diz “Olá eu sou Helder Lopes tenho 47 anos e sou peixeiro”. As suas raízes sempre estiveram ligadas ao mar, o avô pescador e a mãe trabalhadora na última fábrica de conservas de Setúbal. Faz 30 anos que trabalha de modo efetivo no Mercado, afirma que teve oportunidade de trabalhar numa fábrica após concluir os estudos, mas não é “pássaro para estar preso”, então logo de imediato percebeu que não era vida para si. Juntou-se ao negócio da família quando regressou da tropa e ficou até hoje, mostra com entusiasmo que tem intenções de continuar “no mercado vou ficar até conseguir, também tenho que lutar para isso. É o que eu escolhi fazer”. Até o seu nome guarda origens às águas do sado, traçando de forma quase intuitiva o seu futuro. Conta de forma emocionada que a sua família tinha uma embarcação de pesca chamada “Helder Miguel”, comprada pelo seu tio, e quando a sua mãe engravidou o seu pai disse de imediato: se for menino vai ter o nome do barco, e assim foi. Rita Lopes, que nada tinha a ver com esta vida e não se via nunca a ter, “nem sequer entrava numa peixaria porque punha os dedos no nariz que cheirava mal,

Bárbara Antunes

quanto mais pensar em vir para aqui vender, mexer, arranjar e fazer isso tudo”, acabou por acompanhar o seu marido nesta vida e afirma já não o trocar por nada. São a companhia um do outro nesta aventura, mas nem todos os dias são fáceis “o mais difícil é mesmo a semana, o dia a dia é duro”, a exigência do quotidiano é algo que quem passa por esta banca não imagina. Helder conta sobre as queixas que ouve sobre o preço elevado do peixe que vende, “mas ninguém sabe o que é que a gente passa para os obter”, muitas vezes vai a Peniche e ao Algarve só para ir buscar os seus famosos peixes, entre eles espadarte e atum. Têm orgulho no produto que vendem e da Praça que fazem parte, admira a variedade que existe e ainda mais a qualidade, afirma que é algo que não se vê em outros lugares “os outros mercados de outros países não conseguem oferecer a variedade e a qualidade que nós temos aqui no mercado”, no entanto não esconde alguma preocupação no que toca à mudança geracional “a população mais velha vinha todas as semanas... agora vêm menos”, revela com alguma tristeza. Entre novos rostos, turistas e clientes fiéis o Mercado do Livramento continua a ser palco para encontros, amizades e convívios, mesmo fora de Portugal “ainda agora fui ver a Seleção a Dublin e encontrei dois clientes meus”, conta rindo-se. Setúbal é a casa deste casal, foi cá que nasceram e que vão passar o resto das suas vidas “é a minha cidade, é a minha mãe, a minha segunda mãe”, conta Helder com uma facilidade como se as palavras saíssem da sua boca antes de se perceber. Entre as madrugadas, o peixe fresco, os aventais impermeáveis, as galochas e as luvas a única coisa que exigem é respeito. Nesta banca, que é casa, despedem-se com a mesma cumplicidade com que recebem todos: com largos sorrisos e boa disposição.

A vida feita do mar e do amor

**“É a minha cidade, é
a minha mãe,
a minha
segunda mãe”**





“O legado que continua à mesa”

Anália Alves, filha de Isidro Alves recorda o homem que criou o restaurante mais emblemático da cidade e deixou para sempre marcado, no coração de todos, o seu legado de dedicação, generosidade e amor pela terra. Durante mais de meio século, o seu nome foi sinónimo de boa comida e de hospitalidade em Setúbal. O empresário da restauração, natural de Proença-a-Nova, chegou à cidade com apenas quinze anos e acabou por deixar uma marca profunda no tecido económico e afetivo local. “O meu pai viveu Setúbal com o coração”, recorda a filha, Anália Alves Venâncio. Antes de se tornar conhecido pelo restaurante que levou o seu nome, Isidro começou com uma pequena mercearia. “Foi subindo aos poucos: primeiro a mercearia, depois o restaurante e, mais tarde, o hotel”, conta Anália. O Restaurante Isidro, fundado em 1963, viria a tornar-se uma referência da cidade — famoso pelo frango assado e pelo ambiente familiar. Por cima, ergueu o Hotel Isidro, concretizando um sonho antigo de criar um espaço de acolhimento à altura do seu espírito empreendedor. Mas Isidro Alves era mais do que um empresário. “Ele era uma pessoa feliz, alegre e muito amigo do seu amigo”, descreve a filha. Conhecido por ajudar discretamente quem mais precisava, “mandava comida para casa das pessoas quando morria alguém, para que tivessem o que comer ao regressar do funeral”. Vizinhos, trabalhadores — ninguém ficava esquecido. “Ele e a minha mãe ajudaram muita gente. Eram pessoas boas, e toda a gente reconhecia isso”. O casal viveu para o trabalho:

“Trinta anos sem férias nem folgas”, lembra Anália. “Ele adorava o que fazia, vivia para aquilo”. O restaurante criou inúmeros postos de trabalho e tornou-se ponto de encontro de gerações. Mesmo depois do encerramento do espaço original, há três anos, o nome de Isidro continua vivo na cidade. “As pessoas ainda hoje pedem os ‘frangos do Isidro’. É assim que continuam a chamá-los”. Em 2018, Anália decidiu homenagear o pai abrindo uma nova churrasqueira, onde tenta manter a tradição familiar. “Fazemos tudo como ele fazia”, garante. “Ainda hoje, entre os empregados, ouvem-se frases como ‘o Isidro não fazia assim’, numa mistura de carinho e saudade”. Para Anália, falar do pai é também revisitar a própria história de Setúbal. “Ele faz parte da vida de tanta gente...”, diz, com um misto de orgulho e saudade. “O meu pai ensinou-nos que o valor do trabalho está nas pessoas, não no dinheiro. Ele viveu para servir os outros e para ver a casa cheia”. Sete anos após a sua morte, Isidro Alves continua presente — nas memórias, nas receitas e no exemplo. “O meu pai fartou-se de trabalhar, mas deixou ensinamentos bons. Graças a ele, conseguimos reerguer-nos e seguir em frente”. Para Anália, mais do que um empresário, o pai foi “um homem que ensinou o valor do trabalho, da solidariedade e do amor à terra que o acolheu”. Entre o cheiro a frangos e o riso das conversas à mesa, ficou um legado que ultrapassa a restauração: o exemplo de um homem que fez da dedicação e da generosidade, a sua forma de estar no mundo.

Joana Moreira



© zerozero

Das ruas de Luanda **AO** relvado de Setúbal

O talento que iluminou o Bonfim

Em Setúbal, certos nomes nunca se apagam: Jacinto João, o inesquecível “JJ”, é um deles, gravado para sempre no coração da cidade. O menino que veio de Luanda vestiu o verde e branco do Vitória, transformando o Estádio do Bonfim num palco de sonhos. Nasceu em 1944, em Angola, e morreu em 2004, em Setúbal, local que o adotou como um dos seus. Antes de se tornar ídolo no Bonfim, começou a escrever a sua história nos campos amadores de Luanda. Foram anos de perseverança, de mostrar o seu brilho, de ganhar experiência e conquistar a atenção de quem reconhecia que havia ali algo raro. Viveu na cidade do Sado no tempo em que o Vitória de Setúbal se fez grande. Durante mais de uma década, o futebolista foi o emblema vivo do Vitória, vestiu a camisola entre mea-

dos dos anos 60 e finais dos anos 70, e fez parte da geração dourada que levou o nome de Setúbal às bocas do país e da Europa, “ele era especial porque era um espetáculo como jogador” afirma Fernando Tomé, ex-futebolista que jogou ao lado de “JJ”. Jogava como extremo criativo e imprevisível, era daqueles jogadores que faziam as pessoas irem ao estádio só para o ver tocar na bola. A forma como fintava, a elegância com que driblava e a calma com que enfrentava os adversários tornaram-no uma referência. Bastaram poucos toques na bola para se perceber que havia magia em Jacinto João; foi dos seus pés que, na final da Taça de Portugal de 1967, surgiu o golo decisivo que deu ao Vitória o troféu, momento épico lembrado como uma das maiores conquistas da história do clube. “Ele era o cobra, no meio de nós, que éramos os minhocas. É uma frase que vem dos nossos irmãos brasileiros, atribuída a alguém que se destaca”,

lembrou Fernando Tomé ao jornal O Setubalense em 2016. O extremo esquerdo era um homem de poucas palavras e gestos humildes. Num tempo em que o futebol português ainda aprendia a abrir-se à diversidade, “JJ” foi um pioneiro num país em transformação. Representou Portugal em dez ocasiões, marcou dois golos pela seleção nacional e fez parte da geração que traçou caminho para muitos outros talentos vindos das antigas colónias. O seu percurso espelha o poder do futebol no Portugal do Estado Novo, um tempo em que o relvado era uma das raras portas abertas à esperança. Enquanto muitos caminhos permaneciam fechados às comunidades mais marginalizadas, o futebol erguia-se como uma promessa de ascensão, palco onde o talento podia vencer o destino. Deu os primeiros toques nas terras de Luanda, onde a bola era

feita de improviso e o sonho nascia entre a poeira e o sol. Dali, partiu determinado para os grandes estádios da cidade, levando consigo o brilho que se destacava no seu jogo. Dos campos de terra batida ao relvado do Bonfim, Jacinto João percorreu não apenas a distância entre Angola e Portugal, mas também o abismo social e simbólico de uma época. O seu legado permanece vivo: junto ao Estádio do Bonfim, uma estátua em bronze ergue-se como testemunho do amor recíproco entre o jogador e Setúbal, “eu ainda hoje olho para a estátua na rotunda do VFC, me benzo porque tenho muita admiração, respeito e amizade” descreve o ex-companheiro de equipa. O olhar da escultura parece fixar-se no horizonte, como se continuasse à espera do próximo jogo e do próximo aplauso. “Quem o viu jogar, não esquece. Quem não viu, não sabe o que perdeu”, afirmou o jornalista Fernando Gouveia em 2004, frase eternizada inscrita por baixo da estátua, descrição ideal do extremo-esquerdo vitoriano.

Sofia Santos



**“O MEU PROPÓSITO É A LIBERDADE. E A LIBERDADE
NÃO É SÓ DE EXPRESSÃO. É A LIBERDADE DE VIVER, DE
SER”**

As memórias de uma cidade NA VOZ de Joaquim Gouveia

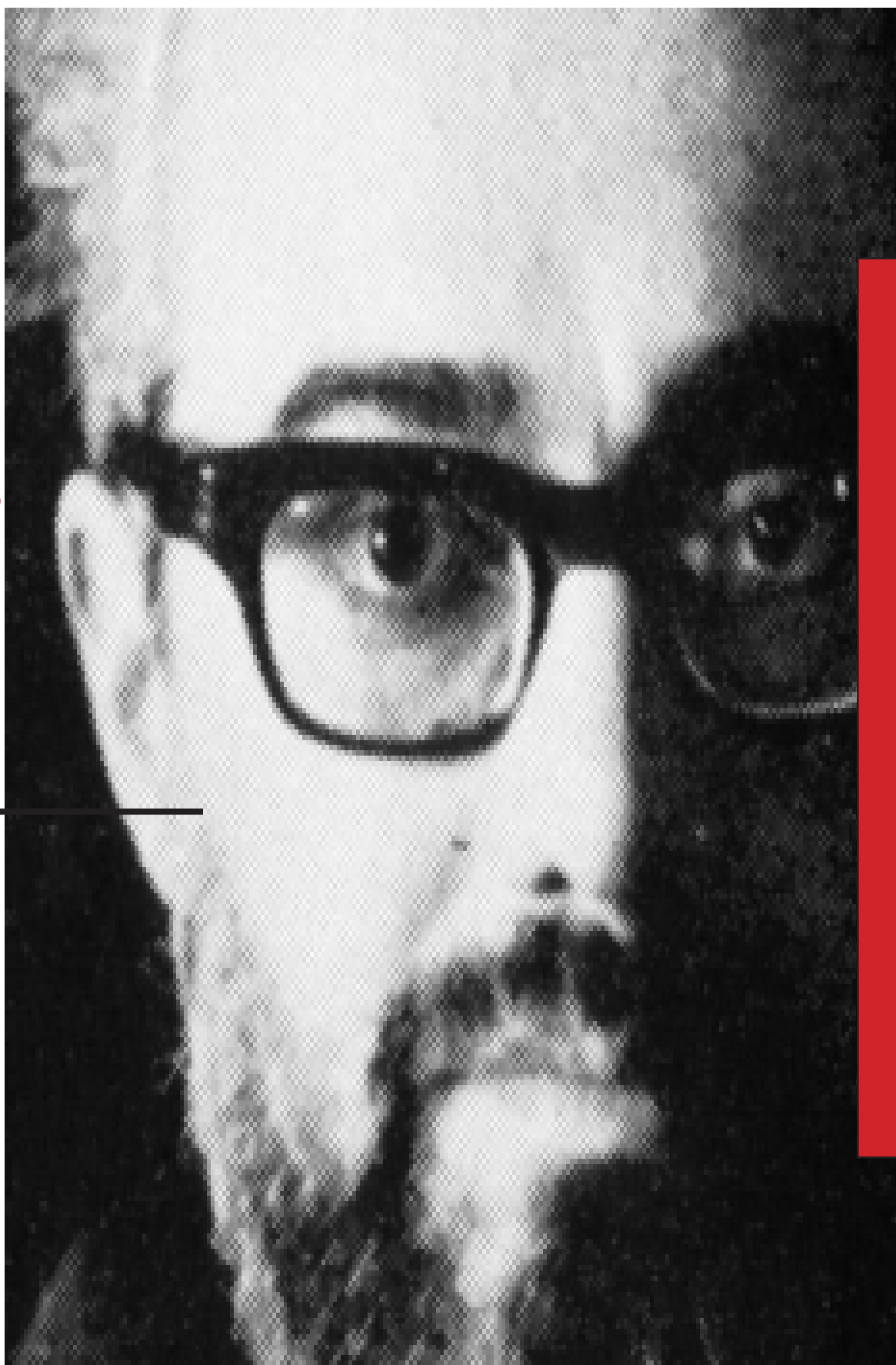
Da palavra ao palco , a arte do homem
dos setes instrumentos

O som da vida de Joaquim Gouveia nunca parou de ecoar. Mesmo depois de deixar a música, continua a compor em palavras, memórias e ideias. Foi buscar um copo de água, sentou-se e começou a falar: “Eu aos 15 anos, estreei-me a cantar”. Os pés cruzados, inquietos, trocam de lugar como se dançassem ao ritmo das recordações. Há algo de impaciente nele, como quem tem demasiado para contar e pouco tempo para o fazer. Nascido e criado no coração da Baixa de Setúbal, recorda uma infância simples, num tempo difícil, sem canalização nem saneamento básico. “O banho era tomado numa celha. E eu não tenho vergonha de dizer isto, porque isto não deve ser escondido”. Cresceu entre ruas apertadas, vizinhos próximos e uma cidade ainda em construção. “Não éramos ricos. Mas também não é aquela de dizer que éramos felizes e não sabíamos. Isso não é verdade. Eu era feliz”. O Parque e o Estádio do Bonfim foram a sua segunda casa. Foi ali que viu o Vitória de Setúbal defrontar o Liverpool e o Spartak de Moscovo, ainda em plena ditadura. “Os jornais diziam que os russos comiam criancinhas ao pequeno-almoço”, ri-se, “Foi a primeira vez que as pessoas perceberam que os russos não eram extraterrestres”. As recordações desse tempo trazem também à tona o peso do regime. “Porque agora, quando se fala em ‘três Salazares’, nem passa pela cabeça das pessoas o que foi aquilo”. Recorda as aulas com a mesma professora da 1.ª a 4.ª classe e as inevitáveis réguas que ensinavam mais pelo medo do que pelo exemplo. Joaquim tem como lema de vida “conhecer, construir e partilhar” e é através dessas experiências que adquire o seu conhecimento: “aprendo muito com quem sabe mais do que eu, mas também com quem não sabe”. Para ele a aprendizagem é uma coisa que nunca tem fim.

Desde cedo, Joaquim Gouveia demonstrou imensa curiosidade e uma facilidade natural com as palavras, que foram notadas de imediato pelos seus professores: “Tu vais ser um bom jornalista ou um bom escritor”, afirmou a sua professora de português. Hoje, com sete livros publicados e quatro décadas de carreira no jornalismo, olha para esse percurso com orgulho e satisfação. Quando questionado sobre quais as suas maiores inspirações, Joaquim afirma que a música veio de casa. A mãe, que sonhava ser acordeonista, cantava enquanto passava a ferro. “Ela cantava muito bem, mas nunca pôde ser artista. Naquele tempo, uma mulher que subisse a um palco era malvista”. Joaquim diz ter herdado dela o dom e do pai os valores. “O meu pai foi a minha maior influência. Um homem do Seixal, de quarta classe, mas de uma inteligência enorme”. Enquanto fala, há uma certeza que se impõe: Joaquim Gouveia vive movido por um princípio que o acompanha desde sempre. “O meu propósito é a liberdade. E a liberdade não é só de expressão. É a liberdade de viver, de ser”. Foi essa inquietação que o levou a cantar, escrever, contar histórias e nunca ficar quieto por muito tempo. A capacidade de se destacar em diversas áreas, levou muitos a chamá-lo de Homem dos Sete Instrumentos. Hoje, o orgulho mistura-se com sabedoria. “Não deixo valores financeiros, nem terrenos, nem casas. Mas deixo riqueza intelectual, cultural e de conhecimento”. Diz isto sem vaidade, apenas com a firmeza de quem sabe o legado que construiu. Faz uma pausa, olha para o copo de água à frente e conclui: “Porque eu dou valor à vida pelas experiências. Se mantivermos um nível de vida sempre estante, andamos cá a ver passar o comboio”.

Leandro Neves e Maria Santos

Um traço simbólico



Um legado artístico

enraizado em Setúbal

Natural de Setúbal, onde nasceu a 22 de junho, Lima de Freitas construiu uma carreira que ultrapassou fronteiras. A sua arte nasceu da experiência local, mas alcançou um reconhecimento que o colocou entre os maiores nomes da cultura portuguesa do século XX. Decidiu seguir a vida de Belas-Artes, envolvendo-se cedo no movimento neorrealista, em 1946, “participa pela primeira vez numa exposição coletiva, (...), tornando-se presença constante até 1956.”, refere a biografia de Lima de Freitas, Museu do Neo-Realismo. O lote das suas obras é vasto, estendendo-se pela pintura, ilustração, gravura e ensaio. O Centro Português de Serigrafia resume-o desta forma: - “Considerado por muitos, um “artista total”, pintor, ilustrador, ensaísta e um investigador brilhante.” Para Setúbal, a ligação de Lima de Freitas é geográfica e simbólica, a cidade forneceu-lhe as raízes, a luz e a matéria, necessárias para as suas criações, fez a sua parte numa terra recheada de “artistas, trabalhadores e de pensadores”, segundo o Museu do Neo-Realismo. No seu percurso artístico, as ilustrações feitas para livros deveras conhecidos e, considerados clássicos da literatura portuguesa, como Os Lusíadas ou a Lírica de Camões, marcaram-no como figura de relevo no design e na arte gráfica. Lima de Freitas não se contentou apenas com o visível: explorou o simbolismo, o lírico e o esotérico, isto numa fase mais avançada da sua produção,

**“Considerado por muitos,
um “artista total”**

“Pintor, ilustrador, ensaísta e um investigador brilhante”

em que revisitou os mitos lusitanos visionariamente. Este emerge na história do distrito de Setúbal como um patrono cultural, alguém que expandiu o seu trabalho além dos limites da região, tornando a localidade palco e matéria da sua criação. Ajudou a que a cidade se visse refletida na arte portuguesa contemporânea, ficando marcado o seu nome no agrupamento de escolas Lima de Freitas, comprovando o reconhecimento local do artista. O Diário de Notícias afirmou ainda que, “ - o pintor filósofo Lima de Freitas (..), ocupa já um lugar de relevo no panorama artístico português da segunda metade do século XX.” consolidando a sua reputação entre os artistas que melhor representaram a identidade criativa nacional. Hoje, recuperamos essa figura expressiva e tão simbólica para o distrito. Lima de Freitas representa Setúbal a um nível artístico que poucos conseguiram, e é um símbolo de resistência e expressão cultural. Diz-se que o concelho deu-lhe nascença e, em troca, esta referência devolveu projeção. Que a obra dele continue a inspirar e a recordar que, no coração do distrito, há uma história de arte, reflexão e criação. A sua visão estética e filosófica tornou-se parte da identidade cultural desta região, e essa visão nunca será esquecida, fazendo deste uma figura importantíssima para a história da península de Setúbal.

Francisco Cavaco

No espaço criativo da Companhia de Teatro ArteViva, Jorge Cardoso recorda as décadas que já passou no teatro, entre memórias, reflexões e histórias que se foram acumulando durante os anos. Ao longo da entrevista, fica clara a ideia de que o teatro nunca foi, para si, apenas uma escolha, mas sim uma necessidade: “Há coisas que tu precisas de fazer na vida e não sabes porquê que precisas, não é? Acho que foi o que aconteceu na altura e ainda continua a acontecer”. Jorge Cardoso fundou a ArteViva juntamente com alguns colegas, em 1980. Mais de 35 anos depois, continua imensamente ligado à companhia. O início da mesma foi, porém, marcado por várias dificuldades. Começaram num espaço que não tinha condições para fazer teatro, mas que era o único possível na altura. E foi nesse espaço que, “literalmente pouco a pouco”, foram criando as condições necessárias para montar espetáculos e receber a audiência. Além disso, existia também o desafio de conquistar um público. Com trabalho e adaptação, começaram por interessar as escolas, desde os professores aos estudantes das próprias. Com o tempo, acabaram por alcançar confiança e apoio da sua parte. “Não quer dizer que fizéssemos teatro para as escolas, fazíamos teatro para a comunidade”, afirma. Ao longo dos anos, o trabalho da ArteViva foi sendo cada vez mais reconhecido. Ainda assim, Jorge Cardoso relativiza prémios e distinções, “não tenho sala de troféus em casa, nem aqui na companhia temos”. Para si, o maior reconhecimento foi a possibilidade de ter um espaço próprio, construído de propósito para a companhia; “o mais importante para nós, de facto, é a casa”. Ter esta casa permitiu afirmar o trabalho da Companhia e criar melhores condições para a vida teatral. Quando questionado sobre a peça que mais o marcou enquanto ator ou encenador, a resposta surge sem hesitação: “É a próxima”. Nos primeiros anos, a maioria das encenações foi sua, mas, ao longo de múltiplas dezenas de encenações, Jorge Cardoso sublinha que a ArteViva nunca quis ser uma companhia de um só encenador:

“A partir do momento em que viemos para aqui, para o centro da cidade, foi óbvio para mim e para a direção da Companhia, na altura, que devíamos ser uma Companhia de portas abertas”, afirma, “Queríamos diversificar propostas de trabalho, queríamos diversificar linguagens teatrais, queríamos diversificar as conceções estéticas”. Hoje, a companhia conta com vários encenadores e, na data da entrevista, aproxima-se do seu espetáculo número 100. Para Jorge Cardoso, o distrito de Setúbal estar também a aproximar-se do seu número 100, “Significa uma alegria muito grande, porque eu sou um apaixonado pelo distrito Setúbal”. Entre risos, afirma que “Nunca me passou pela cabeça ir morar para Lisboa, quando se está aqui tão bem”. Entre todas as suas qualidades, consegue ainda, porém, encontrar alguns pequenos defeitos no mesmo: “talvez a questão da habitação acessível e dos cuidados de saúde fossem os dois pontos que eu gostaria de ver melhorados”. Sobre o teatro no distrito, considera que este só existe quando duas necessidades se encontram: “É saber se há pessoas que sentem a necessidade de fazer teatro e se as comunidades sentem necessidade do teatro”. Mas, apesar de tudo, acredita que o teatro continua vivo. “Isso não tenho dúvidas absolutamente nenhuma”. Jorge Cardoso conta que o teatro só existe no momento; mesmo que se grave para voltar a ver, nunca irá ser o mesmo. “Nasce, cresce e morre ali”. Chama ao teatro a “arte do encontro”, que “só acontece ali naquele momento”. “O que resulta do teatro é aquilo que ficou em cada um dos espectadores que naquela noite te viram”. Para a vida, quer levar os valores da liberdade, da solidariedade e do respeito pelo outro: “Ou nos amamos e respeitamos verdadeiramente uns aos outros, ou se calhar um dia estamos condenados à destruição e ao desaparecimento enquanto seres humanos”. Mas, apesar de tudo, Jorge Cardoso continua a seguir o mesmo caminho: fazer teatro como espaço de encontro, de partilha e de ligação à comunidade.

Beatriz Figueiredo


“O mais importante para nós,
de facto, é a casa”



Uma casa chamada teatro
Quando a vida sobe ao palco

“Aqui para mim é um lugar perfeito”





Não tem o pé na areia nem uma caipirinha na mão, mas tem algo maior: a coragem de recomeçar. Foi com isso que Leonardo Pimenta, aos 27 anos, atravessou o Atlântico para se reinventar em Portugal, longe das praias quentes que o viram crescer, mas perto de um futuro que decidiu construir com as próprias mãos. No sorriso traz o Brasil, e no olhar a determinação de quem quer dar à filha uma vida com melhores condições do que aquelas que tivera. Hoje, vê através da janela da sua casa a Serra da Arrábida e o Castelo de Palmela, uma vista que ainda o surpreende. “Tudo nos surpreendeu, o clima, a beleza. Setúbal tem zonas muito, muito bonitas”. A rotina tranquila da cidade traz à tona lembranças do Brasil, onde o tempo passava devagar e a união familiar superava qualquer dificuldade. Cresceu numa zona rural chamada Novo Horizonte do Norte, situada no estado do Mato Grosso. Carrega consigo uma bagagem cheia de memórias. Apesar de todas as dificuldades, nunca perdeu a felicidade. “A vida sempre foi muito difícil”, confessa, recordando o trajeto cansativo que fazia diariamente para a escola, e a rotina dos pais que estavam sempre a trabalhar. Ainda assim, nunca faltou carinho. “Às vezes não conseguiam dar aquilo que nós desejávamos, mas algo parecido sempre faziam. A nossa família sempre foi muito unida. Por mais que passássemos dificuldades, sempre tínhamos felicidade”. O cheiro da comida da mãe, as festas de fim de ano, a casa cheia... Tudo isso ainda o acompanha quando sente saudade. E sente muitas vezes, especialmente quando pensa na irmã mais nova. “Ver por vídeo não é a mesma coisa que sentir um abraço, um cheiro de mãe, de irmão, de irmã”.

Ao mesmo tempo, é essa distância que lhe dá a certeza de que fez o que precisava pela filha. Chegou, portanto, a altura de fazer por ela aquilo que os pais sempre fizeram por ele. No Brasil, Leonardo e a esposa enfrentaram algumas dificuldades financeiras: “Mesmo os dois trabalhando, nunca sobrava. E quando sobrava, algum imprevisto levava embora”. Em Portugal, descobriu dificuldades diferentes, sobretudo na documentação. “Nunca consegui agendamento fácil e quando conseguia era para datas longínquas”. Sem documentos, não havia trabalho. Sem trabalho, não havia casa. Vieram com o dinheiro contado, “quanto mais a demora, mais o dinheiro vai indo embora”, partilha com preocupação. É aqui que Setúbal entra em cena, com o azul profundo do Sado a chamar a atenção. Passou antes por Guimarães e Lisboa, mas foi o rio que o puxou de volta, fazendo perceber que esta cidade também podia ser sua. O momento de certeza chegou, quando conseguiu a casa onde vive hoje, “tive pessoas que me ajudaram que eu nem conheço. Tenho gratidão eterna por essas pessoas”. Depois veio o trabalho, a estabilidade e aquela sensação difícil de explicar. “Aqui para mim é um lugar perfeito”. Nem tudo é simples, claro, às vezes tem vontade de apanhar um avião só para sentir novamente o cheiro da cozinha da mãe. “Gostaria que eles estivessem cá para ter a mesma experiência que nós tivemos”, desabafa. Acredita no futuro da cidade que o recebeu, “Setúbal tem muito para crescer. Principalmente no turismo e na restauração. A gastronomia é muito rica”. Para Leonardo, os imigrantes são parte essencial desse crescimento: “Nós contribuímos com o distrito, e o distrito contribui com as oportunidades que ele tem”. Hoje, com o coração dividido entre dois países, Leonardo Pimenta encontrou um equilíbrio e deixa um conselho a quem sonha fazer o mesmo caminho: “Vai com calma, que vai dar tudo certo. Você pode caminhar para aquilo que deseja, mas só vai acontecer quando for a hora”.

Maria Santos

Entre dois mundos: *Uma vida por construir*

Poucos artistas ficaram tão ligados à identidade visual e afetiva de Setúbal como Luciano dos Santos. Pintor, retratista e figura ativa da vida cultural local, foi durante décadas um dos principais intérpretes plásticos da cidade, retratando na sua tela as pessoas que encontrava, tradições e paisagens. A sua obra tornou-se parte integrante de uma memória coletiva setubalense. Nascido a 25 de março de 1911, em São Sebastião, Luciano dos Santos revelou desde cedo talento para o desenho e pintura. Este insere-se na chamada segunda geração de modernistas portugueses, construiu uma carreira sólida a partir da década de 1930, com exposições que lhe traziam reconhecimento. Destacou-se como retratista, género em que produziu centenas de obras. A sua figura evidencia rigor técnico, atenção ao detalhe e preocupação em captar a dimensão humana, características frequentemente sublinhadas por críticos e textos

a história local “para a melhor a poder amar”, sublinhando a função pedagógica da pintura, esta interpretação é recorrente em textos dedicados ao artista. Críticos destacam ainda o seu distanciamento face a modismos artísticos, valorizando antes a fidelidade à figura humana e à realidade e à realidade social envolvente. Testemunhos familiares, citados em exposições comemorativas (como a evocação do centenário do seu nascimento, em 2011, na Casa da Baía), referem que Luciano dos Santos recorria frequentemente a familiares como modelos, relevando a dimensão íntima do seu processo criativo. O seu contributo foi oficialmente reconhecido em 1985 com a Medalha de Honra da Cidade na classe “Arte”. Após o seu falecimento, a 23 de dezembro de 2006, a cidade continuou a evocar a sua memória através de exposições, artigos e iniciativas culturais. A exposição de 2011, assinalando o centenário do seu nasci-

“RECORRIA FREQUENTEMENTE A FAMILIARES COMO MODELOS, RELEVANDO A DIMENSÃO ÍNTIMA DO SEU PROCESSO”

institucionais dedicados à sua obra. O legado de Luciano dos Santos permanece visível em vários espaços do dia-a-dia dos Setubalenses, sendo estes, o fresco da atual Escola Secundária Sebastião da Gama, que integra referências a atividades económicas e sociais locais. Bem como, os Paineis cerâmicos no Mercado do Livramento, e intervenções decorativas noutros edifícios da cidade, demonstrando a versatilidade técnica do artista. E as obras integradas no acervo do Museu de Setúbal - Convento de Jesus, bem como em coleções privadas e instituições. Estas criações não são apenas objetos artísticos: constituem parte do património cultural da cidade. A nível de opiniões terceiras sobre a sua arte, análises feitas a sua obra Tríptico dos Setubalenses Ilustres, que se encontra na Câmara Municipal é descrita, como uma forma de dar a conhecer

mento, reuniu cerca de seis dezenas de obras, confirmando a importância do artista no panorama cultural local. Hoje ao percorrer o Concelho, é possível encontrar a marca de Luciano dos Santos. A sua pintura funciona como espelho da cidade - registando rostos, símbolos e momentos que ajudam a compreender o passado e a fortalecer o sentimento de pertença. Mais do que retratar figuras ilustres, Luciano dos Santos ajudou a construir uma narrativa visual de Setúbal. E é nessa permanência, discreta mas constante, que reside a força do seu legado. Ao transformar memória em pintura, Luciano dos Santos deixou à comunidade não apenas um conjunto de quadros, mas uma herança identitária que permanece viva sempre que alguém reconhece, numa das suas telas, um rosto, uma história ou um pedaço de alma setubalense.

A ARTE QUE CONTOU *Setúbal*:



O legado de Luciano dos Santos

As portas antigas de madeira rangem suavemente quando se abrem, revelando o interior do Teatro Animação de Setúbal. O ar é fresco e o cheiro do pó mistura-se com o perfume impregnado nas cortinas de veludo que, há décadas, pendem nas paredes. Manuel Bola cresceu na cidade, viveu para ela e devolveu aquilo que sabia fazer melhor: estar com as pessoas, de forma simples, verdadeira e próxima. Hoje, as tábuas gastas do palco recordam cada passo que deu, cada personagem que interpretou e cada gargalhada que arrancou ao público que tantas vezes encheu esta sala. O ator morreu a 11 de dezembro de 2016, aos 72 anos, em Setúbal. A notícia espalhou-se rapidamente pela cidade e pelo meio artístico, deixando um sentimento de perda que ultrapassava o teatro. Para muitos setubalenses, desaparecia uma figura que parecia fazer parte da própria identidade da cidade. Carlos Alberto da Conceição, nome com o qual nasceu, ficando conhecido mais tarde por Manuel Bola, alcunha que surgiu em ambiente escolar na infância devido à sua pequena figura redonda. Este apelido ficou e transformou-o em nome artístico que o acompanhou ao longo de toda a carreira. Cresceu numa cidade marcada pelo trabalho e pela vida popular, onde aprendeu a observar as pessoas e as histórias do quotidiano. Foi também nesse ambiente que nasceu o interesse pelo teatro. Participou em grupos amadores, como a Ribalta do Ateneu Setubalense, antes de integrar o Teatro Animação de Setúbal (TAS), companhia onde viria a trabalhar durante 27 anos e que marcaria profundamente a sua vida artística. Para Duarte Vítor, encenador e colega de palco durante muitos anos, Manuel Bola era uma presença impossível de ignorar. “Era uma figura incontornável da cidade. Toda a gente o conhecia”, recorda. “Tinha uma coisa rara: era ao mesmo tempo um homem popular e extremamente culto”. A sua presença em palco era algo marcante,

“O MANUEL DIZIA MUITAS VEZES QUE TINHA MAIS DE SETENTA ANOS, MAS CABEÇA DE DEZOITO”

quase magnética “Quando ele entrava em cena, o público ficava imediatamente focado nele”, relembra Duarte Vítor. Foram muitos os espetáculos em que participou, destacando-se produções como O Juiz da Beira, de Gil Vicente, ou Paisagem, de Harlot Pinter, onde lhe era permitido mostrar a sua versatilidade entre o drama e a comédia. Apesar de o teatro ser o centro da sua vida, Bola participou em momentos televisivos, como o programa popular Os Malucos do Riso, Gente Fina é Outra Coisa, Nico d’Obra, A Loja do Camilo, Jardins Proibidos e Inspetor Max. Ainda assim, para quem o conhecia, a sua popularidade não vinha da televisão, mas da forma como se relacionava com as pessoas. Direto, irreverente e dotado de um humor constante, era conhecido pela capacidade de dizer exatamente aquilo que pensava, muitas vezes quebrando formalidades com uma frase inesperada. “O Manuel dizia muitas vezes que tinha mais de setenta anos, mas cabeça de dezoito”, recorda Duarte Vítor. Dedicou-se, também, à dinamização cultural da cidade, recebendo o Prémio de Melhor Ator Tibério em 1977 e sendo distinguido com a Medalha da Cidade de Setúbal, na parte da cultura em 1996. Desenvolveu projetos pedagógicos como o Versos falados, que leva a poesia portuguesa às escolas, e publicou o livro de poesia Sem Amor, em 2005. Quando faleceu, a cidade despediu-se de Manuel Bola na Igreja do Convento de Jesus, antes do funeral no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade. Colegas, amigos e muitos setubalenses reuniram-se para prestar homenagem a um homem que parecia pertencer a todos. Hoje, quando se fala de Bola, a memória surge quase sempre acompanhada de um sorriso. Talvez porque, como recorda Duarte Vítor, “quando falamos dele, lembramo-nos da alegria que transmitia”. E em Setúbal, essa alegria continua a ecoar nas histórias, nas ruas e nas tábuas do palco onde tantas vezes entrou em cena.

Bárbara Antunes e Maria Santos

No palco e no coração do público

O legado de um ator que
marcou gerações

Entre séculos de arquivos

192 anos de Manuel Portela

“a história de Setúbal é um edifício com várias pedras e tijolos feitos, montados e colocados por Manuel Maria Portela” Diogo Ferreira

Num ambiente convidativo, as imagens espalhadas pela sala transportam-nos para a inspiração de vida de Diogo Ferreira. Historiador, doutorado em História Contemporânea com especialização no distrito de Setúbal, relata a vida de Manuel Maria Portela, que se destacou “como um importante indivíduo do concelho”. O investigador comenta que, apesar de o seu foco ser a análise do século XX, já contactou com os livros de Portela, figura do século XIX. Recorda o poeta, historiador e jornalista, que se distingue pelo seu contacto direto com fontes “primárias e secundárias que hoje desapareceram”. O especialista em História de Setúbal explica como na noite de 5 de Outubro de 1910, num incêndio nos Paços do concelho, quase todos os arquivos históricos deixaram de existir, tornando muito difícil conhecer a história do concelho deste dia para trás. Graças aos apontamentos de Portela é “publicado postumamente” o Diário Histórico Setubalense, que recupera grande parte dos arquivos. O setubalense “nasceu num período de guerra civil” e viveu num tempo de “grandes transformações”. No “ano zero”, em que “acontece tudo” na cidade e nas décadas seguintes após os seus 20 anos, há uma “absoluta transformação”. Estamos em 1855, quando as conservas de peixe se tornam o foco do investimento na região. Testemunha também os “melhoramentos progressistas” cujo objetivo era desenvolver Portugal.

Posteriormente, com o crescimento do jornalismo, torna-se redator da Voz do Progresso e assume o cargo principal na Gazeta Setubalense. Esta é a vida que Portela assiste “diretamente, como um interviniente também político, social e intelectual”. O autodidata foi uma “rara exceção num universo de pessoas analfabetas” e “marcou uma era”. Para Ferreira, apesar de ainda estar “muito por estudar”, esta figura é pouco reconhecida. Tem uma Avenida com o seu nome, no entanto, “qualquer setubalense diz Avenida da Portela”. Na sua perspetiva, “na memória dos cidadãos de Setúbal”, não se associa a rua à pessoa. O poeta foi “um indivíduo focadíssimo na obra do Bocage”, e levou “uma vida rica” que “revela interesse”. É, então, “eternizado na Sala da Democracia do Concelho”, a 1957, na obra Tríptico do Oceano da autoria de Luciano dos Santos. Esta é uma “lógica dos setubalenses ilustres”, com figuras retratadas como Luísa Todi e o próprio Bocage. Assim, reflete, no sentido de homenagem que “como historiador, devo muito ao Manuel Maria Portela”, e que este “merecia um livro dedicado à vida e à obra dele”. Diogo Ferreira estima esta personalidade, e reconhece que “a história de Setúbal é um edifício com várias pedras e tijolos feitos, montados e colocados por Manuel Maria Portela”

Bianca Costa



Fado e Liberdade

Amor pela cidade que a inspira

Maria de Caetano é fadista, setubalense e profundamente ligada à cidade que a viu nascer. Orgulha-se de afirmar “Sou filha de Setúbal” e dedica grande parte da carreira a homenagear o distrito através do fado. Ao longo da vida, acompanhou de perto a evolução da cidade, do comércio da Baixa às mudanças sociais, mantendo sempre uma relação de amor, memória e pertença com Setúbal. Sempre viveu nesta cidade, dedicando-lhe amor e cuidado. Desde que voltou ao fado, escreveu músicas homenageando, devotadamente, o seu amado concelho. Satisfeita, Caetano fala da evolução da Baixa, que teve o prazer de assistir ao longo dos anos: “A Baixa era o que hoje se vê de movimento nos grandes centros comerciais, mas movimento a sério. Nas ruas, a gente era ali uns contra os outros, especialmente nas festas de Natal, as Páscoas. Trabalhava-se muito”. Ao recordar isto, a artista deixa transparecer uma saudade sincera de um tempo que já não volta. Hoje, observa com preocupação o comércio, que outrora viu florescer e agora enfrenta dificuldades. “É com grande espírito de sacrifício que os lojistas enfrentam agora a nova tecnologia”, lamenta, lembrando que cada loja é parte da história de Setúbal. “Um totoloto que me saiu foi o divórcio”; a setubalense não esconde que viveu um casamento repleto de violência, um inferno de 32 anos. Quando voltou para o fado, foi sem expectativas: acabara de sair de um pesadelo e só queria cantar. E cantar foi o que a salvou. Atualmente, confessa: se a sua história terminasse agora, seria realizada e feliz. Maria de Caetano tem 68 anos e, apesar de só ter iniciado a carreira de fadista há 18, sempre sonhou em cantar. Acredita que este estilo musical está mais forte do que nunca no concelho: “As pessoas, antigamente, tinham de ir a Lisboa para ouvir um bom fado

e comer uma boa refeição. Hoje em dia não é necessário, Setúbal está bem representado”. Revela que a Câmara Municipal tem um projeto, que já dura há sete anos, chamado Fado nos Bairros, com o intuito de levar esta vertente musical a pessoas que não têm como assistir. “Estamos muito bem de fado em Setúbal”. Ver o distrito completar 100 anos é motivo de celebração. Caetano recorda o antigamente com um sorriso: “Brincávamos na rua até tarde e a minha mãe juntava-se à porta com as vizinhas. Havia ali um convívio”. Nos dias de hoje, confessa que sente falta desse contacto humano. Daqui a 100 anos, a cantora afirma de maneira firme que “Setúbal é uma terra que aconteceu muita coisa e ainda vai acontecer. Setúbal vai ficar na história, para a eternidade”. Entre os seus desejos, destaca a melhoria do problema da habitação e acredita que o avanço da tecnologia pode ajudar a melhorar a vida das pessoas e tirá-las da rua. Apesar de já ter passado por outros sítios, afirma com convicção que “Setúbal é o meu porto seguro, não me tirem daqui”. Está certa de que a sua marca ficará vinculada à cidade e será falada quando o assunto for a música, “Tenho feito muita coisa pela cidade, muita coisa que fica na história”. Cada canção é uma homenagem sincera, um legado que quer deixar, onde cada nota fala de quem é, do que viveu e do que ama. “Eu juro mais filha da puta nenhum me põe a mão em cima”, foi esta a frase que Maria de Caetano fazia ecoar ao correr a escadaria da Conservatória da Moita, pronta para deixar para trás 32 anos de sofrimento. Neste dia, a fadista não fugia, libertava-se. Decidiu que iria finalmente começar a viver por si e não pelos outros.

Beatriz Eustáquio

**“Eu juro mais
filha da puta
nenhum me
põe a mão em
cima”**



“Aquilo era um bairro histórico, um bairro de pescadores. Quem lá passou nunca esquece”. Para a moradora, as Fontainhas eram sobretudo som, cheiro e imagem: o bater das redes no chão, o peixe fresco, as vizinhas que se tratavam por família e o marido que caminhava ao seu lado, conhecendo cada pedra do caminho. “O bairro para mim morreu”, quando Eugénia Maria diz isto, o tempo parece abrandar. Há uma luz quente nos seus olhos, como se o passado acendesse a sala. O olhar viaja para um lugar que já não existe — pelo menos, não como ela o conheceu. A vida começou ali, entre vielas estreitas, tanques de roupa e o rumor do Sado. Eugénia Maria recorda o passado com uma nitidez que o tempo nunca apagou. Lembra-se da mãe sair às três da manhã para a fábrica de conservas, embrulhada na pressa de quem não podia falhar. “Chamavam quando queriam, às horas que quisessem”, confessa. Dentro dos edifícios, o frio colava-se ao corpo e o cheiro forte da conserva impregnava tudo. As mulheres tinham as mãos gretadas do sal, cortadas pelas redes, e ainda assim seguiam firmes, porque não havia alternativa. A dureza daquele tempo aparece também na comida, ou na falta dela. Existiram dias em que não havia quase nada para pôr na mesa. Nessas alturas a mãe improvisava “bifes de cafeteira”, que nada mais eram do que fatias de pão com açúcar e água quente. “Era o que havia. Comíamos e ficávamos satisfeitas”, diz, num sorriso que mistura nostalgia e ironia. Crescer ali foi saber aprender desde cedo o peso da pobreza, mas também a força que se ganhou com ela. A avó materna surgia como um pilar. Vendia ostras no cais, apanhadas pelo avô ao amanhecer. “Eu e a minha irmã comíamos tantas ostras em miúdas que hoje não posso nem vê-las”, conta, divertida. Entre as figuras que marcaram aquelas décadas, destaca-se a Tia Regélia, símbolo maior da entreatajuda que defi-

nia a comunidade, “Dava tudo a toda a gente. Tudo”, recorda a antiga residente. Ao falar do marido, o rosto amacia. Foram décadas de cumplicidade: compras na praça, rotinas partilhadas, discussões leves sobre o peixe que ficava demasiado cozido, sacos carregados a dois e um mundo construído dia após dia. O luto deixou-lhe um silêncio difícil, mas as memórias continuam a acompanhá-la. “Ele era a minha luz. Caminhávamos juntos. Era a minha companhia para tudo”. A praça ainda faz parte do quotidiano, mesmo depois de ter saído das Fontainhas. Hoje, tem o hábito de ir aos mesmos vendedores — o senhor Zé, a dona Florinda, a dona Júlia e o casal, ‘Fernando e Fernanda’. “Sabem como gosto do peixe, deixam-me escolher, tratam-me bem”, conta. Apesar de tudo, a antiga moradora já não vive no bairro. Saiu quando percebeu que o lugar deixava de ser o mesmo. Primeiro veio a ponte, depois o trânsito, as obras, a mudança de vizinhança. As mercearias fecharam, os cafés desapareceram, as portas deixaram de estar abertas. “O bairro perdeu as pessoas. Sem pessoas, não há Fontainhas”. E há algo ainda mais profundo: hoje, evita lá voltar. “Custa-me muito. Sinto uma tristeza enorme ao ver aquilo assim”. O clube Vitória de Setúbal continua a ser uma paixão antiga, herdada da mãe e passada para as gerações seguintes. “O clube para mim morre comigo. É a minha paixão”. A bola unia a família, dava cor aos domingos e aquecia o coração mesmo nos anos mais difíceis. No ano em que o distrito de Setúbal celebra 100 anos, a história desta antiga residente mostra que a alma de um bairro não vive nas casas nem nas ruas, vive em quem o carrega por dentro. As Fontainhas transformaram-se num espaço que lhe é estranho, mas dentro do coração de Eugénia Maria o bairro permanece intacto: nas vizinhas sentadas no muro, no cheiro da maré e no homem que ali lhe mostrou, todos os dias, o que era o amor.

Maria Santos

“O bairro perdeu as pessoas.
Sem pessoas, não há Fontainhas”

Memórias de um bairro esquecido

As casas ficam vazias, mas a
história continua em nós



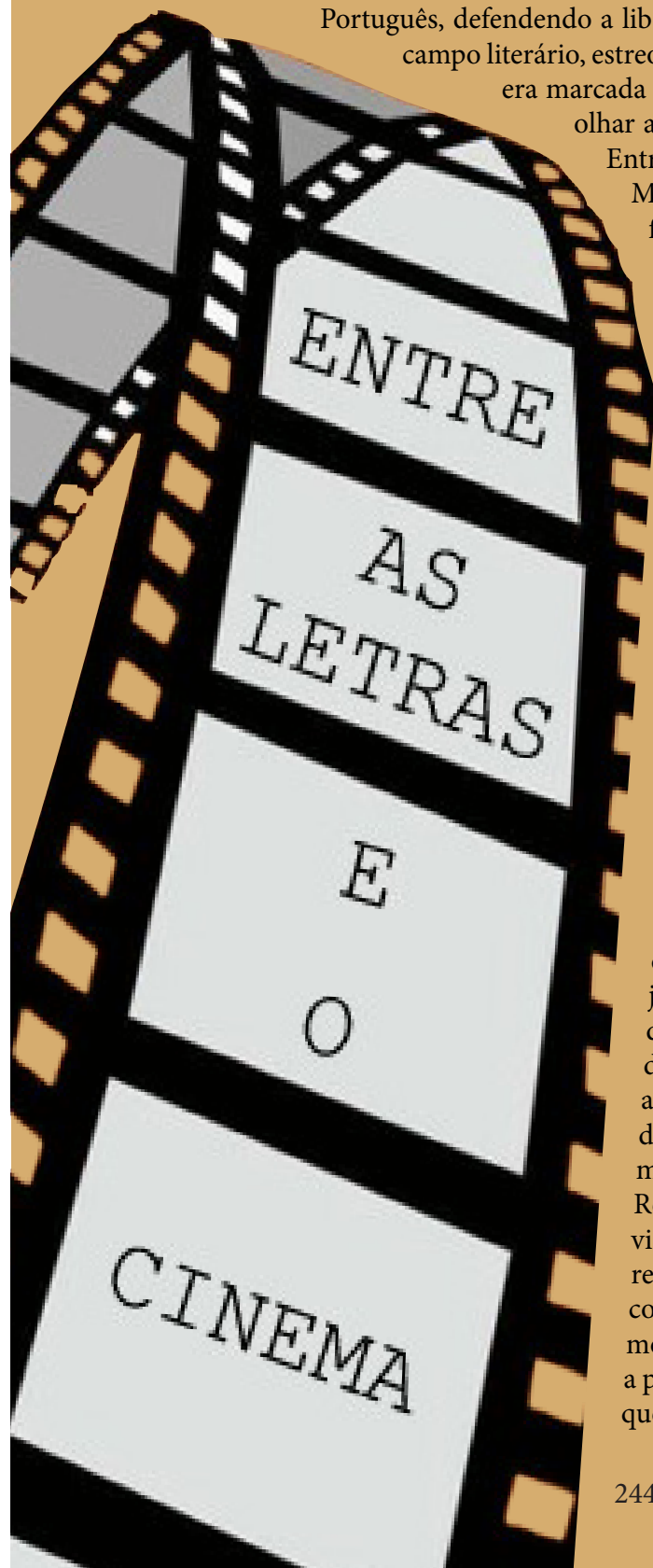
Um legado de cultura e liberdade

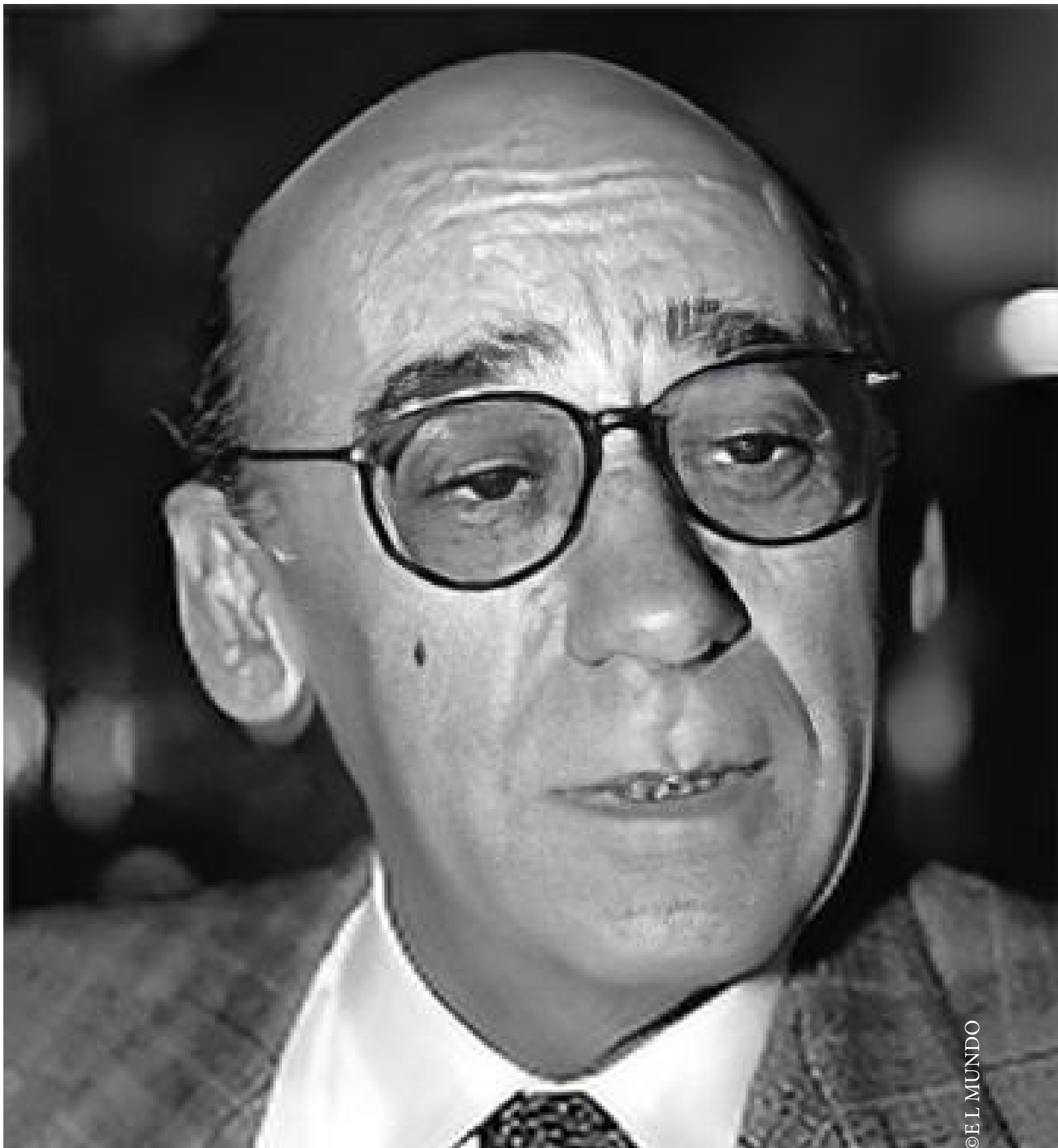
“Viver é morrer em Portugal”, era o que Mário Ventura Henriques afirmava, carregando no peito a sensibilidade de quem conhece o país e a vida. Jornalista, romancista e fundador do Festróia, Festival Internacional de Cinema de Tróia, é assim que é lembrado: como um homem que viveu intensamente a palavra, a liberdade e a cultura. Em 1958, o jornalista estreou-se no Diário Popular e, anos depois, trabalhou no Diário de Notícias, onde foi repórter, editor e cronista. Foi coordenador da agência de notícias Europa Press. “A escrita jornalística é apressada por obrigação”, referia, consciente de que a rapidez não pode apagar o rigor. Para Henriques, mesmo sob pressão, o jornalista deve manter a clareza e a verdade nas suas palavras. Mário Ventura não era apenas um homem de letras, era um homem de convicções. Participou nos movimentos contra o regime ditatorial de António Salazar e de Marcelo Caetano. Em 1969, candidatou-se a deputado pelo Movimento Democrático Português, defendendo a liberdade com a mesma coragem com que escrevia. No

campo literário, estreou-se em 1963 com *A Noite da Vergonha*. A sua escrita era marcada por clareza, objetividade e atenção ao detalhe: unia o olhar atento do repórter à profundidade de um romancista.

Entre as suas obras destacam-se *À Sombra das Árvores Mortas* (1966) e *O Despojo dos Insensatos* (1968), mas foi a obra *Vida e Morte dos Santiagos* que, sem dúvida, lhe trouxe mais reconhecimento, conquistando o Prémio da Literatura PEN Clube Português e o Prémio Município de Lisboa. O próprio chegou a ser presidente da Associação Portuguesa de Escritores. Em 1985, fundou o Festróia, movido por uma paixão antiga: o cinema. Quis criar um festival que desse voz a cinematografias esquecidas e que apresentasse o público português ao cinema internacional: “Mário Ventura Henriques faleceu. Foi o “pai” do Festróia, hoje Festival Internacional de Cinema de Setúbal, uma figura de grande importância para a cultura portuguesa no domínio das artes, como romancista e jornalista”, recordou *Avante!*. Este projeto foi uma marca cultural bastante importante para Setúbal. Após a morte de Mário Ventura Henriques em 2006, este continuou a ser homenageado com exposições em pintura, vídeos e sessões especiais de filmes em memória ao romancista. O Festróia encontra-se extinto, pois foi cancelado em 2014 por falta de financiamento, mas o seu espírito permanece vivo. O legado de Mário Ventura Henriques vai muito além dos jornais, livros e salas de cinema que ajudou a encher de vida. Mostrou que a cultura e a arte são ferramentas de liberdade e de reflexão capazes de tocar pessoas e aproximar mundos diferentes. Mesmo com a extinção do Festróia, o seu espírito e energia continuam vivos na memória de Setúbal e na história do Cinema Português. Relembrá-lo é celebrar a coragem com que dedicou a vida a dar voz à criatividade e à diversidade cultural. É reconhecer que cada livro e cada iniciativa que apoiou continuam a inspirar e a unir gerações. O seu exemplo mostra que a arte também é um ato de resistência, e que a paixão e o empenho de uma vida podem deixar marcas que ultrapassam o tempo e as fronteiras.

Beatriz Eustáquio





© E L MUNDO

“Viver é morrer em
Portugal”

A woman with dark hair, wearing a red tank top, is smiling and holding a dark sign with yellow text. The background is a wall with a mural of a sunflower with a red head and yellow petals. The wall is divided into blue and yellow sections.

**O pulsar
de uma
cidade
verde**

No mural das suas vivências

Se as paredes falassem, contariam histórias de uma cidade feita de memórias. As cores desbotadas que a marca do tempo sinaliza guardam a voz de uma população insatisfeita que se quis fazer ouvir. Desde cedo, Maria Helena de Sousa Freitas, guiada pela mão da mãe enquanto caminhava pelas ruas sadinas, levava consigo um olhar atento e curioso sobre cada traço desenhado ou escrito nos muros. Partilha que “no fundo, o que os murais contam são lutas que a população travou”, e é isso que a move a “manter viva e preservar” a memória das manifestações artísticas em tempos de ditadura no concelho sadino. Nasceu no ano de 1976 em Lisboa, mas foi em Setúbal que a gestora de projetos culturais cresceu e viveu “alguns dos momentos mais importantes da minha história pessoal” [Esboça um sorriso e uma voz doce de saudade]. Apaixonada pela escrita, a ativista chegou de uma forma peculiar ao jornalismo, “eu não queria ser jornalista. O que eu gostava era de escrever”. Movida pelo pensamento “de contribuir pela via da palavra para um mundo melhor”, licenciou-se em Comunicação Social, no Instituto Politécnico de Setúbal. Com um tom bem-humorado, a ambientalista partilha entre risos que a licenciatura não marcou apenas a vida profissional, como também “deu-me um marido”, num amor que se mantém até aos dias de hoje. Consolidou uma carreira jornalística de grande sucesso. “Comecei a fazer jornalismo aqui em Setúbal”, dita orgulhosamente. Ao longo dos anos, trabalhou como repórter em diversos jornais locais. Teve a honra de ser colaboradora no primeiro jornal online do distrito, o Setúbal na rede e como costuma dizer “só não trabalhei no Setubalense”. A ecologista mantém um grande reconhecimento por durante os anos de 1998 e 2017, ter na sua autoria reportagens da lusa, “trabalhei muitos anos lá”, cita, ao recordar-se dos tempos em que foi jornalista. Em 2005, colaborou com o jornal oficial do festival de

cinema Festroia. Foi neste ambiente que a setubalense encontrou uma nova forma de arte. Foi o grande passo para a sua “iniciação à organização de eventos culturais”, acrescenta, enquanto rememora a “experiência muito marcante e muito interessante, com a qual aprendi realmente bastante”. De câmara na mão e ao encontro de pessoas para entrevistar, aventura-se no campo da realização. A ativista estreia-se em Setúbal, cidade verde como realizadora. Uma curta-metragem inspirada na dissertação de mestrado de Luís Guilherme Teixeira, que retrata a história dos fundadores do projeto Setúbal cidade verde, e a sua ligação à Quercus. Esta realização deu-lhe o prémio na quarta edição das curtas sadinas, prémio ganho pela “história que era contada, era aquela narrativa”, como partilha a ambientalista que deu a conhecer mais sobre a participação setubalense no projeto que conquistou e surpreendeu o público. Por entre risos, a gestora relembra como começou a sua relação com a preocupação ambiental: “eu ia com a casca de banana em peregrinação, até o próximo caixote do lixo”. Foi com a sua mãe que aprendeu o valor e o respeito pela natureza, explica que “era sempre a lógica do, chega a um local e ele está limpo. Tu deixas o local limpo”. A forma cuidada e atenta que o olhar da ecologista se detém sobre as causas sociais e ambientais é o fio condutor que a move a lutar pelo ambiente que a rodeia. Maria Helena de Sousa Freitas encontra nas pequenas coisas que o ecossistema lhe oferece a beleza que a encanta desde cedo. Na idade da paixão descobre o seu rumo e firma convictamente

“O ambiente é a minha causa”.

Leonor Reis

“Sou apaixonada por pessoas”



LUANDA E SETÚBAL, ONDE A SAUDADE NAVEGA

Um Atlântico cheio de memórias

“Sou apaixonada por pessoas”, afirma Maura Cunha, com um sorriso rasgado e contagiante, uma paixão que molda a sua visão do mundo. É esse amor pelas pessoas que não a faz passar despercebida. Ao chegar à Casa do Turismo, reencontra um espaço onde viveu um capítulo importante da sua vida, o estágio. Ao sentar-se, puxa o casaco devagar e coloca-se numa posição confortável, pronta para reviver memórias que guarda com carinho. “A minha vida era tranquila”, responde com uma voz pausada e um brilho no olhar, revivendo cada momento passado em Luanda, a sua terra natal. Conta os dias vividos e a forma como as pessoas, mesmo sendo desconhecidas, pareciam família: “eu saía a cumprimentar as pessoas e todo mundo respondia”. Apesar de já viver em Portugal há 3 anos, ao recordar Luanda percebe a profundidade da saudade, “bate sempre uma saudade”, admite. A capital de Angola surge nas palavras como uma cidade viva, onde, a cada gesto, se sentia o calor humano. Maura Cunha tem 33 anos e trabalha na área da estética, no Barreiro, profissão que abraça com dedicação e muito esforço, admitindo que passa muito “tempo em gabinete”. A mudança para Setúbal, foi motivada pelo amor que sente pelo marido, que alcança barreiras, “eu vim mais acompanhar o meu marido porque ele ia fazer o seu mestrado”. Foi um dos grandes motivos que a inspirou a investir nos seus estudos no Instituto Politécnico de Setúbal. Não esconde os momentos mais difíceis, “queria desistir”, diz com um tom de orgulho, porque, apesar de tudo o que passou, foi forte tendo as pessoas certas ao seu lado, “foram pessoas assim que me fizeram terminar o curso”. Há momentos em que a saudade de Luanda torna-se ainda mais forte, sobretudo na cozinha, quando prepara o funge, prato típico de Angola. “Nas refeições durante a semana tem que ter

um funge pelo menos sábado e domingo”, refere. O aroma transporta-a imediatamente de volta para casa, onde o calor da família, a mesa cheia e as conversas longas faziam parte da rotina. E, mesmo sentindo-se perdida nessa memória, volta à realidade e percebe o quão distante está. A mudança para Portugal trouxe-lhe novas descobertas, mostrando que um local que era apenas passageiro, atualmente, é uma casa que a acolheu como quem abraça um velho amigo, “eu amo Setúbal”. As gargalhadas únicas, naturais e leves de Maura Cunha são um traço de personalidade, sendo a sua maior companheira, mostrando que a alegria não é apenas uma característica própria, mas um aspeto envolvente. Em Luanda construiu memórias inesquecíveis, mas em Setúbal construiu o seu futuro e é entre estes dois locais que representa a sua essência natural e o sorriso marcante. Tem o objetivo de viver de forma tranquila, longe das grandes metrópoles, “não gosto muito de Metrópoles muito agitadas tipo Lisboa”, preferindo espaços onde tudo se move no tempo certo. Maura Cunha representa exatamente como a alegria pode guiar um bom caminho, “e estar com o coração aberto, open mind” é um método para alcançar os seus objetivos. Apesar de ser uma pessoa de pessoas, confessa que vai para a Suíça “dizem que as pessoas são muito mais frias do que aqui”, mas não é isso que a vai impedir de seguir sempre o seu coração. E assim segue Maura Cunha, entre as memórias que a acompanham e o futuro que a convida, sempre acompanhada com a sua gargalhada inconfundível. Cada obstáculo alcançado carrega histórias, risos e saudades, tudo com um sentido bem definido. Não percorre apenas caminhos, espalha alegria e marca uma presença inesquecível que ilumina os locais por onde passa.

Marta Miranda



Tempo passado, tempo amado: a mulher que fez da palavra um ato de liberdade

“Fui, sou e serei ao último sopro de vida apaixonadamente portuguesa”

No alvorecer do século XX, quando Portugal ainda se debatia entre a tradição e a modernidade, uma figura de Setúbal ergueu a sua voz, firme e visionária, para dizer que o lugar da mulher era onde ela quisesse estar, foi Maria Olga Moraes Sarmiento da Silveira, nome que hoje ecoa entre as páginas esquecidas da história literária e feminista portuguesa. Nascida em 1881, foi escritora, feminista, conferencista, católica e monárquica, uma combinação improvável que a tornaria uma das figuras mais fascinantes da história intelectual portuguesa. A escritora viveu a infância em Elvas e, aos 16 anos, casou-se, no entanto, foi como viúva que Olga Moraes Sarmiento escreveu um dos textos fundadores do feminismo português, *Problema Feminista*. Resultado de uma conferência proferida em maio de 1906, na Sociedade de Geografia de Lisboa, o texto nasceu no momento fundador da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz, a primeira associação feminista portuguesa, da qual Olga foi cofundadora e primeira presidente. Este momento marcou o início de uma trajetória literária e cívica inteiramente dedicada à emancipação feminina. Nas suas páginas, a feminista erguia a voz pela igualdade entre os géneros e pelo direito das mulheres à educação e à participação na vida pública. Escrever, para ela, era mais do que criar, era libertar-se. Cada palavra era um gesto de resistência, uma forma de romper o silêncio histórico imposto às mulheres. Além de autora, foi também diretora da revista *Sociedade Futura*, fundada em 1902 por Ana de Castro Osório. Depois de se afirmar em Lisboa, consciente das marcas do seu tempo, partiu para Paris. Foi lá que encontrou o espaço de respiração que Portugal ainda lhe negava.

Nos cafés parisienses, as mulheres já escreviam, falavam e sonhavam em voz alta, e Olga, entre elas, aprendeu a fazer do pensamento uma forma de presença. Em Paris, conheceu Hélène de Zuylen, baronesa de Rothschild, com quem partilharia mais de três décadas de uma amizade profunda e inquebrável, a quem a escritora dedicou o livro *As Minhas Memórias*. “À Hélène ofereço estas páginas que são o pálido retrato da minha vida, essa vida em que ela foi, pela nobreza inigualável da sua alma, pela inteligência compreensiva da sua amizade, pela generosidade calorosa do seu coração, a grande luz maternal que soube iluminar e aquecer mais de trinta anos de uma dedicação perfeita”. Durante os anos que passou em França, viveu o contraste entre o cosmopolitismo parisiense e a nostalgia de um país que deixara para trás. Escrevia sobre Portugal com a mesma saudade com que se fala de uma infância perdida. “Do meu amor pela minha terra é que ninguém terá o direito de duvidar; longos anos vivi em terra estranha, e nenhuma influência conseguiu nunca desnacionalizar-me. Fui, sou e serei até ao último sopro de vida apaixonadamente portuguesa. É o único título que, por senti-lo justo, eu reivindico com desvanecido orgulho”, confessou, revelando a fidelidade que manteve mesmo no exílio. Morreu em 1948, de forma discreta e sem grandes homenagens. Contudo, deixou um legado que o tempo não apagou. Hoje, o seu nome volta a ouvir-se, não só como pioneira do feminismo português, mas como símbolo de uma época em que pensar era, para uma mulher, um ato de coragem. Olga Moraes Sarmiento foi, no fundo, uma viajante entre séculos — filha do XIX, mulher do XX e presença ainda viva no XXI. Viveu para mostrar que mesmo quando o mundo fecha as portas, a escrita permanece como uma janela aberta.

Daniela Santos e Sofia Santos



A cidade manuscrista

**Fez da escrita um espelho
onde Setúbal se
reconheceu no tempo**

Homem de letras, professor, jornalista e defensor de causas educativas, “uma pessoa bastante culta, uma pessoa com grande capacidade de iniciativa”, recorda Daniel Pires, presidente do Centro de Estudos Bocageanos, ao falar do seu colega Rogério Noel Peres Claro. Apesar de pertencerem a gerações diferentes, Pires reconhece-lhe o mérito da concretização de projetos que “vieram a ganhar corpo e importância na vida cultural da cidade”. Marcou a história de Setúbal com a sua trajetória, que se estendeu da sala de aula, à direção de jornais, à política e a instituições que até hoje prevalecem. Licenciado em Filologia Românica, inicia a sua carreira como professor, pois para a sua altura “Quem se formava em Românicas não tinha grandes alternativas”. Foi professor e diretor da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, atual Escola Secundária Sebastião da Gama, e exerceu também funções de docente, que segundo Daniel Pires, “certamente o enriqueceu bastante”. A sua vocação pela pedagogia foi mais além, e fundou a Casa do Professor, completamente do zero e sozinho “com muitos poucos apoios, peditórios e motivação das pessoas e empresas”, relembra o entrevistado que acompanhou esta fundação. O desejo de criar esta Casa nasceu da vontade de enaltecer os docentes e oferecer-lhes um espaço para conviver. Peres Claro também deixou a sua marca no jornalismo, tendo fundado o Jornal de Estremoz, Voz do desporto e Distrito de Setúbal, onde promoveu a valorização da identidade cultural. Enquanto jornalista dedicou-se à investigação histórica, com obras de referência como Memórias Paroquiais de 1758, em que transcreveu o documento da Torre do Tombo. Este trabalho, segundo o historiador Daniel Pires, “é fundamental

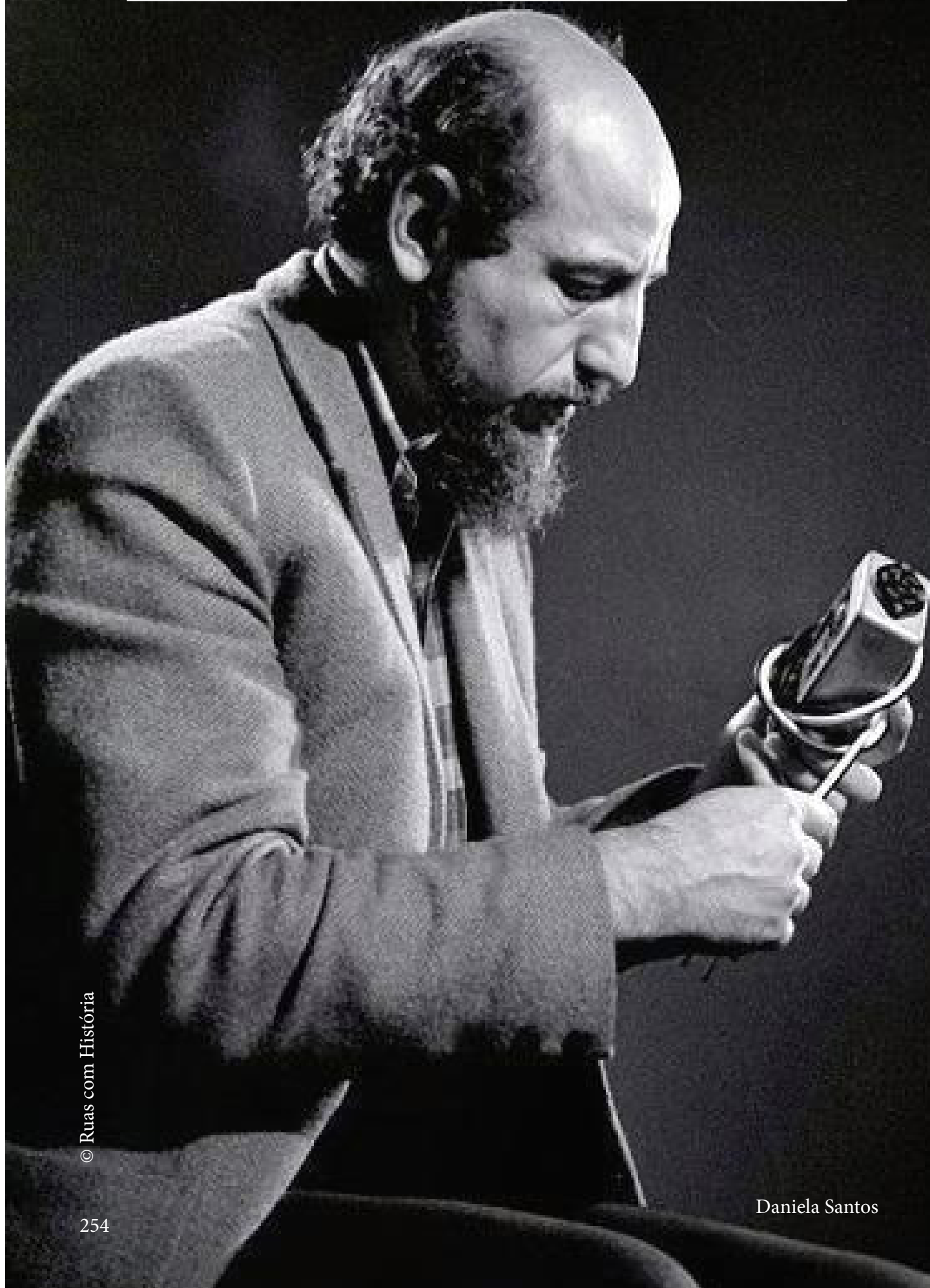
“Continuei a viver em Setúbal, na minha casa e vinta todos os dias de comboio para a faculdade”

para percebermos o que foi o terramoto em Setúbal”. Um homem da escrita, Rogério Peres Claro, conseguiu através da série Setúbal de há 100 anos, reconstruir a vida social e cultural “ao mínimo pormenor: o desporto, a pesca, as profissões, o aspeto paisagístico”. Dentro destas páginas, Setúbal reencontrou a sua própria história contada por um Homem apaixonado pela sua terra. “Ele era um apologista e uma personagem ativa do único regime que existia. Ou seja, do Estado Novo”, revela Daniel Pires mostrando-se apreensivo em falar sobre este tema da vida do político. Foi deputado na Assembleia Nacional, atual Assembleia da República, durante 12 anos, contudo após o 25 de Abril distanciou-se deste cenário e desloca-se para o campo cultural, onde encontrou a liberdade para criar. Participou ainda na fundação do Centro de Estudos Bocageanos, onde “teve um papel importante ao início, especialmente na reedição do livro sobre o terremoto”, Daniel Pires esclarece que Rogério Peres Claro não chegou a integrar nenhum corpo dirigente, mas que o seu “carinho e admiração pela figura de Bocage e pela cultura setubalense” era notável. Rogério Peres Claro foi muito mais do que os cargos que exerceu “Era uma pessoa com um pensamento límpido e lógico apurado”, descreve, “semeou e colheu, e semear é importante, porque é pensar em termos de futuro e de deixar as coisas ficarem”. Décadas depois, as suas obras permanecem vivas nas instituições que ajudou a erguer, nas memórias de com quem trabalhou e entre as páginas que escreveu sobre a sua terra. Um homem da cultura, política e da educação. E porque as suas palavras continuam a ressoar entre todos os que o recordam, terminamos como ele tantas vezes o fez, com convicção e firmeza: “Tenho dito.”

Bárbara Antunes e Beatriz Eustáquio



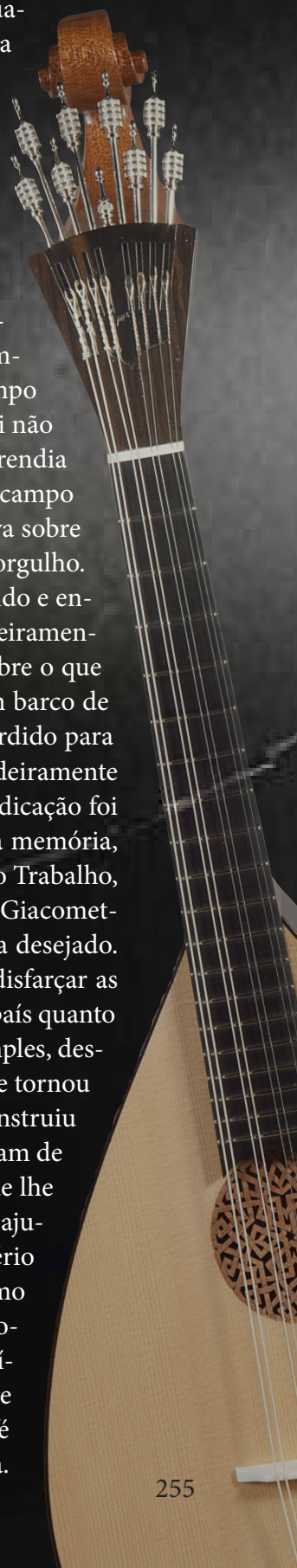
“Povo que canta não morrerá”



A voz do povo

O homem que nunca se cansou de ouvir

Com uma chávena de café diante de si, Isabel Vítor afastou-a num gesto quase automático ao ouvir a primeira pergunta sobre o homem que sempre a fascinou. “E posso dizer que, desde muito nova, era ouvinte e fã do Michel Giacometti”. Nascido em França, em 1929, Giacometti encontrou em Portugal uma paixão maior do que qualquer laço de sangue: a música popular, aquela que nascia nos campos, nas tabernas, nas festas e nas tradições que, silenciosamente, contavam a história de gerações. Ao se deparar com um país marcado pelo silêncio e pela opressão, fechado e dominado pelo regime fascista, “Numa televisão que ainda era a preto e branco, num país a preto e branco, sem grandes nuances e muito obscuro” o mesmo encontrou na música uma forma de resistência. Com o seu olhar atento e sensível, percorreu aldeias, dormiu em casas de camponeses e trabalhou lado a lado com os próprios habitantes. “Ele viveu muito tempo em casas dessas pessoas — literalmente. Conheceu-as intimamente”. Giacometti não estudava o povo à distância; pelo contrário, mergulhava na sua vida, falava e aprendia com eles e, acima de tudo, dava-lhes voz. “Ele veio mostrar, com esse trabalho de campo extraordinariamente bem fundamentado, dando voz às pessoas — ele não falava sobre elas, ele dava-lhes voz”, conta Isabel Vítor com um tom firme e o peito cheio de orgulho. Foi na televisão, através do programa *O Povo que Canta*, que se tornou conhecido e entrou nos lares de milhares de portugueses. “Aquele programa trazia luz, verdadeiramente! Pela primeira vez, talvez fosse dos programas mais constantes e intensos sobre o que era a valorização da cultura portuguesa”. Ali, em cima de alfaiais agrícolas, num barco de pesca ou numa sala de festa, registou histórias que de outro modo se teriam perdido para sempre. “Ele tinha um faro extraordinário para encontrar aquilo que era verdadeiramente identitário, diferente, e para revelar autênticos talentos maravilhosos”. A sua dedicação foi muito além do som. Compreendia que cada cante guardava uma história, uma memória, uma identidade. Por isso, o seu esforço não se perdeu com o tempo. O Museu do Trabalho, fundado em 1987, em Setúbal, guarda hoje com carinho o nome de Michel Giacometti, mantendo vivas as profissões tradicionais e a música popular, tal como teria desejado. Antes de continuar, Isabel Vítor endireita-se e pisca algumas vezes, tentando disfarçar as emoções: “Foi algo extremamente emocionante”. Dois anos mais tarde, tanto o país quanto a cidade choraram a partida do guardião e amigo de todos. O seu funeral foi simples, despretensioso, mas carregado de emoção e significado. Numa Casa do Povo que se tornou palco de homenagem, o cortejo reuniu aqueles que tanto amou e com quem construiu laços de proximidade e confiança ao longo dos anos. “No funeral, os cânticos eram de canto alentejano — canto das mulheres à volta do caixão. Foi a homenagem que lhe prestaram: cantar. Foi uma coisa absolutamente lindíssima”. Aquelas que um dia ajudou a encontrar a própria voz, naquele dia usaram-na por ele. “Visitar o cemitério não é propriamente um sítio animado, mas é muito interessante perceber como aquela campa tem sempre flores, ao longo de tantos anos. São sinais muito emocionantes e muito claros de como Michel Giacometti, para além do legado das raízes, deixou também uma pegada emocional muito grande junto das pessoas que o conheceram”. Isabel Vítor termina com um suspiro, reparando enfim no café ainda cheio, esquecido enquanto se deixava levar pelas lembranças do artista.



O legado de uma SONHADORA

Uma vida dedicada à humanidade

Com uma voz doce e serena, Rui Santos, filho de Odete Santos, recebe-me à porta de casa. Há uma calma que paira no ar, compactuando com o gesto que faz abrindo o caminho até à sala. Sobre a mesa, os documentos espalhados não são apenas papéis, mas sim fragmentos do seu conhecimento. Surge o melhor amigo, o seu gato, passeando pela mesa, onde se deita e permanece ao lado do seu velho companheiro, como forma de o confortar. O rumo da entrevista estava a ser guiado por cada som emitido pelas cordas vocais, que permaneciam sincronizadas com cada memória sentida por Rui Santos. “Minha mãe é uma pessoa de uma capacidade de trabalho extraordinária”, diz, deixando escapar um sorriso largo que ilumina a conversa por um instante, como se a memória tivesse tomado conta dele. Maria Odete Santos nasceu em Pega, município de Guarda, a 26 de Abril de 1941, e mudou-se para Setúbal com os pais, José e Adélia dos Santos, quando tinha apenas 10 anos, cidade que a abraçou e viu crescer. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, mas foi em Setúbal que exerceu a sua profissão desde 1968, sempre com o mesmo objetivo que a movia: a justiça. Para o filho, a mãe era alguém que “mostrava sempre determinação naquilo que dizia”, como se fosse iluminada pela convicção. Apesar de uma vida pública intensa, mantinha uma vida privada serena e feliz, transmitindo valores, como a importância do trabalho, a justiça social e a igualdade, que já tinham sido passados pelo “pai dela”, a sua verdadeira inspiração. Advogada de formação, fez do Direito uma ferramenta de transformação, lutando pelos direitos fundamentais de “corpo e alma”. Militante do Partido Comunista Português desde 1974, foi deputada pelo círculo eleitoral de Setúbal entre 1980 e 2007. Argumentava no parlamento com uma

voz certa e o dedo indicador esticado, com o objetivo de marcar um ponto de vista, realçando a ideia de que “a gente nunca se reforma da política”. No Movimento Democrático de Mulheres, onde esteve desde o seu primeiro congresso em 1980, destacou-se na luta pelos direitos das mulheres em Portugal, mais especificamente na luta pela “interrupção voluntária da gravidez”, menciona. Santos recorda um momento concreto de solidariedade que deixou marca, como a recolha de material escolar para enviar para os cubanos no momento em que “o bloqueio de Cuba era mais intenso”. Sonhadora, lutadora, persistente e convicta foram as palavras utilizadas pelo filho para descrever a personalidade forte da advogada, que apesar de tudo o que enfrentou nunca desistiu de ser forte e mostrar o seu ponto, levando-o até ao fim. Maria Odete Santos lutou pelo futuro de cada um de nós, pela nossa liberdade e, especialmente, pelas mulheres. Deixou marcas que resistem ao tempo, em caminhos percorridos e locais que jamais a esquecerão. Como Rui Santos confessa, “o que mais sinto falta é dela”, reforçando o orgulho e a lembrança que guarda com carinho. Enquanto política, mostrou as diferentes vertentes do mundo, realçando que nem tudo é bom, mas que o que mais importa é dizer sempre a nossa opinião. O filho acredita que é de extrema relevância, “reforçar, nos tempos que correm, o exemplo da minha mãe”, uma mulher sonhadora que nunca se deixou intimidar por ninguém. O sol põe-se, Maria Odete Santos despede-se, não com um adeus silencioso, mas com um rasto de presença que continuará na memória de todos, juntamente com cada gesto, cada palavra e cada luta, deixando-nos a sua convicção e coragem. Para se despedir, usa o “até amanhã, camaradas” que ecoa como um abraço que nunca se irá desfazer.



“ATÉ AMANHÃ, CAMARADAS”

Rómulo de Carvalho/António Gedeão: O mestre que ensinou a pensar

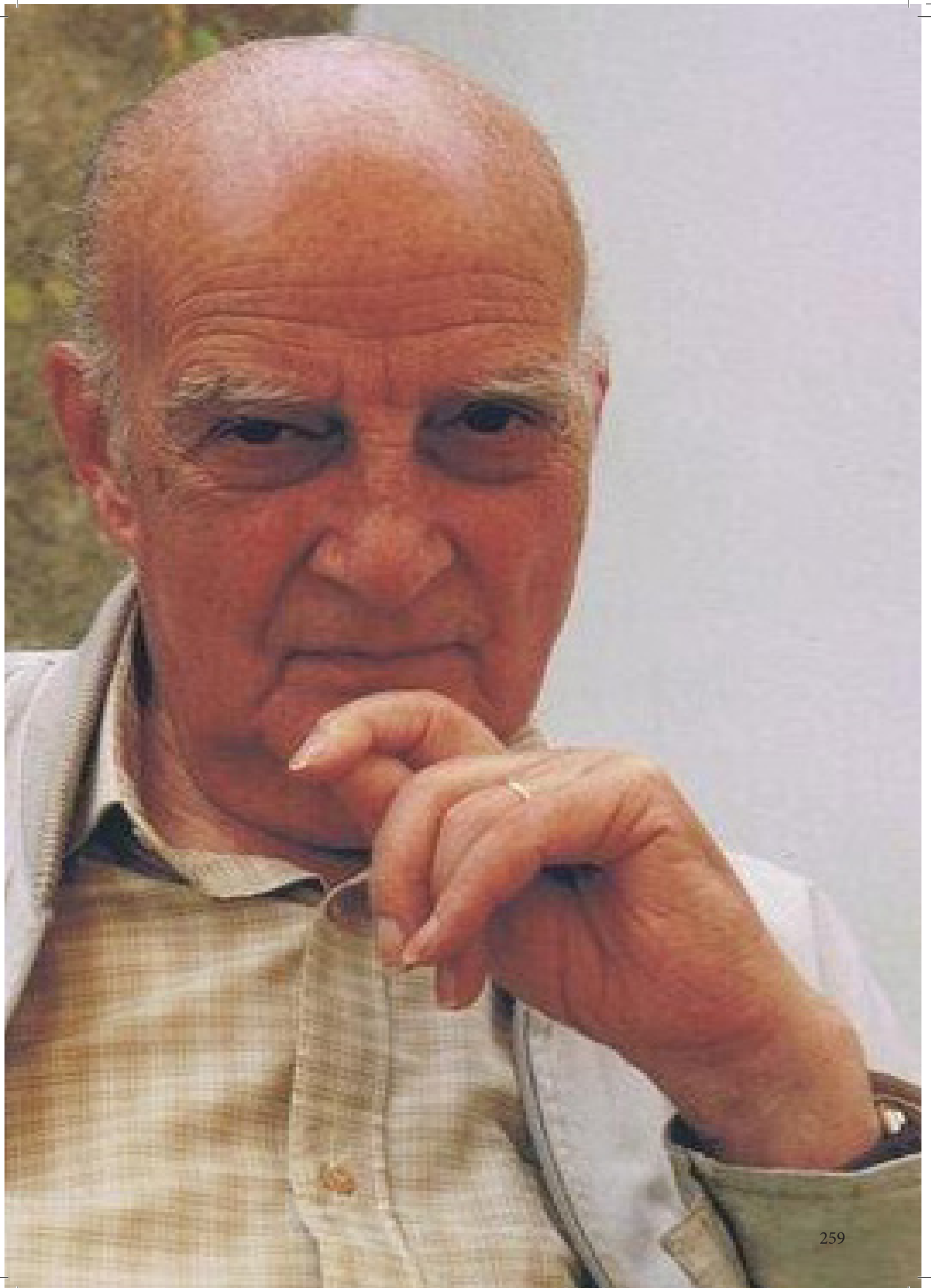
Entre ciência e poesia, um legado que ilumina o ensino


“Estimular é saber tirar proveito das coisas, saber encantar, pôr as coisas em relevo”. Assim escrevia Rómulo de Carvalho, o homem que a literatura batizou de António Gedeão e que fez da curiosidade um ato de fé. Professor, divulgador e poeta, três facetas diferentes numa só alma que acreditava que o saber só é completo quando desperta o coração. Em cada sala de aula e em cada verso, ergueu uma ponte entre a experiência e a emoção. A sua poesia, muito marcada pelas metáforas, ensinou-nos que a ciência também pode ser humana e que a imaginação é uma forma de conhecimento. Em Setúbal, o seu nome ecoa diante de muitos outros importantes, nas ruas, nas bibliotecas, e nas escolas onde a voz dos professores ainda hoje recitam as obras do mestre diante dos seus alunos. A visão intemporal do professor como semeador de curiosidade inspira ainda os projetos educativos do distrito. Gedeão lembrava-nos que “o sonho comanda a vida”, mas Rómulo de Carvalho ensinava-nos que o pensamento sustenta o sonho. Cem anos depois, o distrito que celebra a sua própria história encontra no seu exemplo uma metáfora perfeita: uma região que cresce porque pensa, que transforma o trabalho em arte e o quotidiano em descoberta. A sua mensagem é ainda um farol para alunos que veem na escola o espaço onde a curiosidade se transforma em liberdade. António Gedeão mostrou que o ensino pode ser uma forma de poesia e que cada experiência científica é também uma lição de humanidade. O seu legado é retrato do distrito, trabalhador, questionador e profundamente humano.

Revisitando a Escola Secundária António Gedeão, sentimos claramente a presença do patrono, seja nas paredes recheadas com as suas obras literárias, seja no espírito de curiosidade e liberdade que ainda hoje percorre nos corredores da escola. É espantoso pensar que é celebrado, todos os anos, nesta escola a vida deste pensador, uma pessoa lembrada e dignificada. Conseguimos evidenciar um paralelismo interessante entre o caminho da aprendizagem iluminado por Rómulo de Carvalho e a genialidade na voz pura de António Gedeão que lhe deu a alma necessária. Em Setúbal, ambos vivem no brilho curioso de cada olhar que descobre que a ciência pode ser poesia e que aprender é, afinal, a mais bela forma de sonhar. Hoje, perante novos olhares e inovações tecnológicas, o apelo de Gedeão continua urgente: cultivar a curiosidade, manter a escola como território de liberdade e lembrar que ensinar é provocar perguntas. Que as novas gerações guardem essa lição: investir nas ciências sem esquecer as letras, preservar a memória daqueles que outrora foram mestres e transformar essa em ação educativa concreta. Só assim o distrito, nas suas próximas décadas, fará jus à herança de um homem que viveu a ciência como poesia e a poesia como método de conhecimento.

“O sonho comanda a vida”

Francisco Cavaco



A close-up photograph of a bicycle's front wheel and handlebars. The wheel has many thin spokes and a black tire. The handlebars are black with a yellow grip. The background is a plain, light grey color.

Entre ruas marcadas por subidas e descidas acentuadas, o espaço enchia-se de pessoas que se juntavam para ouvir o som das rodas sobre a calçada portuguesa. O cenário é de Setúbal, na década de 1920, onde o ciclismo, como quase todas as modalidades desportivas da época, era um desporto totalmente destinado a homens. Mas num mar de homens, surgiu uma Oceana: Oceana Zarco. “A bicicleta era tudo para mim”, disse a primeira mulher a tornar-se ciclista federada em Portugal. Nascida a 12 de abril de 1911, na freguesia de Santa Maria da Graça, em Setúbal, cresceu numa família que, ao contrário de muitas da época, não a limitou aos papéis tradicionais impostos às mulheres. O seu padrasto, João Duarte, mestre e primeira inspiração da jovem ciclista, era dono de uma loja de bicicletas e foi quem a ensinou a pedalar, um gesto que se tornou o ponto de partida de uma vida percorrida com coragem, liberdade e superação. No ciclismo, a participação feminina era desaconselhada por vários médicos sob a justificação de que podia “causar esterilidade feminina”. Mas isso não impediu Oceana Zarco de seguir o seu sonho: conquistar a cidade de Setúbal e arredores sobre duas rodas. Na sessão “Conversas sobre Oceana Zarco, uma ciclista de Setúbal dos anos 20”, a luta da atleta foi enaltecida por Pedro Pina, vereador da Cultura, Desporto e Inclusão Social da Câmara Municipal de Setúbal,

que afirmou: “A forma como lutou contra tudo e contra todos comprova a sua força, numa altura em que a expressão desportiva estava praticamente interdita às mulheres”. Orientada por Arthur John, um grande treinador respeitado no desporto nacional, iniciou o seu percurso desportivo no Vitória de Setúbal, aos 10 anos. Era uma mudança importante na vida daquela menina que, desde os 7 anos, fazia da bicicleta o seu meio de liberdade, ao pedalar todos os dias para a escola, sem imaginar que esse hábito a levaria a fazer história. A jovem ciclista tornou-se símbolo de emancipação feminina e apesar de ter sido a única mulher a competir no meio de pelotões masculinos e de ter sofrido preconceitos e vários comentários pejorativos, nunca se deixou abalar. Pedalava em silêncio, concentrada no que realmente importava: a alegria de pedalar e a liberdade que isso lhe dava. Rui Salas, do clube sadino, afirmou que “A Oceana treinou com homens, ouviu muitos piropos, ganhou quase todos os prémios e foi a primeira mulher que vestiu calções e camisola como os ciclistas”. Ela não foi apenas uma atleta, foi uma pioneira que desafiou o seu tempo e abriu caminho para as mulheres no desporto português. As competições deixaram de ser um espaço exclusivamente de homens quando, em 1926, com apenas 15 anos, a jovem ciclista participou na Volta a Lisboa com as cores verde e branco do Vitória de Setúbal ao peito, surpreendendo uma cidade inteira. Ela pedalava com a paixão de quem ama o que faz mas também de quem vem para mostrar do que é capaz. O seu desempenho e determinação não ficam por Lisboa ou Setúbal. Em 1927, Oceana, com o seu pedalar invencível, torna a concorrer na volta ao Porto levando a cidade de Setúbal às costas, rumo à vitória. A ciclista conquistou muito desde cedo. Porém, devido a uma intervenção cirúrgica, foi obrigada a abandonar a sua admirável carreira, tendo competido, pela última vez, em 1929 na I Volta de Setúbal. A ex-ciclista dedicou trinta anos da sua vida à enfermagem, profissão que a permitiu casar apenas aos 50 anos devido às restrições do antigo regime do Estado Novo. Hoje, a sua história ficou marcada entre as ruas e as memórias da cidade de Setúbal, as mesmas ruas onde um dia pedalou, entre o espanto e o orgulho da multidão.

“A bicicleta era tudo para mim”

Uma Oceana contra a corrente

A história da Mulher que levou
uma cidade às costas rumo
à vitória

ENTRE O ENSINO E A POESIA

O poeta que fez da vida um verso

Sebastião da Gama, O poeta”, é assim que se apresentou no primeiro ano de universidade sem ter um único livro publicado, pois sabia que a poesia não era apenas o que escrevia, mas sim o que era, recorda a história de uma amiga de João Reis Ribeiro, que nunca o conheceu, mas que manteve uma relação muito próxima com a sua mulher Joana Luísa. Nasceu em Vila Nogueira de Azeitão, em 1924, onde cresceu rodeado de natureza que, mais tarde, inspiraria uma grande parte da sua obra “Serra-Mãe”. Sebastião da Gama “era um homem de uma sensibilidade extraordinária”, afirma João Reis Ribeiro. Afirmou-se através da poesia, pela pedagogia e pela disponibilidade para com o próximo ao estar sempre com uma alegria contagiante e sem esconder aquilo que lhe ia na alma. A sua escrita é marcada pela leveza e, ao mesmo tempo, pela intensidade com que levava a vida, mesmo tendo descoberto aos 14 anos a doença que o levaria a falecer aos 27 anos (1952). Era “o poeta da alegria da vida”. Ainda em vida publicou três livros, sendo o mais conhecido “Serra-Mãe”, onde explora a relação mística entre o poeta e a natureza, e também participou em diversos jornais e revistas literárias. Desde muito jovem que Sebastião da Gama começou a ter o interesse pela poesia, começando a escrever ainda em estudante no jornal montijense “Gazeta do Sul”, com apenas 16 anos. Havia sempre uma certa urgência da sua parte em ser e em fazer, como se já adivinhasse o fim precoce. Depois em 1952, foram publicadas sete obras póstumas, abrangendo o teatro, a poesia e a correspondência, destacando-se o “Diário”, em 1958, que reflete sobre a sua prática pedagógica. A sua forma de ensino e a cumplicidade que partilhava com os seus alunos era o “ideal de professor que eu gostaria de ter e o professor que eu gostaria de ser”, confessa João Reis Ribeiro.

Começou a sua carreira como professor na Escola Industrial e Comercial João Vaz, e, após a sua passagem, transformou-se na atual Escola Secundária Sebastião da Gama. Criou diversas amizades por onde passou, o poeta escrevia aos seus ex-alunos com grande frequência. Por onde passava, a sua presença era notável, não só pela confiança que transparecia (e um grande exemplo deste grande à vontade foi vestir-se de Camões no desfile de finalista de final de ano), era um homem “muito expansivo, falava muito alto e de facto não escondia aquilo que ia na alma e os sentimentos”, sublinha João Reis, ao recordar as inúmeras histórias sobre o poeta. Ao longo dos anos como poeta reconhecido, teve várias correspondências de outros famosos autores, como, por exemplo, Miguel Torga com quem trocava muitas cartas, principalmente, para pedir a sua opinião em relação aos poemas que escrevia, o poeta “chegava ao pé das pessoas e queria saber o que é que as pessoas pensavam sobre os poemas dele”. Dos três livros publicados em vida, mandava sempre cópias para jornais, amigos, críticos, escritores conceituados, pois tinha a necessidade de saber quais seriam as opiniões, exigindo que fossem sempre honestas e usando expressões como “Doa a quem doer”. Muitos não tiveram a oportunidade de conhecer Sebastião da Gama, mas não é necessário estar com ele pessoalmente para sentir a sua presença, apenas por se “ouvir histórias sobre ele, fica-se rendida à personagem, não tem como”. Todos aqueles que se pronunciam sobre Sebastião da Gama, apesar de já ter falecido há 73 anos, falam como se tivessem convivido com o poeta há relativamente pouco tempo, pois a sua presença ainda é muito viva nos corações por quem tinha carinho. A Associação Cultura Sebastião da Gama e a Casa Memória Joana Luísa e Sebastião da Gama são uns dos muitos exemplos que mantêm viva a memória de Sebastião da Gama.

Bárbara Antunes



“Pelo sonho é que vamos”

A o S e r v i ç o d a

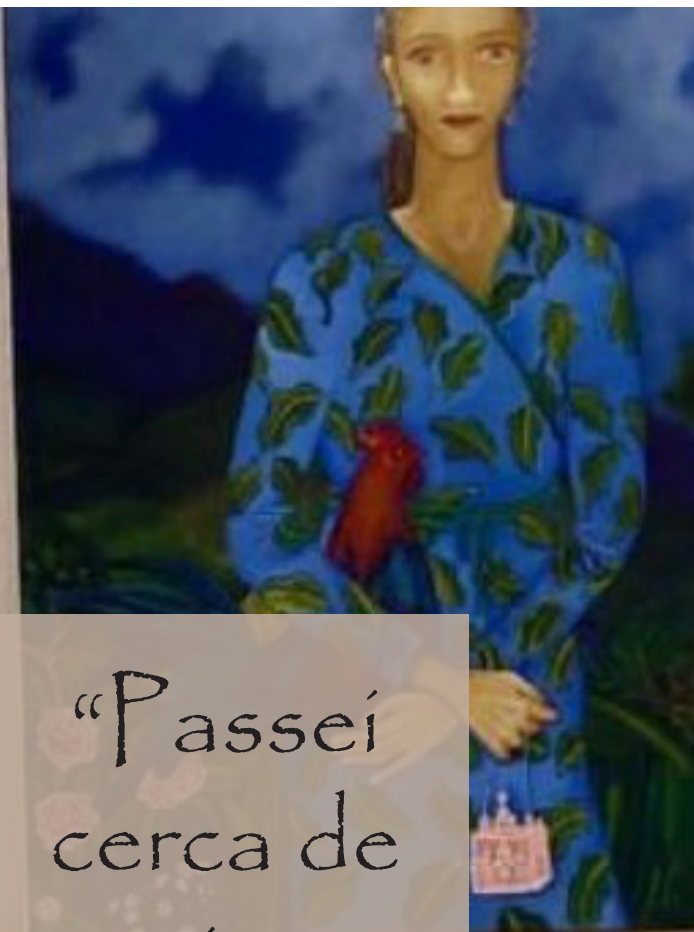
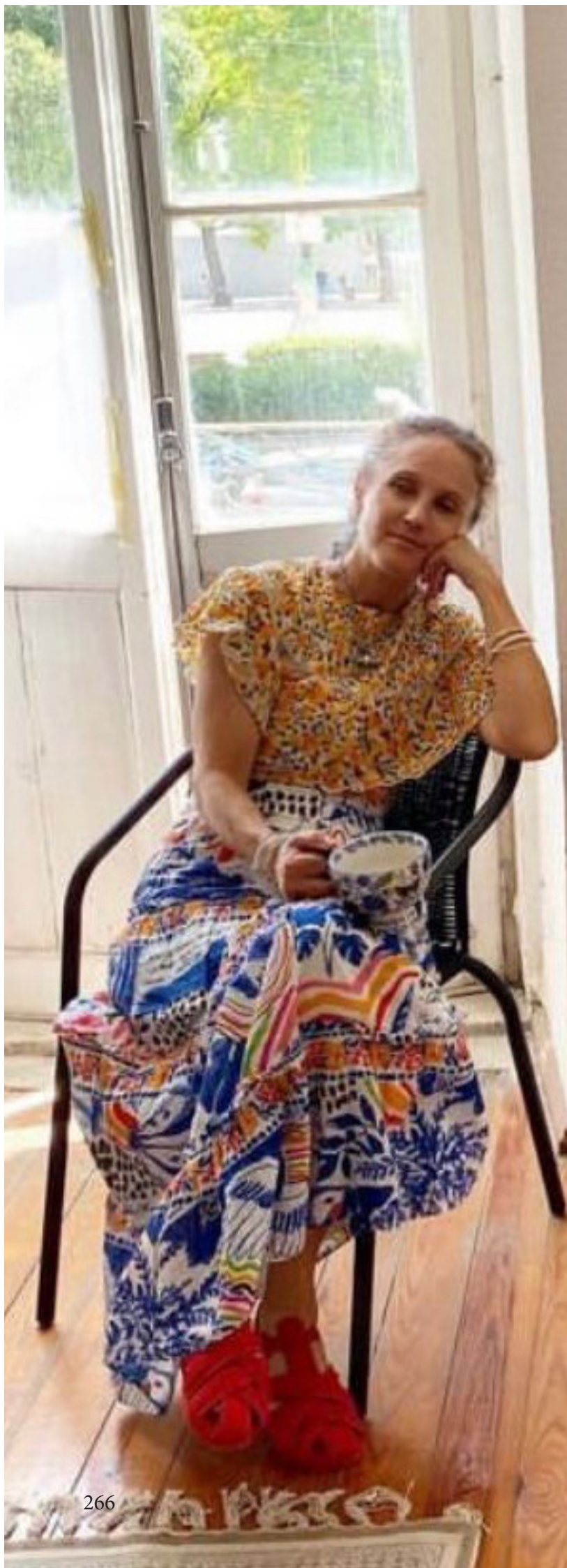
Sertório José Herrera de Oliveira, foi, sem dúvida, uma das figuras mais emblemáticas do movimento associativo e da ação social em Setúbal nas últimas décadas. Ao longo de mais de meio século de entrega à comunidade, deixou um legado que transcende a criação de uma instituição - transformou a solidariedade num modo de vida e um modelo de intervenção social no concelho. Nascido a 1945, na freguesia de Cabrela, no Alentejo, Sertório Herrera mudou-se ainda jovem para Setúbal, cidade que o abraçaria como sua. No período conturbado que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, envolveu-se ativamente em iniciativas de apoio social, respondendo a necessidades sentidas nas zonas mais carenciadas da cidade. Como mencionou no 46º aniversário da instituição que fundou, “deu-se alguns anos antes, na sequência do revigorante movimento associativo gerado com o 25 de Abril de 1974”. O seu percurso comunitário começou com gestos simples mas de grande impacto: juntou-se a um grupo de quatro mulheres no Bairro Humberto de Delgado que recolhiam alimentos, roupas e bens essenciais para distribuir a idosos em situações de vulnerabilidade, como referiu ao falar sobre o seu percurso, “solicitando bens de primeira necessidade a quem tinha para dar a quem deles mais necessitava” - ação que viria a inspirar um modelo sustentável de apoio social que rapidamente ganhou dimensão. Mas tudo mudou a 22 de março de 1979, pois fruto deste movimento, foi oficialmente criada a Liga dos Amigos da Terceira Idade (LATI), reconhecida como Instituição Particular de Solidariedade Social e de Utilidade Pública. Ao longo das décadas, a LATI consolidou-se como um dos principais pilares de apoio social na cidade, oferecendo serviços essenciais como apoio domiciliário, lar, centro de dia, infância e serviços de

integração comunitária, Sertório Herrera caracteriza a instituição “sempre com especial enfoque nos mais carenciados e dos socialmente excluídos”. Herrera de Oliveira acreditava profundamente no papel do associativismo como força transformadora da sociedade. Sob a sua liderança, a LATI cresceu de um pequeno projeto de bairro para uma estrutura que, já antes de 2025, servia milhares de utentes e empregava centenas de trabalhadores, integrando diversas respostas às necessidades emergentes da comunidade. O impacto de Sertório Herrera no concelho de Setúbal foi amplamente reconhecido pelas instituições públicas e pela sociedade civil. Em 2019, a Câmara Municipal de Setúbal concedeu-lhe a Medalha de Honra da Cidade, na classe de associativismo e sindicalismo, destacando-o como um exemplo de dedicação cívica e inspiração para gerações futuras. Além disso a sua liderança foi saudada em múltiplos eventos cívicos ao longo dos anos, refletindo a importância que a LATI e este assumiram no tecido social do concelho. Para muitos utentes, colegas e parceiros, Sertório José não era apenas um dirigente - era um mentor, um amigo e um símbolo vivo da solidariedade comunitária, adjetivos que os utentes da instituição usam para o descrever. O Presidente da Câmara de Setúbal, André Martins, sintetizou o impacto de Sertório Herrera após o seu falecimento em 2025: “Morreu um homem bom que dedicou parte significativa da sua vida sempre inspirada pelos ideais de liberdade, a ajudar os outros, em particular do seniores”. Esta frase reflete não apenas o trabalho organizacional, mas sobretudo o espírito humano que o guiava: um compromisso inabalável com quem mais precisa, e a convicção de que a solidariedade deveria ser um valor central na vida cívica.

S o l i d a r i e d a d e

“Vida sempre inspirada pelos ideais de liberdade, a ajudar os outros, em particular dos seniores”





“Passei
cerca de
oito
meses
sem falar
com
ninguém”

Há vidas que não se explicam só com datas ou lugares, porque o que as move nem sempre se vê, são feitas de decisões quase silenciosas e de uma coragem que cresce aos poucos. A história de Susan Jones é assim, começa muito antes de chegar a Portugal e, de certa forma, começa até antes da própria perceber que estava a começar. Jones tem 67 anos, é enfermeira reformada e artista plástica, nasceu em Oakland, na Califórnia, e cresceu à beira da baía que abraça São Francisco, entre a luz que brilha na água e as pontes suspensas que pareciam tocar o céu, numa paisagem que ainda hoje recorda com os olhos acesos, “É uma das zonas mais bonitas dos Estados Unidos”. Filha de imigrantes, cresceu entre histórias de partidas e recomeços, talvez sem imaginar que, décadas mais tarde, seria ela a repetir esse gesto de atravessar fronteiras para procurar uma nova versão de si mesma. E há um detalhe que a faz sorrir quando o diz, “Sou uma imigrante agora e os meus pais foram imigrantes para os Estados Unidos”. A vida, de certa forma, fechou um círculo. A primeira vez que Portugal lhe atravessou o pensamento tinha 17 anos e vivia na ilha de Santorini, onde o pai tinha uma pequena casa. Sob o azul do mar e o branco das paredes, preparava-se para regressar à Califórnia e entrar na universidade quando sentiu o peso do futuro.

Pintar a própria história

“Estava um pouco sobrecarregada com o conhecimento de todas as responsabilidades adultas que teria de enfrentar”, recorda. Pensou em ficar, começar do zero, mas percebeu que não podia fugir e nesse momento surgiu-lhe uma ideia que guardou em silêncio, “Haverá um momento na minha vida em que ainda serei suficientemente jovem para fazer outra coisa. Mas não será na Grécia. Será provavelmente num lugar como Portugal”. A vida seguiu o seu caminho e Susan Jones também. Regressando aos Estados Unidos, construiu carreira como enfermeira, casou, teve um filho, fez amigos e nunca deixou de pintar. No entanto, quando a reforma se aproximou, voltou a ouvir aquela promessa antiga. “É como ter uma segunda vida, começar uma nova vida”. Pensou em Lisboa, mas acabou por encontrar casa em Setúbal, quase por acaso, em plena pandemia. A chegada foi dura, uma vez que o mundo estava fechado, os cafés vazios e as pessoas distantes. Com um olhar mais pesado, Jones respira fundo e continua, “Passei cerca de oito meses sem falar com ninguém”, caminhava pela cidade, observava o rio, as ruas, mas sentia-se invisível. Tentou-se aproximar de outros estrangeiros, mas sentiu o vazio do olhar deles. “Disse ‘Hi, my name is Sun’, e ela simplesmente desviou os olhos”. Aquele instante, tão breve, deixou uma marca inesperada. Fez-lhe perceber que partilhar a mesma língua não é suficiente para criar ligação e que não tinha atravessado um oceano para viver rodeada apenas por americanos. Aprender português tornou-se, então, uma questão de princípio e de sonho. “Sem isso, é impossível funcionar bem”, para além disso, Susan Jones quer ser capaz de explicar o seu trabalho em português, porque o que pinta é “muito poético e muito pessoal” e precisa de contar a jornada do seu coração na língua do país que escolheu. Para esta, integrar-se não é apenas morar aqui, é pertencer. Sente falta da família e dos amigos de décadas, mas acredita que este recomeço a deixa viva. “Isto mantém-me jovem”. E talvez seja esse o pico da sua história, a coragem de cumprir, aos 67 anos, a promessa que fez a si própria aos 17.

Daniela Santos

Encontrou em Setúbal o lugar onde finalmente sente que pertence

De infância trabalhada no campo à construção de uma nova vida na cidade

Sílvio Dedeiras nasceu a 13 de julho de 1966, no Sabugueiro, uma pequena aldeia do concelho de Arraiolos, onde as tradições rurais moldavam a vida quotidiana. Cresceu num Portugal ainda profundamente marcado pela pobreza no interior e pela necessidade de pôr as crianças a trabalhar cedo. Aos nove anos, enquanto muitos colegas ainda se perdiam em jogos improvisados nas ruas de terra, já passava os verões a guardar gado. Aprendeu cedo o peso da responsabilidade — e o silêncio dos campos. A infância curta deu lugar a uma adolescência apressada. Aos 13 anos, trocou o Sabugueiro por Pegões, onde começou a trabalhar na restauração. O novo ambiente era mais exigente e afastava-o das rotinas do campo, mas não da saudade. A ligação à terra natal era tão forte que, sempre que regressava para uma visita, arranjava forma de prolongar a estadia: fazia de propósito para perder o autocarro de volta. O regresso ao trabalho era sempre acompanhado de lágrimas, “como se deixasse para trás uma parte de mim”. Em maio de 1987, prestes a completar 21 anos, partiu para a tropa — um destino comum entre os jovens da época, mas que significava, muitas vezes, a separação definitiva da vida que conheciam. Nesse mesmo ano, porém, conheceu a mulher que viria acompanhar-lhe o resto do percurso.

Casaram em 1992, num período ainda marcado por incertezas económicas e por empregos temporários que dificultavam qualquer estabilidade. Até ao início dos anos 2000, a vida foi feita de avanços contidos e dificuldades persistentes. Com três irmãos e poucas oportunidades, foi atravessando diversos trabalhos e lugares, tentando garantir que nada faltava à família. A mudança decisiva chegou em 2001: deixaram o interior e rumaram a Setúbal, cidade que lhes ofereceu novas possibilidades — e um horizonte mais aberto. Foi lá que nasceram as duas filhas e onde encontrou o sossego que nunca tivera. Setúbal transformou-se num espaço de reencontro, não com o passado, mas consigo próprio. “Não troco Setúbal por nada”, diz hoje. As pessoas, mais diretas e generosas, o ritmo da cidade e, sobretudo, o rio Sado, tornaram-se parte da sua rotina. Gosta de observá-lo nos dias de vento, quando a água parece tocar os barcos ancorados, ou nas manhãs mais calmas, em que o silêncio se estende pela avenida como um convite a abrandar. Entre o Sabugueiro da infância dura e Setúbal da maturidade tranquila, Sílvio Dedeiras carrega uma vida feita de esforço, deslocações e recomeços. Uma vida comum a muitos portugueses da sua geração, que cresceram depressa demais, trabalharam desde cedo e tiveram de procurar longe aquilo que a terra natal não lhes podia dar.

Joana Moreira



“Não troco Setúbal por nada”

«Fazia parte da paisagem de Setúbal. A sua presença era tão natural que, quando faltava, sentia-se logo.»

Zé dos gatos

O homem que
fez da rua o seu
palco



Setúbal tem nomes que se apagam com o tempo, mas há rostos que resistem na memória coletiva. José Maria Tavares, conhecido por “Zé dos Gatos” ou “Zé Maluco”, foi uma dessas figuras. A sua presença era constante nas ruas, nos cafés e nas feiras, um símbolo autêntico da cidade e da sua alma popular. O seu olhar expressivo e o jeito excêntrico tornaram-no uma personagem querida, lembrada com carinho e respeito. Chamavam-lhe “Zé dos Gatos” porque acolhia dezenas de felinos que vagueavam por Setúbal. Dizia-se que os alimentava, cuidava deles e dava nomes a cada um. Mas também era “Zé Maluco” por causa das suas performances espontâneas e atitudes imprevisíveis. Num dos testemunhos mais conhecidos, partilhado por quem se cruzava com ele no dia a dia, recorda-se uma das suas brincadeiras mais famosas: “Encheu de público um dos largos do centro da cidade com uma sessão de auto-cobertura com marmelada, margarina e açúcar”. Não era provocação, era alegria pura, a expressão de quem vivia à sua maneira. Numa altura em que a diferença nem sempre era bem compreendida, Zé afirmava-se como um espírito livre. Vivia pelas suas próprias regras, sem se preocupar com convenções. O seu modo de estar, entre a excentricidade e a ternura, fazia dele uma espécie de artista popular. Era capaz de transformar o quotidiano em espetáculo, o banal em riso e o momento em partilha. E se muitos o viam como “maluco”, para outros era simplesmente alguém que sabia viver sem máscaras. Anos após a sua morte, o nome dele voltou a ecoar na cidade. A peça Zé dos Gatos, criada pelo Teatro do Elefante e apresentada na Casa da Cultura, procurou homenageá-lo e refletir sobre temas como a solidão, a

amizade, o envelhecimento e a diferença. Explica o encenador José Maria Dias, “esta peça traz bastante responsabilidade, porque foi baseada numa história de vida real”. O objetivo era preservar a memória de um homem que, sem o saber, ensinou sobre inclusão e o respeito pelo outro. Quando partiu, muitos setubalenses sentiram a perda. Nos blogs e jornais locais multiplicaram-se as homenagens: “Zé, quando passar pelas ruas da cidade, vou lembrar-me de ti e vou ter saudades tuas e dos momentos de pura alegria que me proporcionaste...”. Palavras simples, mas sentidas, como a vida que viveu. Zé Maluco foi mais do que uma figura de rua; representou a humanidade na sua forma mais pura, e foi alguém que, com gestos simples e gatos ao colo, lembrava que todos têm um lugar na cidade. Ficou o riso, as histórias e a certeza de que, enquanto existir quem se lembre dele, o Zé continuará a passear por Setúbal, livre como sempre foi. Hoje, a sua memória mistura-se com o som do cais, com o cheiro do peixe e com as conversas dos cafés que tanto frequentava. Muitos ainda recordam o seu sorriso rasgado e a forma como falava com todos, sem distinções. Era conhecido por cumprimentar qualquer pessoa com a mesma simpatia, fosse um amigo de longa data ou alguém acabado de chegar. Dizem que o viam, muitas vezes, sentado ao sol, rodeado pelos seus gatos, a observar o movimento da cidade. Nesses momentos, parecia em paz, como se Setúbal fosse o seu palco e ele o ator principal de uma peça que nunca terminava. E talvez seja por isso que, ainda hoje, o seu nome desperta sorrisos nostálgicos e um sentimento de ternura. Porque o Zé Maluco, no fundo, era um reflexo do que todos queremos ser: livres, genuínos e lembrados com afeto.



“Boa parte da minha obra é a projeção
da minha vida...”

SETÚBAL NO OLHAR DE URBANO TAVARES RODRIGUES: RESISTÊNCIA, CULTURA E MEMÓRIA

Nascido em Lisboa, no ano de 1923, com um olhar que ia muitas vezes para lá da capital. Urbano Tavares Rodrigues nunca pertenceu apenas a um lugar. Escritor, jornalista, ensaísta, professor e resistente político, encontrou em Setúbal um território humano e simbólico onde as suas ideias, inquietações e afetos faziam sentido. Uma cidade de povo trabalhador e cultural, que se enquadra com tudo aquilo que Urbano Tavares defendeu ao longo da sua vida. Formado em Filologia Românica, afirmou-se cedo como uma das vozes mais lúcidas da oposição ao Estado Novo. Tanto na ficção como no ensaio, a sua escrita foi marcada por uma forte consciência social, pela defesa da liberdade e atenção às classes trabalhadoras. Obras como *Os Insubmissos*, *Dissolução* ou *Exílio Perdido* refletem esse olhar crítico sobre a sociedade portuguesa. Realidades que Setúbal conheceu de forma intensa. Cidade operária, portuária e industrial, outrora um dos centros mais ativos da resistência democrática. Urbano Tavares reconhecia neste território um exemplo concreto de grande parte da sua obra: a necessidade da justiça social. Como conta numa entrevista ao *Jornal de Letras*, “Boa parte da minha obra é a projeção da minha vida... espelha preocupações, angústias, esperanças, formas de estar no mundo”. Os ambientes humanos retratados nos seus romances e contos encontram um paralelo natural na vivência histórica do concelho. A ligação de Urbano Tavares Rodrigues à região fez-se também através da sua relação com instituições e espaços culturais locais. Ao longo das décadas, participou em iniciativas promovidas por associações culturais, coletividades, bibliotecas e espaços de debate público, contribuindo para a afirmação do concelho como um polo para o pensamento crítico. A sua presença em sessões literárias e conferências reforçou a ligação entre a sua obra e a vida cultural setubalense.

Destaca-se a participação em sessões de debate e encontros literários promovidos em espaços como a Biblioteca Municipal de Setúbal, onde Tavares Rodrigues interveio no diálogo sobre a literatura e a memória. No período pós-25 de Abril, a cidade tornou-se num espaço privilegiado de discussão democrática, e Urbano Tavares integrou esse movimento ao colaborar com estruturas culturais e educativas, defendendo uma cultura acessível e comprometida com a sociedade. A proximidade a professores, escritores e dinamizadores culturais permitiu que o seu pensamento fosse para além, chegando a públicos mais vastos. Ao longo da sua vida, defendeu que a literatura não podia estar desligada da realidade. Para Urbano Tavares, escrever era um ato de responsabilidade cívica. Essa visão, expressa em ensaios e textos, encontrou eco em Setúbal, onde a cultura esteve sempre lado a lado com a ação política. Neste concelho, surgiu, assim um espaço real onde os valores da sua obra ganhavam forma concreta. Embora não tenha exercido cargos políticos, o contributo de Urbano Tavares para Setúbal fez-se sentir no plano intelectual, cultural e simbólico. Através dos seus livros, da sua intervenção pública e da sua colaboração com instituições culturais, ajudou a legitimar um concelho que esteve durante décadas na linha da frente da luta contra a censura, a repressão e as desigualdades sociais. Faleceu em 2013, mas o seu percurso continua num diálogo com a região. Não por ser natural do mesmo, mas por ter reconhecido na cidade um espelho das suas convicções literárias e políticas. Urbano Tavares Rodrigues foi um lisboeta de origem, mas uma parte de si pertenceu a Setúbal: a sua história de resistência, a cultura viva e permanente vontade de transformação.

Beatriz Lopes



A simplicidade de sermos apenas pessoas

Um homem moldado pela terra que sempre amou

A música começa, a mente anima-se, os corações acompanham os compassos que o ritmo permite e o corpo dança animado. A voz que nela mora é familiar, e o cérebro reconhece automaticamente quem canta. É conhecido por seu nome artístico: Toy, o músico sadino, dono de inúmeras canções intemporais que marcam gerações. No palco é o cantor de sucesso que anima o público e quem o ouve, fora das luzes da ribalta, é António Manuel Neves Ferrão, um homem simples que carrega no coração a sua cidade sadina, terra adorada que o viu nascer e crescer, “não troco a minha cidade por nada”, dita orgulhoso. No primeiro andar da Rua São Sebastião, Setúbal, em 1963, nasce António Ferrão. Esteve ligado à música desde cedo. Através do pai, músico amador e alfaiate de profissão, integrou a Sociedade Musical Capricho Setubalense no grupo cénico. Fez teatro de revista durante quatro anos, onde aprendeu “a olhar de frente o público, a apresentar a voz, a conviver com pessoas muito mais velhas do que eu” e a conhecer melhor o palco que pisa. Afirma, com convicção, sentir-se feliz por ter representado esta casa por anos. Movido pela vontade de lá atuar e poder contribuir significativamente para “recuperar a própria Sociedade Musical Capricho Setubalense”, orgulha-se em ver o destino de triunfos que esta sociedade alcançou. Tinha 17 quando apanhou um avião com destino à Alemanha, país que o acolheu até os 25 anos, porém, o coração do setubalense chamava-o de volta, “Setúbal é casa, é o meu lar”, recorda, com um olhar feliz, das lembranças do regresso ao distrito a que pertence. Quando fala na cidade sadina, os olhos ganham brilho e, com uma paixão serena presente na voz, evoca a “minha serena da arrábida” e o “meu rio sado”. Apresenta a localidade com um orgulho inabalável: “eu acho que o Distrito de Setúbal é incomparável”, dita,

engrandecido por toda a beleza que ali mora, nas vegetações que a compõem, na gastronomia que carrega consigo tradições, no cheiro da marésia presente em alguns pontos dos concelhos e os clubes do distrito. Um admirador de futebol, o músico sadino partilha que “eu sou do Vitória de Setúbal” e defende que “devíamos ser um bocadinho mais aguerridos àquilo que é nosso” completando “a nossa identidade cultural ou desportiva começa exatamente por perceber o que é que existe à nossa volta e o que é que nos é mais próximo”. Partilha com admiração: “A minha mãe era uma pessoa muito comunicativa”, conta entre risos, ao recordar as paragens consecutivas feitas pelo caminho enquanto a sua mãe conversava animada com quem se cruzava. “Nós demorávamos meia hora para atravessar o Largo da Misericórdia e a Praça do Bocage” [ri]. Enquanto rememora o tempo passado ao lado da mãe por Setúbal e acrescenta, “tinha uma àurea muito especial”, fala com o amor e a saudade que sente por ela. António Ferrão é a junção da honestidade do pai e a autenticidade que aprendeu através dos ensinamentos da mãe. É um homem que preza a ajuda ao próximo e o amor que cada um sente por quem nos rodeia “sei que tenho muitos defeitos, que cometo muitos erros, todos nós. Mas tenho a certeza absoluta que, no fundo, no fundo, a minha função de partilha e de espalhar o amor tem sido boa”. Sempre que tem tempo, passeia por Setúbal, recorda-se dos bailes em que dançou alegremente nos santos populares, visita o Mercado do Livramento que descreve como um “um marco histórico”, senta-se à mesa e brinda com os que lhe são próximos. Mantém na consciência que no fundo “somos só pessoas”, que vivem com amor, verdade, autenticidade e orgulho, por pertencer onde somos felizes.

Leonor Reis

“Setúbal é casa, é o meu lar”



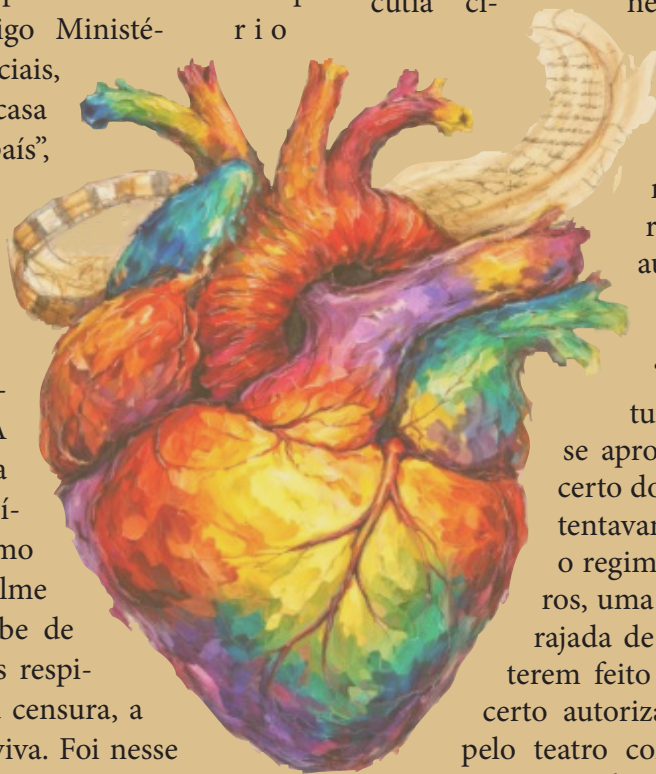
“Durante um ano, tive a PIDE a seguir-me para tudo quanto era sítio”

O poder que as palavras carregam

Conselhos de um homem sábio

Senta-se numa cadeira, com um olhar que viaja por cada pintura pendurada na parede da sua sala de estar. Entre as cassetes que se juntam, CDs que dificilmente se contam de uma só vez, e a estante de livros que acompanham Tito Lívio cada vez que sai de casa, moram em cada canto pequenos fragmentos culturais que o tornam no homem que é. Cada palavra é medida e cada frase carrega o peso e o encanto que se tornam inesquecíveis. Nasceu na capital, em Campo de Ourique, no ano de 1943. Cresceu educado pelas avós de nacionalidade italiana e espanhola. Filho de um pai funcionário do antigo Ministério das cooperações sociais, “andávamos com a casa às costas por esse país”, conta, recordando-se de como chegou a Setúbal, cidade pela qual nutre uma grande admiração: “é a minha cidade adotiva de fato”. À medida que recorda aqueles anos, Tito Lívio fala devagar, como quem revisita um filme antigo que ainda sabe de cor. Enquanto o país respirava sob o aperto da censura, a região mantinha-se viva. Foi nesse ambiente que deu os primeiros passos no jornalismo e na crítica cultural. Começou por escrever pequenas notas, crónicas que enviava sem esperar resposta. Depois, veio a página Dom Quixote, no Setubalense, criada por um grupo de jovens da oposição “que se reunia nas instalações do clube de campismo e que escrevia sobre música”. Memórias do que sofreu com a censura emergem, trazem com elas o dia em que se viu obrigado a esconder os seus livros na casa da familiar de um amigo, após receber o aviso de uma pessoa próxima: “agarra nas coisas que tenhas comprometedoras em casa, agendas, moradas, livros proibidos e vai pô-las em casa de alguma pessoa de quem a PIDE não suspeite”, para

que não fosse descoberto nada proibido pela censura na rusga feita à sua casa dias depois. Tito Lívio rememora com clareza o que tempo não conseguiu apagar; foi considerado uma pessoa temida, “Durante um ano, tive a PIDE a seguir-me para tudo quanto era sítio”. Foi nesse contexto de vigilância e repressão que nasceu o Círculo Cultural de Setúbal. Através de um conjunto de pessoas, “criámos um foco de excitação cultural”, acrescenta o artista, que se tornou sócio número um e foi o primeiro presidente, inaugurando um espaço onde cabiam tanto estudantes como artistas e onde se discutia ci-



nema, poesia, história e política, mas quase em sussurros, com o olhar sempre por cima do ombro: “tivemos sempre uma grande resistência por parte das autoridades”, conta. É com um tom de orgulho que Tito Lívio partilha que “numa determinada altura conseguimos que fosse aprovado um primeiro concerto do Zeca Afonso”, enquanto tentavam abrir uma janela onde o regime insistia em erguer muros, uma pequena frecha trouxe a rajada de ar puro, a conquista de terem feito acontecer o único concerto autorizado do cantor. O gosto pelo teatro começou quando tinha 6 anos, o mundo dos espetáculos naquela tenra idade fascinava-o de uma forma impressionante. Tornou-se professor de dramaturgia e história do Teatro, “um professor pode influenciar muitos alunos” fala, com um sorriso no rosto. É um professor que acompanha de perto o percurso de cada aluno, mesmo quando estes já seguiram o seu caminho na arte. E tal como no teatro se vive várias vidas, Tito Lívio fez da dele uma obra que dificilmente se desvanece com o tempo. Nas suas poesias, fica claro que aquela é a sua arma mais poderosa; é nas palavras que encontra conforto e entrega. Pede para que sejamos gentis e termina “você têm que ser resistentes, porque a luta não acabou e a liberdade nunca está definitivamente conquistada”.

Daniela Santos e Leonor Reis.

VÍTOR BAPTISTA - DAS RUAS HUMILDES À GLÓRIA NA LUZ

O eterno símbolo do futebol setubalense

Nas ruas estreitas de Setúbal, onde o eco das gargalhadas infantis se misturava com o som improvisado de uma bola de trapos a rolar no chão gasto, nasceu, em outubro de 1948, um rapaz que viria a desafiar o destino. Chamava-se Vítor Baptista, um nome simples, mas destinado a brilhar nos grandes palcos do futebol português, conhecido, segundo o irmão, Idaliano Batista, como “o mais novo de nós os três, e era um gaiato, assim, muito regulado.” Mesmo crescendo numa família pobre, como Idalino afirma “naquela altura não havia famílias ricas”, Vítor conseguiu realizar “O Sonho”, ao se profissionalizar no futebol. Os dois irmãos mais velhos, Eduardo e Idaliano dividiam o tempo entre estudos e o trabalho, enquanto Vítor dedicava a integridade do tempo a melhorar a performance futebolística. Começou por jogar em clubes considerados “de bairro”, rapidamente destacado pelo talento, o que o levou ao Vitória de Setúbal, clube que lhe deu palco para muitos elogios e reconhecimento, chegando a ser apontado como uma das grandes promessas do futebol nacional na década de 60 e 70, como este recorda numa entrevista à RTP em 1997, onde se autointitulou “O Maior”. Afirmando anos mais tarde à revista “Tal & Qual”, nos anos 90, que “Eu era bom demais para ser compreendido”. Como maior conquista teve a integração no plantel do Sport Clube Benfica entre 1971 e 1978, considerado o ápice da sua carreira. O irmão Idaliano, complementa dizendo com firmeza – “Ele nasceu para o futebol”. - Sendo um dos jogadores com uma transferência de nível recorde, para os anos em que se encontrava, como Idaliano conta “Foi transferido por 3 mil contos, era muito

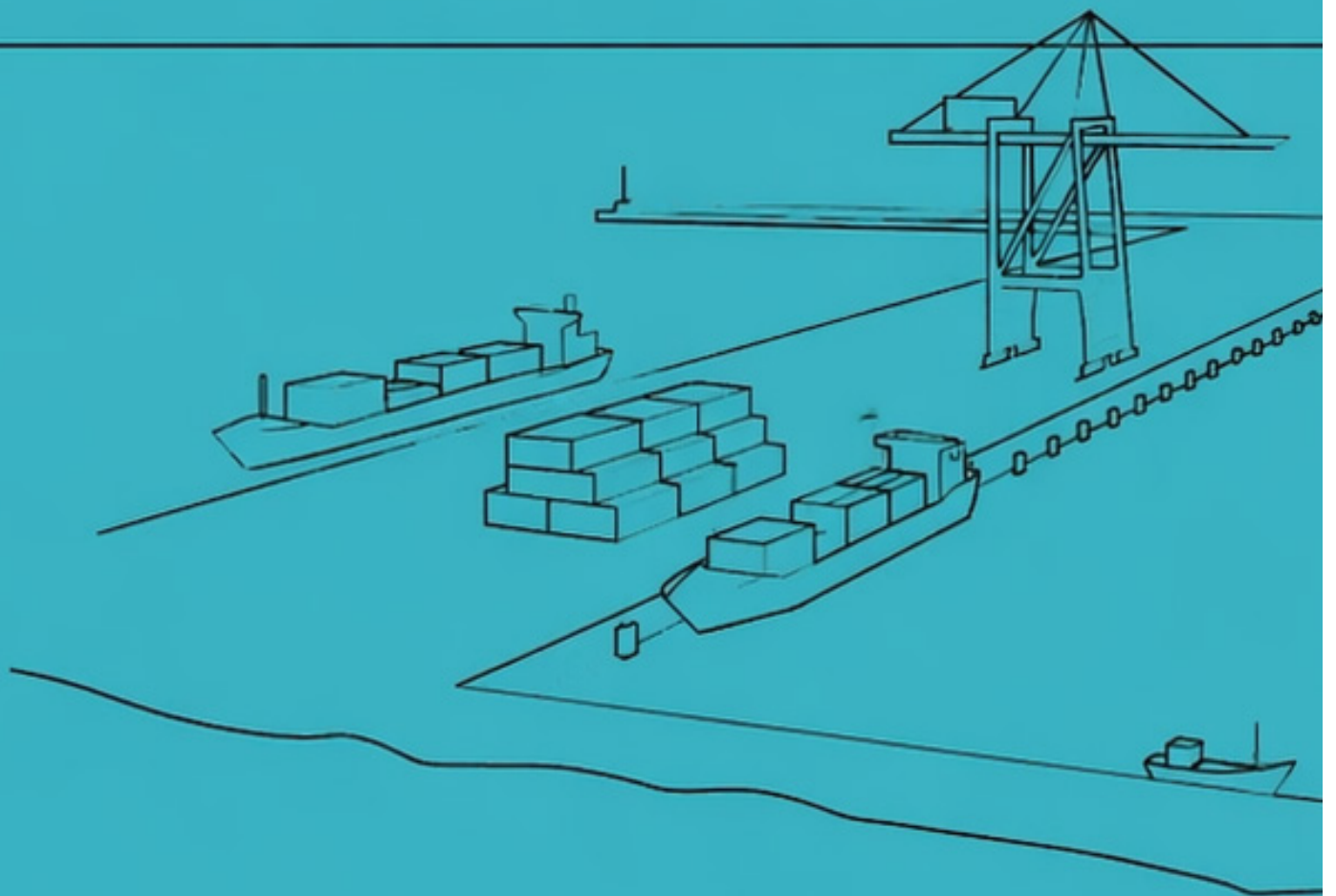
dinheiro naquela época. Era enquanto se calhar agora 3 milhões, 4 milhões ou 5 milhões”. Chegando também a representar a Seleção Portuguesa, junto de vários outros nomes muito importantes para o futebol nacional. Em campo, era um jogador imprevisível, capaz de resolver o jogo num instante. Fora de campo, era conhecido pela sua personalidade extravagante e luxuosa. O próprio irmão, confessou – “Quando começou a ganhar bem, perdeu-se um pouco”. - Deu assim a entender que, o repentino salto de uma vida com poucas condições, para uma de receber milhares, fez com que o futebolista tomasse algumas atitudes pouco ponderadas. Ainda assim, o irmão de Vítor remata ao dizer - “Ele era feliz à sua maneira”. A vida de Vítor Batista foi marcada por momentos de felicidade e também de arrependimento, mesmo não sabendo lidar com o peso da fama e do enriquecimento como nos foi contado, numa conversa leve com Idaliano Batista. O próprio Vítor reconhece esta observação mais tarde na sua carreira, numa entrevista ao “Domingo Desportivo” onde afirma “Se tivesse sido mais humilde, talvez tivesse ido ainda mais longe”. Independentemente de algumas escolhas questionáveis de Vítor, este permanecerá na memória de todos como um símbolo do futebol português. Partiu cedo, mas deixou nas ruas de Setúbal e nos corações dos adeptos o eco dos seus passos de génio. Um homem que viveu entre o sonho e o delírio, que tocou o céu com os pés descalços da infância e se perdeu entre as luzes da glória, eternamente lembrado como o talento que brilhou intensamente, ainda que por pouco tempo.

Beatriz Lopes



**“Se tivesse sido mais
humilde, talvez
tivesse ido ainda mais
longe”**

Sines






Al Berto o poeta da noite



© infopedia.pt

Da pintura à escrita,
fez da vida poesia

A noite ainda mora em Sines. O vento arasta o cheiro a maresia pelas ruas vazias. Mais adiante, é possível ver uma varanda voltada para o mar, onde as malvas crescem desordenadas. Ali, onde a areia encontra o silêncio, continua a viver o poeta que escreveu contra o medo. Al Berto pertence à noite. Escrevia nela, respirava-a e deixava que o escuro lhe acendesse as palavras. Dizia que a poesia era um lugar de sombra e de iluminação, onde o inútil se separa do essencial. Talvez por isso escrevesse: para descobrir o que ainda faltava compreender. Alberto Raposo Pidwell Tavares nasceu em Coimbra, no dia 11 de janeiro de 1948. Com apenas um ano, muda-se para Sines, onde cresce numa família com raízes inglesas. Desde pequeno, viveu rodeado de livros; “Entraram na minha vida como passei da papa para o bife”, recordava, com humor. O pai e a mãe leram durante toda a vida, e cedo aprendeu que ler era outra forma de sentir prazer; lia sempre deitado na cama, e um livro que não o conquistasse nas primeiras páginas não merecia lugar na estante. Foi assim que redescobriu Cesário Verde, o “poeta-fotógrafo”, Fernando Pessoa — sobretudo Álvaro de Campos — e Eugénio de Andrade, a quem chamou descoberta. “A minha aprendizagem faz-se por uma espécie de amor e paixão por outros autores”, confessou. A sua primeira paixão nasce entre a escultura e a pintura. Em casa, moldava bonecos de argila, lembrança que os amigos de infância ainda guardam, muito antes de chegar à Escola António Arroio e à Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Saiu de Portugal aos dezoito anos e partiu em direção a Bruxelas. Era uma decisão precisa. Queria estudar pintura, ser artista, seguir o rasto de Picasso. Longe da língua portuguesa, levou consigo apenas um livro — “Pela Estrada Fora” de Jack Kerouac — que foi apreendido pela PIDE dois dias depois de sair. Com o passar do tempo, trocou o barro pelas palavras. Pintar já não bastava, era preciso tocar o invisível, dar forma ao que o perturbava. “A escrita vem de uma perturbação”. Para Al Berto, o momento da criação é terrível. Afirmava que ninguém escreve porque respira, nem porque anda, e que o que surge no papel é apenas um vestígio daquilo que alguma vez sentira. A poesia, para ele, nasce do corpo, da experiência de viver. “Se eu não viver, não há escrita”, dizia. Al Berto assumia pertencer “a uma linhagem de poetas onde a escrita passa pelo corpo”, sem arrogância nem falsa modéstia. Estava tão bem, tão dentro de si e do seu corpo, que escrevia



para lá da gramática, para lá da linguagem: “Por que não construir de outra maneira, rebentar com a gramática, com a sintaxe, tudo?”. Quando regressa, em 1974, reencontra-se com a língua e com o país que deixara para trás. Escreve o seu primeiro livro, “À Procura do Vento num Jardim d’Agosto”, e descobre na poesia o espaço onde tudo cabe: o amor e a perda, o corpo e o medo. O reconhecimento literário veio em 1987, com o Prémio P.EN, que disse ter tido um sabor especial. A vida de Al Berto foi uma tensão constante entre o que se sente e o que se consegue transpor para o papel. Hoje, a noite em Sines guarda a sua presença. A varanda voltada para o mar mantém o rasto do seu olhar, e as malvas crescem como testemunhas de uma vida que ousou ir além do esperado. Permanece a sensação de um poeta que desafiou regras e abriu caminhos que poucos ousaram percorrer. Al Berto pertence, para sempre, à noite.

Maria Santos

“Se eu não viver,
não há escrita”



De Sines ao Pódio Mundial

O legado silencioso de um Campeão

“Que aquilo que lhes transmito seja algo que possam levar para a vida”

Nascido em Sines, há 47 anos, Ricardo Pereira tornou-se um nome marcante do hóquei em patins português. Entre títulos nacionais, conquistas internacionais e décadas dedicadas à modalidade, construiu uma carreira feita de trabalho, simplicidade e paixão. A infância ficou ligada às praias, convívios familiares e dias inteiros passados entre a Costa do Norte e São Torpes. Foi no infantário que calçou os primeiros patins, incentivado pelo professor Mário Lagartinho, figura que viria a acompanhar o seu crescimento desportivo. Uma ida casual a um jogo despertou-lhe o interesse: “Fui ver, gostei daquilo e quando viemos disse que queria experimentar”. Aos 17 anos, deixou Sines para jogar no Benfica, mudança que descreve como desafiante, mas fundamental para amadurecer. Em Lisboa, partilhou casa com amigos da terra, encontrando apoio num período de adaptação. No clube, descobriu também uma figura determinante, o treinador Carlos Dantas, que considera “quase um pai nesta nova fase”. Ao contrário de muitos atletas, nunca seguiu pela ambição de imitar alguém. Jogava porque gostava e encarava cada etapa com dedicação. “Sempre joguei hóquei porque gosto. Aquilo a que me proponho é para dar sempre o máximo”. Os resultados acabaram por surgir: campeão nacional pelo Benfica, vencedor da Taça de Portugal e Supertaça, campeão europeu pela seleção e campeão do mundo em 2003, em Oliveira de Azeméis. Seguiram-se desafios no estrangeiro, como em Espanha e Itália, onde venceu competições como a Taça CERS [Comité Europeu de Hóquei em Patins], a Supertaça italiana e o Mundial de clubes. Regressou, mais tarde, ao Benfica, ajudando o clube a retomar conquistas europeias que já fugiam há décadas. Mas fala dessas vitórias com humildade, destacando sempre a família: “A minha mulher tem sido o grande pilar deste trajeto”. Hoje, é gestor de projetos tecnológicos e treinador no Parede,

enquanto o filho, Miguel Pereira, segue a carreira de guarda-redes. Para Ricardo Pereira, transmitir valores tornou-se tão importante como ensinar técnica. Humildade, honestidade e profissionalismo são princípios que manteve e, agora, tenta inculcar nos jovens, “Que aquilo que lhes transmito seja algo que possam levar para a vida”. Sobre a evolução do hóquei, destaca uma maior velocidade, mas nem sempre acompanhada de equilíbrio tático. Considera que o crescimento da modalidade exige melhores condições estruturais e apoio contínuo aos clubes, “se não fosse o gosto pelo hóquei, não teríamos tantos atletas”. Defende também mais divulgação e aposta na formação de base, por acreditar que muitas dificuldades surgem no período inicial de aprendizagem. Na sua terra natal, reconhece a evolução com o novo pavilhão e investimento tecnológico, mas alerta que a qualidade de vida deve acompanhar esse crescimento, desde serviços de saúde a oportunidades profissionais. Já sobre os 100 anos do distrito de Setúbal, fala, orgulhosamente, sobre a história da região, associando-a ao espírito aventureiro de Vasco da Gama, símbolo identitário que sempre sentiu presente. O futuro, para o entrevistado, passa pela formação. Quer deixar valores, cultura desportiva e amor à modalidade. O conselho que deixa aos jovens resume a sua filosofia, jogar por paixão à modalidade, mas lembrar que a vida não acaba no ringue. “Além de dedicarmos a vida ao hóquei, temos de pensar mais além”. Com a mesma gratidão com que começou a carreira, o ex-internacional continua ligado à modalidade, agora do lado de fora, a tentar que as novas gerações “tenham gosto por isto”, tal como ele teve desde os primeiros passos em Sines até os maiores pavilhões do hóquei português.

A ver com alma

Uma vida orquestrada em som



No coração de Sines, entre o cheiro do mar e o murmúrio das ondas, nasceu, em 1913, um homem que transformaria a escuridão em música, palavras e luta. Joaquim Guerrinha ficou cego ainda bebê, mas aquilo que a vida lhe tirou com os olhos, deu com a alma. Era como se o mundo lhe falasse por sons, e ele respondesse com música. Aos sete anos, ingressou no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em Lisboa, e foi ali que o piano se tornou a sua extensão natural, onde os dedos podiam deslizar pelas teclas com uma leveza e precisão que pareciam desafiar todas as suas inseguranças. Cada dia passado naquele instituto era também uma batalha silenciosa; um treino de paciência, força e sensibilidade que moldaria o homem e o artista que viria a ser. Em 1935, candidatou-se ao Prémio Oficial do Conservatório e brilhou com a interpretação da

construíram uma família ao longo da década de 40, trazendo ao mundo três filhos que seriam herdeiros não apenas da sua música, mas também da sua alegria contagiante. Mesmo entre os compromissos públicos e a intensa dedicação às suas causas, Guerrinha encontrava sempre tempo para partilhar risos, histórias e ternura com os seus filhos. Mais tarde, foi a filha Dalila de Jesus Guerrinha quem immortalizou a sua vida em “Uma Luz na História”, uma homenagem íntima e profunda que revela a alma do pai, tão cheia de luz quanto a música que sempre o acompanhou. Dalila Guerrinha descreve o pai como alguém de “genuína bondade, um sorriso bonacheirão, um querer bem a toda a gente, num amor incondicional, dava-se inteiramente”, palavras que captam a essência de um homem que, apesar das adversidades, nunca deixou de irradiar afeto. Em 1976,

“Perdia-se pelos amigos... dava-se inteiramente”

“Fantasia em Dó Maior” de Schumann. Esse momento marcou um passo importante na sua carreira, consolidando-o como um pianista talentoso e determinado. Mais tarde, entrou para a direção da Associação Louis Braille e usou essa plataforma para promover a dignidade dos invisíveis. Ali, cada ação sua era marcada por humanidade, desde conferências a orientações diretas com os jovens. No entanto, a sua vida não se resumia apenas a isso; o amor e a dedicação à família e aos que lhe eram próximos mostravam um lado humano e caloroso tão intenso quanto a sua luta pela igualdade. Aos 28 anos, uniu-se em matrimónio a uma jovem madeirense que havia cruzado o seu caminho no Funchal durante as suas digressões musicais. Juntos,

partiu de forma inesperada, deixando um silêncio que parecia impossível de preencher. No entanto, a presença que semeou ao longo da vida permanece intacta, refletida em cada gesto de cuidado, em cada palavra de incentivo e em cada ação de generosidade que inspirou. Em 2006, a cidade de Sines prestou-lhe uma homenagem duradoura, dando-lhe o nome de uma rua. Ficou assim gravado na pedra que ele foi mais do que um homem, foi um farol. Um farol de coragem, de amor e de dedicação, cuja vida nos mostra que a grandeza não se mede pelo que os olhos podem ver, mas pela força do coração e pela intensidade das ações. Guerrinha provou que se pode deixar um rasto profundo de bondade, tocando a vida dos outros de forma duradoura.

Daniela Santos

Entre as margens de rios e mar

Das trevas - 7 anos de ditadura militar, 41 anos de Estado Novo, 2 anos de PREC e 50 anos de Democracia, assim se faz, politicamente, 100 anos do distrito de Setúbal. Mas circunscrever a caracterização a uma dimensão apenas, é não só redutor mas acima de tudo injusto. Se o centenário é atravessado por distintos momentos político-administrativos, é de gente, acima de tudo que é necessário sublinhar no momento em que se comemora o centenário da reorganização administrativa que desanexou doze concelhos ao Distrito de Lisboa e um ao de Évora. Desse modo, nascia assim uma unidade territorial com identidade própria, marcada pelo Tejo e pelo Sado, pelo Atlântico, pela proximidade à capital, entre o urbano e o rural, a serra e a planície, o interior e o litoral.

De terra de pescadores a polo industrial- No início, Setúbal era reconhecida pelas conservas, pela pesca e pelas salinas. A partir dos anos 50, o distrito transforma-se com a industrialização pesada: Siderurgia Nacional no Seixal, Lisnave em Almada, Setenave em Setúbal e, mais tarde, a Autoeuropa em Palmela. Em poucas décadas, a margem sul do Tejo passou de rural a um dos principais centros industriais do país. Essa mudança trouxe emprego, mas também desafios urbanos e ambientais que marcaram gerações.

Crescimento e contrastes- Os últimos 100 anos foram de crescimento explosivo. Concelhos como Almada, Seixal,

Barreiro e Moita tornaram-se dormitórios de Lisboa, ligados pelas pontes 25 de Abril e Vasco da Gama e pelo comboio da Fertagus. Ao mesmo tempo, o distrito soube preservar paisagens únicas: a Serra da Arrábida, o Estuário do Sado com os golfinhos-roazes, as praias da Costa da Caparica, Tróia e da Lagoa de Albufeira. Coexistem aqui a indústria, a agricultura na península, o vinho da região de Palmela e Azeitão, e o turismo que hoje é motor económico.

Cultura e identidade- Setúbal deu ao país nomes como Bocage, Luisa Tody, Sebastião da Gama e Vasco da Gama. O movimento associativo, as festas populares e as coletividades de cultura e desporto mantêm viva uma identidade operária e bairrista. O Fórum Luísa Todi, a Casa da Baía e os festivais de música são, entre muitos outros, palcos dessa herança.

O distrito hoje- Com 13 concelhos e mais de 850 mil habitantes, Setúbal é o terceiro distrito mais populoso de Portugal. É terra de contrastes: áreas urbanas densas a norte, zonas protegidas e rurais a sul. Os últimos anos trouxeram novos desafios — requalificação urbana, turismo sustentável, transição energética — mas também oportunidades ligadas ao mar, à inovação e à localização estratégica entre Lisboa, Alentejo e Algarve. Que os próximos 100 anos tragam desenvolvimento, transformação, conforto financeiro e paz social que as gentes desta terra merecem.





Bárbara Antunes



Beatriz Eustáquio



Beatriz Figueiredo



Beatriz Lopes



Bianca Costa



Daniela Santos



Francisco Cavaco



Gonçalo Dias



Gonçalo Domingues



Joana Moreira



Jorge Ferraz



Lara Rodrigues



Leandro Neves



Leonor Reis



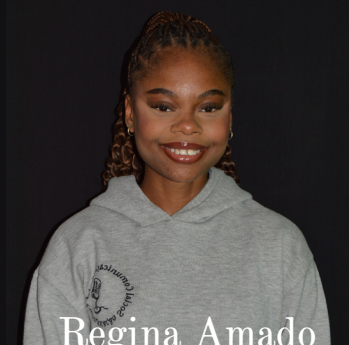
Maria Santos



Marta Miranda



Maura Quaresma



Regina Amado



Sofia Marques



Sofia Santos

Editor

Instituto Politécnico de Setúbal- Escola Superior de Educação

Diretor

Ricardo Nunes

Chefia de Redação

Bárbara Antunes

Maria Santos

Redação

Bárbara Antunes

Beatriz Eustáquio

Beatriz Figueiredo

Beatriz Lopes

Bianca Costa

Daniela Santos

Francisco Cavaco

Gonçalo Dias

Gonçalo Domingues

Joana Moreira

Jorge Ferraz

Lara Rodrigues

Leandro Neves

Leonor Reis

Maria Santos

Marta Miranda

Maura Quaresma

Regina Amado

Sofia Marques

Sofia Santos

Design

Lara Rodrigues

Regina Amado

Sofia Santos

Copy Desk

Beatriz Eustáquio

Beatriz Figueiredo

Gonçalo Dias



**POLITECNICO
SETUBAL**

POLYTECHNIC UNIVERSITY



WWW.IPS.PT
ESTUDAR@IPS.PT

ONDE QUERES EVOLUIR?

ENGENHARIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO
E DESPORTO
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS
SAÚDE

**O talento
é o teu ponto
de partida.**



